

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL**

**OFICINA DE CRIATIVIDADE:
DISPOSITIVO PARA A SUPERVISÃO**

Experiência Com Coordenadores De Grupos De Idosos

DIMITRI CARLO GABRIEL DA SILVA

RECIFE/2003

DIMITRI CARLO GABRIEL DA SILVA

**OFICINA DE CRIATIVIDADE:
DISPOSITIVO PARA A SUPERVISÃO**

Experiência Com Coordenadores De Grupos De Idosos

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Henriette T. Penha Morato

Co-Orientadora: Ana Lúcia Francisco

RECIFE/AGOSTO/2003

S586o Silva, Dimitri Carlos Gabriel da
Oficina de criatividade : dispositivo para a supervisão : experiência com coordenadores de grupos de idosos / Dimitri Carlos Gabriel da Silva. -- 2003.

Orientador: Henriette T. Penha Morato
Co-orientador: Ana Lúcia Francisco

Dissertação (Mestrado)-Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2003.

1. Psicologia clínica. 2. Psicologia experimental. 3. Gerontologia.
4. Psicologia-Fenomenologia. 5. Terapia ocupacional. I. Título.

CDU-159.9:61

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

DIMITRI CARLO GABRIEL DA SILVA

**OFICINA DE CRIATIVIDADE:
DISPOSITIVO PARA A SUPERVISÃO
Experiência Com Coordenadores De Grupos De Idosos**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. MOAB DUARTE ACIOLI – UNICAP

Profa. Dra. CHRISTINA MENNA BARRETO CUPERTINO – UNIP (SP)

Profa. Dra. HENRIETTE TOGNETTI PENHA MORATO – UNICAP

RECIFE/2003

À minha avó Maria Patrício; aos meus pais Antônio e Maria da Penha; e Antonieta, Waldeliz e meu irmão Herbert.

AGRADECIMENTOS

-A Deus, a razão da existência humana, e também a minha, pela sua misericórdia, bondade e graça, que me fez crer que este sonho era possível na medida em que capacitou-me para este ministério.

-À minha Mãe Maria da Penha Cruz da Silva, exemplo maior de bondade e de amor pelos filhos, exemplo de vida. Obrigado mãe pela sua fortaleza, pois nela a Senhora é grande, pois suas muralhas são feitas de carinho e fé, e o amor habita em seu coração, obrigado MÃE.

-Ao meu pai Antonio Gabriel da Silva, exemplo de trabalho, perseverança, coragem e obstinação, e acima de tudo, honestidade no que faz. Minhas desculpas além de agradecimentos, por muitas vezes não conseguir expressar o que sinto pelo Senhor. te amo.

-À Minha "MÃE-DRINHA" Antonieta Patrício, que me adotou e me adota sempre que preciso como um filho muito amado. Penso que Deus me deu uma benção muito grande lhe colocando perto de mim.

-À minha avó, Maria Patrício, mãe de justiça e de fortaleza. Aprendi a tentar sempre ser justo com a Senhora, e também perseverança, força e fé.

-Aos meus avós que estão ausentes hoje, por tudo o que fizeram por mim e pela minha família. In memoriam: Manoel, Francisco e Cecília.

-A Waldeliz, amiga e companheira das horas mais difíceis. Sinto amor e ternura ao pensar em você. Muito obrigado pela sua presença, pelo seu amor e por estar comigo em muitos momentos difíceis da minha vida.

-Aos meus irmãos Herbert, Gabriela, Nicolas, Nicola e Karen, pelos momentos em família, por tudo que nós passamos juntos. Peco também desculpas por Ter falhado tanto e dou graças a Deus por Ter me proporcionado o convívio, as dificuldades e as superações ao lado de todos vocês.

-A todos os meus tios: Tony, Alfeu, Afrânio, Armando, Beta, Gilda, Adélia, Rosa, Ninha -in memoriam, Marcos, Assis, Arlete, Astrolábio e Agostinho.

-Aos amigos: Guerton, Neto, Edicleito, Fred, Adriano, Tiago, Andréa, Fabiana, Cibelle, Pedro, Saulo, Antonio de Pádua, José Pereira, Edvânia, Janaína, André, Alexandre Roque, Evandro, Juliana Toscano, Juianna Melo, João Mendes, Roci, Allane, Emanuel, Valdolírio, Dinho e Cristina, Patrícia, Pr. William, João Neto, Niltamir, Nilmário, Nilo, Maria Galdino e todos os que me ajudaram durante esta caminhada de vida.

-Aos primos: Tiago, Monique, Dominique, Manuela, Bruno, Monica, Taisa, Tassila, Tamara, Tássia, Lucas, Mateus, Sara, Marina, Lilo e os demais 28 primos-para não citar todos.

-A Henriette... na falta de ter o que dizer... resta somente agradecer! Por me deixar ser seu companheiro de viagem... por me deixar estar a seu lado em momentos incríveis e fascinantes... por me mostrar o **"jeito de ser"**... por me fazer um eterno aprendiz e ter orgulho de ser mestre em construção, na compreensão que essas são duas faces da mesma moeda em certa dimensão humana da... como você mesma diria... **aprendizagem significativa**. Mestre, eis aqui seu aprendiz!! Espero que seja significativo para você, o tanto que é para mim... pois, como eu disse, não tenho palavras para lhe dizer dessa experiência... Espero que sintas... O respeito, o carinho, a amizade, a admiração deste seu eterno aprendiz nordestino.

-Eis a minha orelha vermelha... Fruto de um trabalho feito a seis mãos como em alguns momentos comentamos. As suas me deram muitos "puxavões". Foi preciso. Tu sabias, apesar de algumas vezes eu mesmo não saber. Eram Momentos de desalojamentos Ana Lúcia, os quais eu precisava "acordar". Como você disse, às vezes temos que contrariar para fazer aprender! Entendo hoje e lhe agradeço muito. Agradeço pela sua garra e vontade de se propor a dar o melhor de você, e nunca desistir de mim. Muitas vezes achei que irias desalojar tanto quanto eu... como me senti compreendido! Obrigado, muito obrigado por tudo. Espero lhe encontrar sempre nessa "caminhada". Apreço, carinho e respeito por ti, sempre!

-Ao Professor Doutor Esperdito Pedro da Silva, pela paciência, credibilidade e confiança em mim depositadas. Mas, principalmente, pelo amigo, irmão, companheiro e MESTRE, sempre presente nas horas acadêmicas mais difíceis e também em momentos de pura beleza, crescimento e amizade. Muito obrigado, MESTRE.

-A outros mestres não menos importantes: Sonia Gusmão, Jailson, Hélio Pacheco, Afonso, Nadja, Esther, Diana, Severino, Darlindo, irmão Justo, que me proporcionaram e proporcionam tanto crescimento profissional e intelectual, além de carinho e afeto nas raras vezes que nos encontramos por conta do tempo e da distância.

-Ao Pastor Clóvis, pelo acompanhamento, amizade, aconselhamento que me prestou nos últimos 6 meses. Obrigado, pastor, por apascentar esta tão humilde ovelha. Que Deus conserve seu talento e ministério mantendo-o abençoado para todas as suas ovelhas como o foi para mim.

-Pastora Simone, pelo voto de confiança e carinho nos últimos anos. Muito obrigado. Deus esteja sempre contigo, e que essa comunhão em Cristo se faça sempre presente entre nós.

-Aos primos Vera, Pacheco e suas família em Goiás por todo o suporte espiritual necessário à constituição deste cristão. Muito obrigado e que Deus lhes dê em dobro toda a ajuda a mim fornecida.

-À professora Ana Cristina que foi inspiração desde a graduação. Obrigado por me despertar para algo que nem eu tinha visto.

-Aos amigos e companheiros de Recife: Ivo, Afonso, Clênia, Adriana, Ivana, Josélia, Josivalter, Catharina, Geovanna, Nadjanara, Sérgio, Jane, Rafael, Hildes, e todos os colegas e professores do mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco. Obrigado pela cortesia e acolhimento.

-A Lucyanna, Virgínia, Ricardo Frade, Raíla, Ricardo Carvalho, Ronaldo, Almir, Geovan e Eloíse. Quero lhes dizer que se um dia vocês foram meus aprendizes, mesmo quando foram, vocês sempre me ensinaram muito com suas reflexões alojamentos e desalojamentos, sobre psicologia e vida, acabando por se fazerem, assim, também meus mestres. Admiração e carinho eternos. Gostaria que vocês fossem mais do que eu jamais fui.

RESUMO

Há tempos a Psicologia Clínica vem redimensionando seus campos de atividade, ampliando suas modalidades interventivas e área de atuação. Este fato a tem direcionado para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre vários aspectos das relações humanas, institucionais, organizacionais, entre outros. Neste trabalho, desenvolveu-se um estudo a partir de uma dessas modalidades que, apesar de muito difundida no meio, ainda carece de mais estudos e sistematizações: a supervisão. Utilizando-nos mais precisamente de Supervisão de Apoio Psicológico, a proposta é vincular uma outra modalidade de prática clínica, a Oficina de Criatividade, para supervisionar coordenadores de grupos de idosos. A Oficina de Criatividade, nesse sentido, é um dispositivo que disponibiliza estratégias específicas para o trabalho de supervisão com esses profissionais. Tanto a supervisão quanto a oficina estão vinculadas com o conceito de aprendizagem experiencial, ou seja, que parte da experiência para constituir-se. Esse conceito proporcionou o vínculo entre psicologia e educação, mais especificamente entre clínica e pedagogia, possibilitando-nos a compreensão de como o processo de supervisão disponibiliza a possibilidade de aprendizado e apropriação do saber / fazer por parte do profissional que se submete a ela, levando em consideração os aspectos afetivos e cognitivos envolvidos como, também, o contexto das relações intersubjetivas que se presentificam tanto na supervisão quanto no trabalho profissional como na vida pessoal.

Palavras-chave: Clínica -Oficina -Criatividade -Supervisão -Aprendizagem Experiencial.

ABSTRACT

For long times the Clinical Psychology has been expanding its activity fields, enlarging its interventive modalities and area of performance. This fact has been addressing it for the development of studies and researches on several aspects of the human relationships, institutional, organizational, and so forth. In this work, a study was developed from one of those modalities that, in spite of very spread in the area, it still lacks of more studies and systematization: the supervision Using more precisely Supervision of Psychological Support, the proposal is to link another modality of clinical practice, the Workshop of Creativity, to supervise coordinators of groups of old people. The Workshop of Creativity, in that way, is a device that gives us specific strategies for the supervision work with those professionals. So much the supervision as the workshop are linked with the concept of experimental learning, in other words, that comes from the experience to constitute itself. That concept provided the entail between psychology and education, more specifically between clinic and pedagogy, making possible for us to understand how the process of supervision gives us the possibility of learning and appropriation of knowing/doing on the part of the professional who undergoes it, considering the affective and cognitive aspects involved, as well as the context of the intersubjectives relationships that show up in the supervision, as in the professional work as, also, in the personal life.

Key Words: Clinical -Workshop -Creativity -Supervision -Experimental Learning.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	04
RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
APRESENTAÇÃO.....	11
1. ARTE E POIÉSIS.....	22
1.1. Fazer arte ou arte do fazer.....	23
1.2. Existência e poiésis: o trágico e a tragédia na arte grega.....	34
1.3. Possibilidades da arte para a clínica.....	44
2. OFICINA DE CRIATIVIDADE: dispositivo para a clínica, recurso para a supervisão.....	59
2.1. Gerontologia, recursos expressivos e Oficinas de Criatividade.....	60
2.2. Oficina da Criatividade.....	67
2.3. Supervisão de Apoio Psicológico.....	86

3.	LABOR E TRABALHO.....	99
3.1.	Labor.....	99
3.2.	Trabalho.....	107
4.	OFICINA DE CRIATIVIDADE: do labor ao laboratório.....	112
4.1.	ACOLHIMENTO-1ª Oficina de Criatividade-09 de maio de 2002.....	113
4.2.	ABERTURA – 2ª Oficina de Criatividade-16 de maio de 2002.....	146
4.3.	LABOR – 3ª Oficina de Criatividade-23 de maio de 2002.....	168
-	1ª Apresentação.....	179
-	2ª Apresentação.....	184
-	3ª Apresentação.....	186
4.4.	ELABORAÇÃO – 4ª Oficina de Criatividade-27 de maio de 2002.....	214
5.	OFICINA E SUPERVISÃO: do Laboratório à Elaboração.....	253
5.1.	<i>Ampliando o fazer clínico: “um livro vale mais por aquilo que cabeu”</i>	253
5.2.	A supervisão de apoio psicológico.....	260
6.	DO CONHECIMENTO TÁCITO À ELABORAÇÃO EXPLÍCITA.....	275
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	285

APRESENTAÇÃO

A formação em psicologia oferecida pelas Instituições de ensino superior é bastante ampla, o que possibilita a atuação em diversos campos. As possibilidades de intervenção psicológica estendem-se a várias formas de organização social: empresas, instituições, escolas, hospitais, consultórios, clínicas, grupos comunitários e diversas entidades que trabalham diretamente com as relações humanas.

Essa diversidade e, conseqüentemente, o preparo acadêmico do psicólogo, oferece um amplo leque de trabalho nestes diferentes espaços.

Meus estudos em Psicologia direcionam-me para a clínica psicológica e, mais precisamente, para a Abordagem Centrada na Pessoa -ACP, cujas referências são encontradas nos pressupostos das Psicologias Humanistas e perspectivas Fenomenológicas e Existencialistas. Essa abordagem não se limita à clínica, dando margem a interfaces com outras disciplinas que também têm por objeto as relações inter e intrapessoais e, ainda, atuações relacionadas com educação e outras organizações sociais. Essa abordagem, em sua origem, preocupa-se com um fazer terapêutico mais amplo do que a psicoterapia realizada por psicólogos clínicos em consultórios, tanto que temos outros profissionais como educadores, assistentes sociais e psiquiatras, que estudam e atuam segundo suas referências. O próprio Rogers em seu último livro *Um Jeito de Ser* (1983) (re)apresenta a teorização que desenvolveu, enfatizando que essa abordagem não se restringe a atuação em consultório, por entender que seu trabalho alcançara uma amplitude maior do que a

psicoterapia, O que lhe deu uma grande autonomia de atuação junto a grandes grupos, workshops, oficinas, palestras e grupos de estudos e terapia com casais.

Chamo atenção para a amplitude da ACP, e para a historicidade de Rogers e seu legado visionário. Esse caráter visionário da teorização de Rogers, na minha percepção, deixou uma semente de empreendedorismo que possibilita explorar, experienciar e experimentar, sempre que possível, novas formas, modalidades e atividades psicológicas. Tenho esse caráter como "herança" e principal contribuição para o trabalho que desenvolvo em Psicologia. Desta forma, o caminho que tenho traçado em psicologia é influenciado por Rogers, principalmente no sentido de experimentar novas formas de trabalhos em psicologia, utilizando-me em um primeiro momento, dos fundamentos teóricos da ACP para alicerçar a prática, e, mais tarde, amplia-lo segundo perspectivas Humanistas, Fenomenológicas e Existencialistas.

Penso que o trabalho do psicólogo deveria ser, em sua gênese, muito criativo, pois, caso contrário, corre-se o risco de o atrelarmos a um tecnicismo, que pode inibir a abertura para a possibilidade do devir enquanto pessoas e profissionais produtivos. A liberdade de criação na psicologia parece-me muito importante, pois é a partir dela que temos a possibilidade de aproximar teoria e prática, promovendo entre estas uma relação dialógica, em permanente questionamento e abertura a outros saberes, modalidades e intervenções para a clínica.

Nesta perspectiva, comecei minha práxis psicológica ainda como estudante e estagiário em hospital psiquiátrico. Uma vez dentro do hospital psiquiátrico pude desenvolver várias oficinas e atuar como facilitador em alguns grupos em diversos trabalhos dentro da instituição. Dessa época dois trabalhos foram de fundamental

importância para a minha formação como psicólogo: o grupo de dança e o que chamamos de vivência musical que se subdividia, por sua vez, em uma oficina de canto (coral) e outra de expressão corporal. Com os grupos de dança e coral, fizemos várias apresentações em congressos e instituições de João Pessoa. Estas atividades me fizeram ter uma maior noção de possibilidades e amplitudes quanto ao trabalho que poderia ser desenvolvido a partir de recursos ligados a manifestações artísticas e à expressão humana.

Tendo me apropriado de recursos artísticos em minha prática institucional como o desenho, a pintura, a dança e a música, pude perceber sua importância para a clínica, visto que, ao meu ver, possibilitam abertura a conteúdos, vivências e experiências possibilitadoras de modos de intervenção que poderiam ser explorados na clínica psicológica. Minha percepção nesse sentido, foi a de que através destes recursos poder-se-ia ampliar, tanto para mim quanto para o usuário, as possibilidades de integração de experiências ao conjunto de atividades que fariam parte do "tratamento", tanto deste usuário do hospital psiquiátrico, quanto, como observei posteriormente, a outros clientes e grupos no consultório particular.

Pude perceber, também, o quanto a arte e as diversas expressões e manifestações que ela proporciona, em suas mais variadas formas, podem auxiliar a escuta e intervenções que posso dispor às pessoas que me procuram como psicólogo. O trabalho, a partir desses referenciais artísticos, abria-se como uma possibilidade de ampliação do meu saber enquanto psicólogo e pessoa ainda que não estivesse muito bem sistematizado na prática clínica em geral, mas que se me apresentavam como via possível para se disponibilizar o cuidado que a psicologia parece propor. Nesta trajetória, os recursos expressivos, por serem amplos e dinâmicos, foram se configurando para mim, como possibilitadores de um amplo

número de experiências significativas tanto para o cliente quanto para a clínica que atualmente venho exercitando.

Já graduado, continuei trabalhando como psicólogo em hospital psiquiátrico. convém ressaltar que, ao meu ver, o grupo de estagiários e profissionais que estiveram comigo durante quatro anos, tinha como proposta terapêutica a escuta na busca de uma compreensão dos sofrimentos ali experienciados.

No hospital, pude desenvolver, além de grupos de expressão corporal: (inspirados por Rolando Toro e em sua teoria da Biodança) e de canto, atividades ligadas às artes plásticas (trabalhos com pintura em óleo sobre tela, argila e desenho) e música (coral e conjunto de instrumentos constituídos por usuários internados). Como psicólogo, supervisionei trabalhos com literatura e escrita, jardinagem, os trabalhos com o grupo de canto e de Instrumentos, e demais atividades dos estagiários.

Ainda nesta instituição, me dispus à experiência única e riquíssima na psicologia hospitalar psiquiátrica: a de supervisionar. Trabalhei com supervisão, quer sendo supervisionado, quer supervisionando. Concomitantemente dirigi-me para atividades clínicas em consultório, e procurei me engajar em supervisões periódicas por acreditar que este espaço seria rico para trocas, reflexões e crescimento.

Supervisionar e ser supervisionado levou-me à constatação do quanto é importante ter espaços de reflexão acerca do trabalho que desenvolvíamos dentro da instituição psiquiátrica e em nossa prática clínica como psicólogos. Nas supervisões, freqüentemente fazíamos estudos teóricos, discussões de casos, análise das dificuldades, das necessidades e das possibilidades que diziam respeito ao nosso fazer, ao nosso trabalho como psicólogos. De forma curiosa, esse espaço

em comum para discutir, compreender e estudar abria um leque quanto às formas de intervenção a serem realizadas, como também para a construção de novas propostas de trabalho, além de nos remeter para as nossas próprias problemáticas profissionais, teóricas e ou práticas.

Também, ao longo de minha trajetória profissional descobri que uma das coisas que mais me fascinam é supervisionar e estar em supervisão. Nessa atividade percebo o quanto posso criar e, criando, redimensiono, na prática, os conhecimentos teóricos. A prática traz consigo as possibilidades e as impossibilidades das teorias. É na teoria que posso confrontar a minha prática, e, da mesma forma, é na prática que posso confrontar e articular velhas e novas teorias ou proporcionar ao menos um engendramento teórico que me possibilite atuar respaldado tanto no meu fazer quanto nos conhecimentos teóricos os quais posso recorrer. Da mesma forma, é na articulação entre a minha prática e teoria, com práticas e teorias de outros, que se encontra sentido, durante a supervisão, no que se faz. Até a realização deste mestrado, foram quatro anos de experiências riquíssimas em hospital psiquiátrico, e alguns anos na clínica psicológica.

Há, ainda, uma terceira via de atuação que veio enriquecer minha "formação" profissional: o trabalho com idosos. Pude desenvolver outros trabalhos junto ao Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisa da Terceira Idade - NIETI, núcleo vinculado à Pró-reitoria de Assuntos Comunitários - PRAC, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Tive a oportunidade de ministrar diversos cursos e oficinas que agora venho a denominar de Oficinas de Criatividade e fazer alguns trabalhos e vivências com diversos grupos e coordenadores de instituições de assistência à terceira idade da cidade de João Pessoa e algumas cidades do interior do estado da Paraíba. Neste trabalho, tive a oportunidade de utilizar

recursos e formas de manifestações artísticas para ministrar as oficinas e facilitar grupos e discussões acerca de terceira idade nos cursos que ministramos pelo NIETI.

Em meados de Junho de 2000, levei para o meu consultório particular as experiências com oficinas que utilizavam esses mesmos recursos e manifestações artísticas. Assim, iniciei um grupo que se reunia duas vezes por mês, experiência que me proporcionou um rico aprendizado e reflexão acerca das possibilidades desse tipo de trabalho, de sua riqueza, e da práxis que tenho desenvolvido.

Hoje, tenho especialização em Gerontologia (área que estuda o envelhecimento humano em conjunto com a Geriatria e diversas áreas do conhecimento científico), realizado pelo NIETI. Decidi investir no trabalho que faço com idosos por identificar-me e trabalhar na área desde 1998, e por perceber o potencial de reflexões e problematizações que esta prática me oferece. Observa-se que as questões que envolvem terceira idade no Brasil vêm ganhando espaço de discussão temática que é explorada por várias áreas de conhecimento profissional e científico. Não é nossa intenção no corpo deste trabalho, abordar as questões relativas à terceira idade. Cabe, entretanto, lembrar que os profissionais que se dedicam a esse campo têm encontrado uma clientela de idosos cada vez maior, o que se deve, ao fato de o Brasil já não pode ser mais considerado como um país jovem, ou país de jovens, visto que a longevidade de seus habitantes está elevando a média de idade por habitantes e fazendo com que mais de 10% desses mesmos habitantes esteja numa faixa etária superior a 60 anos, o que caracteriza o cidadão como sendo idoso.

Há décadas esse fenômeno, chamado de transição demográfica, vem sendo observado nos países de primeiro mundo. Chegar ao Brasil foi questão de tempo. A partir, principalmente, do final da década de 80 e início da década de 90 do século passado, gera-se uma nova demanda que começa a requerer mais atenção por parte de profissionais da assistência social, ciências médicas, biológicas e humanas. Os idosos começam a ser reconhecidos como uma significativa parte da população brasileira. Os grupos e instituições que se preocupam com os idosos têm crescido bastante nos últimos anos e, cada vez mais, a população idosa tem requerido ações assistenciais e interventivas sempre visando a melhoria de sua qualidade de vida.

Assim, nossos estudos durante os anos de parceria junto ao NIETI têm nos direcionado a esse campo de atuação profissional e ao desenvolvimento de estudos na área da Gerontologia. No entanto, uma de minhas preocupações, desde minha especialização, é de como desenvolver recursos para a intervenção psicológica nos grupos de idosos. Para tanto, desenvolvemos, desde este período, uma pesquisa que tinha por objetivo compreender como os profissionais utilizavam os recursos expressivos e suas percepções quanto a estes recursos.

Ao desenvolver a monografia de especialização, percebi que havia espaço para explorar um domínio com o qual poucos pesquisadores têm se preocupado: o cuidado com o cuidador de idosos. Sei que existem diversos cursos de formação, especialização e mestrado em gerontologia em todo o país. No entanto, não tenho, até este momento, conhecimento de que haja algum grupo que se preocupe de alguma forma com o "apoio" ao cuidador, tomando a supervisão como uma possibilidade de trabalho junto aos profissionais que atuam nos grupos e instituições de idosos.

A supervisão que penso ser interessante para esses grupos tem vínculo estreito com as supervisões desenvolvidas pelas psicoterapias na área clínica de psicologia, especialmente a inspirada na Abordagem Centrada na Pessoa. Minhas Experiências acadêmicas e profissionais me deram pistas de que esse saber/fazer psicológico poderia ser desenvolvido junto aos diversos profissionais cuidadores da terceira idade. A inspiração necessária para desenvolver supervisão para esse grupo profissional, advém do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo que desenvolve trabalhos designados por eles de *Supervisão de Apoio Psicológico*, o que me fez vislumbrar a possibilidade de supervisão para profissionais, mesmo que não fossem psicólogos. O contato com esse trabalho afigurou-se como o "elo" necessário para desenvolver uma prática de supervisão com coordenadores de grupos de idosos. Essa possibilidade teórica veio a se transformar em realidade através desta dissertação.

Todas as atividades relatadas aqui durante anos de formação e prática profissional, cooperaram para a idealização e execução deste trabalho. Foi pensando no meu percurso, nesta historicidade de mim mesmo, que decidi sistematizar e utilizar todas essas vivências no mestrado. Essas experiências em conjunto motivaram-me em direção à necessidade de articular todas as atividades que tenham de alguma forma, contribuídos com a minha formação canalizando-as para a atividade que agora estamos chamando de Oficina de Criatividade como dispositivo¹ para supervisão de apoio psicológico. Além disso, é minha preocupação sistematizar as práticas acumuladas durante os anos que venho exercendo na clínica.

¹ O termo dispositivo é compreendido por Foucault como estratégia de ação, tendo uma função política. tal como será clarificado no corpo do trabalho.

Essa sistematização me é importante, pois através dos anos tenho sentido falta de uma metodologia e de uma teorização que me dê respaldo para afirmar minha prática com mais segurança. Vejo, assim como eu próprio faço, muitas experiências com oficinas, vivências e workshops, mas, infelizmente, há pouca sistematização e teorização acerca delas. Embora existam inúmeros trabalhos voltados às oficinas de criatividade, percebe-se que quando se quer fazer uma oficina, é difícil pesquisar e partir de um princípio norteador para desenvolver este tipo de trabalho.

A conceituação, as finalidades e temáticas, a contribuição, os princípios básicos e a aplicação das oficinas ainda são nebulosas, fazendo com que cada profissional, de diversas áreas, desenvolva uma metodologia própria, embora todos a designem como oficina. Não é difícil conjecturar que a amplitude e as riquezas de trabalhos como estes podem estar se perdendo. A proposta de fazer uma oficina de criatividade como dispositivo de supervisão de apoio psicológico não é, de forma alguma, esgotar estes questionamentos. É sim, antes de tudo, discutir uma possibilidade de atuação do psicólogo clínico, no intuito de propor reflexões sobre a arte como veículo de possibilidade de compreensão de experiências.

No que diz respeito aos trabalhos desenvolvidos junto a idosos em João Pessoa, percebo que existem poucos espaços de discussão quanto às práticas, políticas e procedimentos adotados dentro das diversas instituições e grupos para idosos na cidade. As pessoas que coordenam os grupos de idosos têm as mais diversas formações acadêmicas: Psicólogos, Assistentes Sociais, Educadores Físicos, Enfermeiros, Nutricionistas, Administradores, além de pessoas que não têm uma formação superior e que se dispuseram a trabalhar com este público. São estas pessoas os pastores, eclesiásticos, líderes comunitários e outros que

simplesmente têm a "boa vontade" de formar um grupo com idosos que moram em seus bairros ou comunidades próximas.

Criar um espaço para ampliar discussões, rever perspectivas, trocar informações parece ser bastante necessário. Um espaço de (super) visão, no sentido de visualizar com maior amplitude as problemáticas, questões e possibilidades de desenvolver um trabalho voltado à população idosa. Acredito que estas oficinas possam contribuir para uma melhor elaboração e reflexão acerca de questões pessoais e profissionais que interferem direta ou indiretamente, de forma positiva ou negativa, nas formas de gerir e liderar os grupos. A proposta, então, é de viabilizar, através de oficinas, essa elaboração e reflexão, de forma dinâmica, participativa e criativa, utilizando-a como dispositivo de supervisão.

Para compreender melhor a temática que envolve este trabalho, abordarei alguns tópicos que me parecem importantes em seu desenvolvimento e que fazem parte dessa dissertação.

O capítulo I -ARTE E POIESIS, apresenta uma articulação acerca dos conceitos de arte, criatividade e *poiésis* humana. Inicialmente relaciono a arte com a própria existência humana, existência que remete o homem a um processo "poiético", de criação e criatividade. Posteriormente, comento o significado de criação (*poiésis*), tentando resgatar um pouco da história da arte, e do desenvolvimento de uma linguagem não verbal, artística, como forma de expressão pelos homens. Assim, os desdobramentos dessa criação, desse processo criativo, podem ser observados nas mais diversas expressões do humano, inclusive no fazer clínico, onde podemos utilizar a arte como uma via de intervenção psicológica.

O capítulo II -OFICINA DE CRIATIVIDADE: DISPOSITIVO PARA A SUPERVISÃO, é uma reflexão acerca das Oficinas de Criatividade e aponta para a

possibilidade de articulação entre estas duas propostas que têm sido significativas no fazer clínico: as oficinas de criatividade e a supervisão.

No capítulo III -LABOR E TRABALHO, discutiremos acerca da metodologia Fenomenológica Existencial, e, também, a utilizada neste trabalho, de acordo com esta mesma perspectiva.

O capítulo IV -OFICINA DE CRIATIVIDADE: DO LABOR AO LABORATÓRIO, é uma descrição de como se desenvolveram as oficinas propostas por este estudo, assim como os relatos de experiência dos participantes e a percepção do (s) facilitador (es), quanto ao desenvolvimento das oficinas.

O capítulo V -OFICINA DE CRIATIVIDADE: DO LABORATÓRIO À ELABORAÇÃO, se refere à busca do sentido da experiência com oficinas terapêuticas como dispositivo para supervisão de apoio psicológico.

O capítulo VI- DO CONHECIMENTO TÁCITO À ELABORAÇÃO EXPLÍCITA:
Neste momento, apresentaremos a percepção das oficinas, as considerações finais deste trabalho e as conclusões que pudemos observar quanto ao sentido da experiência que realizamos.

1. ARTE E POIÉISIS

Instigados pela recorrência a recursos expressivos na prática psicológica clínica, os temas *arte* e *poiésis* começaram a demandar uma investigação, fundamentalmente por sua articulação com o sentido da arte na experiência humana. Sua possibilidade como expressão e linguagem requer atenção, uma vez que psicólogos e outros profissionais de saúde e educação passaram a ela recorrer, pela plasticidade que ela permite ao fazer terapêutico. O que conecta estes conceitos e como podem ser vinculados à existência humana?

As respostas encontradas nos levam a pensar que a criação e a criatividade possibilitam ao homem sair da inércia e procurar sentido e significados para sua própria condição de ser no mundo. É a partir disso que podemos vislumbrar a existência enquanto "produção" humana, pela qual o homem é autor e ator de seus próprios caminhos existenciais. Por este pensamento, explicita-se uma compreensão de homem como um constante vir-a-ser, propiciador de sentido à existência a partir da própria condição humana de abertura ao outro, ao mundo e às possibilidades de ser.

É nessa perspectiva que questões existenciais, como instigações acerca da compreensão da existência humana, poderiam ser contempladas pela via da arte e *poiésis* no campo da clínica. Recursos expressivos, advindos principalmente da arte, possibilitam certa "plasticidade" ao fazer clínico. Sendo assim, este capítulo nos remeterá aos vínculos primeiros que propiciam o trabalho clínico com Oficina de

Criatividade como atividade recursiva e à disposição da Supervisão de Apoio Psicológico.

1. 1. Fazer arte ou arte do fazer

Arte, como uma das mais antigas expressões humanas, implica comunicação e linguagem, embora não utilizando propriamente da fala para estabelecer referências lingüísticas, e que se apropriou, para comunicar, de linguagem visual. Essa forma de expressão remete à própria história da arte, da utilização de imagens esculpidas na pedra, formando desenhos e representações, ainda na pré-história, servindo como registro de experiência. Antigas imagens, produzidas pelo que viria a ser denominado de homem, ainda que não se saiba se foi o atual "homo sapiens" que as fez, foram encontradas pela arqueologia e que demonstram um pouco de seu cotidiano nas primeiras formas de expressão "artística" de que se tem registro: "São desenhos que foram encontrados no teto e nas paredes de cavernas pré- históricas, que têm, supõe-se, entre 20 mil e 25 mil anos" (OSTROWER, 1997, p. 167).

Fayga Ostrower (1997), em seu artigo *A construção do olhar*, comenta essa primeira expressão artística do homem primitivo. Sua primeira observação é sobre as pinturas encontradas nas cavernas e que não podem ser consideradas como infantis ou primárias. Ao contrário, estes desenhos eram manifestações de transmissão de informações, via imagens, de adulto para adulto, comunicando, principalmente, o cotidiano da sobrevivência humana, expresso pela ação de caça e pesca. Ela diz:

Não há absolutamente nada de infantil nestas imagens e também nada de 'primitivo', no sentido de primário. Ao contrário, são obras de alta categoria artística. (...) a arte é um fenômeno de ordem cultural e uma analogia dos dois níveis, biológico e cultural².

Ostrower (1997) passa a apresentar a questão da técnica e seu sentido para o homem. Para fazer desenhos nas paredes das cavernas e reconhecê-las como arte, a técnica se torna uma questão de formas e conteúdos expressivos e expressados por quem se propõe a fazê-lo. No caso do homem primata, a técnica era bem complexa, pois implicava um conjunto de procedimentos e recursos subsidiários para a produção da obra. Hoje, fazer um desenho numa tela, em papel ou ainda em um 'mural' ou parede, é facilitado por técnicas e materiais modernos produtoras de expressões artísticas das mais variadas formas.

Os utensílios utilizados pelo homem primitivo para desenhar as figuras encontradas nas cavernas eram bastante rudimentares. Os trabalhos artísticos eram feitos através de incisões na rocha, na pedra, e, ainda, como instrumento, o homem utilizaria outra pedra, para formar as imagens, remetendo-se à arte da pintura e da escultura nesse ato de elaboração artística. Além disso, é possível perceber que havia a utilização de perspectivas que usassem o relevo natural das rochas, para aproveitar as cavidades ou saliências que pudessem assemelhar-se às formas do que se queria desenhar, geralmente animais, sinalizando um trabalho investigativo para encontrar formações angulares, no relevo das rochas e pedras, indicando que o homem já recorria a noções espaciais de perspectiva para arquitetar a pintura. Por sua vez, as colorações eram feitas com pigmentos naturais, como "(...) terra, que

²Ibid., p.167-168.

são tons de acre, óxido de ferro para o vermelho, carvão para o preto. Tais pigmentos eram misturados a gorduras animais e esfregados na superfície das rochas³."

Essas primeiras manifestações artísticas, ou arte primitiva, recorriam a materiais do próprio contexto do cotidiano para sua produção. Estudos empreendidos pela arqueologia e antropologia mostram que todas as civilizações, próximas a esse período, recorriam à arte para expressar várias facetas de sua organização social, religiosa, comunitária, sua tradição e costumes. Sua arte dizia do sentido captado de sua existência.

A arte primitiva data do final da Idade da Pedra Lascada (Paleolítico), quando o homem começou a produzir artefatos que eram símbolos de coisas, surgiu a arte primitiva pré-histórica. Eram afrescos nas paredes das cavernas, com figuras humanas, animais e cenas de guerra e de caça. Ainda nessa época foram criadas numerosas esculturas em pedra, osso e chifre, configurando seres humanos e animais, muitas vezes com significado religioso ou finalidades mágicas (ENCICLOPÉDIA DO ESTUDANTE, p. 108).

Tentar ilustrar essa diversidade artística e expressiva, em algumas civilizações, pode interessar, no contexto deste trabalho, pelo recorte de oferecer reflexões que auxiliem a compreender a arte, suas formas e manifestações, técnicas e diversidades de expressão, como expressão constitutiva da história da humanidade, uma vez que comunicam, a partir de linguagem própria, com signos e significações próprias, a história da trajetória do tornar-se humano. A pluralidade cultural-artística expressa por essas civilizações pode direcionar a compreensão do sentido da arte, levando em consideração a produção de sentido que se encontra em cada expressão humana através do fazer artístico.

³ Ibid., p. 68.

Como não há, aqui, a pretensão de se elaborar um "tratado" sobre a arte, em muitos momentos serão apresentados recortes, pelo viés das artes plásticas, por esta forma artística poder oferecer-se como ilustração para a compreensão dos questionamentos acerca da arte. Tal caminho implica poder situar-se, ainda que de forma superficial, pela história da arte, como os fazeres artísticos estão presentes na existência humana, abrindo possibilidades de criação de sentido existencial, pelo fazer artístico expressivo.

A arte desenvolvida na América, e encontrada a partir de sua descoberta, é considerada como primitiva por ter milênios de existência. Observa-se, nesse continente, que a arte se apresenta sob as formas de arquitetura, pintura e de escultura. A grandiosidade das obras confeccionadas pelos Maias, Incas e Aztecas, com acentuada riqueza de detalhes, quer seja nas esculturas e ornamentos quer nas fortificações sólidas que o tempo e as adversidades não puderam destruir, revelam civilizações bem organizadas e preocupadas com conforto, segurança e beleza de seus membros. Noções estéticas e sofisticação das obras produzidas comunicam grandeza e imponência.

(...) Entre as obras artísticas mais importantes da era pré-colombiana destacam-se as produções dos Maias e dos Astecas na região do México, bem como a dos Incas, no Peru. A pintura, a arquitetura e a escultura tiveram no México um desenvolvimento maior que em outras partes da América. Maias e Astecas criaram grandes monumentos em pedra, de notável delicadeza de linhas. Seus templos e fortificações eram ornados com pinturas e esculturas, quase sempre feitas de pedra, terracota ou jade. No Peru, a manifestação artística mais notável dos Incas foi a arquitetura, principalmente impressionante por suas gigantescas proporções e monumentalidade 4.

Por sua vez, a arte primitiva africana tem características bem diferentes da americana. Os africanos preferiam expressar-se de forma não naturalista; ou seja, eles evitavam representar (re-apresentar) as formas encontradas na natureza. A arte primitiva africana não se impunha a obedecer a proporções, perspectivas e figuras para reproduzir o que seria normalmente visto na arte antropomorfista grega. A religiosidade africana era indissociável de sua forma artística de expressão, tendo, inclusive, influenciado mais tarde as artes e artistas da modernidade, que buscaram inspiração nesse tipo de expressão artística para superar a perspectiva naturalista.

Em cada uma de suas expressões artísticas, procuravam resgatar a força vital, presente em todos os seres das figuras representadas, implicando que poderiam tratar-se de um parente. Dessa forma, acreditavam que os espíritos ancestrais pudessem encarnar-se nas esculturas.

À semelhança do movimento produzido pela arte primitiva africana, a arte moderna procurou afastar-se da perspectiva naturalista. Assim, uma das inspirações, para a produção da arte moderna, foi:

(...) a arte primitiva africana, bastante divorciada da representação naturalista. Em geral, as esculturas africanas de figuras humanas não obedecem, naturalmente, às proporções estabelecidas pela arte grega. É uma arte inseparável de suas finalidades religiosas, mas também dotada de incrível força de expressão. Essas esculturas africanas exerceram enorme influência sobre a arte moderna do Ocidente. Às vezes as figuras representam ancestrais. O artista pretende dar às suas figuras a "força vital" que se acha presente em todos os seres, acreditando ser esta a única forma de fazer com que os espíritos dos ancestrais se encarnem nas esculturas 5.

5 Ibid., p.108-109.

Essa compreensão da arte primitiva permite desvelar expressões significativas de contextos sócio-culturais-religiosos. A arte na Oceania também traz ricas contribuições a esse cenário. A utilização criativa da madeira e de diversos materiais inusitados (pedra, osso, marfim de baleia e coral), na expressão e confecção de arte-factos artísticos, permite observar a inspiração, através da natureza, apresentada até mesmo na geometria colorida dos ornamentos. Natureza, cor e materiais diversos utilizados com criatividade comunicam um modo de ser desse povo, expresso por alegria, descontração e harmonia com a natureza. Não é difícil reconhecer, nos próprios Australianos atuais, alguns desses modos: divertidos, descontraídos, alegres e com muita reverência ecológica.

Nas ilhas da Melanésia e da Polinésia (regiões mais representativas da Oceania) , também floresce uma interessante arte primitiva. Sua melhor expressão manifesta-se na escultura de madeira, mas os artistas utilizam também outros materiais, como pedra, osso, marfim de baleia e coral. Tanto na pintura quanto na escultura e na tecelagem, esses artistas inspiram-se nos motivos da natureza e, com freqüência, fazem estilizações com ornamentos geométricos coloridos 6.

Os modos e formas de expressão da subjetividade na arte podem ser compreendidos como acontecimentos durante a própria história do ser humano. Essa historicidade e subjetividade revelam-se em expressões artísticas que retratam tanto a história e as crenças quanto o folclore e tradições. Assim, impõe-se, de certa maneira, um modo de registrar, ao mesmo tempo, a coletividade e a singularidade.

Nesse momento, apresenta-se a arte grega, como pano de fundo para as discussões sobre a arte, apontada neste capítulo. A arte grega tem grande relevância, pois implica inúmeras significações acerca do humano, manifestadas

6 Ibid., p.109.

pela expressão artística. Tal arte está intimamente vinculada à visão de mundo e de homem, desvelada através das tragédias, dos mitos, da religião, da escultura, do teatro, da pintura e da religiosidade, possibilitando, desta forma, pensarem-se algumas questões existenciais.

A partir da visão de Ostrower (1997), pode-se observar que, na cultura grega, se sobressaíram dois estilos de arte, ao mesmo tempo antagônicos e complementares. Em um primeiro momento, os gregos produziam uma arte vinculada a uma crença introspectiva, revelada pelas estruturas sólidas e severas, mas que indicavam certa animação e movimento. Seria o estilo arcaico que, anunciando uma fase de maior criatividade, demonstrava, ao mesmo tempo, uma energia ainda contida, a ser desvelada, prestes a modificar-se, pretendendo, como aconteceu posteriormente, trazer significações. A impressão é de que havia um estado de ebulição na arte arcaica grega:

(...) As figuras esculpidas ainda têm a severidade de colunas de um templo, mas há na sua postura uma certa animação que vai nos mostrar, em nossa visão retrospectiva, em que direção a arte grega se encaminha estilisticamente. Nesta figura, Kouros, do século VII a.C. (...), notamos tanto uma imobilidade como também uma tensão maior, é a tensão à energia contida: observem a postura ereta, os braços curtos, músculos como que encoihidos, as coxas largas, os pés firmes, o peito contraído 7.

A ebulição encontrada no estilo artístico arcaico acaba por gerar o estilo que mais caracteriza a civilização grega para Nietzsche (1983): o trágico. A mitologia grega pré-socrática é a grande geradora de tragédias, tragédias que nos dizem muito da universalidade e da singularidade do homem, justificando a grande difusão e utilização dessas tragédias em todo o mundo. Não é por acaso que filósofos,

7 OSTROWER, op. cit., p. 170-171.

teóricos e vários campos do saber recorreram à historicidade grega para, compreender o homem em sua história, em seu mundo e na sua forma de ser.

A escolha em utilizarmos reflexões de Nietzsche sobre a arte se deve ao fato de acreditarmos que é, sob seus pressupostos, que se pensa a arte como possibilidade de expressão da vida e de sua finitude. Para Nietzsche, a arte é força potencializadora da vida, é possibilidade de criação e de criatividade, como que um elixir potencializador da vida. Fayga Ostrower (1995) parece, em certa medida, corroborar esse pensamento de Nietzsche:

e é assim também que entendemos o próprio fazer artístico. Consciente ou inconscientemente, há sempre um depoimento sobre o sentido de viver. A obra de arte não é uma mera mercadoria, assim como produzir mercadorias não é a meta da criação artísticas.

Na arte clássica grega, o trágico na mitologia, as histórias de deuses e heróis gregos, apresentam-se através de metáforas que contemplam circunstâncias existenciais relativas à condição humana. A arte grega aponta para uma expressão da vida, da vivência e da experiência de viver. Nas esculturas clássicas gregas, revela-se a condição existencial humana pela superação do movimento contido ou da referência de movimento. Ou seja, o dinamismo, os movimentos que expressam ação, ritmo e vida dão à arte clássica grega sentido por sua relação com a humanidade, no tocante à finitude, condição do homem no mundo. Ao aceitar sua própria humanidade, o homem persegue seu rumo à liberdade:

(...) a movimentação crescente torna-se uma música visual, cada detalhe uma linha rítmica, corpos, braços, pernas, planejamentos pregueados, ornamentos, tudo movimentado, fluído, cantando, em espaços que o homem já domina com liberdade. Esta noção de liberdade é compreendida de uma maneira nova: uma liberdade dentro dos limites. Não se trata de

esquemas rígidos ou proibições (...) o artista pode até ultrapassar os limites, sem romper com a ordenação interna de certas normas, por exemplo, das proporções.

Por ser plástica, a arte grega é referência na história das artes, pois possibilita a explicitação da cultura, vivamente, através da arte. Pautada nas divindades, nas religiões, nos mitos e tragédias, a arte grega conta à história do próprio processo civilizatório da Grécia e, sob sua própria ótica, revela o sentido trágico da existência, na qual a finitude se faz presente implicando questões sobre temporalidade, historicidade e de *poiésis* humana. Convém, neste momento, definir *poiésis* como a palavra que, em grego, designa criação. Desse modo, *poiésis* como criação é condição de ser humano, no sentido de sua abertura e possibilidade de estar com outros no mundo. É nesse sentido que a arte grega é um marco na comunicação de valores e de cultura, uma vez que nenhuma civilização expressou, de forma tão plasticamente intensa, suas crenças e seu modo de pensar e estar no mundo. É sob esta perspectiva que é possível articular-se arte e *poiésis*: expressão de sentido de ser humano.

Ao recuperar o sentido do trágico da arte, não como fatalidade, mas como celebração da vida e de sua potencialização pelo sofrimento inerente à condição humana, Nietzsche aponta questões essenciais para reflexões acerca do viver humano. Assim, para Nietzsche, o sofrimento é alegre, pois potencializa o retorno à vida. Nas tragédias gregas pré-socráticas, o grego revela o seu próprio modo humano de olhar para a existência. De forma trágica, as tragédias nos dizem das possibilidades do viver, pela imprevisibilidade, insegurança e incerteza quanto ao rumo da vida, cabendo à finitude humana apresentar-se como certeza previsível.

9Ibid.,p.171.

Assim a produção artística da Grécia antiga pode expressar como a arte diz respeito a cultura, crenças e valores, criando sentido para a existência do homem. O ato humano de laborar, de trabalhar e fazer arte é, ao mesmo tempo, o ato humano de elaborar, produzir sentido e refletir na vida. Para Fayga Ostrower (1995), o fazer artístico implica a possibilidade de expressão humana, constituindo a arte como um modo de depoimento para a comunicação de perspectivas do sentido da existência do homem.

A retrospectiva das possíveis significações psico-sócio-político-culturais da arte permite a tessitura de outra teia de significações acerca da arte ocidental. Apesar dessa forma de compreensão do resgate de sentidos que a arte implica, a história mostra que nem sempre ela é assim compreendida. O Pensamento pós-socrático, que elegeu a razão como o centro do conhecimento, ganhando muita força a partir do final da idade média, trouxe consigo um efeito devastador para o tipo de compreensão da arte, cujo sentido foi aqui abordado. Por essa perspectiva racionalista, arte passa a ser vista como representação, perdendo seu valor como possibilidade de compreensão e geradora de conhecimento humano.

No momento histórico em que o homem institui a razão ou, como diria Merleau-Ponty (1976), o *cogito* (palavra que se refere à consciência como razão e pensamento) tomou-se o modo fundamental de legitimidade para o conhecimento; principalmente através da ciência, buscando destituir o dito senso comum de qualquer significação científica como valor para produção do próprio conhecimento. Assim, a ciência positivista ganha espaço como única possibilidade do saber, até o século XIX, privilegiando a razão como verdadeira geradora de conhecimento científico. A arte, nesta ótica, enquadrou-se, por certo tempo, na ordem do senso

comum, tendo seu valor sido revertido ao de mera mercadoria, regida por uma institucionalização da estética, do que seria ou não belo.

No entanto, perceber o senso comum como outra forma de conhecimento, distinta do científico, pode revelar seu valor e lugar próprio na cultura e na sociedade. É nesse sentido que considerar a arte não somente como conhecimento científico, mas como constituidora de sentido, também, a partir do conhecimento do senso comum, aproxima-a como manifestação da expressão humana possibilitadora da compreensão da existência. Contudo, no momento histórico que intensificou a razão como verdade para o conhecimento, como na época do Iluminismo, não somente a arte, mas também a filosofia e a própria história passaram a não ter a mesma consideração da produção de conhecimento valorizado quanto as ciências matemáticas, físicas ou naturais.

Segundo Ostrower (1997), é dessa época que a arte como mercadoria começa a ser produzida. O desenvolvimento de processos de industrialização, de mercantilismo e de comercialização faz com que artistas comecem a produzir não mais sob a perspectiva do labor artístico, advindo de reflexões e inspirações existenciais, mas pela exigência capitalista de mercado, que caracterizou a modernidade, implicando a constituição de novas formas de subjetivações e de estar no mundo. Nesse contexto, a arte, juntamente com a filosofia, religião e algumas disciplinas das ciências humanas, passaram a ser consideradas distintas do saber e conhecimento, instaurados, pela razão, como estruturas centrais das ciências modernas. Assim instituída, a arte correu o risco de ser vista apenas como produtora de meros utensílios de contemplação ou de decoração, perdendo toda a sua força de expressão implícita para comunicação de aspectos socioculturais e

contribuições para a compreensão do ser do humano, levando-se em conta seu modo histórico de manifestação.

Por essas considerações, recorrer-se às contribuições trazidas pelas perspectivas fenomenológicas e existenciais poderia ser uma possibilidade de se resgatar a compreensão ampla e significativa da arte. Desde o fim do século XIX, pensadores, refletindo não ser a razão a única possibilidade de conhecimento, engajaram-se em retomar a arte com sentido de compreensão do homem e seus desafios existenciais, considerando-se, por isso mesmo, eles próprios artistas. Entre eles, são mencionados Binswanger, Nietzsche, Bergson, Kierkegaard, Heidegger, Medard Boss e Merleau-Ponty como nomes expressivos dessa reação do pensamento filosófico ao exclusivista reconhecimento da validade da ciência.

E dessa perspectiva que se pretende, neste trabalho, resgatar a importância da arte, como expressão do humano nela contida. Visa-se recuperá-la enquanto ato de expressão psicológico capaz de suscitar a expressão e compreensão do humano através do trabalho clínico; há de se recorrer ao seu fazer como um recurso para a psicologia como ato clínico: criar condições para expressão e compreensão da existência humana através de oficinas de criatividade e de recursos expressivos.

1.2. Existência e poiésis: o trágico e a tragédia na arte grega

O sentido da tragédia, advindo dos gregos pré-socráticos e resgatado a partir de Nietzsche (1992), traz em seu bojo a idéia da finitude. Seu pensamento acerca da tragédia grega possibilita uma perspectiva outra, a partir da qual é possível se compreender como o ser humano faz uso de sua potência ou vontade de potência

de forma bastante criativa, permitindo, desse modo, uma aproximação com outra noção acerca da relação entre estética e existência. Considerando que trágica é a vida, dada a sua finitude, exacerbada na sociedade ocidental contemporânea, o próprio envelhecer do ser humano imprime a presença da mortalidade próxima.

O finito é empregado no pensamento de vários pensadores e filósofos como Hegel, Kant, Heidegger, além do próprio Nietzsche, e finitude é o termo abstrato correspondente deste termo. Corroborando Nietzsche, Abagnano (2000), a partir do pensamento de Heidegger, diz da finitude:

(...) Nesse sentido, finito é a qualidade própria só do homem ou das possibilidades humanas, e *finitude* é o termo abstrato correspondente. Toda filosofia da existência é uma filosofia do finito por-ue interpretação da existência em termos de possibilidades condicionadas 10 .

Nesta perspectiva, a criatividade, esse poder de criação do homem, conduz à idéia de que o homem necessita, para dar sentido à existência, além de apenas superar crises, solucionar problemas ou mesmo encontrar, meramente, um caminho em direção ao crescimento. O pensamento de Nietzsche (1983) é de que o potencial criativo pode levar o ser humano à atualização do vivido, das forças que podem levar o ser a compreender e apreender o sentido da existência. Ao utilizar o conceito de eterno retorno, em seu livro *Assim falou Zaratrustra* Nietzsche (2000), o conceitua como sendo o retorno da força que impulsiona para a afirmação da vida, afirmação que tem seu valor revelado na tragédia, propondo uma grande possibilidade de criação e de criatividade peculiar do ser humano pautado no trágico -inspirado nas tragédias gregas e nos movimentos filosóficos pré-socráticos e na finitude da existência humana.

10 Ibid., p. 461.

Uma vez diante da certeza trágica da finitude e do sofrimento proporcionado pela não imortalidade, o homem ressurgue como no mito da *Fênix*, buscando, no sofrimento potencializador do trágico, o sentido de ir da potência ao ato, como diria Aristóteles, mas com um diferencial acerca do processo entre a potência e o ato: o próprio processo de atualização do vivido como indo da vontade à possibilidade de viver, à criação, recriando a existência poética, atualizando-se.

Considerando-se suas compreensões da vontade de potência, a arte pode ser pensada como força propiciadora da expansão do ser (NIETZSCHE, 2000). Nesse sentido, a existência é possibilidade a cada instante. Dinamismo da vida não comporta a idéia de uma existência puramente reflexiva., abstrata, racionalista, pois enxergá-la assim seria reduzi-la. Nessa direção, podemos compreender, com la (1999), como Heidegger, por sua vez, delimita o ser, decaído, sem possibilidade de ser, e ao ente, que da mesma forma se constitui e "engessa" a existência. Por outro lado, Heidegger refere-se ao *dasein*, o ser-aí, que é, em certo sentido, pura possibilidade de abertura.

De certa forma, vontade de potência para Nietzsche, à semelhança de Heidegger, traz consigo a idéia da possibilidade, do existir, no sentido de que a vida, o próprio ser, é devir:

a vontade de potência é a própria potência da vida no sentido de sua auto-expansão, da plenificação de seus possíveis no instante, e superação. A vida não é, simples e unicamente, a vida devém, a vida é vir a ser, devir. A vontade de potência é, segundo Nietzsche, a tendência intrínseca da vida para expansão plena do possível de seus fluxos, em suas intensidades próprias, e para a plenificação de seu devir. O ser não é, tudo está em ;:J devir; (...) o ser é o ser do devir enquanto tal (FONSECA, 1997, p.19). :A

Nietzsche recupera a noção de tragédia e de sofrimento, através dos conceitos de vontade e de arte. O fato de abordar, em sua filosofia de vida, a idéia de sofrimento não significa uma adesão a ele, mas, tão somente, reconhecer a facticidade da vida. Machado (1999), dissertando acerca da arte e da "apologia" da aparência encontradas, em seu ponto de vista, na obra de Nietzsche, acaba narrando algumas características dos gregos, comunicando a dimensão trágica desse povo. Diz ele que o grego era "(...) extremamente sensível, capaz de grande sofrimento, bastante vulnerável à dor,. o grego tem nessa condição um perigo para a vida: a dolorosa violência da existência pode levá-lo ao pessimismo, à negação da própria existência" (p. 17).

Assim, Machado evidencia que, na leitura de Nietzsche, o grego, ao invés de negar a vida, acaba por afirmá-la, por afirmar a finitude. Assim, o sofrimento passa a potencializar a vontade de vida e de vir a ser. Essa é a vontade que se insurge do ser no sofrimento, na angústia. Subverter o sofrimento em força para a vida impõe-se ao homem para que possa re-significar a vida e a existência. Nicole Loraux (1992) ressalta esse vínculo entre a tragédia grega e o "humano", apontando para três questões na cultura grega, surgidas em Atenas, que podem ser consideradas como próprias da organização social do homem: as políticas, as discussões sobre ética e o próprio surgimento da democracia.

Tal como os gregos, que têm na tragédia uma possibilidade de sentido da existência, a arte poderia ser considerada como uma possibilidade de converter o sofrimento em força aliciadora da vida, pois afetabilidade é próprio da existência:

Aqui, neste supremo perigo da vontade, aproxima-se, como uma feiticeira salvadora, com seus bálsamos, a *arte*; só ela é capaz de converter aqueles pensamentos de nojo sobre o susto e o absurdo da existência em representações com as quais se pode viver: o *sublime* como domesticação

artística do susto e o cômico como alívio artístico do nojo diante do absurdo (NIETZSCHE, 1983, p. 09, grifo do autor).

Desse modo, evidenciar o sentido do trágico que Nietzsche (2001) aponta na cultura grega pré-socrática, implica considerar que o trágico afirma o acaso e, como acaso é possibilidade, tragédia não é fatalidade. É na possibilidade de vir a ser que assoma, como disposição, a possibilidade de se dar sentido à existência. O acaso, no entanto, é companheiro na existência. O acaso não nos deixa programar, como numa linguagem de computador, a existência. Se assim fosse, a existência não seria possibilidade; seria definibilidade e o vivido se perderia na definição e conceitualização das coisas e da existência.

O trágico implica alegre/cômico, porque é pela multiplicidade da existência que podemos encontrar a afirmação da vida, a afirmação da finitude, o enfrentamento da imortalidade, a subversão do sofrimento pela vida, a possibilidade de criar, inventar, recriar e reinventar a vida, estar aberto ao vir a ser, afirmando o ser. Pinto, citando Nietzsche, nos diz:

(...) Segundo Nietzsche: (...) Trágico = alegre. Outra maneira de enunciar a grande equação querer = criar. Nunca se compreendeu que o trágico era positividade pura e múltipla, alegria dinâmica. Trágica é a afirmação: porque afirma o acaso e, do acaso, a necessidade; porque afirma o devir, do devir, o ser; porque afirma o múltiplo, o uno. Trágico é o lance de dados (PINTO, 1998, p. 245).

Por esse sentido das tragédias gregas, para Nietzsche, pode-se compreender o trágico como potencializador da vida; é requisito para a vida, pois é através dele que a vida se constitui e renasce da própria cinza, como a fênix. Impulsionando a vida, o trágico pode ser cômico e alegre. Alegre por potencializá-la, alegre por dar-lhe sentido por si mesma, alegre por mostrar à vida a sua própria

face, seu valor, sua grandeza, sua finitude, e por proporcionar o retorno da vontade da vida. Vontade = querer = força. Esse conteúdo trágico da civilização grega sempre tem sido exteriorizado ao mundo como mostraçãõ e expressãõ através da arte.

O *Sentido do Trágico*, que Nietzsche recupera dos Gregos Pré-Socráticos, da Grécia Trágica, nada mais é do que esta postura filosófica de integração consciente da inevitabilidade do sofrimento, e da finitude.. em nossas vidas. É a afirmação da intensidade própria deles, em seus inevitáveis e próprios momentos, como dimensões, próprias e legítimas, da totalidade de uma vida em que nada é negado, tudo é afirmado, inclusive a própria negação, que, afirmada, transforma-se em afirmação. Postura que garante o retorno da força da vida, como *criatividade*, numa intensidade diretamente proporcional ao modo da afirmação desta finitude e do sofrimento inevitáveis (FONSECA, 1997, p. 20, grifo do autor).

Por outro lado, a expressividade, como expressão humana, tem um lugar no humano, no qual é possível exercer-se livremente a criatividade de ser, de inventar, criar, abstrair, ousar, imaginar, enfim, de ilustrar o tão sonhado vivido. Esse lugar pode ser também considerado como a morada das artes, tanto das manifestações legitimadas, como a literatura, interpretação teatral, música, como, também, das artes populares como o teatro de rua, o escritor de cordéis, o repentista, o cancionista, entre outros. Como bem nos diz Nietzsche (1983), acerca do valor da arte para o ser humano em seu processo de existência, de vida,

a arte **e nada mais que a arte!** Ela é a grande possibilitadora da vida a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida.

A arte como única força superior contraposta a toda vontade de negação da vida, como o anticristão, antibudista, antiniilista par excellence.

A arte **como redenção do que conhece** -daquele que vê o caráter terrível e problemático da existência, que quer vê-lo, do conhecedor do trágico.

A arte **como a redenção do que age** -daquele que não somente vê o caráter terrível e problemático da existência, mas o vive, quer vivê-lo, do guerreiro trágico, do herói.

A arte como a redenção do que sofre -como via de acesso a estados onde o sofrimento é querido, transfigurado, divinizado, onde o sofrimento é uma forma de grande delícia (p. 28, grifo do autor).

A arte, em suas formas e manifestações, compreende a expansão de fronteiras para o ser humano. Desse modo, também a possibilidade de criação se expande com e pela arte. Manifestando-se pela produção de algo concreto, seu resultado, ou artefato final da ação humana, torna-se factível como expressão, como ato de exprimir ou de espremer para a liberação da pressão, segundo Ferreira (1971). Assim, a expressão humana, por sua vez, se refere a uma perspectiva ou modo de revelar/dizer algo percebido.

A arte em si não é real. A arte é ilusão, no sentido de que ela própria "corresponde" a uma perspectiva: a daquele que produz o que e como viu. O real, o real "valor" de certa obra ou produção artística, em geral, acontece pelo fato de que o artista consegue mostrar, de forma genial, autêntica e singular, a sua própria perspectiva através de sua arte. Assim, as prerrogativas, demonstrar, apresentar expressar, traduzem a perspectiva do autor, o que ele deseja comunicar, ou seja, sua realidade: como ele percebeu o real.

Perspectiva é o olhar do autor. Implica, assim, nuance, ilusão e percepção do objeto; abstração, vivência, pré-reflexão, reflexão, intuição, devaneio, transcendência, produção. Tais modos de ver, assim como tantas outras possíveis, podem fazer-se presentes no retratismo da idade antiga e meados da idade média, como, também, no surrealismo, pré-modernismo e modernismo contemporâneos. Nesse sentido, esses modos de expressão via arte não se aproximam apenas como produção cultural, mas implicam seu modo de mostrar-se pela articulação com a cultura vigente. Contudo, enquanto modos de apreensão para expressão, apresentam-se como fazeres artísticos de ordem mais racional, do cunho de

abstrações e reflexões. Já outras constituem-se por modos de uma dimensão vivencial, de cunho pré-reflexivo e intuitivo.

Porém, numa obra é possível notar-se como co-existem esses modos tão contraditórios e excludentes, numa primeira e rápida mirada: a presença de uns pela ausência de outros, sem distinção das ordens racionais ou vivenciais, buscando brincar, desfrutar o momento único de ser livre para expressar-se, ser, criar; o artista recorre ao que melhor expressa sua realidade vivida.

Tal co-existência é explorada por Nietzsche (2001), ao evidenciar duas perspectivas de vida dos gregos, representadas por dois deuses que propunham instintos estéticos distintos: Apolo e Dioniso. O grego, em algum momento, teve a tendência de seguir o instinto Apolíneo, da perfeição, das belas formas e medidas:

O mundo Apolíneo da beleza é o mundo da individuação (do indivíduo, do Estado, do patriotismo), da consciência de si. A individualidade, a consciência é uma aparência, uma representação do uno imaginário; através do principium individuationis se produz a transfiguração da realidade que caracteriza a arte: é isso que constitui o processo artístico originário (MACHADO, 1991, p. 20).

No entanto, um deus de uma religião estrangeira, Dioniso, começa a ser cultuado na Grécia e traz sua contrapartida: a desmesura, a falta de limites:

(...) é preciso salientar o dionisíaco, considerado como aniquilador da vida (...) a desmesura se desvelava como a verdade; a contradição e a volúpia nascida da dor se expressavam do mais profundo da natureza 11.

No entanto, tanto para Machado (1991) quanto para Fonseca (1988), essas duas concepções, ou instintos da vida, se desvelam na arte e na existência não

Ibid.,p.21.

somente como antagônicos, mas como pólos que precisam de seu contraponto para harmonizarem-se:

É esta arte apolínea-dionisíaca, reconciliação entre Apoio e Dioniso, que constitui para Nietzsche o momento mais importante da arte grega. Importância que ele exprime em termos médicos afirmando que ela possui um verdadeiro efeito terapêutico, é um eficaz ato de cura: a arte dionisíaca um veneno, -a poção mágica, o filtro das feiticeiras -em remédio, retirando Dioniso suas armas destruidoras (...) se o puro dionisíaco é veneno, é por que é impossível de ser vivido; é porque acarreta necessariamente em aniquilamento da vida. Se a arte é capaz de fazer participar da experiência dionisíaca sem que se seja destruído por ela, é por que possibilita uma experiência de embriaguez sem perda de lucidez ¹².

Dioniso, também chamado de Baco, na perspectiva de Nietzsche traz consigo o retorno da vida, mas de forma tão vívida e fluida que ameaçaria a própria existência. Ele se utiliza de sua fabulosa invenção, o vinho, para promover alegria e diversão, que, pela embriaguez, se transformam em desmesura ao extremo na forma orgias e bacanais. É preciso, então, a força contraposta de Apoio para direcionar esse fluxo de vida em algo construtivo, da mesma forma que foi preciso o surgimento de Dioniso para descentrar o *principium individuationis* apolíneo, proporcionando formas artísticas pautadas na existência humana, potencializando as forças da vida:

Apoio liberta o indivíduo do sofrimento pela criação da bela forma, da bela aparência, em sua eternidade própria. Dioniso liberta com sua embriaguez e desmesura, com a perda de seus limites, com a dissolução no 'ser único', ou no 'querer universal' (...) são, antes, duas maneiras de resolver a contradição entre unidade primitiva e individuação, entre querer e aparência, entre vida e sofrimento (FONSECA, 1988, p. 58).

Assim, Deleuze (1976, p. 47) afirma que "Dioniso é como a tela sobre a qual Apoio borda a bela aparência; mas sob Apoio é Dioniso quem ruge". Dessa forma a

¹² Ibid., p. 23-24.

arte trágica grega começa a desvelar, além dessas duas concepções, a própria perspectiva grega de existir, revelada por sua arte, principalmente em sua fase clássica.

No processo artístico, estas duas dimensões estão presentes, pois o autor utiliza tudo o que estiver ao alcance naquele momento: as cores das tintas, as formações das frases, da rima, a imagem, o objeto, a inspiração. Aberto ao que a ele se mostra, o artista deixa-se tragar pelo sensível sentido, para poder elaborar essa experiência, subjetiva e singular, que a ele se apresenta, sujeito que é. Esta é uma possibilidade de compreensão da dimensão estética no humano: ao realizar sua obra, o autor se apresenta por ela. Dito de outro modo:

o artista atua como criador de mundo. O pintor, o escultor, transportam o espectador a nova dimensão da realidade. O universo que propõem obedece às leis usuais da física, por apoiar-se em objeto concreto, mas ao mesmo tempo sugere a inserção de outro sistema de relações, sutis, intemporais, cujo significado não pode ser apreendido de imediato, mas precisa ser desvendado pelo espectador. Deste modo, o olhar amador também participa da obra de criação. Cabe-lhe reconhecer o que de estranho se insinua na obra o testemunhar do surgimento desse novo universo (AUGRAS, 1986, p. 91).

Esse estranho a ser desvendado é a possibilidade de o espectador ser capturado pela obra a partir de sua perspectiva. Em certo sentido, Nietzsche também aponta para a perspectiva do autor. Escolher uma perspectiva é adotar um modo de aproximação a algo entre outros modos possíveis. Assim, a perspectiva criativa é um modo de expressão do sujeito em contato com a experiência de ser tragado no mundo.

No instante em que se produz, essa produção precisa ser expressa, enquanto comunicação, e desvelar por ela própria como linguagem. É por essa expressão e linguagem criativa que o artista se dá a conhecer, possibilitando-lhe

capturar e intrigar o espectador, despertando-o para o estranhamento de sua própria perspectiva fixada em um modo rígido de olhar o mundo.

Mas, como poder comunicar essa outra perspectiva que se apresenta? A obra de arte e sua recepção sugerem um enigma: a questão da intersubjetividade atravessada pela alteridade (FRAYZE-PEREIRA, 1984). Enigma esse ao mesmo tempo estranho, mas constituinte da criação de sentido (GENDLIN, 1962), da diferença de perspectivas entre olhares abrindo possibilidades de outras expressões por re-configurações de percepções e re-significações de sentido. É nesse contexto que o fazer, como verbo/ação, permite outros modos de dizer da experiência. Nessa perspectiva, o ato da fala também é o ato criativo, produtor de sentido.

Ato-verbo, ação -fazer a que remetem? Pensar, experimentar a melhor forma. Escrever, analisar. Dançar, movimentar, gesticular. Fazer, fazer, fazer. E sentir quando se faz. Testar, perguntar, refazer, re-testar, melhorar, construir, constituir, amar, dedicar, criar ativamente, utilizar-se da criatividade para produzir objetivamente o que se sente subjetivamente. Fazer criativamente para poder expressar aquilo que emerge como outra perspectiva. Realizar pelo fazer: condição humana de experiência em ação.

1.3. Possibilidades da arte cara a clínica

Assim, pode-se dizer que é a necessidade de compreender como a arte pode colaborar para o trabalho do psicólogo na clínica o que motiva a realização deste trabalho. Seu sentido na clínica pode revelar-se na medida em que se pode refletir

como alguns recursos, também utilizados para a produção artística, podem ser redimensionados para o trabalho psicológico. Para isso, foi necessário compreender que os processos artísticos se diferenciam da arte enquanto *poiésis*, como criação, e que, por outro lado, o processo de criação recorre a utensílios para sua concretização. Sentimos a necessidade de compreendermos melhor o que são esses recursos, aqui denominados como expressivos.

A preocupação quanto ao tema surge, na verdade, da prática em trabalhos com psicologia, arte e recursos mais variados, assim como da prática de profissionais que trabalham utilizando-se da arte ou de recursos advindos da arte, como pintura, desenho, dança, etc. Tal inquietação procede pelas próprias dificuldades em conceituar certos tipos de trabalhos desenvolvidos por psicólogos, educadores, artistas, educadores físicos, que se utilizam de recursos e dinâmicas de grupos vários, como expressão corporal, música, recursos plásticos, sucata, além de outras formas de manifestações e materiais utilizados em diversas formas terapêuticas e educativas.

Um tal contexto, no qual o "*laissez-faire*" parece impor-se, fez-se necessário ~ buscar definir estas formas de trabalho como propostas terapêutico-educativas que utilizam recursos expressivos ou trabalhos expressivos em seu exercício, tanto na perspectiva clínica quanto na educativa, como biodança, arteterapia, arte-educação, além das oficinas de criatividade, escolhidos como tema do presente trabalho. Por isso acompanhamos a terapeuta Angela Philipini (2000, p. 13, grifo nosso), quando diz que a arte é via de expressão, "(...) ou seja, lembrar que no contexto Arte Terapêutico, a arte é entendida como processo expressivo, da forma mais ampla que se puder percebê-lo".

A necessidade, portanto, de se compreender o sentido de recursos expressivos é importante para se poder apontar por quais modos a arte se introduz nos mais variados trabalhos expressivos. Isto por que é via recursos expressivos que a arte se manifesta, fazendo-se presente, também, nos trabalhos de arte terapia, de biodança e arte educação. Escolhemos estas três formas terapêuticas para exemplificar a articulação entre a arte e os processos criativos, para promoção do desenvolvimento e bem-estar da pessoa. Nesse sentido, trata-se de atividades com caráter terapêutico mediante manifestação do processo criativo como conhecimento de si mesmo.

A arteterapia é um campo profissional amplo, abrangendo atividades que se utilizam de diversas manifestações e expressões artísticas. O profissional que recorre a esse tipo de trabalho terapêutico, emprega esses recursos como meio para "facilitar" a manifestação do processo criativo como "curativo". Devido à sua amplitude, Phillipini (2000) receia dar uma definição acerca da arteterapia. No entanto, ela escolhe uma das formas, ou uma das várias possibilidades, de conceituar a arteterapia como: "Uma dentre as inúmeras formas de descrever o que é mesmo Arte Terapia, será considerá-la como um processo terapêutico, que ocorre através da utilização de modalidades expressivas diversas" 13.

Na visão da arteterapia, as manifestações artísticas têm uma função importante para o indivíduo e a coletividade. Durante o processo histórico de desenvolvimento humano, a Arte se fez presente registrando, expressando, simbolizando e comunicando tanto aspectos sócio-culturais, quanto aos aspectos individuais. A utilização das artes serviria até mesmo como auxílio às ciências

13 Ibid., p. 13.

médicas e, também, como forma de cuidado com o ser, que pode ser facilmente comparado às terapêuticas mais modernas. Segundo Philippini (2000), desde o século V a.C., há registros da arte utilizada como recurso para a promoção, manutenção e recuperação da saúde. Isto possibilitaria pensar-se que a arte, desde então, já era considerada reveladora, transformadora e, em colaboração com os processos criativos e de criação, auxiliar do homem na direção do "construir" sua existência.

Uma outra modalidade terapêutica, a biodança, foi criada por Rolando Toro Araneda, no Chile, a partir de seu trabalho no Hospital Psiquiátrico de Santiago. Além de antropólogo e criador da Biodança, Toro revelava uma íntima relação com a arte, por seus trabalhos de pintura e de poesia. Talvez devido a esse seu envolvimento, desenvolveu uma teoria que, de início, nomeou Psicodança para, posteriormente, denominá-la Biodança. Essa conceituação nova e definitiva parece ter se devido à amplitude e abrangência dessa nova modalidade, que acabou transcendendo as fronteiras do hospital psiquiátrico e da própria Psicologia. Remontando a estudos nas áreas de Fisiologia, Artes, Medicina, Psicologia, Neurologia, Filosofia, Educação Física e Sociologia, entre outras disciplinas, a Biodança constitui-se uma modalidade prática de estudo interdisciplinar, em sua proposta terapêutica de lidar com o ser humano.

É nesse sentido que a Biodança se utiliza de recursos inerentes à arte, resgatando-a através de movimentos e sons. Recorre à música em sua forma de expressão por ritmo, compasso e pulsação. Quanto à expressão corporal, explora movimentos tanto como repetições de um movimento previamente articulado pelo facilitador, quanto em atividades de livre-expressão criativa. Ainda recorre, algumas vezes, a danças folclóricas e, até mesmo, à dança de salão. Pode -se resumir o

modo como a Biodança compreende os aspectos de articulação de recursos expressivos pela frase a seguir:

A biodança consiste em uma indução de vivências integradoras, principalmente através do que Rolando Toro chama de ativação do núcleo afetivo, mediadas por música, canto, dança e situações de encontro de grupo. Uma vez que os exercícios de Biodança estejam integradas com a teoria, e devidamente sistematizados por seu modelo teórico, permitem uma vivência e aplicação a todos os seres humanos em diferentes etapas do desenvolvimento, sem distinção entre crianças, adolescentes, adultos, e os grupos podem ser feitos de forma homogênea ou heterogênea (SILVA, 2002, p. 28)

Ressaltado o aspecto terapêutico de algumas atividades com recursos expressivos, é possível, de forma sucinta, explorar-se uma outra vertente. Afinal, a arte, há muito tempo, também se faz presente nos processos educacionais, legitimando-se pela arte-educação. Barbosa (1988) relata que, no Brasil, desde o século XIX, concomitantemente ao primeiro surto industrial, em meio à ebulição de processos de industrializações e da abolição da escravatura, e com a troca de regime do país, de imperial a republicano, aqui aportavam as idéias de um norte-americano de Massachusetts, Walter Smith, sobre ensino do desenho. Tais idéias eram bastante difundidas, na época, através de vários livros de sua autoria, tendo em Abílio César o seu precursor brasileiro, responsável pela implantação dos métodos de Walter Smith, básicos ao ensino do desenho na escola primária e secundária no Brasil. Estas idéias baseavam-se em que os professores, no ensino do desenho, propusessem ao alunado o conceito de livre-expressão, pelo qual poderia recorrer à sua própria criatividade para expressar suas próprias idéias.

Mas, essa forma de pensar consolidou-se na educação brasileira anos mais tarde. Segundo Barbosa (1988, p. 14): " a idéia de livre-expressão somente alcançou a escola pública durante os anos de 30, quando outra crise político-social, a

mudança de oligarquia para a democracia, exigiu reformas educacionais". Mesmo assim, o movimento pela livre-expressão encontrou obstáculos "quando o movimento para incluir arte como livre-expressão nas escolas primárias estava no auge, o Estado Novo iniciou a repressão no campo educacional 14".

Aquém dos problemas sócio-políticos que influenciaram e quase extinguiram o movimento da arte em direção à educação, muitos educadores conseguiram dar prosseguimento à utilização desses recursos. Assim, o que era, inicialmente, apenas ensino do desenho privilegiando a livre-expressão, engendrou o movimento de arte-educação no Brasil, ganhando novas e variadas formas que hoje compõem uma forma de atividade educativa-terapêutica que implica uma alternativa ou uma forma de educar, advindas de recursos artísticos.

Esse percurso por algumas formas de atividades terapêuticas e educativas que se utilizam da arte teve o propósito de evidenciar como é possível valer-se da articulação entre arte e recursos expressivos em seu desenvolvimento como meios terapêuticos e/ou educativos. Compreender como a arte possibilita, além de uma oportunidade para atualizar o processo criativo humano, vários modos recursivos de realização, de atividades promotoras de criatividade e de criação de sentido para o homem, implica considerar uma possibilidade de intervenção psicológica clínica através de recursos expressivos, por um lado, e de práxis pedagógica, por outro.

Assim, essas formas de trabalho, aqui delimitadas, têm como ponto de partida o entendimento de que os modos de expressão humana, em sua amplitude e diversas dimensões, podem ser recursos utilizados nas práxis terapêuticas e educativas de diversos profissionais. De qualquer modo, a arte parece ser o ponto

14 Ibid., p. 14.

de partida comum ao qual recorrem essas práticas, já que, em seu sentido amplo, ela se refere a um processo de criatividade, de criação e de *poiésis*, abrindo possibilidades para utilização de várias formas de manifestações e meios de expressão que abordem e cuidem de questões relacionadas ao ser humano.

Essas manifestações e recursos advindos da arte consistem naquilo que está sendo nomeado como recursos expressivos. Nesse sentido, é possível o reconhecimento, legítimo e respeitável, de várias atividades terapêuticas antes consideradas alternativas.

Por esta perspectiva, recursos expressivos podem ser compreendidos como aqueles utilizados por profissionais da saúde, ou da educação, com a finalidade de facilitar a expressão humana como possibilidade criadora para o ato transformador. Contudo, como tais recursos provêm e dizem respeito a alguns modos tradicionalmente empregados pela arte como expressão humana, faz-se necessário contemplar a diferença entre ambos os modos e o cuidado de se compreender a arte, da forma apresentada nos tópicos anteriores. Desse modo, é possível distinguir-se práticas terapêuticas e/ou educativas que se valem de recursos artísticos para promoverem intervenções significativas como atenção e cuidado ao sofrimento humano.

É sob esta ótica que práticas de saúde e educação, que se utilizam de recursos artísticos, têm se expandido nas últimas décadas, dado o empobrecimento de canais e meios de promoção da expansão da subjetividade contemporânea. Tal expansão, aliada à sua possibilidade de ocorrência como intervenção em diversos contextos, permitiria uma brecha para uma re-significação possível da práxis e de atitudes por ela demandadas como formas de intervenção de atenção e cuidado.

É precisamente no trânsito entre processo criativo e uso de recursos e materiais artísticos, para se instigar a expressão humana a mostrar-se, que se situam práticas terapêuticas pela arte e oficinas de recursos expressivos. É neste contexto apontado por Morato (1999) que se pode compreender a prática de Oficinas de Criatividade desenvolvidas no SAP (Serviço de Aconselhamento Psicológico da Universidade de São Paulo).

Utilizando-se de recursos e materiais artísticos, acentua-se o aspecto experiencial da atividade, para produção de sentido pela abertura via processo criativo, e não somente a sua expressão na executabilidade da atividade. Primando pela experiência, pode-se compreender como ocorre o próprio processo de criação e produção de sentido no próprio facilitador. Afinal, "Planejar as atividades que serão propostas e os materiais a serem utilizados é (...) uma prática que pode propiciar ao oficinairo a descoberta e a ampliação de sua própria criatividade" (OSTRONOFF E SHIMDT, 1999, p. 338). Desse modo, a prática de oficinas, desenvolvida no SAP, recorre a modos de expressão humana (sensibilização corporal, densitiva e perceptiva), valendo-se de materiais e recursos artísticos (música, plástica, etc.) como ferramentas disponíveis ao uso.

A partir daí, observa-se que existem diferenças entre recursos expressivos e artísticos, necessários a distinguir. Dessa forma, algumas questões se apresentam, embora não respondidas aqui, mas discutidas durante todo este trabalho. O que é instrumento? O que são manifestações artísticas? O que são dispositivos? O que são materiais? O que são ferramentas? O que são utensílios? O que são técnicas? Neste momento, tais questões serão abordadas pela perspectiva pré-reflexiva a partir da qual se apresentaram como introdução. No decorrer dos próximos capítulos, serão compreendidas pela articulação existente entre elas e a prática de

oficinas de recursos expressivos, revelada pelo próprio exercício da prática de profissionais. Afinal, a compreensão do sentido de instrumentos, manifestações artísticas, dispositivos, materiais, ferramentas e técnicas, aparecem implícitas nesses trabalhos. Por ora, serão compreendidas do modo como se apresentam ao pesquisador.

A primeira questão diz respeito ao que vem a ser instrumento. Numa aproximação inicial, instrumento implica duas conotações: a de um objeto que serve para desenvolver um "trabalho"; e a de algo planejado para se alcançar um objetivo. Enquanto objeto, facilmente se pode associar o uso de instrumentos musicais, por exemplo, para compreender a possibilidade de expressão de som percebido. Um instrumento musical serve para promover uma experiência de percepção auditiva e sua expressão. Contudo, pode-se fazer música sem instrumento, recorrendo-se simplesmente ao uso da voz e do cantar. No entanto, o instrumento auxilia o enriquecimento da música a ser expressa, por ampliar a possibilidade de sons, nem sempre possíveis de emissão somente pela voz. Já no outro sentido, o de algo planejado a determinado fim, técnicas de dinâmica de grupo podem exemplificar. De posse desse instrumento, técnica, o facilitador de um grupo pode chegar a determinados fins planejados para aquele grupo e alcançar o objetivo desejado. Neste caso, instrumento/técnica se prestam ao uso específico de um sujeito e seus fins.

Quanto às manifestações artísticas, são utilizadas por profissionais como recursos expressivos, no sentido da criação como expressão humana de comunicabilidade. No nordeste, por exemplo, grupos de idosos recorrem ao forró para se promover um ambiente de dança e descontração, próprio da tradição cultural da região. Na época de festas juninas, é comum organizar-se quadrilhas e

danças típicas para se dinamizar a ação de qualquer grupo. Recorre-se a quermesses, brechós, danças típicas da região, teatro e dança que são manifestações artísticas populares e usuais de grupos em trabalhos com recursos expressivos, valendo-se do folclore regional.

Para se compreender o que seriam dispositivos, Foucault (1979): pode ser uma referência, dispositivo é uma estratégia de ação. Assim, no início de grupo, por exemplo, em geral a ação de apresentação mútua, principalmente quando o grupo não se conhece, pode ser compreendida como estratégia eliciadora de contato, ou seja, para começarem a se conhecer os membros do grupo e, eles entre si, começarem, também, a perceber modos de falar, de se expressar, etc. Em alguns grupos, a própria dinâmica da apresentação já possibilita que os membros do grupo interajam rumo ao encontro subjetivo. Assim, o dispositivo da apresentação já possibilita, de alguma forma, as pessoas a disponibilizarem-se umas às outras, embora essa não seja sua única possibilidade como dispositivo.

No tocante aos materiais utilizados numa oficina ou num encontro grupal, os recursos expressivos são disponibilizados. Eles podem ser tão variados e amplos quanto a proposta de trabalho permitir: desde sucatas a materiais para escritório, tinta, retalhos, papel, lápis de cor, etc. Refere-se à matéria prima disponível para viabilizar-se a expressão através de recursos expressivos.

Do mesmo modo, as ferramentas podem estar também na lista de materiais utilizados na oficina. No entanto, a ferramenta diz respeito a um utensílio que serve propriamente a um determinado fim específico. Assim, a talhadeira do escultor se presta ao uso específico em seu trabalho de esculpir em pedras. Da mesma forma, o pincel do pintor ou o martelo do marceneiro. Contudo, às vezes, por exemplo, podem ser utilizadas agulhas em oficinas de recursos expressivos para se fazer a

roupa do fantoche, ou o pincel, em outro momento, ao invés dos dedos, para se desenhar em uma cartolina ou em uma tela.

Nessa perspectiva, pode-se compreender ferramenta como um artefato que permite ou dá condições de executar-se uma tarefa ou trabalho. Ferreira (1971, p. 125), ao mesmo tempo, define, de forma restrita, ferramenta como "utensílio de ferro de um trabalhador; qualquer utensílio empregado nas artes e ofícios; conjunto de utensílios de uma arte ou ofício". De qualquer modo, revela-se aqui a ambigüidade do sentido de ferramenta, dependendo de que ponto de vista é compreendida: como objeto em si, diz de algo determinado a um fim; mas como objeto à mão, refere-se a sua plasticidade de servir àquilo de que necessita o sujeito que a ela recorre. Assim compreendida, ferramenta aproxima-se de utensílio.

Recorrendo-se, novamente, a Ferreira (1971, p. 326), utensílio, por sua vez, seria: "qualquer instrumento de trabalho de que se utilize o artista, o operário, ou o artesão; objeto que tem utilidade como meio ou instrumento para alguma coisa". Esta é a aproximação com ferramenta, em seu sentido amplo. Contudo, utensílio também pode referir-se a instrumento para uso específico, como no caso de utensílios domésticos. Implica uma ambigüidade bastante próxima à da ferramenta. Neste sentido, tanto ferramenta quanto utensílio dizem de algo que pode servir a alguma coisa perspectivada pela necessidade do sujeito que recorre a eles como meio para a execução de uma ação demandada. Um e outro são objetos que se prestam como meios para o sujeito realizar uma ação necessária.

Este modo de reflexão pode percorrer o sentido de técnica. Técnica vem do termo *techné*, que em grego designa a forma de se fazer arte. No entanto, na contemporaneidade, as técnicas perderam o sentido de ofício que faz saber, dizendo da forma de fazer ou, ainda, do jeito de fazer algo, para ganhar o

significado de procedimentos específicos e metódicos para se realizar e se fazer algo. Dentre as modalidades da prática clínica, a dinâmica de grupo poderia ser assim caracterizada. Implica o emprego de algumas técnicas para o trabalho em grupo e com grupos, com procedimentos determinados para identificar e trabalhar liderança, promover integração grupal ou coesão, por exemplo. Ou seja, determina exercícios e atividades específicos para determinados fins. Foi a partir desse emprego que passou a ser aplicada a contextos organizacionais.

No entanto, considerando-se a dinamicidade de um grupo, para a compreensão clínica implicada, tais técnicas não são suficientes para direcionar o caminho do grupo apenas a questões previstas. Para além da técnica como procedimento, o fazer clínico remete à *techné* grega, do fazer/saber demandado pela imprevisibilidade como acontecimento. É neste sentido de saber de ofício que a técnica faz-se presente na pintura e nas artes. Cursos e workshops de experimentações de outras técnicas contribuem na formação do artista e na "lapidação" de outras formas de uso de materiais no seu percurso de descobrir outras possibilidades artísticas através do modo de ser artesão-artista.

Por esta compreensão, falar em instrumentos, manifestações artísticas, dispositivos, materiais, ferramentas, utensílios e técnicas, implica repensar o sentido de recurso. Busca-se compreendê-lo como possibilidade recursiva, referindo-se a como se pode recorrer a qualquer elemento concreto ou dimensão, quando for necessário ou percebido como necessário se fazer uso daquilo que estiver à mão para produção de sentido. Contudo, é prudente articular que fazer uso de recursos artísticos ou expressivos, para produção de sentido, não acarreta sua utilização, recorrentemente, em qualquer situação. Dispor de recursos dessa forma seria o mesmo que recorrer a técnicas. É nesse sentido que a atitude clínica de facilitador

se disponibiliza: compreende escolher ou não recorrer a recursos e quais. Implica em disponibilizar-se como facilitador para poder "lançar mão", conforme sua própria experiência e percepção em relação a si próprio, ao grupo e ao momento "existencial" que o grupo atravessa, do que possa apresentar-se como meio para encaminhamento de uma demanda percebida.

Assim, falar em prática com recursos expressivos refere-se à promoção de atividades, recorrendo-se a dinâmicas de grupo, a atividades com artes plásticas, com artesanato, com música, com expressão corporal, pintura e diversas outras manifestações artísticas ou técnicas concernentes ao âmbito das artes, no âmbito das artes, como manifestações de expressão humana. Implica fazer uso de modos possíveis de expressão para criação de sentido em um grupo de sujeitos numa determinada situação. Nesse sentido, é uma prática clínica para a compreensão da experiência de ser humano de cada sujeito, recorrendo à sua expressão para melhor situar-se em relação a si mesmo e aos outros, isto é, nas relações intra e intersubjetivas. Esta é a dimensão terapêutica de uma prática com recursos expressivos, a partir da atitude clínica de atenção e cuidado.

Desse modo, recursos expressivos podem ser considerados como meios para organização de atividades, como dispositivos para possibilitar o processo de criação e de criatividade como experiência humana. Contudo, por outro lado, a história da humanidade revelou como o homem desenvolveu um fazer artístico para expressar, comunicar, dar sentido a algo que, muitas vezes, nem a fala nem somente a verbalização dão conta. Esse registro ou essa comunicação não verbal têm formas singulares de manifestar-se, configurando-se em um tipo de linguagem, com signos, símbolos e significações próprias. É por esse modo que a experiência subjetiva pode ser compartilhada, fazendo-se coletiva pela transmissão oral do saber de

ofício. Nessa perspectiva, arte como *poiésis* e prática clínica via recursos expressivos entrecruzam-se com a própria história da humanidade do homem, legitimando-se, em certa medida, como elemento constitutivo da sua historicidade e identidade, ou, em outras palavras, de cultura e subjetividade.

Revelada essa sua possibilidade de transmissão para conhecimento, os recursos expressivos podem agora ser considerados, ainda, em uma dimensão pedagógica. Oferecem-se como meio educativo para a aprendizagem de saberes de ofício como condição humana de conhecimento e criação de sentido. Mas esta é uma outra história, que fica para mais adiante.

Os recursos expressivos apresentam algumas singularidades que convém explicitar, tanto no que diz respeito a manifestações artísticas quanto aos materiais utilizados. A manifestação é a forma artística de expressão, que pode, ou não, utilizar materiais para sua expressão.

Assim, no canto, utiliza-se um recurso expressivo próprio: a voz. Este recurso, como também o da expressão corporal na dança, a atuação do ator na representação, mais as piadas dos humoristas e algumas manifestações folclóricas independem de utensílios e materiais para poderem ser expressas.

Contudo, essa possibilidade de usar o que se tem de mais à mão, que é o próprio recurso, não diminui a significação de se recorrer a elementos outros. Nessa perspectiva, a utilização dos materiais e recursos apresentam três fatores interessantes: a) compor a performance expressiva; b) ser instrumento para a elaboração artística; e c) oferecer como ferramenta para a execução do fazer artístico. Desse modo, no teatro, a indumentária, a roupa, o figurino e o cenário são fundamentais como conjunto para se comunicar sentido. Para o músico, o violão é

sua via de expressão artística; da mesma forma, sucata pode transformar-se em obra de arte, pois é somente um meio para expressão de sentido.

2. OFICINA DE CRIATIVIDADE:

dispositivo para a clínica, recurso para a supervisão.

As Oficinas de Criatividade caracterizam-se como espaços de elaboração da experiência pessoal e coletiva através do uso de recursos expressivos, tais como movimento corporal e atividade de expressão plástica e de linguagem

(SCHIMIDT E OSTRONOFF, 1999, p. 335)

A Oficina de Criatividade foi inventada com a função (...) de criar um espaço para que os alunos pudessem dirigir o olhar para si mesmos (...) e que pudessem, de alguma forma, consolidar essa atitude experimentadora como condição básica para o trabalho, presente ou futuro, que viessem a desenvolver.

(CUPERTINO, 2001, p. 21-22)

(...) cada vez mais num espaço em que a criatividade, da condição inicial de figura, passava a fundo de um contexto para experimentar/experienciar situações pessoais (...)¹⁵.

Neste capítulo, abordaremos as questões relacionadas a Oficina de Criatividade que nos parece importante no contexto deste trabalho, objetivando de relacioná-la com a Gerontologia e com a Supervisão de Apoio psicológico.

Procuraremos articular os pressupostos que norteiam estas construções teóricas, embora saibamos que todas elas ainda carecem de sistematização, discussão e produção científica para melhor se constituírem. Ainda que os estudos

¹⁵ Ibid., p. 22.

realizados se mostrem consistentes, e nos ofereçam um suporte seguro, se encontrem, não obstante, em fase embrionária, é importante esclarecer que não é nossa proposta esgotar esta discussão, mas, tão somente, a de compreender e, se possível, colaborar para o aprofundamento dessas temáticas.

2.1. Gerontologia. recursos expressivos e Oficinas de Criatividade.

A pesquisa que desenvolvemos no curso de especialização em Gerontologia (2002): *A experiência de profissionais e recursos expressivos: práticas em grupos de idosos* que apontou para a necessidade de sistematização de alguns trabalhos realizados por profissionais em grupos de idosos e, mais importante, suscitou a preocupação quanto ao cuidado dirigido aos próprios profissionais que têm como função o cuidar de idosos.

Observamos que estes profissionais que têm essa função de cuidado com o idoso, necessitam, eles mesmos, serem cuidados; acreditamos que, através deste suporte, poderão encontrar "espaços" para discussão de suas experiências e mais segurança na realização de suas funções que freqüentemente não lhe são oferecidos.

Numa releitura do referido trabalho, pudemos observar que apesar de desenvolverem, muitas vezes, trabalhos significativos, arrojados e inovadores, estes não são considerados pelas instituições, o que também contribui para a pouca motivação com o trabalho desempenhado, o levando muitos profissionais a pensarem que seus trabalhos não têm valor ou sentido. Há, ainda, falta de registros acerca dos trabalhos realizados nas instituições, o que impossibilita ao profissional,

ter parâmetros de avaliação acerca do serviço que está prestando ou mesmo dos projetos que desenvolvem. Ou seja, há poucos "espaços", ou nenhum, de atualização e cuidado com o saber/fazer desses profissionais.

Nas palavras de 80ft (2000, p. 33):

"cuidar é mais que um *ato*; é uma *atitude*. Portanto, abrange mais que um *momento* de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro".

Este autor utiliza a noção de Heidegger para construir o conceito de cuidado que utiliza. Assim, surge o livro *Saber cuidar: ética do humano -compaixão pela terra*, que toma o cuidado como um modo-de-ser do homem. Nesse sentido o homem não se constitui do cuidado ele é cuidado:

Quer dizer, cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial, sempre presente e irreduzível à outra realidade interior. É uma dimensão fontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada. (o modo de ser cuidado revela a maneira concreta como é o ser humano,,16.

É importante assinalar a dimensão ética que 80ft (2002) nos dá quando formula seu conceito de cuidado. Ainda mais, a questão do mundo expressada pela frase "compaixão pela terra", que nos remete a intenção de localizar o homem como um ser que está em constante relação com outros e com o mundo. A dimensão do

16 Ibid., p. 34.

cuidado é ontológica no ser humano e, na clínica se desvela quando o profissional se "inclina" na direção do seu "cliente", no intuito de disponibilizar-se ao encontro intersubjetivo que propõe.

A dimensão do cuidado se desvela no saber/fazer da clínica psicológica na contemporaneidade. De fato, a Fenomenologia Existencial proposta por Heidegger nos dá uma grande possibilidade de compreensão desta dimensão. Por acharmos importante esta dimensão, é que vamos citar, de forma sucinta o que Inwood (2002, p. 26, grifo do autor) define como cuidado a partir de Heidegger:

Sorge, 'cura (cuidado)', é 'propriamente a ansiedade, a preocupação que nasce de apreensões que concernem ao futuro e referem-se tanto à causa externa quanto ao estado interno' (...). o Verbo *Sorgen* é 'cuidar' em dois sentidos: (a) *sich sorgen um* é 'preocupar-se com' algo; (b) *Sorgen fur* é 'tomar conta de, cuidar de, fornecer (algo para)' alguém ou algo.

Sabemos que a questão do cuidado tem muitas outras "faces" que podem ser exploradas, tanto na Psicologia quanto em outras áreas da filosofia e das ciências. No entanto, queremos apenas evidenciar a existência da dimensão cuidado na clínica psicológica.

Em psicologia, a atividade de cuidar do profissional psicólogo se dá através supervisão, constituindo-se como trabalho clínico na formação do psicólogo. Falaremos de forma superficial em supervisão neste momento, pois queremos ressaltar que é preciso cuidar de quem cuida, no intuito de que este profissional que cuida, uma vez cuidado, possa desenvolver, da melhor forma possível, sua função. Além disso, esse profissional também necessita significar e re-significar sua práxis profissional, e, em alguns momentos, re-pensar o "ser si próprio", no sentido de

proporcionar uma atitude de responsabilidade no trabalho que desenvolve e, quando possível, até mesmo em sua própria vida pessoal.

Nossa proposta é cuidar, através de apoio psicológico, de quem cuida. Desde a perspectiva da psicologia clínica fenomenológica-existencial, a noção de cuidado é fundamental no serviço que prestamos ao cliente. A palavra clínica quer dizer debruçar-se sobre o leito. Assim o psicólogo clínico inclina-se para o cliente, proporcionando cuidado, tal como o médico cuida de seu paciente no leito, quer seja em seu lar, quer seja no hospital. Cuidar de quem cuida é práxis importante na clínica psicológica e, via de regra, se dá através da supervisão. A supervisão como uma forma de apoio psicológico, proporciona aquele "espaço" em que se pode trabalhar aspectos afetivos e cognitivos do saber/fazer profissional e a prática no dia-a-dia, fomentando uma discussão e buscando-se formas de "enfrentamentos" a fim de conhecermos melhor nossas capacidades e dificuldades, no intuito de superar problemáticas que se nos apresentam no cotidiano de nossas funções.

O que estamos propondo, então, é a utilização da oficina de criatividade como recurso para a supervisão clínica e como possibilidade de apoio e cuidado. Esta atividade pode servir para uma abertura à compreensão das problemáticas, dificuldades e necessidades destes profissionais e, conseqüentemente, quando possível, auxiliar na superação das mesmas. Assim, parece-nos importante dispor de uma Oficina de Criatividade como uma forma de serviço que nos parece pertinente aos profissionais e instituições vinculados ao idoso; ao mesmo tempo, acreditamos que esse serviço possa nos auxiliar na compreensão das oficinas de criatividade como forma de apoio e de recurso para a supervisão psicológica.

Com o intuito de dar continuidade ao trabalho desenvolvido na especialização, nossa preocupação agora é desenvolver uma atividade em que o

fazer artístico esteja envolvido. Naquela oportunidade investigamos a experiência e a percepção dos profissionais quanto ao uso de recursos expressivos nos trabalhos que desenvolvem. Aqui, estamos preocupados em disponibilizar um trabalho com Oficina de Criatividade, que também utiliza de recursos expressivos, para profissionais que lidam com idosos.

Há poucos estudos na Gerontologia¹⁷ quanto ao uso destes recursos no trabalho com idoso. Aspectos da arte e terapias que se utilizam de recursos expressivos, estão sempre introduzidas nos grupos de idosos, embora haja escassez de pesquisas quanto a contribuição que estes recursos oferecem aos grupos. É possível que isto se deva ao fato de que a Gerontologia no Brasil tem uma história recente. Convém ressaltar que somente no final da década de 70 começou-se a perceber a importância de estudos vinculados à terceira idade no país. A especialidade médica de Geriatria foi a única via de cuidado para com o idoso por muito tempo e, em alguns lugares do país, tem ainda, papel principal no atendimento a essa população.

A partir do final da década de 70, outros profissionais, notadamente os assistentes sociais, passam a ter, além da demanda, uma preocupação com a população idosa do país que há décadas vem aumentando e tornando-se um contingente digno de ser estudado e de inspirar cuidados. O aumento do número de idosos, a perspectiva de maior longevidade e conseqüente elevação da expectativa de vida impeliram os profissionais a se agrupar em um campo de conhecimento científico interdisciplinar para compreender, estudar e intervir nesse fenômeno humano, cuja abrangência no Brasil, hoje, é estimada em uma população entre 8%

17 Campo do conhecimento científico que estuda o envelhecimento humano.

a 9% da população, segundo dados do IBGE¹⁸. Mesmo assim, convém lembrar que a Gerontologia tem menos de três décadas de estudos, o que nos faz pensar que ainda é cedo para que possamos ter uma melhor teorização dos vários campos e disciplinas que estudam a terceira idade.

Gostaríamos, no entanto, de ficar à margem das discussões acerca da Gerontologia e nos atermos em reflexões acerca da Oficina de Criatividade para idosos. Encontramos nos trabalhos desenvolvidos por Quintino (1999), um bom direcionamento para uma proposta dessas oficinas específicas para o idoso. Em seu artigo *Oficina de Criatividade para a Terceira idade: resgate e reapropriação da história pessoal*, Quintino parece dar margens a um trabalho onde as reminiscências possam brotar a partir de recursos da narrativa, em que as metáforas emergem e incorporam-se à experiência como num trabalho da tecelã-costureira ao fazer uma colcha de retalhos. Experiências costuradas por "fios" de vivências de diferentes fontes, quer sejam: dos facilitadores, do grupo na oficina ou, no caso em específico dessa oficina relatada, de um grupo de estudos que tem por objetivo pesquisar as temáticas sobre Oficina de Criatividade.

Podemos perceber, ainda a partir de Quintino (1999), que aspectos diferentes aparecem em cada encontro dessas oficinas. Surgiram, com o passar do tempo, convites para trabalhar em grupos de terceira idade, convites que requereram elaboração, que geraram novos projetos relacionados às formas de condução e intervenções conforme o grupo de idosos que poderia ser alcançado e, principalmente, apontamos para o reconhecimento das oficinas. Vale ressaltar que, para a autora, o objetivo final destes grupos, "o arremate", seria a procura de sentido, sua apropriação e, às vezes, simples resgate de coisas significativas. O

¹⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

resgate, apropriação e reapropriação da história de vida pessoa] dos participantes mostraram-se um bom caminho, talvez o caminho "natural" desse tipo de grupo. Os aspectos atemporais trazem consigo a força do vivido. Passado e futuro mesclam-se nas vivências e tornam significativo o reviver de momentos mais presentes ou mais passados, atualizando a força da vida que surge no tempo e espaço vividos. O momento atual, a infância, a adolescência, a juventude, o percurso de vida narrado vivificam-se e tornam-se presentes. As reminiscências têm um espaço de expressão, e podem nos levar a um momento terapêutico precioso.

Apesar de propormos a utilização de uma oficina de criatividade, e considerando que todos esses aspectos descritos por Quintino têm importância, não estamos afirmando que esse tipo experiência com atividades terapêuticas se resume a uma atividade com oficinas. Muito pelo contrário. Muitos profissionais têm feito vivências e trabalhos com bons resultados. Assim, não acreditamos que passar ou repassar uma técnica acerca de como fazer oficina seja suficiente para capacitar os profissionais, os quais queríamos trabalhar, mesmo por que muitos deles já fazem bem seus trabalhos com terceira idade.

Assim, a forma de utilizar as oficinas de criatividade em gerontologia, tal como a percebemos, podem servir de subsídios às pessoas que cuidam dos idosos. Seria a possibilidade de utilizar, em supervisão, da Oficina de Criatividade como dispositivo 19. Estamos falando, então, de dois fatores na formação do profissional que cuida do idoso. Trataremos de ambos posteriormente. O primeiro é o fator supervisão. O segundo é a oficina de criatividade como potencializadora das discussões, como recurso para que o próprio profissional tenha onde "recarregar-

19 Dispositivo aqui é visto como estratégia englobando vários aspectos heterogêneos para intervir em algo. Essa noção advém de Foucault e será comentada com mais detalhes no corpo deste trabalho.

se" e redimensionar as suas próprias possibilidades de ser, agir, e de laborar junto ao seu público alvo e, nesse sentido, tornado-se um dispositivo que pode ser perfeitamente articulado com a supervisão.

As experiências com grupos utilizando-se de oficinas nos mostram a necessidade de criar espaços para que possamos redimensionar as vivências e, porque não dizer, reinventar nossa própria existência, tanto nos aspectos profissionais, quanto, quando possível, nos pessoais. Promover um espaço onde os fatores afetivos e cognitivos sejam, contemplados e trabalhados. A oficina seria um lugar, um espaço para conversa, lugar lúdico de expressão e espaço de atualização de experiência e de labor... Labor de outra forma... Labor de outro jeito... experiência com sentido... Sentindo ao fazer, ao fazer-se.

2.2. Oficina da Criatividade

Vislumbrar a utilização de oficinas de criatividade como uma via de trabalho do psicólogo é procurar também outras formas de fazer e de pensar a clínica psicológica, contribuindo para a possibilidade de expansão do fazer clínico. Esse fazer clínico a tempos não se limita, em sua ação terapêutica, apenas àquelas práticas desenvolvidas em consultório particular. A partir da década de 80, a psicologia clínica no Brasil começa a construir novas formas de atuação e intervenção que se diferenciam dos atendimentos individuais e de grupos até então estabelecidos. A clínica passa a ser redimensionada o que amplia o campo de atuação destes profissionais.

Observamos, no cotidiano atual das práticas psicológicas, a emergência de várias propostas, inclusive a de algumas relacionadas a trabalhos com oficinas, sob as mais variadas denominações e títulos (laboratórios, vivências, cursos, etc.). No entanto, no que diz respeito ao trabalho com oficinas, é importante frisar que estas não se restringem à atividade clínica, mas, ao contrário, estende-se a práticas desenvolvidas em outras disciplinas. Em Congressos, Encontros, Seminários e Amostras, das mais diversas áreas vinculadas às ciências humanistas, sociais e de saúde, podemos encontrar propostas de oficinas, vivências, workshops e minicursos, com as mais variadas temáticas. O que se pode observar é que a proposta de oficina, já encontra um certo "eco" dentre os profissionais que trabalham em algumas áreas de ciências humanas, já alcançando algum êxito.

Neste estudo, queremos considerar o trabalho desenvolvido a partir do que chamamos de Oficina de Criatividade. Para tanto, fomos averiguar o sentido mais histórico da palavra oficina, que usualmente está vinculada ao local onde se desenvolve um trabalho específico, um ofício. No dicionário Aurélio, encontramos a definição de oficina como sendo o lugar onde se exerce um ofício; laboratório. Assim, temos, ainda hoje, as oficinas mecânicas, as marcenarias, etc. No entanto, queremos ressaltar outros sentidos para o termo oficina: "Permitam-me alçar vôo. A palavra 'oficina' nos remete, arcaicamente às corporações medievais à arte de aprender" (JOROAO, 2000, p. 331). O sentido, então, que encontramos no pensamento de Jordão, é o de que a oficina é lugar de fazer arte, de aprender um ofício, um trabalho, o ato de laborar.

O trabalho nas oficinas, desde sua origem, deu o significado à palavra ofício como sendo o labor, o trabalho que era desenvolvido. Este trabalho era repassado aos aprendizes, filhos, familiares, pessoas próximas ou empregados da oficina.

Como há na manufatura um toque de arte, no sentido de que não se produzia em grandes escalas e em série, como nos processos de produtos industrializados, o fazer da oficina requeria um labor -palavra que dá origem à elaboração e a laboratório -do manufaturado, que seria, guardadas as proporções artísticas, artefato criado "quase" que por um artesão. Quase? Ou seria mesmo um artesão? Em certo sentido ousamos dizer artesão, considerando o fazer artístico, a criação e criatividade implícitas na elaboração do trabalho nas oficinas. Tanto que muitas peças produzidas por marceneiros são vistas, colecionadas e valorizadas tal qual obras de arte.

As oficinas nos remetem a uma época em que o homem começa a desenvolver estruturas sociais de produção, que nos lembram o trabalho, a produtividade e os modos de produção, apesar de sabermos que já existiam estruturas sociais de produção desde a antiguidade. Não há, pelo menos que saibamos, uma definição acerca do período histórico em que as oficinas começaram a existir. No entanto, se pensarmos nessas estruturas arcaicas de produção, encontraremos, na idade média e nas corporações medievais, o sentido fundamental dos modos de produção e do trabalho à semelhança, guardadas as proporções, de como passamos a conceber as questões trabalhistas na modernidade e após ela: como produção. Se nos propormos a compreender o trabalho a essa época como sendo de cunho artesanal, podemos então apreender o conteúdo artístico dessas oficinas. De certo que o oficineiro-artesão utiliza-se de um "espaço", um local para desenvolver seu labor, "espaço" e "local" estes que teriam as possibilidades recursivas que pudessem proporcionar a "confecção" do seu produto artesanal.

Tal qual o cientista tem seu laboratório, a partir do advento das ciências modernas, o oficineiro teria a sua oficina. Notemos então, que ambos, cientista e oficineiro, têm um lugar de labor, de trabalho, onde ambos, cada um em seu ambiente e da sua própria forma, desenvolvem seu ofício. No entanto, o resgate da oficina aqui se faz necessário, pois o conteúdo de ensino-aprendizagem da herança que o oficineiro repassaria ao aprendiz, nos dá uma outra dimensão do trabalho, que não, apenas, modo de produção ou, de outra forma, de ser apenas um trabalho para sobrevivência. Na oficina o aprendiz seria iniciado na arte de aprender e aprenderia criando, e, criar fazendo, e, por fim, ao fazer, fazer-se.

De pai para filho, uma arte, um ofício era ensinado e este era cravado na 'alma' do oficineiro. então, oficina como arte de aprender, oficina como destino. oficinas também como ponto de encontro dos que iam e vinham, tornando-se o feixe de narrativas então. lá o indivíduo praticava o seu ofício, mas também dava asas ao voo de sua imaginação²⁰.

Importante nos é compreender que esse lugar de ofício ou de aprender a fazer e fazer-se fazendo, era também o lugar das narrativas. O "encontro" proporcionado nesse local de ofício, entre os que "iam e vinham", geravam a possibilidade das construções históricas, oportunizadas por esse "contexto de vida artesanal", como Carvalho (1999, p. 378) nos diz:

As narrativas floresceram em um contexto de vida artesanal, comunitária, fonde, movidos por uma outra forma de vivenciar a temporalidade e , espacialidade (elementos constituintes do existir humano), os homens sentavam em rodas contando o que haviam vivido.

Podemos observar então, as narrativas entre o oficineiro e o aprendiz que se passavam no próprio lugar de ofício, lugar este em que pessoas transitavam e que,

²⁰ Ibid., p. 331.

tanto nesse trânsito quanto na relação entre oficineiro e aprendiz, as pessoas poderiam se encontrar. Esse encontro é subjetivo, entre subjetividades. Assim, a oficina como lugar de trânsito é o lugar, também, de encontro intersubjetivo. Lembremos que esse encontro está num contexto. Contexto em que "(...) os homens sentavam em rodas contando o que haviam vivido²¹", estavam implicados em noções de tempo e espaço que são fundamentais na história, ou para as construções históricas, pois os fatos e ocorrências estão intimamente vinculadas ao contexto em que acontecem. As narrativas permitem o "experienciar" da história, a compreensão dos fatos, significados e sentidos dos acontecimentos. Assim:

As histórias transmitem um certo modo de sentir a vida, de relacionar-se com a natureza e de prover os meios para sua subsistência. De uma maneira muitas vezes sutil, enigmática, na qual os inúmeros sentidos das mensagens eram desvelados a partir do modo como o ouvinte entrava em sintonia com a história, os contos transmitiam ensinamentos, 'conselhos' sabiamente comunicados por quem bem viveu²².

Aquele que conta a história é o narrador (BENJAMIM, 1995), que se utiliza de narrativas para comunicar sua experiência ou a sua compreensão das experiências outras dos outros. Assim, durante muitos séculos o homem desenvolveu sua própria história. História essa que era repassada através da cultura, seja na forma de "contação" de história, ou através de manifestações artísticas, pinturas, danças, músicas ou ofícios. Carvalho (1999, p. 378) também nos fala acerca da figura do narrador, a partir de Walter Benjamin:

o narrador contava aquilo que experienciava, ou, ainda, a experiência que outros tinham relatado. E, quando contava, ia ampliando a experiência dos ouvintes. Benjamin elucida ainda a inteireza do narrador, que unia sua corporeidade àquilo que comunicava. Como ainda não havia uma forte

21Ibid., p. 378.

22 Ibid., p. 378.

cisão entre movimento corporal e pensamentos, entre trabalho manual e intelectual, a comunicação era mais inteira. Nesse sentido é que Benjamim nos fala de uma comunicação que ocorria artesanalmente , já que envolvia um movimento integrado que unia mãos, olhos e alma.

Visto, então, que a oficina seria um lugar onde havia a possibilidade do encontro intersubjetivo, de narração e construção histórica, podemos observar também outro sentido para o termo oficina, enxergando como o local de conserto das coisas. Ou seja, é o local onde o utensílio danificado pode receber um cuidado e ser consertado, ajeitado e ou re-trabalhado:

De um outro lado, o mais rústico, as oficinas também nos remetem às atividades de conserto, de mecânicas, às de costura, dos sapateiros... local de repor, trocar, endireitar algo. Algo que não anda, algo que não funciona e que precisa ser recolocado. Algo que precisa retomar o ritmo pertinente a um grupo, é refazendo que eu posso retomar o ritmo da vida (JORDÃO, 1999, p. 331).

Nos parece válido observar dois significados do termo oficina que seriam interessantes no sentido analógico ou metafórico para a clínica psicológica: a oficina como lugar da arte, do criativo, do aprender e das narrativas, e a oficina como lugar de conserto, do fazer funcionar, de atualizar o ritmo da vida. A proposta da clínica tem esses elementos: cuidado e criação.

As prerrogativas, cuidar e criar, ganham notoriedade nas Oficinas de Criatividade, a partir do momento em que destacamos os trabalhos expressivos e as formas artísticas que são desenvolvidas. Neste trabalho, a facilitação, por parte doicineiro e do grupo de trabalho, de processos onde as pessoas possam estar à vontade para se expressar, laborar e construir criativamente o seu próprio "estar no mundo", é que viabiliza os processos de atualização através da vivência e da subjetiva, do vivido e do pré-reflexivo: "As oficinas terapêuticas

expressivas podem devolver ao indivíduo esse caráter de inserção, de produção, de sonho, de recuperação de sua alma²³”.

Podemos criar um espaço de livre expressão humana, no sentido de ter nos recursos expressivos (corporais, de sensibilização sensorial, música, manifestações folclóricas, artesanato, etc.), uma via que possibilite o “aflorar” e o “elaborar” de experiências pessoais e sociais que possam servir de redimensionamento e reflexão acerca da vida, onde os processos criativos possam fluir: “Os exercícios propostos, a partir de atividades corporais e utilização de materiais expressivos, permitem aos participantes que se expressem de um lugar onde sensorialidade permite ao participante uma criatividade que flui mais livre²⁴”.

A proposta de desenvolver Oficinas de Criatividade é utilizá-las como um dispositivo instrumental vinculado à clínica, objetivando proporcionar atividades onde cuidado e criação possam ser desenvolvidas e/ou possibilitadas. As características e amplitude dos trabalhos que podem ser desenvolvidos através dessas oficinas, traz consigo um caráter terapêutico, presente na clínica:

Poderíamos também colocar para nossas oficinas de Aconselhamento Psicológico que é no ato consciente e re-experimentar os sentidos -tocar, ouvir, cheirar, movimentar, olhar -que as penas se propõem ao desejo de se inserirem na vida, de retomarem o seu caminho²⁵.

As noções de oficina de criatividade que estamos trabalhando até aqui, advém, e são desenvolvidas, do Aconselhamento Psicológico do Plantão Psicológico do IPUSP, dando-nos possibilidades de dimensionar a amplitude que podemos alcançar através destes trabalhos, bem como as várias perspectivas.

23 Ibid., p. 378.

24 Ibid., p. 333.

25 Ibid., p. 334.

quanto ao poder de alcance do trabalho clínico a partir da expressão e expressividade humana.

Morato (1993), nos trata acerca da aprendizagem significativa, como sendo um conceito nuclear para compreensão da Oficina de Criatividade, principalmente em relação ao processo desenvolvido com profissionais das áreas de saúde e educação. Para ela, tanto a Oficina de criatividade quanto a Supervisão de Apoio Psicológico (que veremos mais tarde), são modalidades do Aconselhamento Psicológico que, através da aprendizagem significativa, podem intervir no conhecimento e no exercício das profissões quanto aos aspectos afetivos e cognitivos.

Dimensões cognitivo-afetivas presentes em processos de aprendizagem precisam ser contempladas. Na medida em que o profissional é chamado a participar de um processo de relacionamento também humano, a experiência para essa formação é francamente complexa. Faz-se premente a articulação entre teoria, a prática e o processo de crescimento pessoal envolvidos nesse processo, para que sua atuação possa constituir-se como experiência significativamente humana, e não meramente técnica (...). É nesse contexto que a aprendizagem significativa impõe-se como experiência nuclear em processos de ensino-aprendizagem, condição para a articulação mencionadas.

Gobbi e Missel (1998), propõem a aprendizagem significativa como sendo uma aprendizagem experiencial, tomando como referência os trabalhos desenvolvidos na Abordagem Centrada na Pessoa, mais precisamente no trabalho de Carl Rogers relacionados com educação. No entanto, o próprio Rogers (1997) em seu livro Tornar-se Pessoa, acaba por ampliar a ocorrência desse conceito na psicoterapia e na abordagem Centrada na Pessoa, ou seja, de forma geral, nas relações humanas. Gobbi e Missel (1998, p. 28) escrevem acerca da aprendizagem experiencial, que consideram o mesmo que aprendizagem significativa:

Modelo de aprendizagem descrito por Rogers (...) que possui como características centrais: a) tem a qualidade de um envolvimento pessoas, ou seja, é engajada, total (envolve o cognitivo e o sensível); b) Inicia-se no próprio aluno interessado, parte de sua própria motivação; c) É penetrante, produz mudanças significativas e profundas na pessoa; d) É auto-avaliada, ou seja, o próprio aluno define -com base em suas necessidades e objetivos -o nível de aprendizagem; e e) é pautada no significado.

Rogers, segundo Morato (1999, p. 36), articula a aprendizagem significativa “pela distinção de duas categorias de experiência, a saber, memória repetida e aprendizagem experiencial”. Para ampliar a discussões acerca de tal aprendizagem, essa autora traz para a discussão a noção de que Gendlin (...) orienta-se por uma sintonia existencial (...). Na concepção de Gendlin, aprendizagem significativa seria processo de compreensão e conhecimento para atribuição de sentido a relações e situações experienciadas" (p. 36).

Morato (1999) continua:

Ou seja, aprendizagem significativa é uma ação compreensivamente articulada, permitindo ao homem abertura ou mudanças pela experiência de encontro consigo mesmo, com o mundo e com outros homens. Uma tal compreensão possibilita que se aprenda nas situações experienciadas, nas quais, podendo "trazer de volta" (atualizar o passado) para, lançando-se adiante (projetando-se ao futuro), transformar-se. Nesta perspectiva, compreender algo na própria ação propiciada, ao mesmo tempo, uma compreensão de si e de seu modo de ser humano em meio a outros²⁷.”

Por fim, Morato (1999) acaba por definir aprendizagem significativa referindo- a como sendo a via pela qual afeto e cognição articulam-se, abrindo espaço para aproximações entre pedagógico e psicológico, afirmando e solidificando a aplicação deste termo por Rogers (1997), no livro Tornar-se Pessoa, quando ele próprio sugere que a aprendizagem significativa está envolvida tanto em processos

26 Ibid., p. 36.

27 Ibid., p. 36.

educacionais quanto terapêuticos, no sentido de que há sempre, nesses processos, e talvez para que eles sejam bem sucedidos, uma articulação entre afeto e cognição. “Dessa forma, aprendizagem significativa é criação de sentido, no qual afetos e cognições articulam-se abrindo espaço para aproximações entre pedagógico e psicológico 28, “

Assim, a noção de aprendizagem significativa pode ser perfeitamente compreendida nas Oficinas de Criatividade quando estas também se propõem a ser espaço para criação de sentido: “As oficinas terapêuticas expressivas podem devolver ao indivíduo esse caráter de inserção e produção, de sonho, de recuperação de sua alma” (JORDÃO, 1999, p 331).

Visto o caráter da aprendizagem significativa, Jordão (1999) comenta que as oficinas de criatividade não têm um caráter de terapia, mas, sim, um caráter terapêutico, o que não nos faz remeter e nem relativizar esse trabalho, ao trabalho de uma psicoterapia de grupo, por exemplo, o qual tem caráter de processo terapêutico e de terapia psicológica que norteiam o sentido desse tipo de processo grupal. Ambos, psicoterapia de grupo e oficina, têm os mesmos germes de confiança no processo, nas atitudes facilitadoras e a crença na potencialidade criativa dos indivíduos. No entanto, as oficinas têm se voltado à aprendizagem significativa, onde os exercícios propostos e a função grupal estão voltados para a utilização de atividades corporais e de materiais expressivos, que permitem a expressividade, e que consintam ir a um “lugar” de sensoriabilidade, a fim de disponibilizar, ao participante, a produção de processos criativos e de criação que fluam livremente a partir da expressão, seja essa expressão verbal ou não.

28 Ibid., p. 36.

Um outro fator interessante é o fato de que em uma oficina temos inúmeros utensílios que facilitam o trabalho do oficineiro. O marceneiro tem martelos, pregos, madeiras e serras que viabilizam seu trabalho, assim como o sapateiro e o artesão. Em oficinas expressivas utilizam-se materiais de possibilidade criativa. Assim, pode-se disponibilizar uma série de recursos para um fazer na oficina, afim de "(...) reavivar no indivíduo o seu conteúdo existencial" 29.

Nas oficinas dispomos de materiais e recursos como aqueles utilizados na arte: desenho, pintura, lápis, papel, tinta, música, dança, argila, sucata, enfim, materiais e recursos que em princípio seriam utilizados para fazer arte, e que na clínica, em determinados momentos, surgem com fins terapêuticos. ~ bem verdade que o uso destes recursos, diferente da arte, não tem o intuito de preparar o aluno a desenvolver seu potencial artístico de expressão.

Certa diferenciação se faz quando pensamos no intuito do grupo de Oficina de Criatividade, principalmente nas dimensões cuidado e criação que se embrincam no fazer clínico psicológico. O que queremos acentuar, então, é que a arte traz uma possibilidade terapêutica que vai além do fazer artístico, da técnica utilizada e da beleza. Podemos nos aperceber, então, que os recursos expressivos advindos da arte trazem consigo a possibilidade da *poiésis*, da criação, de ser do homem. É através da arte que o indivíduo poderá ser onto-poiético. Falar de arte é falar da capacidade de criar, de criatividade. Nesse momento, se faz jus citar novamente Nietzsche (1983, p. 28, grifo do autor), no intuito de podermos lembrar do vínculo da arte com a existência:

29 Ibid., p. 36.

A arte e **nada mais que a arte!** Ela é a grande possibilitadora da vida a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida.

A arte como única força superior contraposta a toda vontade de negação da vida. como o anticristão, antibudista, antiniilista par excellence.

A arte **como redenção do que conhece** - daquele que vê o caráter terrível e problemático da existência, que quer vê-lo, do conhecedor do trágico.

A arte **como a redenção do que age** - daquele que não somente vê o caráter terrível e problemático da existência, mas o vive. quer vivê-lo, do guerreiro trágico, do herói.

A arte como a redenção do que sofre - como via de acesso a estados onde o sofrimento é querido, transfigurado. divinizado. onde o sofrimento é uma forma de grande delícia.

De certa forma, as oficinas de criatividade utilizam-se também de recursos de dinâmica de grupo, sensibilizações e de momentos terapêuticos assemelhando-se aos da psicoterapia. ~ nesse lugar de experiência e de labor, que se desenvolve um verdadeiro laboratório onde a aprendizagem e a inovação estão trazendo sempre as noções de cuidar e aprender a ser e a fazer (poiesis -criação -arte). ~ esse sentido fenomenológico-existencial que se traz ao fazer uma oficina: propor uma abertura para que as possibilidades afluam e fluam. Assim, neste lugar onde o ser pode expressar-se livremente, se possibilita o pensar e re-pensar a própria condição humana no mundo. Isso serve para todos. Aos participantes da oficina, que têm uma oportunidade e lugar para expressar-se através de recursos, manifestações artísticas e com o próprio encontro com outros (intersubjetividade); e para os facilitadores que têm a oportunidade de criar "formas", "condições" para que essas expressões, manifestações e "encontros", tenham liberdade de apresentar-se, possibilitando o encontrar e reencontrar, avivar e reavivar o sentido existencial de ser com outros.

Desta forma, a proposta das oficinas aqui, de uma forma generalizada, é a de ser um veículo de aprendizagem. Ao aprendiz é dada a possibilidade de aprender e apreender a partir da significação de sua própria experiência na e durante a oficina. Resta-nos então falar acerca do oficineiro. A função do oficineiro na oficina de

criatividade, seria a de facilitador: "(...) para quem o fundamento de sua atuação reside na atitude centrada na relação com o outro: o grupo e as pessoas que deles participam" (SCHMIDT E OSTRONOFF, 1999, p. 336). Como facilitador o oficinairo tem a incumbência de acompanhar o processo desenvolvido pelo grupo e os processos criativos que os participantes engendram nessas vivências. É estar com, estar junto a, acompanhar outros, no caso da oficina, é, segundo Schmidt e Ostronoff (1999, p. 336), citando Rogers: "(...) alguém que se oferece de maneira atenta, autêntica, e respeitosa à com -vivência com o outro para que este possa, , em liberdade, experienciar-se e compartilhar essa experiência".

Podemos perceber como o facilitador acompanha esse processo criativo das pessoas, tal qual, na clínica psicológica, o psicólogo acompanha o processo terapêutico de seu cliente. No entanto, na oficina de criatividade, há alguns desdobramentos das vivências que são expressas de formas variadas, o que requer do oficinairo um outro tipo de percepção e sensibilidade, que não está contemplada, talvez nem seja essa a proposta, no processo psicoterapêutico. Vamos chamar a comunicação do cliente, de forma geral, de sinais.

No atendimento psicoterápico, os sinais se dão, principalmente, como fazendo parte da verbalização do cliente, salvo alguns recursos profissionais que se utilizam de outros recursos na relação com o mesmo, como na Oficina de Criatividade. Na oficina, o facilitador-oficinairo tem que estar atento para outros sinais (inclusive os não verbais) que os recursos expressivos nos trazem, no momento e contexto experienciado pelo cliente. Assim, os sinais corporais, gráficos, literários, plásticos, entre outros, podem fazer parte dos desdobramentos das experiências de cada participante, no momento em que ocorre a atividade, onde espaço e tempo são subjetivados e o vivido, a vivência pré-reflexiva, pode gerar

tanto um conhecimento tácito quanto dar início a um processo criativo original e singular.

Tempo e espaço, tal como concebido habitualmente, são delimitados num referencial cronológico. É função doicineiro tematizar a oficina, delimitar o tempo e espaço onde a mesma irá acontecer, bem como, pelo menos em um primeiro momento, prover os recursos que serão utilizados. No entanto, durante a vivência, ou melhor, durante a con-vivência na oficina, tempo e espaço podem ser radicalmente subjetivados, o que nos dá a noção de que o tempo e espaço "vividos", estão colocados em uma outra dimensão de tempo, que não é da ordem cronológica. Isso nos dá espaço para a noção fenomenológica de que o vivido nos traz a integração das vivências, sejam elas passadas ou presentes, e nos remetem para outras possibilidades de vir-a-ser, no passo em que essa "integração" de vivências durante as oficinas, quando refletidas e elaboradas a partir também da pré-reflexão e do vivido, nos conduzem à experiência de ser, até mesmo quando na impossibilidade de ser, e na possibilidade de não ser.

No processo criativo, o tempo e o espaço podem ser radicalmente subjetivados, pois tanto a cronologia do chamado tempo objetivo, quanto os contornos materiais de um determinado espaço são usados e transformados por este processo em direções quase sempre imprevisíveis. As imagens de um tempo que flui, estanca, voa, escoia ou de um espaço que se expande, se fragmenta, se integra dão uma pálida idéia do estados de espírito ou humores que, durante a criação, abrem as dimensões espaço-temporais em infinitas possibilidades 30.

Cupertino (2001) compreende a oficina como sendo um lugar muito mais amplo do que somente a exploração da criatividade. Partindo de sua própria prática e da articulação entre essa prática e seus estudos teóricos, ela acaba por vislumbrar

30 Schmdit e Ostronoff, op. cit., p. 336-337.

a Oficina de Criatividade como sendo proporcionador de amplas possibilidades para a clínica:

Apesar de ainda manter muitos componentes de uma prática para o desenvolvimento da criatividade, a Oficina de Criatividade já não pode ser vista como uma proposta voltada só para isso. Ocorrem lá fenômenos que, algumas vezes extrapolam o âmbito do que classicamente convencionou-se chamar de comportamento criativo, e que, em outras, dele nem se aproximam. Em resumo, o fato de tal ou qual evento ou comportamento poder ser ou não considerado criativo foi, aos poucos, deixando de ser preocupação central. Passou a ser uma coisa entre as muitas que, considero, tornam essa atividade atraente como prática a ser desenvolvida e como foco de pesquisa 31.

Em certo sentido, a Oficina de Criatividade propõe um momento de reflexão e de elaboração de experiências, ao criar um "espaço" lúdico-vivencial que pode nos auxiliar na organização de conteúdos vivenciais, oportunizando o re-pensar de atividades, conceitos e ações, dando condições para que cada participante (re)signifique, (re)dimensione e utilize suas capacidades potencializadoras de criação e de criatividade, fazendo-se e construindo-se tal qual uma obra de arte. E nesse sentido que estamos propondo a Oficina de criatividade como um recurso instrumental que possa auxiliar uma outra atividade: a Supervisão de Apoio Psicológico.

Cupertino (2001) em seu livro *Criação e formação: fenomenologia de uma oficina*, nos relata o início dessas oficinas no IPUSP. É importante resgatar o intuito o qual foi criada a Oficina de Criatividade proposta por esta autora. Encontramos, então, uma preocupação especial com a formação dos alunos de psicologia da UNIP, como sendo um dos principais motivos, dentre outros, para a criação de um espaço onde estes pudessem dirigir o olhar para si mesmos ao longo de anos vividos dentro de uma instituição superior que desencadeia experiências de

31 Ibid., p. 23.

iniciação profissional e de intensas vivências pessoais. Um outro fator idealizado para as oficinas, foi dar condições para o desenvolvimento e consolidação de uma atitude experimentadora articulada com o presente e com o futuro nas atividades que os alunos viessem a desenvolver. Nem é preciso aprofundar a noção de que a criatividade parecia ser um bom caminho para que isso acontecesse.

Então a preocupação com aspectos pessoais e profissionais dos alunos, fizeram parte na concepção do "projeto" inicial das Oficinas de Criatividade. Nesse sentido, aspectos afetivos e cognitivos estiveram sempre presentes nessa modalidade clínica, assim como a preocupação com uma "formação" profissional que atentasse para aspectos pessoais do aluno.

Foi a partir daí, que pudemos perceber e compreender os aspectos políticos da oficina de criatividade. Assim, para além do labor, há uma possibilidade de que esse tipo de atividade se preocupe também do trabalho. Para Hannah Arendt (2000), labor é trabalho do corpo, desenvolvido ao nível das sensações, enquanto o trabalho é visto como a habilidade humana para desenvolver tarefas. Assim ela produziu a frase; "o labor de nosso corpo eo trabalho de nossas mãos" (p. 90).

A partir dessa compreensão, pudemos propor a oficina como dispositivo para a supervisão. Sabemos que a tendência é, à primeira vista, ver a oficina como lugar de labor, onde as experiências pessoais são exploradas e vivenciadas. No entanto, podemos utilizá-la, também, como espaço de elaboração das vivências no cotidiano profissional podendo ser, assim, inserida no trabalho de Supervisão de Apoio Psicológico. Esta forma de supervisionar também foi desenvolvida pelo IPUSP e possibilita supervisão e apoio psicológico para profissionais em seu cotidiano profissional.

O termo dispositivo, assim como concebemos, foi conceituado por Michael Foucault (1979, p. 244), como sendo:

(...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas.

Assim, nossa concepção é de que uma das possibilidades da Oficina é utilizá-la como dispositivo, como estratégia para podermos desenvolver a supervisão: "Além disso, para Foucault, o dispositivo seria como um tipo de formação histórica, cuja função seria a de atender a determinadas exigências num dado momento, sendo por isso também considerado como estratégia" (FRANCISCO, 2000, p. 26).

O dispositivo é contextualizado dentro de um momento histórico e tem uma função a desempenhar de acordo e de forma a atender a determinadas exigências de tal momento. Nesse sentido a Oficina de Criatividade está sendo contextualizada e utilizada como estratégia para podermos viabilizar uma forma de supervisão. Dispositivo também pode ser visto como algo que serve para "por em ação", no nosso caso a oficina põe em ação a supervisão e serve como um "ponto de partida" para que ela possa ser desenvolvida de uma outra forma. Do modo que propomos, a própria criatividade do grupo, viabilizada pela oficina, encaminha os rumos da supervisão.

Uma última questão se fez presente quando pensamos nesta forma supervisão: Onde está o "diferencial" quando propomos supervisão desta forma? A resposta foi no lúdico, na criatividade. Não falaremos de criatividade aqui, pois é um tema muito amplo para podermos abarcar nesse momento. No entanto,

encontramos um argumento no artigo de Pereira (1999) que nos foi importante para conceber a via da criatividade para a supervisão. O argumento central do texto é a de que é preciso utilizar de criatividade para aliviar o stress e as tensões do dia-a-dia profissional e pessoal.

Assim, pensamos: supervisão, às vezes, é um momento delicado, tenso, tanto para quem está disponibilizando o trabalho quanto para quem está se submetendo a ela. Assim, a criatividade pela via dos recursos expressivos advindos da arte, em nossa concepção, vem, segundo Nietzsche (1983), como um bálsamo aliciador da vida, o que pode servir para aliviar as tensões e o stress do dia-a-dia.

A Oficina de Criatividade, tem por objetivo dinamizar a supervisão no sentido da utilização de formas criativas de trabalho que podem, inclusive, mediar os conteúdos que surgem tornando "desnecessários" certos climas de tensões os quais as supervisões podem trazer. Essas tensões são naturalmente provenientes da vida profissional e, muitas vezes, pessoal. Assim, destacamos a função do lúdico, dos recursos expressivos e da criatividade implícitos no trabalho das oficinas.

Já falamos no corpo deste trabalho, de *poiésis*, de criação e de como o ser humano tem a possibilidade de criar sentidos existenciais. Pereira (1999), em seu, texto intitulado *Criatividade e anti-estresse*, aborda o assunto da criatividade, dando um significado peculiar e específico, sob seu ponto de vista, no combate ao estresse que pode ser criado por tensões inclusive advindas do trabalho. Sem dúvida, é sabido que um certo nível de estresse é importante na execução das tarefas, podendo ser fator mobilizador e motivador para o desempenho de várias ações humanas. No entanto, em um nível muito elevado, pode contribuir para a ocorrência de patologias (cardiopatias, aumento da pressão arterial, etc.).

Importante é assinalar que este autor considera, em uma dimensão psicológica, a criatividade como um fator positivo na saúde do indivíduo. Formas criativas de "enfrentamentos" dos problemas psíquicos podem gerar bons frutos para a saúde do ser humano e para seu potencial realizador.

Pereira (1999) nos fala de alguns aspectos encontrados em pessoas criativas e, de certa forma, na criatividade, que seriam importantes para um bom "funcionamento" do ser humano: a espontaneidade, os conhecimentos adquiridos, experiências novas e sensibilizações, descobrimento de soluções mais adequadas, autonomia dos indivíduos, autonomia dos sistemas que favorecem o auto controle e uma maior liberdade quanto eleição dos meios que se usam para chegar às metas desejadas. Dessa forma ele acaba por evidenciar a criatividade como possibilidade geradora de atividades que combatam o estresse: "Já não é necessário crer que aquilo que é recomendável à criatividade não o é para o estresse" 32.

Podemos pensar o que o estresse tem haver com este trabalho de mestrado? Segundo a nossa pesquisa desenvolvida na especialização, o trabalho de coordenadores de idosos é estressante, principalmente no sentido da falta de apoio e organização das instituições para desenvolver os trabalhos que desenvolvem, e geram preocupação, desmotivação nos profissionais. Assim, a Oficina de Criatividade vem propor uma outra forma de abordar as questões profissionais sem o "ranço" da supervisão tradicional, feita na mesa de reuniões para discutir questões e se dar diretrizes.

Desta forma, já estamos discutindo a supervisão tal qual a concebemos aqui e que iremos explorar mais tarde, a partir da forma pela qual a clínica psicológica

32 Ibid., p. 170.

propõe. Para tanto, teremos a Oficina de Criatividade como dispositivo para compô-la.

2.3. Supervisão de Apoio Psicológico

(...) podemos compreender melhor o trabalho do supervisor. Ele facilita ao psicoterapeuta a reflexão, tanto teórica quanto experiencial, sobre si próprio, psicoterapeuta, e sobre seu cliente, na relação da supervisão. Assim, a supervisão entendida desta forma é uma prática intensiva da apreensão da relação na relação. Esta prática se desenvolve independentemente do que é visto na supervisão -todas as intervenções do supervisor, não importando o aspecto por elas abordados, levam à reflexão da relação na relação -daí o rápido desenvolvimento desta capacidade fundamental (BUYS, 1988, p. 17).

(...) a prática da supervisão de apoio psicológico mostra-se constituinte no processo de formação e capacitação profissional, pois permite uma suspensão do ritmo cotidiano e uma retomada de outro lugar. Ou seja, a supervisão possibilita que se possa 'olhar' para a própria prática e ressignificá-la, podendo observá-la de outro ponto de vista

(BACCHI, 1999, p. 209).

Neste tópico do trabalho, destacaremos, a Supervisão de Apoio Psicológico, segundo a teorização feita pelo IPUSP -Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Discutiremos como esta modalidade da Psicologia clínica, pode nos auxiliar em trabalhos realizados por psicólogos.

No entanto, faz-se necessário falar acerca da Supervisão em Psicologia primeiro. Aqui, temos um outro problema que diz respeito à construção teórica, que, confessamos, foi um aspecto difícil na confecção deste trabalho. Isso se deve a pouca produção teórica a respeito do tema. No entanto, é bom assinalar que, apesar de pouca, essa produção encontra bom respaldo entre os profissionais da área de psicologia que as conhece.

Buys (1988), começa o seu livro *Supervisão de Psicoterapia na Abordagem Humanista Centrada na Pessoa*, com a pergunta: Por que a Supervisão? A resposta

inicial é bastante lógica, e pode ser esta: "(...) dada a seriedade e a gravidade do que é tratado na psicoterapia, ela precisa contar com certas medidas especiais de segurança - supervisão é uma delas" (p. 17). No entanto, segundo o mesmo autor, esse tipo de resposta minimiza a noção de supervisão ao mesmo conceito dado em outras áreas de trabalho.

Muitas questões se impõem para justificar a supervisão ou ausência da necessidade dela. Desde o psicoterapeuta inexperiente que precisa do auxílio de um psicoterapeuta experimentado, até aos inconvenientes de se "auto-supervisionar", como, também, a justificativa do terapeuta experiente que se sente seguro a ponto de julgar que não precisa de supervisão.

Esses são exemplos de questões que aparentemente justificam ou não a precisão de supervisão. No entanto, essas questões para Buys (1988, p. 17) são secundárias:

a finalidade da supervisão, ao nosso ver, é dar ao psicoterapeuta iniciante, de forma sistemática, e mesmo ao psicoterapeuta experiente, eventualmente, o contexto relacional apropriado à reflexão sobre a situação terapêutica.

Assim, podemos observar que há uma relação que se estabelece na supervisão entre o supervisor e supervisionado. Há uma dimensão de encontro para ambos, onde a experiência de entre eles têm importância e relevância no processo que se desenvolve.

o supervisor, baseado na sua experiência, deve ser capaz de refletir junto com o supervisionado na relação terapêutica não a que *foi* vivida, mas como está sendo vivida naquele momento. Assim, na situação de supervisão, como a descrita, o supervisionado vai desenvolver, no aqui e agora, sua capacidade de refletir a relação na relação. A supervisão é o contexto próprio e único ao aperfeiçoamento desta habilidade fundamental

do psicoterapeuta, que não coloca em risco nem o próprio psicoterapeuta nem o seu cliente 33.

Ainda segundo o mesmo autor, há duas dimensões que são importantes e devem ser observadas para uma melhor compreensão da importância da Supervisão. A primeira é a de que ao supervisor é dada a tarefa de facilitar. A forma profissional para fazer isso em relação ao seu supervisionado, é dando condições para que ele possa compreender sua situação enquanto profissional envolvido na relação terapêutica com o cliente. A segunda é a de um profissional experimentando o experimentar de sua condição enquanto terapeuta, tanto nos aspectos de afetação que essa experiência traz, quanto às formas didáticas de compreensão da mesma.

(...) o supervisor trabalha ao longo de duas dimensões: a dimensão psicoterapeuta-cliente e a dimensão experiencial-didática. Com relação à primeira, o supervisor pode focalizar tanto a experiência do psicoterapeuta quanto a experiência do cliente (como é vista pelo terapeuta). Com respeito à segunda, o supervisor pode intervir de maneira experiencial, focalizando os sentimentos do psicoterapeuta ou do cliente (como são sentidos pelo psicoterapeuta, naturalmente), ou pode intervir de maneira didática, a nível teórico ou técnico. Esta última forma de intervenção revela o aspecto didático da supervisão, que é uma das características que a diferencia fundamentalmente da psicoterapia 34.

A tentativa de Buys parece ser a de sistematizar as técnicas de supervisionar. Ele considera que o aspecto didático diferencia a supervisão da psicoterapia. No entanto, nos parece que não somente o aspecto didático, mas, nos remetendo a um ponto de vista mais amplo, os aspectos de aprendizagem estão envolvidas tanto na psicoterapia quanto na supervisão. Isso se revela quando Rogers fala em aprendizagem significativa tanto na educação quanto na psicoterapia. Claro que Buys leva em consideração esta questão, no entanto,

33 Ibid., p. 17.

34 Ibid., p. 17-18.

parece que esta seria apenas o primeiro passo para a compreensão de supervisão : em psicologia.

Mas, de fato, a questão de diferenciar terapia e supervisão ainda parece requerer certo estudo e pesquisa. Momentos terapêuticos também surgem na supervisão, assim como mobilizações emocionais e correlações com aspectos pessoais. Se pensarmos que, além desses aspectos terapêuticos, emocionais e pessoais, e possivelmente alguns outros, temos a supervisão do caso, ou seja, do cliente que o supervisionado atende, que também está em questão, poderemos vislumbrar a abrangência da supervisão psicológica, e as dificuldades em delimitá-la e diferenciá-la enquanto modalidade da psicologia clínica.

O "caso" que é submetido à supervisão, diz respeito ao cliente. Para Morato (1989), o supervisionado é o narrador da história do cliente e, este último, por sua vez, foi o responsável pela narrativa relatada ao supervisionado. No entanto, como fazer a supervisão sem focalizá-la no supervisionado, em suas vivências e experiências? Não seria essa uma premissa da terapia? Mas supervisor não é terapeuta. No entanto, esclarece Morato (1989, p. 121), "(...) meu foco está centrado nele, para que a história do cliente pudesse prosseguir. Então era supervisão, pois o objetivo final visado era o cliente e não o supervisionado".

Até aqui estamos explorando a supervisão na Abordagem Centrada na Pessoa, por nos ser a "linha" psicoterápica que temos mais familiaridade. No entanto, Segundo Morato (1989), a supervisão foi desenvolvida primeiramente pela psicanálise por volta de 1920, sob o termo psicanálise (ou análise) de controle ou supervisão.

Sua instauração surgiu como um modo de que, durante seu aprendizado, o aluno pudesse aprender em que consiste a intervenção propriamente

psicanalítica e pudesse compreender a diferença desta relação a outros I modos de atuação psicoterápicas 35.

Esta mesma autora nos remete ao sentido etimológico da palavra para que possamos compreender o termo supervisão:

Penso no sentido etimológico de supervisão, que vem do latim super (sobre, além, acerca de, ação máxima) + videre (ver, assistir, descobrir, observar, prescrutar); e de super + visio (visão, criação de ver); aproxima-se então, de máxima criação de ver, ver além. Nesse sentido, supervisão pode ser entendida como superintendência ou fiscalização, se proveniente de supervidere como ver além de, visar a. Assim, supervisar ou supervisionar teria o sentido de dirigir, tomar a si a responsabilidade, administrar, controlar 36.

Assim, podemos perceber que há, tanto no sentido primeiro desenvolvido pela psicanálise quanto na concepção de Buys como, também, no sentido etimológico da palavra, certa relação entre supervisão e controle. Para Morato, é importante perceber que há uma concepção por trás de algumas formas de supervisão, quer seja em alguns segmentos de psicoterapia quer seja na psicanálise, implicando que a supervisão pode ser compreendida como um controle, como forma de "aprendizagem técnica de uma técnica de atuação 37". O manejo técnico do trabalho prático, a instrumentalização para este trabalho e a aprendizagem técnica de uma técnica, pode nos proporcionar uma modalidade clínica voltada para o tecnicismo e para o controle. No entanto, será que a supervisão objetiva a transmissão de uma habilidade? São questões exploradas por Morato e que devem ser cuidadosamente observadas. Esperamos compreender melhor estas questões para, depois, compreendermos a concepção de Supervisão de Apoio Psicológico.

35 Ibid., p. 122.

36 Ibid., p. 122.

37 Ibid., p. 123 .

Nesse momento, porém, nos sentimos impelidos a tentar compreender as relações éticas e políticas implicadas no fazer clínico da supervisão. Há disposição ética gerada pela supervisão, quando o labor do supervisionado encontra compreensão e sentido no que faz a partir de sua relação com outro, nesse caso o cliente, e que é experienciada e proporcionada pela elaboração das vivências durante a supervisão, e pela história narrada a partir da percepção e ponto de vista próprios do narrador, o próprio supervisionado, visando a procura de uma melhor "postura" frente ao cliente. Na narração a perspectiva do supervisionado se evidencia. As sensações e percepções se desvelam, assim como a própria compreensão do cliente, possibilitando ao supervisionado rever sua disposição frente à situação terapêutica que está envolvido, seja em relação ao cliente, seja em relação a si mesmo com o cliente.

A dimensão política implicada diz respeito ao trabalho desenvolvido com vistas ao cliente, em uma profissão instituída, nesse caso específico, a de psicólogo. A supervisão traz consigo a noção de que as relações intersubjetivas, estão permeadas de aspectos profissionais que não podem ser reduzidas às relações pessoais. As formas interventivas permeadas pelas experiências e percepções do supervisionado quanto a "tarefa" de clinicar, se traduz em trabalho, aspecto político quanto a "ser psicólogo".

Sabemos que a supervisão nos dá uma das características e, talvez, premissas para se desenvolver a clínica psicológica numa espécie de preparo contínuo do profissional psicólogo. Para além da idéia de reciclagem ou capacitação, a clínica exige um processo de atualização no sentido de que este profissional necessita sempre elaborar as condições de seu trabalho, apreender as

teorias psicológicas e as novidades técnicas, e compreender sua própria condição existencial. Tudo isso tem o intuito de se "preparar" para disponibilizar-se ao encontro intersubjetivo que a clínica propõe a partir desse "contato" com o outro.

Teixeira (2001), nos aponta para as dimensões éticas e políticas da supervisão na prática clínica, dimensões estas que demandam cuidado. Nesse sentido além da ética e política, Teixeira aponta para a percepção de que questões relativas a aprendizagem também se fazem presentes no contexto da supervisão. Assim, há o lugar da ética na supervisão., de discussões políticas e que superam as "normas", no sentido de um modelo e modo de ver e ouvir o outro.

Assim, Teixeira nos remete a sua perspectiva quanto a supervisão. As noções de saber/fazer e fazer/construir, se nos põem para que possamos conceber a supervisão para além das fronteiras da teoria e das abordagens psicológicas, nos dando margens a pensar a supervisão como lugar de aprendizagem significativa, viabilizado por intercâmbios de experiências, de re-significação da ética, inclusive para além do código de ética profissional. Para esta autora, modalidade psicológica de supervisão se propõe a compreensão de um mundo em constante mudança (que se desfaz e refaz), onde a condição de possibilidades requer dos profissionais atualização acerca dos conhecimentos psicológicos, culturais, sociais, etc., "a fim de estar atento ao 'plural de sentidos' que é a vida!" (TEIXEIRA, 2001, p. 93).

Parece-nos que o conceito que se apresenta em comum tanto nas Oficinas de Criatividade quanto na Supervisão de Apoio Psicológico, e na Supervisão de forma geral, é a aprendizagem significativa. Teixeira se apóia neste conceito para que o saber/fazer e o fazer/construir seja possibilitado e seja pura possibilidades de experimentação e compreensão, principalmente na sociedade contemporânea que

têm exigido constante reflexão da condição de "ser e estar no mundo" do homem na atualidade.

Em certo sentido Morato (1989) apresenta uma metáfora acerca da supervisão no próprio título de sua tese de mestrado: "*Eu-supervisão*". No "eu" encontro ética referente ao modo pelo qual me dirijo ao outro a partir de mim mesmo; em "supervisão" encontro o sentido político do trabalho que faço. Assim, Morato (1989, p. 255) retoma o sentido etimológico de supervisão:

(...) super + videre, que quer dizer ver além e assim aproxima-se de wit. Wit - do inglês antigo wizan, que significa saber, vem do latim videre; e do grego eidenai (saber), iden (ver); assim, wit tem dois sentidos arcaicos: saber e vir a saber (aprender).

Convém ressaltar que para Morato, os processos de criação e de criatividade na supervisão, têm muita importância. Sua metáfora, sua tese, continua revelando o sentido da supervisão para ela própria:

sem dúvida, um processo criativo, que também pode ser revelado por metáfora. É o artístico que nos ensina o sentido dentro de um processo de descoberta - um processo é buscar, cercar algo, indo, voltando, mudando até chegar um ponto 38.

Notemos que Morato (1989) assume um referencial fenomenológico não mais para explicar a supervisão, mas para compreender como o processo de supervisão pode ser aprendido, ou seja, "(...) aprender o sentido do fenômeno-do-processo-de-supervisão-entre nós" (p. 255).

38 lbd., p. 255.

Nesse sentido, descarta-se o controle, as exigências técnicas e de habilidades, para centra-se na compreensão do fenômeno, do acontecimento, do contexto pela qual a ação ocorre. Isso requer uma postura de abertura do supervisor. Abertura ao plural de sentidos que Teixeira (2001) nos remete, e que, desvela a vida em sua própria pluralidade, posto que a mesma não se constitui de fatalidades, mas de facticidade desveladas a partir de "leques" de possibilidades.

Morato (1989, p. 257), então, conceitua de forma sucinta a supervisão e o ato de supervisionar:

Então, supervisionar pode ser ver mais para vir a saber, a aprender. Supervisionar, assim, seria tomar a si, dirigir um espetáculo de criação de ver para aprender. Supervisão é metáfora, ou seja, uma aprendizagem que suporta carregando adiante com cuidado desvelador, que apenas esboça um percurso.

Nossa breve explanação acerca da supervisão fez-se necessário por estamos trabalhando com esta modalidade da clínica psicológica, apesar de estarmos nos utilizando de Supervisão de Apoio psicológico de forma mais específica. Bacchi (1999, p. 213), começa a explorar as questões acerca desta última, partindo de uma perspectiva que envolve a dimensão terapêutico - pedagógica da supervisão: "supervisão é um espaço privilegiado na construção do contato terapêutico. Isso porque é o lugar privilegiado para que articulações entre prática e teoria possam ser estabelecidas através de um reposicionamento, no qual novos sentidos são gerados".

Para esta autora "supervisão de apoio psicológico é o nome dado à experiência de supervisão que tem por objetivo possibilitar a reflexão do profissional

frente à sua prática, considerando-o como parte integrante do trabalho que realiza” 39.

A opção por esta designação é explicada por certo diferencial proposto:

Optou-se chamá-la de supervisão de apoio psicológico no sentido de diferenciá-la de algo como uma supervisão técnica, onde se enfatiza a consecução da tarefa (...) a finalidade não é orientação, e sim instrumentalização do profissional, utilizando-se um referencial fenomenológico 40.

Outra forma de definir Supervisão de Apoio Psicológico é resgatando seu sentido:

(...) o sentido de supervisão de apoio psicológico do qual se parte é: situação contextualizada para que um profissional resgate sua própria condição de indivíduo com dúvidas, estranhamentos em seu contato profissional de ajuda a indivíduos, para que, a partir de seus próprios questionamentos e dificuldades, possa apresentar-se mais propriamente receptível e disponível em sua atuação de ajuda para encaminhar o cliente a redimensionar-se em sua vida (MORATO, 1999, p. 225).

Se referindo a esse tipo de supervisão que é dada a profissionais de educação e saúde em organizações governamentais e não governamentais, Bacchi diferencia esta forma de supervisionar de outras que se propõem a serem técnicas. Conforme já falamos anteriormente, a perspectiva central de supervisão que estamos contemplando neste trabalho é a fenomenológica, onde a preocupação não é com o preparo técnico ou de habilidades, mas a "instrumentalização para" o trabalho que o profissional desenvolve.

Uma outra diferença que podemos assinalar, é o fato de psicólogos estarem prestando um tipo de supervisão para outros profissionais. Assim, a clínica desvela

39 Ibid., p. 215.

40 Ibid., p.215.

sua amplitude e abrangência e se presta a outras áreas de atuação. Nesse momento, estamos falando de profissionais da educação e da saúde que estão envolvidos numa atividade da clínica psicológica que "intermedia" suas questões profissionais e auxiliam na elaboração das questões, sejam elas dificuldades ou necessidades, auxiliando o redimensionamento de seu cotidiano profissional.

(...) tem-se observado que esse espaço de supervisão se mostra privilegiado, por ser um espaço importante na ampliação do ponto de vista do profissional de saúde e educação, na medida em que permite o redimensionamento de sua prática. Redimensionamento possível devido a um olhar não contaminado, a um resgate do profissional que se dá no distanciamento que a situação de supervisão acaba por autorizar

(BACCHI, 1999, p. 215).

Começamos então a pensar no contexto desta dissertação. O fato de muitos profissionais da IPUSP terem realizado vários trabalhos com profissionais de educação e saúde, Morato (1999) nos abriu a possibilidade de desenvolver supervisão com coordenadores de grupos de idosos na cidade de João Pessoa. Esses coordenadores, em geral, são profissionais advindos dessas áreas de atuação, quer sejam psicólogos, nutricionistas, educadores físicos, enfermeiros e assistentes sociais (estes últimos profissionais de ciências humanas, mas que estão muito próximos da realidade da educação e da saúde), entre outros.

Interessante nos foi perceber que estes profissionais estão envolvidos com o cuidado, e se propõem a trabalhar a partir de alguma forma de relação de ajuda com o outro. Este argumento é importante, pois, segundo Bacchi (1999), esses profissionais compreendem a importância de trabalhos onde a intersubjetividade está envolvida, ou seja, eles próprios têm nessa relação de ajuda dispensada ao outro, uma das vias pela qual desenvolvem seus trabalhos profissionais.

São profissionais que se propõem a trabalhar com outros em qualquer relação humana. Portanto, se expõem e se permitem entrar em contato com outras subjetividades, o que só é possível a partir da própria inserção subjetiva nessa relação 41.

Assim, estes profissionais já têm certa familiaridade com esse encontro intersubjetivo, o que, de certa forma, possibilita e facilita a dinâmica e compreensão das questões que se apresentam na supervisão, com vistas ao desenvolvimento de seu trabalho profissional: "Nessa perspectiva, o profissional empresta sua subjetividade e, assim, pode estabelecer real relação de ajuda, seja visualizando, em última instância, a educação ou a saúde" 42. Parece-nos importante salientar, também, a proximidade com o outro implicado no trabalho destes profissionais, quer sejam seus pacientes ou alunos. Percebe-se, então, que as relações intersubjetivas também perpassam as relações profissionais no trabalho, além, óbvio, das relações pessoais.

Nesse sentido, podemos perceber que apesar do trabalho institucional requerer ações objetivas e normativas, há sempre, principalmente na educação e na saúde, momentos em que a técnica ou as habilidades específicas do profissional não suporta de forma "satisfatória" as relações subjetivas que se desvelam no dia-a-dia desses profissionais. Desta forma, podemos evidenciar que a procura, ou seja, o sentido da supervisão não pode ser o suporte técnico, mas sim, de outra forma, a instrumentalização para que o profissional possa compreender o papel político e ético que desenvolve em seu local de trabalho. Assim, a primeira premissa da supervisão de apoio psicológico é: como faço o que faço, do jeito que faço; para, depois, compreender as possibilidades de: como eu posso fazer o que faço da

41 Bacchi, op. cito p. 215.

"melhor forma" que posso fazer (levando em consideração os aspectos éticos e políticos elaborados na supervisão).⁴

Como já foi dito, a supervisão permite que o profissional se situe frente à sua prática, fato possível também a partir da vivência na supervisão. A experiência vivida na situação de supervisão permite que o profissional resgate a si mesmo e, assim possa ocupar um novo lugar⁴³.

A facilitação desse processo esta sob a responsabilidade do facilitador. A função de facilitar é possibilitar, oferecer condições para que o profissional possa desenvolver-se. À semelhança do facilitador na Oficina de Criatividade, o facilitador se dispõe a cuidar daquilo que se tomou, ou que se está sob seus cuidados. Para Bacchi (1999, p. 218):

Facilitar um processo: posição complicada na medida em que exige não- indução, como também sensibilidade par aperceber as sutilezas do deslizar psicológico do outro, apenas acompanhando-o ativamente na construção que ele realiza de si.

A procura, então, é pela compreensão. Toda a situação de supervisão requer que o facilitador esteja aberto a escutar no intuito de interligar os fios de vivência do que é escutado e compreender os pontos de articulação os quais esses fios se conectam e mantém relação. Nesse sentido o facilitador é aquele que "olha para" compreender:

Olhar distanciado, não-contaminado, que se insere delicadamente, tecendo na descontinuidade um fio de compreensão. Facilitador que permite a criação: de sentidos, de aberturas, de novos caminhos, de reconhecimento, de ideais que modificam o fazer diário⁴⁴.

42 Ibid., p. 215.

43 Ibid., p. 218.

3. LABOR E TRABALHO

3.1. Labor

o mundo ordenado não significa a ordem do mundo. Há momentos em que, sem motivo aparente, a ordem do mundo se apresenta como presente. Percebe-se, então, o tom do qual o mundo ordenado é indecifrável. Tais momentos são imortais, mas são também os mais fugazes. Deles não se pode conservar nenhum conteúdo, mas, em contrapartida, a sua força integra a criação e o conhecimento do homem, as irradiações de sua força penetram no mundo ordenado, fundindo-os incessantemente. Tal é a história do indivíduo, tal a história da espécie.

(MARTIN BUBER, 1979, p. 101)

Na elaboração deste trabalho, a metodologia foi desenvolvida sob a perspectiva da fenomenologia, perspectiva que tem possibilitado às psicoterapias consideráveis reflexões teóricas, e colaborado para ampliar a compreensão do fazer clínico. Muito embora a fenomenologia Existencial sistematizada por Heidegger tenha trazido importantes contribuições no campo da filosofia, quanto à compreensão do ser e método de apreensão do conhecimento, utilizou-se a metodologia sugerida por Merleau-Ponty (1976), na medida em que ele procurou, a partir da forma de pensar o ente homem proposta por Heidegger, construir um todo para nos aproximarmos desse mesmo homem.

Merleau-ponty (1976), explicita sua compreensão acerca do método fenomenológico, a partir do qual se pode observar que "método" significa "caminhar". Por sua vez, metodologia pode ser compreendida como o caminho que se faz ao caminhar, a trilha que se percorre para chegar ao conhecimento. O método é o que possibilita a compreensão do fenômeno, e possibilita a compreensão da experiência. A fenomenologia, na perspectiva de Merleau-Ponty (1976), é um método que se inicia antes mesmo de qualquer reflexão, na pré-reflexão, e, até mesmo, na atitude ingênua (senso comum), ou antes mais como um estilo do que como um conceito. Nesse sentido, aparentemente, há uma crítica à reflexão instaurada pela ciência moderna, que, para ele, se baseia no *cogito*, a partir do momento em que estas ciências elegeram a razão como norteadora do conhecimento e apreensão da natureza, inclusive a humana, na procura de destituir o senso comum da ciência:

(...) a fenomenologia se deixa praticar e reconhecer como maneira ou como estilo, existe como movimento, antes de alcançar uma completa, consciência filosófica. (...) é em nós mesmos que encontraremos a unidade da fenomenologia em seu verdadeiro sentido, (...) a fenomenologia é um método fenomenológico. Tentemos, pois conduzir deliberadamente os famosos temas fenomenológicos, como o foram espontaneamente na vida 45.

Esse autor reconsidera e redimensiona a concepção de existência para conceber a produção de conhecimento. Assim, a fenomenologia, da forma como esse autor a compreende, se apoiaria, também, no irrefletido (pré-reflexão) que está intimamente vinculado à existência, à percepção e à sensação, assim como aos

45 Ibid., p. 6.

sentimentos e significações que a reflexão (razão) tenta, ao contrário, abstrair, na procura de um raciocínio lógico e concernente à consciência.

Não se trata de negar a reflexão, mas de se retornar a reflexões filosóficas anteriores às ciências modernas: "Se a reflexão não sair de si mesma não poderá ser verdadeira, como reflexão também necessita se conhecer como reflexão-sobre-um-irrefletido, e conseqüentemente como uma mudança de estrutura na nossa existência 46", Neste sentido, a expressão "sair de si mesma" é sair das estruturas da consciência e da razão, para poder ter uma atitude de apreensão de fenômenos.

Para esse autor, a existência é evidenciada, redimensionada e factualizada, o que o leva a propor uma forma própria de constituição do conhecimento que se apóia também no vivido, na pré-reflexão e no tácito: "... a fenomenologia é também uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua facticidade 47". A construção do conhecimento é, então, anterior à reflexão da experiência, e parte da facticidade do que se experiencia, e não tem o mesmo sentido de ser do mundo percebido, representado e objetivado. Há de se considerar, então, a pré-reflexão (irrefletido), que é anterior à reflexão, e o vivido e, a partir daí, a compreensão que aponta para a produção de conhecimento tácito. O vivido, para Merleau-Ponty (1976), é a vivência que se realiza e que se factualiza na existência, os acontecimentos da vida que são irrepetíveis e, por isso, passíveis apenas de compreensão.

É uma filosofia transcendental que colocou em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma

46 Ibid., p. 78.

47 Ibid., p 5.

filosofia segundo a qual o mundo está sempre "aí" antes da reflexão. como uma presença alienável, e cujo esforço está em reencontrar esse contato ingênuo com o mundo para lhe dar enfim um "status" filosófico 48.

Podemos observar que a fenomenologia nos fala da superação da idéia das essências pelo conceito de existência, propondo uma visão de homem e de mundo, que potencializa uma forma de compreensão e apreensão do conhecimento que não está contemplada na metafísica. Teríamos, então, uma outra dimensão de apreensão do conhecimento: o *tácito*. A partir do "ser-aí", que Heidegger postula, o vivido emerge fazendo com que haja a possibilidade de que o ser venha a constituir o conhecimento tácito a partir da compreensão da experiência -a partir da atitude ingênua, pré-reflexiva, que é antes da reflexão, mas que constitui também a experiência: "É a ambição de uma filosofia que pretende ser uma 'ciência exata', mas é também uma exposição do espaço, do tempo e do mundo 'vivididos 49".

Dessa forma, importa a compreensão do espaço e tempo vividos, e não a aparência, a representação, a conceitualização desses aspectos quando o "fenômeno" acontece. Assim, a contextualização da experiência, as circunstâncias, ambiente e seus desdobramentos e, também, o tempo, duração e época de sua ocorrência são importantes na investigação fenomenológica por falarem desse tempo e mundo vividos, auxiliando a ampliação da compreensão dos fatos ocorridos, pois o ser é sempre um vir-a-ser, ou seja, está sempre em devir.

Utilizando-nos desse conhecimento tácito, pré-reflexivo e vivido, nos é dada a possibilidade de apreendermos e compreendermos o sentido da experiência. Para isso, é preciso descrevê-la. É a partir dessa descrição que poderemos apreender o sentido do que se nos apresenta: "é o ensaio de uma descrição direta de nossa

48 Ibid., p.5.

experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração com sua gênese psicológica com suas explicações, que o sábio, o historiador ou o sociólogo podem fornecer dela (...)” 50. A descrição é a comunicação de como se apreende o acontecimento, o momento em que se faz a narrativa da afetação do vivido, do como a experiência ou fenômeno foram apreendidos. Não é a descrição pura e simples de alguma coisa das essências, mas a comunicação da afetação, e de como é elaborado o “sentido” do fenômeno que nos (nos = compreensão humana) aparece, como o apreendemos:

O real deve ser descrito, e não construído ou constituído. Isto quer dizer que não posso assimilar a percepção às sínteses que pertencem à ordem dos juízos, dos atos ou da predicação. A cada momento meu campo perceptivo está cheio de reflexos, de crepitação, de impressões táteis, fugazes que não tenho condição de ligar precisamente ao contexto percebido e que entretanto coloco de um só golpe no mundo, sem as confundir com meus sonhos 51. A cada instante também sonho 52 em tomo das coisas, imagino objetos ou pessoas cuja presença aqui não é incompatível com o contexto, e entretanto não se misturam ao mundo, estão adiante do mundo, no teatro do imaginário 53.

Uma vez descrita a experiência, é preciso então refletir acerca dela. A reflexão para a fenomenologia se diferencia do raciocínio, do racional, do *cogito*. O raciocínio utiliza-se da cognição para constituir-se e constituir o conhecimento, mas fenômeno também é constituído pela percepção e, também, configurado por sua afetação. Dessa forma, para a fenomenologia, a reflexão mantém um vínculo estreito com a compreensão.

49 Ibid, p. 5.

50 Ibid., p. 5.

51 Sonho no sentido da intenção de idealização de absolutizar o conhecimento na apreensão das essências, como projeto que tem um fim que vai ser determinado.

52 Sonho no sentido de recurso, e de que o que está presente em mim pode ser possibilidade.

A análise reflexiva crê seguir em sentido inverso o caminho de uma constituição preliminar e reunir no 'homem interior', como diz Santo Agostinho, um poder constituinte que foi sempre ele. Assim a reflexão excede ela mesma e se recoloca numa subjetividade invulnerável, aquém do ser e do tempo 54.

Reflexão que se revela tanto na dimensão racional como na experiencial, ou seja, é uma ação cognitivo-afetiva. Assim, a reflexão se constitui uma das ferramentas da descrição, que se utiliza, além do *cogito*, do vivido, da atitude ingênua, pré-reflexiva, anterior e, ao mesmo tempo, integrante da compreensão da experiência.

A produção de conhecimento, então, começa a delinear-se sob a perspectiva fenomenológica. Aqui, implica-se num momento delicado e que requer atenção redobrada. É o momento em que a hermenêutica (no sentido de interpretação) é possível através da articulação entre o conhecimento tácito com o explícito. Conhecimento tácito já foi definido no corpo deste trabalho, anteriormente, através das citações de Figueiredo (1996). Recorreremos a este mesmo autor para definir explícito:

(...) o conhecimento que se torna disponível na forma de sistema de representação, como é o caso de uma teoria (...) o conhecimento representacional é, pelo menos na intenção, um conhecimento objetivo e objetivador, ele traz consigo a exigência de ser um conhecimento reflexivo, ou seja, um conhecimento que se sabe como tal e que, nessa medida, está disponível para uma auto-avaliação e para autocorreções 55.

Figueiredo (1996) encontra, em Feyerabend, essa possibilidade de articulação entre o tácito e o *explícito* quando este

54 Ibid., p.8.

(...) sugere que os trânsitos entre conhecimento tácito e o explícito dependerão dos meios e estratégias representacionais adotados. Em particular, ele menciona entre os dispositivos representacionais capazes de sintetizar os elementos da experiência as listas, os esquemas classificatórios, as narrativas históricas e as narrativas dramáticas 56.

Mais do que uma articulação entre tácito e explícito, o autor sugere que isso possibilita e "(...) reabilitar a pluralidade de meios de que o homem pode dispor e deve legitimamente usar para enriquecer suas relações com o mundo 57. Desta forma, Merleau-Ponty (1976) nos fala de uma reflexividade também da consciência, mas amplia a percepção a um outro estado: o da existência. Ou seja, a percepção é um fenômeno. Assim há uma crítica acerca da reflexão puramente cognitiva e abertura a outra instância de reflexão que comporta tanto as cognições quanto as afetações:

Mas esta é uma ingenuidade, ou se se prefere uma reflexão incompleta que perde a consciência de seu próprio começo. Comecei a refletir, minha reflexão é reflexão de um irrefletido, ela não pode se ignorar a si mesma como acontecimento, desde então ela aparece como uma verdadeira criação, como uma troca de estrutura da consciência, cabe-lhe reconhecer alguém de suas próprias operações o mundo que é dado ao sujeito porque o sujeito é dado a si mesmo.

O método fenomenológico tem sua relevância e importância para a pesquisa fenomenológica e, também, para as pesquisas qualitativas. Na verdade, muitas referências são feitas à fenomenologia por muitos pesquisadores, de várias áreas de atuação, quer seja nas ciências sociais, humanas ou médicas. Algumas dessas áreas ainda se utilizam da metodologia proposta por Husserl e outras pela fenomenologia que surge após ele. Estas últimas utilizam-se do conceito de

56 Ibid, p. 91.

57 Ibid., p. 91.

58 Ibid., p. 8.

existência, superando, assim, a concepção das essências e apontam para a utilização de três "dispositivos" formuladores do método fenomenológico: o *pré-reflexivo (vivido)*, a *reflexão* e a *descrição*.

A partir do pensamento fenomenológico, Dulce Critélli (1996) passa a observar a possibilidade, a partir da compreensão dada pela fenomenologia, de produção de sentido e de conhecimento, o que contribui para a possibilidade de investigação científica, através do que ela chama de Analítica do sentido. Esta autora desenvolve o pensamento de que a analítica do sentido tem seus fundamentos firmados na ontologia do ente homem, seu modo de ser e de conhecer. Essa busca da compreensão do ente, e de seu ser, nos dá uma perspectiva, uma forma de desenvolver a investigação fenomenológica, que se apresenta como possibilidade para o desenvolvimento da pesquisa em fenomenologia.

A compreensão aqui seria o próprio movimento de abertura, além do entendimento e da cognição, de procura e produção de sentido. O sentido é compreendido não como significado, mas como direção, rumo. A descrição do fenômeno implica darmos "um passo a mais" rumo à compreensão do sentido dos fenômenos: a *narrativa*. Uma narração dissertativa para, a partir dela, podermos começar a narrar o sentido, a apreensão da experiência, a comunicação da afetação, a dissertar e encontrar o sentido da experiência, na medida em que se articula o explícito (teórico) com o tácito (vivido).

A narrativa traz a riqueza da experiência. A experiência contada e recontada, re-significada e repassada. O caráter da narrativa nos é importante para compreender a experiência. Fala-nos de como as coisas aconteceram, onde

aconteceram e nos faz compreender a historicidade dos fatos. Walter Benjamin (1994, p. 200) nos esclarece acerca da narrativa:

Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida -de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos.

Neste pensamento, conselho é a comunicação ou comunicabilidade da experiência, é a continuação da narração, é a perspectiva do narrador, opinião baseada na experiência ouvida na medida que o outro verbaliza sua situação, abrindo as possibilidades de falar, ser escutado e ouvir. "O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos ouvintes 59".

Retomamos o significado da palavra método, "caminhar, ou seguir pelos caminhos". Aqui nos preocupamos com o "como". Ou seja, a pergunta que se faz é: como isso acontece. Ou como fazer para compreender como isso acontece. Em outras palavras, como já foi dito anteriormente: 'o caminho se faz ao caminhar'. precisamos, então, comunicar como se está fazendo o que se está fazendo. Ou de outra forma: Como estou fazendo o que faço do jeito que faço. Essa é a premissa da fenomenologia para a compreensão da 'minha' experiência, é a possibilidade da compreensão do fenômeno.

3.2. Trabalho

51 Ibid.. p. 201.

A busca do homem moderno, até mesmo antes da modernidade, na Idade Média, é procurar formas, maneiras de investigações científicas, normas e procedimentos, que garantam a veracidade dos fatos estudados pela ciência. Desde as proposições socráticas, platônicas, aristotélicas e kantianas, temos, enquanto humanidade, privilegiado o *cogito*, a razão, como sendo a principal fonte do saber. Procedimentos, medidas e explicações surgem cotidianamente para as mais diversas problemáticas nos diversos campos das ciências. Não queremos fazer qualquer crítica às formas de investigação científica, mas, antes, apresentarmos a forma investigativa que elegemos para desenvolver este trabalho.

Nunca sabemos de fato o que acontecerá ao planejarmos um trabalho, um labor, ou mesmo ao executarmos uma ação. Por mais que esse planejamento seja amplo e meticuloso, sempre há a possibilidade de algo sair diferente do proposto. Não estamos falando de fatalidade pura e simples, pois, como diria Buber (1979), fatal mesmo é crer na fatalidade. Fonseca (1998, p. 115) nos fala acerca desse pensamento de Buber: "Primariamente, para Buber, a fatalidade é, fundamentalmente, o decurso inalterável, fixado, inevitável, irrevogável das coisas". Estamos falando na facticidade. Enquanto o fatal nos remete à fatalidade, o factual nos remete aos fatos. O fato é que, diante da amplitude e dinamismo da existência humana, principalmente em trabalhos na clínica psicológica, estamos sempre tendo que improvisar, adequar e recorrer a diferentes formas de utilização de recursos, sejam estes teóricos ou materiais.

A expressão "nunca sabemos de fato", no início do parágrafo anterior, é proposital e tem implicações nos acontecimentos que se apresentam na clínica. Principalmente se nos apoiamos na fenomenologia para compreendermos a existência humana e nos lembrarmos de que o ser é sempre o ser das

possibilidades. O ser que, como tal, sempre nos dá mostras de que a existência é dinâmica e atualizável, nunca repetida e estagnada, o que torna, em certo sentido, a busca pelo conhecimento algo que aponta sempre para busca de apreensão e compreensão dos fenômenos.

Ao se propor o estudo de Oficinas de criatividade como dispositivo para a supervisão de apoio psicológico, percebeu-se que se deveria compreender como a investigação fenomenológica se dá, e como desenvolver este estudo, com pertinência para a clínica. Assim, definiram-se os propósitos para o desenvolvimento deste trabalho, suas metas e objetivos.

A pretensão deste estudo é buscar a compreensão de como a Oficina de criatividade pode servir como dispositivo para a Supervisão de Apoio Psicológico a coordenadores de grupos de idosos, em suas atividades nas instituições de origem. Com isso, se pensou, também, em se desenvolver uma atividade, com recursos expressivos, próprios desta oficina, que permita uma articulação entre produção e manifestações artísticas com a prática profissional, ou seja, compreender a experiência desse grupo profissional quanto aos procedimentos, dificuldades, necessidades e acertos, dos trabalhos desenvolvidos em grupos de idosos.

Nesse sentido, procurou-se compreender as Oficinas de criatividade e recursos expressivos como auxiliares no trabalho psicológico, a fim de se tematizar a prática e suas possibilidades na configuração da clínica contemporânea.

Para isso, propôs-se, elaborou-se e promoveu-se uma Oficina de criatividade para se compreender suas possibilidades como recurso para capacitação específica dos coordenadores de idosos, a partir do oferecimento da oficina como dispositivo para supervisão e se refletir acerca dessa supervisão como possibilidade de atenção e cuidado na formação e capacitação profissional. Por fim, procurou-se

fazer uma articulação entre a prática de oficinas de criatividade com a de Supervisão de apoio psicológico, a fim de se discutirem outras aberturas para a intervenção clínica.

A Oficina foi realizada junto a 16 profissionais, que atuam em instituições ou , grupos e que trabalham diretamente com a terceira idade: 3 Psicólogos, 3 Enfermeiros, 6 Assistentes Sociais, 2 Fisioterapeutas, 4 Educadores Físicos e 1 Odontóloga. As instituições e grupos de idosos a que esses coordenadores estão vinculados se localizam na cidade de João Pessoa -Paraíba, e têm relação e parceria com o NIETI -Núcleo integrado de Estudos e Pesquisas da Terceira Idade, núcleo vinculado à Pró-reitoria de Assuntos Comunitários da UFPB -Universidade Federal da Paraíba.

Esta Oficina nos deu os dados necessários para que este estudo pudesse se realizar. O modo de funcionamento da oficina objetivou-se da seguinte forma: propôs-se e executou-se uma Oficina de Criatividade com quatro (4) encontros, com o mesmo grupo de participantes. Cada encontro teve 3 (três) horas de duração. Para cada encontro, fez-se um relato de experiência que inclui gravações das falas proferidas pelos participantes, durante os encontros, em fita e em vídeocassete. O próximo procedimento, após os quatro encontros propostos, foi fazer entrevistas individuais, com 6 (seis) participantes dessa atividade, a fim de se compreender o sentido de suas experiências nas oficinas desenvolvidas, utilizando-se a pergunta disparadora: **Pensando em termos de sua atividade profissional, como foi para você a experiência com a oficina de criatividade?** As entrevistas foram gravadas em fita cassete. Todo o material colhido em fita cassete foi transcrito e passou por trabalho de literalização, que consiste em transformá-lo em texto, para melhor compreensão do sentido dos depoimentos dos participantes.

Após os quatro encontros com o grupo, também procurou-se explicitar o modo como as oficinas de criatividade foram desenvolvidas abordando-se seu funcionamento, as estruturas, a descrição das sessões e do ambiente, as temáticas experienciadas. Assim, procuramos a compreensão (hermenêutica) das entrevistas, através de elaboração da compreensão que se teve das experiências ocorridas nas oficinas, a partir dos depoimentos dos participantes, a fim de, conforme suas narrativas, apreender o sentido da experiência destes com oficinas. A partir, também, das observações que desvelam a compreensão deste autor. Ambos, depoimentos e observações, foram incorporados ao relato de experiência e transformados em texto posteriormente (capítulo 4).

Esses procedimentos possibilitaram a articulação, pelo diálogo, entre a experiência compreendida e os fundamentos teóricos propostos por autores citados no contexto deste trabalho.

4. OFICINA DE CRIATIVIDADE: do labor ao laboratório

A oficina de criatividade é o instrumento pelo qual este trabalho se realizou, seguindo-se, a partir daqui, não só o relato desta atividade, mas, sobretudo, nossas reflexões acerca de sua dinâmica. Tais reflexões serão apresentadas de modo diferenciado do restante do texto (em cor azul), a fim de possibilitar melhor clareza ao leitor. Acreditamos que essas reflexões poderão nos oferecer subsídios para compreendermos melhor as possibilidades de um trabalho clínico de supervisão de apoio psicológico a partir do recurso de oficinas de criatividade. Como já explicitamos, a oficina é, neste trabalho, o dispositivo pelo qual estamos propondo uma forma de oferecer e viabilizar supervisão a profissionais de saúde e educação, em diferentes contextos.

Da mesma forma, em confluência com os relatos das atividades desenvolvidas nas oficinas, faremos recortes de entrevistas também realizadas com 6 participantes por nós sorteados, observando compreender as experiências dos mesmos em relação à oficina de criatividade. Para diferenciar as falas dos entrevistados usamos tipos de fontes variadas, que estão todas em cor automática (preta). Abaixo, ilustramos não só os modos de fontes, como também os entrevistados à guisa de exemplo:

Natalie: "Eu achei bastante produtivo esta oficina de criatividade"

Sonia: "A experiência, com a oficina de criatividade",

Ana: "pra mim foi muito boa, pq nós estamos sempre trabalhando assim"

Hannah: "uma experiencia dessas a gente pode lalar que é muito..."

Penha:" a oficina de criatividade foi mui to bom prá gente pelo seguinte:"

Fayga: "então é muito válido agente se reciclar né!?"

Ressaltamos, ainda, que durante o relato das oficinas, os participantes são discriminados com a sigla PX, em que:

P = letra que designa a palavra participante;

X = número de 1 a 16, que diferencia um participante do outro,

Por último, apontamos as letras **D** para o facilitador e **W** para o co-facilitador das oficinas.

4.1. ACOLHIMENTO -1a Oficina de Criatividade -09 de maio de 2002.

Após várias tentativas e datas frustradas, a primeira das quatro oficinas foi realizada no dia 09 de maio de 2002 no local que já havíamos determinado. O NIETI foi o núcleo responsável por divulgar este trabalho para as instituições que lidam com idosos na cidade de João Pessoa. Na manhã desse nosso primeiro encontro, fomos cuidadosos em preparar a sala, retiramos alguns móveis, afastamos alguns outros para dar espaço para que o grupo se desenvolvesse. Estávamos prontos para receber a todos por volta das oito horas da manhã.

O planejamento proposto para a realização da oficina previa, inicialmente 11 participantes, confirmados até o dia 07 de maio (dois dias antes), e que estariam conosco na oficina. Para nossa surpresa, tomamos ciência, no momento de início da oficina, de que esse número poderia passar para até 16 pessoas, o que acabou se confirmando. Soubemos disso através da coordenadora do NIETI, que esteve lá para fazer receber os participantes e dar apoio com sua presença, e pelos próprios participantes.

Nesse momento, o primeiro passo para nossas reflexões acontece pelo contato com uma dimensão própria e intimamente implicada na esfera do humano: o inesperado. Assim, fomos tomados pela surpresa de nos confrontarmos com uma situação não prevista. Essa imprevisibilidade própria do trabalho direto com pessoas, é, ao mesmo tempo, responsável pela retirada de nosso norte, nosso prumo (o planejado), mas acaba, também, descortinando outros horizontes quanto ao desenvolvimento das atividades nas oficinas de criatividade (as possibilidades que o fenômeno nos traz). Inesperado é o ambiente com o qual não temos familiaridade... são os outros que não conhecemos... o planejamento e organização que sempre tem uma probabilidade de falha... é a vida que sempre se desvela, surpreendendo e instigando a superação, a perdas, ganhos e danos à existência humana.

Observamos que aqui, antes mesmo do início dos trabalhos, a dimensão do cuidado e do acolhimento já se fazia presentes. A percepção que tivemos ao fazer nossas reflexões acerca desse momento descrito da oficina, foi a de que estávamos desenvolvendo uma certa dimensão cuidado, encontrada no trabalho clínico de forma geral. Esse cuidado manifestou-se neste trabalho através da preocupação

com o início e com a preparação do local para a realização da oficina, a própria preocupação em viabilizar um convênio com o já referido órgão para o desenvolvimento da atividade, e, ao mesmo tempo, o pronto apoio dado por este órgão quanto também a divulgação, inscrição e organização da infra-estrutura do curso.

Em face a esta mudança, percebemos que nem todos estavam presentes na hora combinada para o início de nossas atividades (8:00 h.). Sendo assim, o grupo em consenso decidiu prorrogar seu início por mais 30 minutos. Foi dessa forma que os participantes nos comunicaram que viriam mais pessoas que as 11 esperadas: **“Espera um pouco D, P13 e P2 ainda estão por vir”** - nesse momento já havia 14 pessoas na sala. Começamos a interagir com o grupo e perguntamos a todos se concordavam em esperar mais um pouco pelos retardatários, ao que o grupo concordou em conceder uma tolerância até as 8:30 h.

Entrelaçado com o inesperado, o cuidado insurge-se no sentido de termos um "percurso" da oficina, e de nos darmos conta de que a dinâmica da oficina já se iniciara, ou melhor, a própria oficina já iniciara. Ressalta-se, então, a temporal idade. Se nos detivéssemos somente aos aspectos de temporal idade cronológica (chronos), possivelmente suplantariamos a dinâmica natural do grupo, que já estava começando a interagir e intervir pela referência aos participantes que não haviam chegado, o que nos faz pensar que a dimensão do cuidado não é somente de responsabilidade ou privilégio somente de quem facilita o grupo. Assim, ao acertamos, em grupo, uma tolerância de 30 minutos, demos margens para um tempo vivido que não é cronológico ou mecânico, mas pleno de aspecto vivencial do

tempo (kairós). Estávamos, sem nos aperceber, produzindo uma forma grupal de nos auto-organizarmos, que não estava de acordo com o cronograma ou com os planejamentos iniciais do facilitador, mentor aparente do grupo. Já estávamos iniciando nossos trabalhos, como se estivéssemos fazendo um *warming up*, um aquecimento, criando uma forma de "iniciar-se" que foi própria desse grupo, como só esse grupo poderia fazê-lo naquele momento. Não estamos falando que esse grupo foi ou é especial. Estamos falando que há uma singularidade nesse grupo, ou melhor, que os grupos desenvolvem suas próprias singularidades, idiossincrasias próprias, com um modo de ser próprio e irrepetível.

Além do tempo, o contexto em que estávamos já nos falava do grupo, de sua dinâmica. Como era um grupo direcionado a coordenadores de grupos de idosos, algumas pessoas já se conheciam, outras trabalhavam juntas na mesma instituição, levando o grupo a assumir uma consideração positiva para com as pessoas que estavam atrasadas, gerando um "voto de confiança" às colegas. Percebemos, então, que antes mesmo do tempo de tolerância acabar, as pessoas já haviam chegado à sala, o que confirmou e avalizou a importância de termos esperado por elas bem como a confiança dada pelo grupo às colegas. Para ressaltar esse aspecto, nas entrevistas realizadas é apontada a , importância desses encontros. Hannah nos fala: **"olha, esse pequeno momento que nós vivemos com outros profissionais é como eu disse anteriormente, me enriqueceu muito em termos assim de conhecimentos porque cada profissional tem a sua vivência, a sua experiência, e passa para a gente!!"** Penha corrobora: "Eu acho, em primeiro lugar, que a oficina de criatividade foi muito boa nós todos pelo seguinte: por que pôde reunir profissionais de vários órgãos, como a SETRAS, a secretaria de saúde, o pessoal da

prefeitura, que a gente nunca teve a oportunidade de conseguir reunir todos mundo".

Natalie descreve esse "encontro" dando ênfase ao diálogo proporcionado durante as oficinas: **"O diálogo entre todos nós, colocando as nossas dificuldades, tentando pelo menos resolver, minimizar, através da reflexão que fizemos no grupo, né !?"**

Às 8:20 h a coordenadora do NIETI deu as boas vindas aos participantes do grupo, desejando boa sorte no trabalho a ser desenvolvido e parabenizando a iniciativa de se propor a oficina, despedindo-se para retornar ao seu cotidiano na UFPB, disse que esperava que o trabalho desse bons frutos para os facilitadores e para os participantes.

Como havíamos determinado com o grupo, as atividades iniciaram-se às 8:30h, aqueles participantes por quem o grupo esperava, chegaram dentro do tempo período de tempo que tínhamos determinado. Começamos a oficina expondo os seus objetivos. Falamos ao grupo que esse trabalho estava sendo proposto para profissionais que, de alguma forma, "cuidam" de idosos, pois sentíamos a necessidade de abordar para além dos aspectos teóricos; outras dimensões dos profissionais implicados na tarefa (nos referíamos às dimensões afetiva e experiencial). Assim fazendo, diferenciamos esta proposta de outros cursos oferecidos pelo NIETI, e elaboradas na perspectiva de conteúdos programáticos, informações e conhecimentos teóricos. Explicitamos nossa pretensão de propor uma oficina na qual o profissional pudesse expor suas dificuldades, necessidades, situações bem sucedidas, trocar informações, e poder expressar-se, falar,

conversar. Estaríamos, com e por essa proposta, ainda, oferecendo uma atividade que poderia ser disponibilizada aos grupos de idosos com quem trabalham, partindo-se da experiência a ser construída nesta oficina, além de contribuir de acordo com a atividade profissional de cada participante.

É possível também, pensarmos no ser da oficina. Esse modo de arranjar-se dentro de situações inesperadas ou confusas foi o modo que este grupo encontrou para lidar com o acaso. É o modo deste grupo e não o modo dos grupos em geral. Assim, poderemos pensar que o grupo pode ser sempre facilitado com vistas a dar margem para a autogerência de seu próprio processo e desenvolvimento. Esse constante vir-a-ser é o que realmente nos importa, e não a sistematização de conceitos e formas que nos conduzem às técnicas e às tecnologias. Isso nos fala e revela a abertura, a disponibilidade e empenho das pessoas do grupo: desvela o sentido e o compromisso com o outro, a forma como o outro chega ou se apresenta, dando possibilidades de aproveitamento e desenvolvimento do "trabalho" a ser executado ou do trabalho que se está executando. Podemos, também, perceber uma ação de cuidado, no sentido de que o ser também é o ser do cuidado, para o cuidado consigo, com o outro, com o trabalho desenvolvido ou que está ou poderá ser desenvolvido.

Preocupar-se em promover situações para cuidar da formação de cuidadores é um modo de comunicar ações de atenção e respeito, o que foi buscado ao explicitarmos não somente a proposta, mas, também, seu sentido através da intenção com que foi pensada a atividade. Isto porque não podemos esquecer que ao propor o trabalho de oficina como supervisão, propiciamos que esses profissionais não só atuem ou desempenhem atividades, como também as utilize em

seu cotidiano profissional. Aqui, percebe-se tanto a dimensão cognitiva como afetiva da experiência.

Nas palavras de Natalie sobre a iniciativa e a proposta deste trabalho, percebemos sua pertinência, assim como das noções de cuidado com cuidadores, através de uma atividade que proporcione o encontro, o pensar e o fazer, a partir do labor e do trabalho, a aprendizagem significativa em relação ao saber/fazer e a própria compreensão e o "saber de si", num âmbito mais pessoal do sujeito. Estas condições parecem-nos necessárias para o entendimento e apropriações do trabalho profissional a partir de forças criativas desveladoras de possibilidades de "ser profissional no contexto em que se encontram": **"...assim... foi uma iniciativa muito boa de vocês, do NIETI, iniciativa boa que trouxe os profissionais que trabalham na área de grupos, com grupos de convivência, grupos da terceira idade, e... propiciou momentos agradáveis, momentos de criatividade realmente, despertou na gente a criatividade também!! De "me" ver!!!**

Ana nos fala do aprendizado, da novidade, da necessidade de reciclar: "para mim a oficina de criatividade foi muito boa, porque nós estamos sempre trabalhando assim, semanalmente com o grupo de idosos!!! Então é muito válido a gente se reciclar né? Aprender coisas novas, às vezes as dinâmicas que nós sabemos, quando vamos participar de um curso assim, a gente sempre prefere coisas novas né, pra passar para eles e enriquecer o nosso trabalho.

Também, dissemos ao grupo que esse trabalho tinha suas raízes na psicologia clínica numa perspectiva fenomenológica e existencial, precisamente nossa área de formação, e que esta oficina de criatividade tinha sido desenvolvida e inspirada em projetos do serviço de aconselhamento da USP (MORA TO, 1999). Como algumas pessoas se interessaram de imediato pelo trabalho, nos comprometemos de trazer, na próxima oficina, o livro que trata dessas duas atividades.

O inesperado se revela também no acordo de convivência feito com o grupo. De certa forma, um início desse acordo ocorreu, quando negociamos os trinta minutos de espera por outros participantes. Já estávamos acordando que possivelmente seria necessário um tempo de tolerância, pois eventualmente alguém poderia se atrasar por um ou outro motivo. No entanto, também estabelecemos o início das atividades após o tempo de tolerância para não prejudicar todo o grupo. Assim, pudemos, principalmente nós facilitadores, expor os objetivos, justificativa, certa perspectiva histórica e funcional da oficina de criatividade, as próprias conceituações de oficina e de supervisão e dispor alguma bibliografia para a consulta. A situação estava sendo colocada. Esse nos parece um outro papel da oficina: colocar a situação. Tanto a oficina quanto a supervisão são situações e recursos, o que nos faz pensar que elas são oferecidas aos participantes como utensílios onde há a possibilidade de que elas se revelem e descubram acerca de si mesmas e acerca do que fazem. Não se trata de teoria ou técnica. É possível, em relação às oficinas e supervisão, teorizá-las, mas a partir da experiência em ação, a partir de suas práticas e desenvolvimento próprios.

Nos foi interessante perceber como o grupo já estava aberto para a atividade. Muitos participantes já se conheciam de outros cursos ou encontros de Gerontologia. Ao colocar os objetivos e explicar um pouco o trabalho, algumas participantes se colocaram para expor apoio à iniciativa. Alguns elogiaram a idéia de se ter um espaço de conversa, onde esses profissionais pudessem conversar, falar sobre seus grupos, suas dificuldades, de se trabalhar o emocional e afetivo desse tipo de profissional que tem uma grande responsabilidade, que tem pouco apoio para desenvolver os trabalhos com os grupos de idosos, enquanto outros participantes do grupo ouviam atentamente e concordavam com as colocações das colegas.

Nesse momento parece-nos importante lembrar de uma outra dimensão: abertura. Embrincada com o cuidado e com a disponibilidade, o grupo parecia estar aberto, já se mostrava receptivo, disponível, parte por conta do conhecimento mútuo entre os participantes e facilitadores, parte, acreditamos, pelo aquecimento (warming up) que nos proporcionou um momento de descontração, de encontro e, em alguns casos, de reencontro. A tarefa doicineiro então, é a mesma do supervisor e do narrador: cuidar daquilo que se tomou sob o seu cuidado. A diferença entre oicineiro e o supervisor é a interposição do recurso em ação para fazer a experiência, ou seja, enquanto oicineiro faz a supervisão via labor (corpóreo, da experiência interna, da subsistência), o supervisor oficina o trabalho (a nível de conhecimento específico). Para isso, estávamos nos reportando aos trabalhos da USP que, tendo re-significado o sentido de oficinas, passaram a recorrer a essa modalidade de prática psicológica, como situação para ocorrência de aprendizagem significativa com profissionais cuidadores.

Natalie nos fala sobre o momento vivido pelo grupo que, em seu entendimento, deu uma outra perspectiva acerca do trabalho de formação profissional a partir da oficina de criatividade: **"Tirar esses profissionais da rotina de trabalho e trazê-los para um espaço que propicie a reflexão, a socialização entre o grupo e, também, a troca de experiência, propicia o enriquecimento do grupo, o que vem a enriquecer também o trabalho profissional (...) o diálogo entre todas também, colocando a suas dificuldades tentando pelo menos resolver, minimizar, através da reflexão né? Também a gente descobrir... a partir do momento que a gente descobre um ponto negativo na gente né!? E como a gente pode resolver uma dificuldade nossa, é um ponto positivo também".**

Há ainda a dimensão do inesperado neste momento: o grupo considera interessante a perspectiva de trabalhar com oficinas, na perspectiva de um momento vivencial bem diferenciado na capacitação profissional que os participantes estão acostumados a ter. Pareceu-nos então, desde já, que seria muito significativo o trabalho proposto, visto que uma das nossas motivações em trabalhar com grupos de coordenadores (o espaço para a supervisão e para a oficina de criatividade), parecia ser relevante em algumas dimensões no trabalho desses profissionais em seus grupos de idosos. O nível de aceitação do trabalho foi algo inesperado, apesar de desejado.

Expusemos também que essa atividade fazia parte de um projeto de mestrado, e, como tal, precisava ser registrado para ser utilizado posteriormente em nossa tese, e que precisaríamos gravar em áudio e em vídeo algumas atividades do grupo para podermos ter algum material para análise das atividades propostas. O grupo reagiu bem à possibilidade dos encontros serem gravados, e nos permitiu registrar esses encontros.

A partir daí então, fizemos um acordo de convivência com o grupo. O primeiro ponto que colocamos foi elucidar ao grupo certo constrangimento acerca do local o qual seria desenvolvido o encontro. Expomos que esperávamos 10 ou 11 participantes e que sabíamos que a sala não comportaria, de forma confortável, mais do que esse número de pessoas, e que o próprio NIETI não tinha recebido mais do que 11 confirmações, e, ao mesmo tempo, algumas instituições (as quais não temos interesse em citar aqui), teriam enviado mais profissionais do que tinham comunicado. Quanto a isso o grupo novamente expressou que o espaço não era tão pequeno, e que estavam todos bem acomodados, não havendo necessidade de nos preocuparmos quanto a isto, o que nos deixou a todos mais tranquilos.

Colocamos ao grupo os nossos horários de encontro, que seria das 8:00 h. às 11 :00 h da manhã, e com uma tolerância, combinada por todos, de 20 minutos para os retardatários, pois sabíamos que muitas pessoas trabalhavam à tarde e que esse horário nos daria tempo para chegarmos em casa, ou estar em outros afazeres a tempo de chegar no trabalho à tarde, e também, que os encontros seriam realizados, pelas três próximas quintas-feiras seguintes, além daquele dia o qual já estávamos iniciando o período de oficinas.

Colocamos, ainda, ao grupo a necessidade de sigilo e o respeito necessários às atividades que seriam desenvolvidas ali, o que parece ter sido bem assimilado

nesse momento, e compreendido como necessidade pelo grupo. Assim fizemos nosso acordo de convivência e nos colocamos em pé para começar algumas atividades no grupo.

Retomamos a dimensão cuidado na perspectiva de que o facilitador/oficineiro, toma para si a tarefa do cuidar de procedimentos e condução da facilitação das atividades. No entanto, isso também se dá a partir dos acertos e ajustes harmonizados até aqui nas dimensões do que foi planejado e do inesperado. Assim, delimitamos os horários, compartilhamos a responsabilidade de início, fim e tolerância com o grupo, entre outros acertos para um bom andamento do grupo. No entanto, aqui, subvertemos um pouco os apontamentos feitos pelos trabalhos desenvolvidos na USP, que tomamos como referência. Tais apontamentos nos direcionavam a oficinas de duas horas de duração durante o período entre seis meses a um ano. De nossa parte fizemos encontros com duração de três horas, durante um mês, perfazendo 4 oficinas.

Outro aspecto abordado neste momento foi relativo ao espaço que poderia ser pouco adequado às nossas atividades. O apoio e a versatilidade do grupo foi , importante e ratificou o momento de abertura que já estávamos vivenciando no processo grupal, pois a disponibilidade de trabalhar num espaço restrito, principalmente para um número de membros que não se esperava, não foi impecilho para a realização do grupo. Assim, subvertemos as noções espaciais que as terapias em geral sugerem, no sentido de adequar os trabalhos grupais a espaços pequenos, quando necessário. O que parecia ser um problema (espaço pequeno ou apertado), passou quase que imperceptível e irrelevante para os participantes do grupo neste momento.

É interessante perceber o quanto, nos grupos, os coordenadores também passam por situações inesperadas. Sonia aponta para uma outra necessidade de criatividade: aquela que no cotidiano surge nos grupos e das dificuldades institucionais; a improvisação é um traço fundamental no desenvolvimento do trabalho, o que nos fez pensar que a oficina acabou por se utilizar desse conceito e adaptabilidade e de criatividade que já existe para Sonia em seu cotidiano: "É assim: o que eu uso de criatividade aqui no posto não é moleza não, pq você saber que aqui é município, você sabe que município e estado... é... trabalha sem verba!! As verbas ficam lá em cima é!? Mas, aqui, na comunidade, não chegam verbas, e quando chegam, estão atrasadas!! Falta tudo, e é quando falta tudo?? A gente vai cruzar os braços? Não posso cruzar os braços eu tenho que criar!! J por exemplo, quando falta remédios! Aqui a gente precisa demais de remédio de pressão, demais!! trabalhamos com quê? Com idosos!! A maior clientela que temos no posto é a de idosos!! Quase todos hipertensos, quase todos diabéticos, quase todos com os triglicérides lá em cima!!! Todos também precisando de um psicólogo, de um nutricionista!! Eu tenho que usar, eu como assistente social tenho que usar a criatividade!"

Via de regra, nas oficinas que realizamos, não há um planejamento prévio das atividades que serão desenvolvidas, embora disponhamos de referenciais sobre o que fazer. Isso porque é de fundamental importância sentirmos o movimento do próprio grupo. Nesta perspectiva, compreendendo que havia uma espécie de celebração do grupo, propusemos algumas atividades utilizando movimento e música para integrar o grupo. Um momento de integração onde pudéssemos nos apresentar, nos conhecer e realizar atividades em conjunto. Antes, porém, fizemos

um relaxamento e alongamento de forma lúdica. A atividade que utilizamos foi a brincadeira: "**O mundo é tão grande**".

Explicamos a postura ideal para o exercício: os pés afastados na largura dos ombros, os joelhos levemente flexionados e a cintura "encaixada", para não comprometer a coluna. Após a posição inicial, arqueamos o corpo para frente tentando alcançar os pés, ou nos deslocando o máximo que pudermos para frente, até o limite próprio de cada um. A partir daí deveríamos erguer o tronco e as mãos até em cima, como se quiséssemos tocar no teto da sala, para depois relaxar os braços, descendo lentamente e abrindo os braços em forma de círculo como que desenhando o mundo, ao mesmo tempo em que dizendo a frase: o mundo é tão grande. Fizemos isso três vezes. Então demos alguns comandos de alongamento e relaxamento: ele vira para a direita (todos repetem), levantando os braços esticados arqueando o corpo levemente para a direita; ele vira para a esquerda (mesmo processo sendo que para o lado esquerdo); ele vai para a frente (o corpo arqueado para a frente tentando tocar os pés); ele vai para trás (arqueando o corpo com as mãos levantadas, para trás); ele torce para a direita (torcendo o tronco num movimento de rotação com as pernas paradas e com as mãos levantadas na altura peito); ele torce para a esquerda (mesmo processo da torção para a direita); ele a cinco vezes para a direita (fazer movimento de rotação com a cabeça cinco vezes para a direita); ele gira cinco vezes para a esquerda (movimento invertido ao) para a direita). Fizemos essas séries de exercícios três vezes, e nos ajudou a relaxar e a despertar ao mesmo tempo, pois tínhamos ficado cerca de 50 minutos sentados na sala.

O próximo passo então seria nos apresentarmos: fizemos uma apresentação trouxe um clima de descontração ao grupo. A apresentação consistia no em

ficarmos de pé dispostos em círculo, onde cada participante do grupo pudesse se apresentar. Cada um deveria ir para o meio do círculo, dizer seu nome e fazer um gesto que o identificasse naquele momento. Depois esse participante retornaria para o círculo, e todos os outros participantes, ao mesmo tempo, iriam em direção ao centro do círculo repetir o nome e o gesto feito pelo participante que havia se identificado. Um por um, todos os participantes fizeram suas apresentações. Pudemos observar que os integrantes do grupo estavam disponíveis para a realização da oficina. Nesse momento, os participantes tentaram demonstrar e inventar formas mais variadas de apresentação.

Alguns pularam, outros se ajoelharam, outros fizeram um gesto de reverência curvando a cabeça graciosamente; alguns gritaram seus nomes, outros o falaram baixinho e outros se agacharam. A procura por um movimento inédito foi-se tornando difícil na medida em que todos se apresentavam, o que fazia com que as pessoas tivessem que criar movimentos próprios que não fosse repetição de apresentações anteriores. Essa atividade ajudou-nos a descontrair um pouco mais. Risos, gargalhadas e surpresa, fizeram com que o grupo soltasse a criatividade e os membros interagissem uns com os outros, comentando cada movimento, fosse achando graça, fosse achando criativas as formas de apresentação de cada componente do grupo.

Após a apresentação, pensamos em continuar o trabalho de descontração. Sentimos que havia naquele momento um ar de celebração por estarmos proporcionando uma forma vivencial de trabalhar com os profissionais. Em toda celebração encontramos pessoas conhecidas e temos a oportunidade de interagir, de rever, de conversar e viver com pessoas que temos alguns contatos. Para esse grupo que estava começando a se formar, esse primeiro encontro teve essas

características de re-encontro, de interação, de conversa e vivência, pois a maioria dos profissionais já se conhecia, pelo menos superficialmente, de cursos ou palestras ministrados até mesmo pelo NIETI, mas, provavelmente, não através de um trabalho com proposta de oficina de criatividade.

Assim, propomos um outro exercício. Fizemos ao grupo uma pergunta lúdica para as pessoas, que ainda estavam dispostas em círculo: Vocês sabem quando a gente vai encontrar uma pessoa muito querida no aeroporto ou rodoviária? Aquela pessoa querida que nunca mais você viu e que está morrendo de saudades? Pois é, qual é a nossa reação quando vamos recebê-la de viagem num aeroporto ou numa rodoviária? Houve certa agitação para dar a resposta, muitos queriam falar ao mesmo tempo, até que uma N5 disse: **peraí, eu vou demonstrar, acho que todos vão concordar. Vem cá N7: (deu um grande abraço como se estivesse festejando e demonstrando alegria) Amiga!! A quanto tempo.** Nesse momento rimos um pouco e o grupo concordou com N7. Então dissemos ao grupo: pois é, nós vamos falar entre nós, de um por um, como se estivéssemos recebendo esta pessoa, como se ela fosse muito querida, e estivesse chegando de viagem. A partir daí todos começaram a se cumprimentar, se abraçar, e saldar-se uns aos outros. Essa atividade foi interessante para quebrar o gelo, mas também para aproximar pessoas que há algum tempo não se viam, ou que tinham, por vários motivos, perdido contato com outras, além de aproximar quem simplesmente não se conhecia. O clima do grupo, sempre favorável à integração, estava muito receptivo às atividades que estávamos propondo.

Encontramos aqui uma dimensão ética-política-estética das oficinas (*óicos, ethos, polis*). O que aparentemente parece ser disperso, no sentido de serem meras

dinâmicas de grupos ou atividade de lazer, na verdade tem a pretensão de tornar o ambiente acolhedor ao grupo que estava se formando. O óikos é a casa, é a dimensão do que é familiar, assim como ethos significa morada do ser. De certa forma, todo ethos tem o sentido de óikos em algum momento. A morada, o alojamento, traz consigo, um modo de estar confortável conosco e com os outros. Essa dimensão de um campo ético-político na experiência vivida é o que nos vai permitir o trabalho, o labor e a ação humana, como bem nos diria Hannah Arendt na reflexão pessoal e profissional desse grupo. Importante é perceber como o óikos é a casa e a casa, via de regra, é um lugar de acolhimento daqueles que nos procuram, sejam familiares ou estranhos. É o lugar onde recebemos outros, na maioria das vezes nossos convidados. Essa dimensão do outro, da alteridade que nos convoca, que nos instiga, que nos remete à intersubjetividade, nos coloca em "contato" com o estrangeiro, com o estranho ou com o familiar, e ao mesmo tempo que pode trazer desconforto, revela possibilidades de ser e estar. Estranhamento, contato com a alteridade, com o estrangeiro, conforto e desconforto, nos lembram um processo estético de territorialização, desterritorialização e reterritorialização existencial, processo esse que se vincula a movimentos de alojamentos e desalojamentos.

Com naturalidade, as pessoas foram falando com todas as outras e retornando ao círculo. Quando todos já haviam se cumprimentado, pensamos em fazer atividades com música e continuar o momento de descontração/interação que o grupo estava. Propomos algo como se fosse um desafio para o grupo: Dançar, todos ao mesmo tempo de mãos dadas. Colocamos uma música de forró e quadrilha aproveitando certa proximidade com as festas juninas (olha pro céu meu amor e músicas de Luís Gonzaga), que foi logo assimilada como se fosse uma ciranda,

onde o grupo começou a girar para no sentido da esquerda para a direita. Alguns , movimentos, como passos de ciranda, foram dadas e também dois movimentos parecidos: o de fechar abrir e fechar o círculo num movimento de ir abrir os braços o máximo que puder aumentando a distância e fechar os braços o máximo que puder para diminuir a distância; e também o movimento aonde somente uma parte do círculo iria em direção ao centro, fazendo com que o círculo ficasse com uma curva para o centro do círculo, onde todas as pessoas passariam nessa curva como se estivéssemos passeando em curva. A certa altura alguém do P12 gritou: **Ah gente, rodar só prá um lado da tonteira, vamos rodar pro outro agora.** Isso nos ajudou a mudar o sentido da esquerda para direita para da direita para a esquerda.

Pensamos então em continuar a fazer atividades com o forró, que nos é bem familiar no nordeste e em João Pessoa. Assim, pedi para desfazemos a roda (a música não parou de tocar, e não paramos de dançar) e formarmos pares para dançar forró. Com o passar do tempo, dissemos que íamos dar uma voz de comandos para fazermos a tradicional troca de pares que é costume em certas quadrilhas de forró. Toda vez que gritávamos *trocou*, trocávamos de pares. Fizemos a troca de pares várias vezes. Com o tempo fizemos troca de pares bem rápidas para que cada participante pudesse dançar com todos os outros. O movimento .A acelerado de procura por outro par de acordo com o tempo da voz de comando, causou bons motivos para risadas e gargalhadas, pois a opção seria sempre nesse tipo de brincadeira, de dançar com alguém que não havíamos dançado antes, o que nos ajudou a descontrair mais ainda, pois como quando deixávamos rapidamente o par que estávamos até a voz de comando, não poderíamos dançar com a primeira pessoa que estivesse em nossa volta, o que fez algumas pessoas ficar bom tempo

procurando alguém com quem não tivesse dançado, ou cruzar a sala para poder achar alguém para dançar.

Ao encerrar essa atividade, o grupo bateu palmas e festejou. Como dissemos anteriormente, o sentimento parecia ser o de celebração, embora não termos nada sacro ou especial para celebrar. Era a celebração, aparentemente, do próprio encontro, do momento em que vivíamos. Pedimos então que as pessoas não se separassem do seu último par com quem tinham dançado. E propomos que todos abraçássemos esse último par, mas que nós nos abraçássemos de uma forma diferente. Lembramos que o abraço é uma forma de se expressar, de expressar carinho pelo outro, e que às vezes nos abraçávamos de forma superficial, como apenas colegas, ou como homens que tendem a se abraçar com certa distância dando tapinhas nas costas um do outro.

Propusemos um abraço que nos é familiar em outras vivências que fizemos, onde um braço se coloca por sobre o ombro e outro por baixo do braço do outro. Assim cada um pessoa tem um braço por sobre o ombro do outro e o outro braço por baixo do braço do outro. Usualmente, algumas pessoas usam duas simbologias para esse abraço: a primeira de que nesse abraço não há vencidos nem vencedores, pois às vezes uma pessoa coloca os dois braços por cima dos ombros dos outros o que faz a outra colocar seus braços por baixo dos braços dela, e a Segunda é que nesse abraço, geralmente, as pessoas tendem a ficar com o tórax mais próximos um dos outros, onde o peito, onde está o coração, fica um pouco aproximem.

Uma outra forma de entrar em "contato" com o outro é através do corpo. A corporeidade, a percepção através dos sentidos, nos faz apreender o mundo, o

tempo e espaço vividos. Como nos diz Merleau-Ponty, é essa corporeidade que nos aproxima dos fenômenos; é isso que nos limita enquanto seres no espaço e, ao mesmo tempo, nos põe em contato com o externo. É a forma primeira de apreensão dos seres e das coisas. É através dos órgãos dos sentidos que nos pomos em contato com nossas experiências, as comunicamos, bem como apreendemos as de outros. Como disse Pierre Weil: "o corpo fala". Fala e comunica a vívida e vivida experiência de viver. O corpo comunica sensações, percepções e afetações, ajudando a elaborar a experiência vivida, pré-reflexiva por excelência e requer outras formas de registros que elaborem o que é vivido na busca de compreensão e significados e sentidos.

Já tínhamos nos abraçado de outras formas um pouco antes disso, o que fez com que algumas pessoas expressassem que sentiram diferença, até que N5 propôs um outro abraço, mais longo com essa nova forma de abraçar, o que foi bem acolhido pelo grupo.

Estávamos, então, entrando num momento de integração mais sensível no grupo. Quando percebemos isso, pedimos para que cada pessoa fizesse dupla com outra pessoa, de preferência com alguém que cada um tivesse menos convivência. Propomos, a partir daí, a atividade do cego e do guia, onde uma pessoa fecharia os olhos e se deixaria conduzir pelo seu par por toda a extensão do ambiente em que estávamos, explorando cada recanto e cada lugar. Uma pessoa então se deixaria ser guiada e outra iria guiar. Com certo tempo, deveríamos inverter os papéis, ou seja: a pessoa que estava sendo guiada iria guiar, e a pessoa que estava guiando deveria se deixar guiar com olhos fechados. Ao som de uma música de relaxamento, este exercício foi tranquilo e pudemos notar que a preocupação dos guiar em não deixar com que a pessoa guiada esbarrasse em qualquer objeto ou

pessoa, e, em geral, a confiança dos guiados em ser conduzidos por outra pessoa. Por vezes, em alguns grupos, essa atividade não funciona muito bem, principalmente em grupos menos integrados. Neste grupo, porém, a atividade foi bastante tranqüila. Após esta atividade que durou cerca de 8 minutos, pedimos que as pessoas se despedissem umas das outras com um abraço, e demos uma parada de 15 minutos para o coffee break.

Percebemos então, como o lúdico da oficina pode funcionar como catalizador de experiências, sejam elas quais forem. O lúdico, assim como o vivido, por estar sempre implícito e explícito no trabalho do oficinairo é metaforizado, não é mera alegoria da experiência, é possibilidade de ser e estar. No lúdico há várias possibilidades de experimentos. O "experimental", o "experimentalismo" ou o "experimental" situações ou formas de atuação, são possibilidades do lúdico, a mútua e multi afetabilidade; cada participante passa a ser afetado e a afetar o óicos, o ethos, desenvolvendo ações próprias ao grupo em um trabalho de criação, portanto, político e estético. Essa dimensão da afetividade nos remete à poiésis: a territórios onde há a possibilidade explorar vários níveis de criação e de criatividade, em um trabalho que envolve ritmo e movimento, música e sons, proximidade e toque, corpo e ludicidade. Uma experiência em ação e elaboração.

Nas palavras de Hannah: "Cada tarefa que você colocou em termos de arte, de pintura até mesmo aquela parte que a gente teve que fazer um boneco !! Vestir o boneco, costurar!! Esse trabalho foi muito gratificante !! Eu coloquei assim... o meu lado criança pra fora !! É !! Resgatei muita coisa da minha vida, e posso dizer que isso me proporcionou um

grande crescimento !! E esse aprendizado que adquiri na oficina, me fez imaginar como poderia levar essa atividade para o meu trabalho !!

Fayga corrobora com Hannah ao falar da criatividade:

“Conhecimento... conhecimento, foram dias agradáveis também, nós nos encontramos e eu gostei muito daquela parte da criatividade, pra vivência né... a gente criar.. perceber como é criar. foi muito bom... faz a gente pensar... coisas que no dia a dia a gente não exercita muito, aí de repente a gente está ali pra confeccionar um boneco por exemplo”.

O momento para um cafezinho foi importante para podermos constatar que o grupo demonstrava um bom entrosamento. A descontração do grupo fez com que essa pausa para o a "hora do cafezinho", de alguma forma, fizesse parte da dinâmica do grupo. Foi um momento para conversar, se conhecer um pouco mais, chegar mais próximo do outro.

Após o tempo determinado para o "cafezinho", começamos, então, a propor o próximo passo do grupo. Começamos a colocar no centro da sala, alguns recursos expressivos, materiais que poderiam ser utilizados na próxima atividade: tinta guache; lápis de cor, hidrocor e grafite; canetas; giz de cera; pincéis; cartolina, cola branca e colorida, tesouras. Após os momentos de descontração e integração, tínhamos a única atividade previamente planejada do nosso encontro, que tinha o intuito de provocar as primeiras reflexões acerca do trabalho desenvolvido por esses profissionais em suas instituições. Começamos, a partir daí, a chamar as pessoas para retornar ao grupo, sentando-nos em círculo e expomos a nossa proposta de explorarmos as experiências institucionais de cada participante, e que, naquele momento, começaríamos a pensar sobre essa experiência.

Propomos então, que cada pessoa iria ter para si uma cartolina. A cartolina deveria ser dividida em quatro partes, como na dinâmica da janela de Johari. Ela não seria cortada com tesoura ou estilete, ela deveria ter linhas riscadas dividindo quatro partes iguais. Cada parte deveria ter uma pergunta disparadora nessa ordem que chamaremos de Q1,Q2,Q3,Q4: Q1 -Como eu me vejo; Q2 -Como os outros me vêem; Q3 -Como a instituição me vê (instituição em que eu trabalho); Q4 - Como eu gostaria de me ver. Alguns participantes dobraram as cartolinas para depois fazer riscos nas dobras amassadas a fim de dividirem de forma mais equilibrada as 4 partes na cartolina. Outros desenharam já com a tinta guache e outros com lápis hidrocor ou giz de cera.

Foi no início desta atividade que nos deparamos com um problema que já tínhamos previsto e conversado com o grupo: o pouco espaço disponível para acolher os participantes, havendo certo constrangimento por conta da proximidade entre as pessoas. Pensamos que o ideal fosse que as pessoas tivessem mais privacidade pra poder expressar-se. No entanto, a proximidade também foi, de certa forma, facilitadora para algumas pessoas que pareciam pouco inspiradas para executar a atividade.

Essa proximidade física, que aconteceu pela restrição espacial, parece não ter influenciado as expressões individuais, conforme as imagens que temos em gravação e também por nossas observações. Os participantes concentraram-se em seu próprio trabalho e a proximidade transformou-se em possibilidade de auxílio quando alguém precisa de um outro material ou de alguma ajuda.

Após terem terminado a atividade, nos dispomos, então, a passar para a Segunda fase, que seria a verbalização, a exposição verbal do que se produziu.

Acertamos com o grupo que cada pessoa falaria acerca de sua própria produção. A partir daqui, colocaremos as falas dos participantes:

P5 -eu me vejo assim: feliz! Bonita! Colorida! As pessoas me vêem assim: meio palhaça! Sempre alegre! Fazendo aquelas palhaçadas! Algumas pessoas estranham porque eu me dou com todo tipo de gente... mas eu acho isso normal Eu acho que a gente falar com tudo mundo, viver bem! Não tem nada a ver esse negócio de grupinho... isso não! Isso não é comigo não. Agora, a instituição... perdoe! Não me vê não!... de jeito nenhum! Ela não se importa com o trabalho: se falta biscoito eu tenho que dizer que não tem aos idosos... isso é HORRÍVEL para mim!! A gente tem que usar de muita criatividade, utilizá-la para poder trabalhar... e continuar trabalhando! Por que se esperar por eles... hum... NÃO VAI MESMO!! E... como eu gostaria de me ver? Assim: FELIZ!!

P8 –Posso falar agora? Bom, eu me vejo assim: andando sempre rumo ao desconhecido, até escrevi isso no meu cartaz!! Nesse momento eu me sentindo em busca do desconhecido... das minhas potencialidades! e, principalmente, em busca do conhecimento! O conhecimento para mim... ave Maria! É o que eu mais quero... ...conhecer para desenvolver melhor o meu trabalho e minhas coisas! Aqui... é... como as pessoas me vêem! Como... muito... muito certinha sabe? Eu acho que não gosto disso!! Mas, é como elas me vêem: muito certinha, organizadinha... ajeitando tudo... às vezes isso é difícil de levar... as pessoas começam a criar expectativas!! Agora... Aqui... foi fogo!!! Como a instituição me vê!? ELA NÃO ME VÊ!! Mas não me vê mesmo!! Sabe... eu até coloquei aqui no desenho: "trabalho com as brechas, incomodo, para realizar algo útil dentro do

trabalho que desenvolvo... tanto para mim, enquanto profissional... ...quanto em respeito à população... ...E a instituição vê isso!?

P5 -Com licença, desculpe interromper... eu gostaria de perguntar quem aqui se sente realmente apoiada pela instituição? Quem se sente respeitada pelo seu trabalho? Eu acho que ninguém se sente!!

P13 -eu mesmo não me sinto!!

P4 -eu também não!!!

P2 -e quem se sente? Ninguém pode se sentir!!

P5 -Eu acho que ninguém se sente respeitada, apoiada pela instituição! A instituição não ajuda em nada! Nós temos que usar de criatividade para trabalhar *com* os grupos de idosos! Da NOSSA criatividade! Pois se a gente esperar pela instituição... há... já era!

A maioria do grupo apoiou a idéia de que as instituições não davam condições ao trabalho, outras não. Essa discussão permeou o grupo por algum tempo durante os depoimentos, como veremos a seguir. Fayga, em seu depoimento nos diz: *"assim.. as autoridades querem que a gente faça esse tipo de trabalho, os projetos com os idosos, mas só que eles não oferecem nenhuma condição para que isso aconteça!! Fica tudo a cargo apenas do profissional!! Porque a única coisa que temos mesmo é o espaço que já existe!!... E o lanchinho que vem das secretarias. Mas lápis, ou qualquer material para a gente desenvolver atividades...? Não vem nada!! E se a agente não trouxer alguma coisa da gente... aqui no posto não tem!!! A gente oferece algumas coisas e os idosos ficam fazendo bingos e brincadeiras para conseguir um realzinho aqui outro ali... para comprar ventilador, pra comprar um som pra poder trabalhar!! É!! tudo que nós temos aqui, como o som, o ventilador; foram os idosos que colaboraram e ajudaram a comprar!"*.

P13 -gente, como o tempo é curto, vamos ser rapidinhas porque tem muita gente faltando falar ainda e o tempo está passando!

Compreendemos que este grupo tendeu a se autogerir. Durante toda essa fase de exposição dos desenhos, os facilitadores quase não falaram e interviram pouco. A sugestão feita por P13 alertou ao grupo de que não dispúnhamos de muito tempo para expor o que havia sido produzido, e que, talvez, se não nos apressássemos, algumas pessoas deixariam de falar, coisa que de fato aconteceu.

A questão do pouco tempo disponível não só para cada encontro, como também quanto 'a duração das oficinas, é bastante nítida na entrevista de Sonia: "Talvez porque tenham sido apenas 4 encontros exatamente!! sim!! Foi outra questão! Curtíssimo né?! Agora, me parece que também, e ao mesmo tempo, nós fomos colocando essas coisas que eu vejo como sendo uma necessidade da gente conversar!! Acho que o último movimento do grupo foi para discutir muitas coisas, agora talvez não tivesse tempo ou aquele momento era tão inicial que não se acordou para essa realidade, me parece que da mesma forma que tenho essas preocupações, muita gente também tem!! Mas me parece agora que realmente o tempo não foi adequado, não foi suficiente!! Quando ela começou terminou!! Mas, mesmo assim, ela apontou para algumas coisas, mas muito mas ela ia apontar mais, eu queria que ela apontasse mais".

P8 -É!! Eu... não me sinto apoiada não!! Se alguém se sente... ..acho que os nossos grupos não são tão diferentes... mas... assim... como eu gostaria de me ver... assim: no final da vida!! Com os meus direitos garantidos... os que... os mesmos que eu luto hoje para que a população tenha!! Curtindo o... final da vida!!! Descansando, relaxando, viajando!!! Ah, seria um sonho!!

P1 -eu me vejo assim: como um arco-íris!! interação... beleza... por que ele é belo! Eu gosto e me vejo assim: envolvida... no meio de pessoas... mas há... ...uma nuvem negra também... muito densa... que, na verdade, deveria ser aqui: na minha instituição! No trabalho... Acho que é isso... vejo o trabalho desse mesmo jeitinho: como uma nuvem densa... me sufocando!!! Mas eu gostaria que tudo mudasse,.. que as pessoas me vissem bem! E que o trabalho me visse... com mais consideração!!! Acho que nós que trabalhamos com idosos merece!!... Acho que as pessoas me vêem assim: como aquela que faz!! Que luta!! Cheia de energia!!! Que fala muito!! Lá tem duas pessoas... por que... quando eu cheguei para trabalhar lá, o grupo já existia, e eu fui chamada para ajudar a minha companheira de trabalho hoje!! Eu gosto muito do que faço, me sinto feliz!! Mas Aqui... é que está o problema!!! A instituição não está nem "aí" para o nosso trabalho... Está sim, quando é para a própria instituição aparecer!!! De vez em quando apresentam nosso trabalho, o trabalho que a gente desenvolve lá no posto com os idosos... da forma como é feito por nós, sem ao menos nos consultar ou citar os profissionais que realmente realizam o trabalho!!! Como se eles, esse pessoal das secretarias, fossem os mentores, se preocupassem em organizar, em ajeitar!!! Quem faz isso somos nós... ali, no dia-a-dia!!!! Muitos que apresentam não têm a mínima idéia de como fazemos para desenvolver esses trabalho, das lutas, dos problemas, mas ficam com a glória e são eles quem aparecem. Muitas vezes eles nem visitam a instituição. Mas quando tem festa, ou celebração estão lá: discutando, falando do compromisso deles com os idosos. Que compromisso é esse??? Esse povo não vai nem lá e diz que tem compromisso!!! Isso tudo para aparecer e levar vantagem para serem respeitados politicamente!!! Eles fazem apresentações através dos relatórios que fazemos... Eles não tem a mínima idéia do... do... trabalho isso chateia,

desmotiva!! Mas, assim... eu gostaria de ser assim: como uma árvore que dá frutos, quem reconhecimento pelo que faz... ...Assim... seria bom, motivador, desenvolver o trabalho!!!

Este foi um momento em que os participantes começaram, de forma tímida, a discutir algumas questões acerca de suas condições dentro das instituições que trabalham. Como a maioria do grupo trabalha em órgãos e instituições públicas, todos entenderam os questionamentos de P5, , P8, P2, P1 e P4, apesar de uma pequena minoria não apoiarem as afirmativas. No entanto, é público e notório a falência das instituições sociais e assistenciais no Brasil. Aqui, podemos perceber como o profissional se sente em uma instituição que pouco o apóia, que remunera mal, que não oferece nenhum tipo de estímulo aos seus funcionários, mas cobra que estes desempenhem suas funções com excelência. A insatisfação dos profissionais não é com o trabalho junto aos idosos e sim com as instituições, com a forma pela qual são administradas, a falta de apoio e respeito profissional que sentem.

Observa-se, no que diz respeito ao sentido de apropriação, o sentimento o sentimento de desapropriação do trabalho desenvolvido nas instituições. Enquanto estes profissionais, muitos graduados no 3º grau, desempenham suas funções cotidianamente, enfrentam os problemas e dificuldades do dia-a-dia, não recebem nenhum apoio de instâncias superiores, essas mesmas instâncias apropriam-se deste tornando-o público como se estivessem dando completa estrutura e apoio para que este se desenvolvesse. Assim, aspectos motivacionais, profissionais e políticos, além dos financeiros, passam a fazer parte das problemáticas cotidianas do profissional que está dentro das instituições de idosos, gerando insatisfação

tanto na dimensão cognitiva quanto na dimensão afetiva. Fayga nos diz que: "está faltando uma coordenação que a gente possa confiar!!! Porque a gente trabalha solta assim é só achismo: eu acho que aqui ou ali !! Principalmente quando se é da saúde que é onde nós estamos... se deixa muito a desejar !! A gente quer fazer um trabalho de criatividade, tem muita coisa ali que a gente não pode fazer por falta de material. Outra coisa, a prefeitura tem os grupos de idosos da Saúde e da Setras, ela poderia unificar isso, ser um grupo só né? Um grupo de idosos da prefeitura...Mesmo que fosse assim.. unificado!! Por exemplo, na área da saúde!! Porque nós somos da secretaria da saúde e trabalhamos com ele!! Poderíamos pelo menos dividir os recursos!?!? Porque a gente está com 100 idosos e a saúde diz que não são todos idosos do município!! Olha só, a SETRAS tem atividade física, trabalhos manuais, tudo!! Eles têm as coisas e os materiais e nós aqui não quase nada".

Ana corrobora com as discussões profissionais, ao falar de algumas moções administrativas e a realidade institucional: "Assim, as autoridades querem que a gente faça esse tipo de trabalho, os projetos dos idosos, mas só que eles não oferecem nenhuma condição para isso!! Somos apenas nós, os profissionais!!! Porque a única coisa que temos mesmo é o espaço que sempre existiu!!!"

P2 -me vejo bem!!! Reconhecida no trabalho!! Não enfrento, como a maioria, problemas com diretor ou instituição... me sinto, ao contrário, muito valorizada!!! As pessoas me vêem como a faz tudo... A que tem idéias para tudo ... E... às vezes, as coisas não são bem assim... eu sou humana... ..tenho defeitos me canso... ... A instituição me vê como fundamental, como o carro que não anda sem a roda, eu me sinto a roda... como se as coisas não caminhassem sem mim!! Quando eu não vou a uma reunião, vejo que as coisas não saem bem resolvidas... sabe????!!! E.. eu

gostaria de me ver assim... dinâmica... expansiva, expressiva!!! Cheia de vida!! De Vida!!!.

P3 -eu me sinto assim: bem aberta!! Vendo... admirando o sol!! Aberta para o conhecimento, aperfeiçoando com garra para fazer!!, Para realizar!! Para crescer como profissional e como pessoa!!! Mesmo porque, acho que as pessoas me vêem assim!! Como uma estrela!!! As pessoas me vêem como uma estrela que tem essas pontas que parecem braços para abraçar, acolher as pessoas!!! A instituição... da mesma forma a instituição me vê! Como uma borboleta... livre, leve e solta! Aberta... alegre!

P6 -me vejo como uma pessoa que faz parte do ciclo da vida... desempenhando papéis: de mãe, de profissional... e eu gosto de ser vista assim mesmo! É isso mesmo! A instituição me vê assim e hoje não me atinge mais... ela me ver desempenhando um papel de profissional... dedicada... que faz tudo ali... como eles mandam!

P4 -Eu me vejo... como eu me vejo!?? Integrada com pessoas!! Buscando um trabalho em conjunto, visando conquistas... ..e as pessoas me vêem... ..ainda não sei... !! Cheguei a pouco tempo na instituição... ..e... espero dividir tarefas, projetos e idéias!!! A instituição... me vê ou... eu quero que me veja!!! Assim como alguém que veio para somar, ser mais um tijolinho na construção... alguém que possa ajudar a construir estas conquistas... e eu... ..gostaria de me ver... assim: considero a representação da interseção a instituição!!... e as pessoas ao mesmo tempo, multiplicar juntos... com todos... crescer!!!

P9 -Eu me vejo assim: feliz, realizada...! Estou aposentada né!?. Sou dentista... odontóloga! Tenho certa idade... ..daqui a pouco eu vou participar de grupos com vocês!! E... eu estou tentando realizar um trabalho com idosos lá na

igreja!! Juntamente com P11! Eu não estou mais em instituição mesmo... trabalhando... mas sei como é!!! Entendo perfeitamente o que as meninas estão passando!! A gente quer uma coisa... simplesmente não tem!! Faz projetos e ninguém aceita!! Faz mais do que precisa fazer e ninguém reconhece!!! Mas... tem que trabalhar! Da melhor forma possível, porque tem gente que precisa do produto final da nossa atividade!!!... é o necessitado!!!... e eu gostaria de me ver assim: feliz no restante da minha vida, fazendo trabalho pastoral, iniciando as coisas e vivendo... de cabeça fria!!!!

P11 -É... eu me sinto diferente de muita gente aqui... ...por que eu não estou trabalhando pro governo em nenhuma instituição do governo... ...o meu trabalho com idosos é para a igreja, então já... já tem um diferencial ai!!! Mas eu me vejo assim: integrada com a natureza!me vejo bem! Me vejo como uma lutadora que venceu!!! Os outros me vêem com respeito! Acho que tenho respeito de todos, inclusive com a igreja que é a instituição que eu desenvolvo trabalhos com a terceira idade!! Estou começando a estruturar este trabalho, com P9, lá na , comunidade. Eu gostaria, e já me vejo assim, com um troféu nas mãos!!! Vencendo!! Sendo vencedora!!! É isso!! Já passei por muitas coisas, e tenho certeza que vou ser e serei uma vencedora!!! Com Deus no coração a gente vai indo para a vitória!!!

Nestes grupos, tivemos "sorte" em certos aspectos que não controlamos, e nem poderíamos. Percebemos sua heterogeneidade, pois estávamos lidando com profissionais que trabalhavam na Prefeitura Municipal de João Pessoa, no Governo do Estado da Paraíba, com profissionais do SESC e com voluntários de pastorais da Igreja Católica. Nos apercebemos que há problemáticas que afligem a todos, como

a formação, informação, capacitação e problemáticas bem diferenciadas, principalmente porque os grupos de organizações não ligadas ao governo, pareceram ter mais tranquilidade para desenvolver seus trabalhos. No entanto, ainda falando um pouco sobre a necessidade desse encontro com outros profissionais de outras instituições, percebe-se que há uma abertura para a sistematização dos mesmos.

As palavras de Sonia apontam nesta direção: "Eu convivi com outras pessoas, com outras colegas que a tempo que eu não as via, e com outras colegas que eu não conhecia e que fazem o mesmo trabalho que eu, quando eu esperei que essas colegas fossem me dar mais subsidias, está entendendo não repassaram, eu não sei se trabalham. ..por exemplo a pessoa que estava representando a igreja, ela não falou como fazia o trabalho dela... eu queria saber como é esse trabalho da igreja, junto com idoso, em termos de criatividade, em termos de trabalho, qual o trabalho que elas desenvolvem? É só palestras? É só sobre a religião o grupo? Ou elas fazem um trabalho paralelo? Criatividade como a gente estava fazendo ali? Não sei e vou continuar achando, eu poderia ter aprendido muita coisa com ela, ela não se abriu". No entanto, vale lembrar que a proposta de oficina, pelo menos nesse momento, não era o de trabalhar essas questões em longo prazo, mas sim para apontar perspectivas, discutir algumas problemáticas, pois sabíamos que em quatro encontros não poderíamos dar conta de todas as questões que envolvem o trabalho com idosos.

Nesse sentido, Sonia parece ter apreendido que o grupo apontou para aspectos interessantes: "me parece que o grupo suscitou, de certas formas, algumas discussões interessantes! Nisso eu concordo. Mas eu acho que nós temos muito pano pra manga pra conversar ainda não é!? Eu não sei se esse pensamento é só meu... mas ainda tem encontro e eu estou até com os meus pensamentos... eu quero conhecer mais, aprender mais!! Veremos mais adiante que o grupo acertou a possibilidade de encontrar-se mais vezes, após o término da

oficina, por entender que a experiência foi válida, e também pela necessidade de atualização, reciclagem e formação.

P10 -Eu me vejo colorida!! Me vejo assim antes, por que eu era muito tímida, não falava... e agora eu quero me mostrar, falar!! Por isso eu me fiz assim, espalhafatosa!!!! As pessoas agora me vêem assim: junto... participativa!! Uma pessoa com quem se pode contar!!! Que está sempre perto,... ..na família é assim também!! Eu estou sempre perto e disposta a cuidar!! A instituição me vê como uma grande árvore!! Mas, mesmo assim, é possível trabalhar bem... fazer um bom trabalho, apesar da falta de apoio e da instituição achar que não precisa apoiar essa árvore grande!! Que dá sombra!! Mas ela precisa de apoio sim!!! Eu gostaria de me ver assim: livre, solta com um pássaro!! Como uma pomba que voa e não... não... não tem limites!!

P12 - Me vejo de coração aberto!!! Para a natureza, para o sol, para tudo... ..! As pessoas me vêem como um coqueiro verde, que dá frutos, na beira do mar... ..! Despreocupada com a vida!! Eu não estou em nenhuma instituição... espero voltar!! Por que eu amo muito trabalhar e gosto muito do que faço!!! Gosto de trabalhar com idosos!! Passei muitos anos em um grupo e agora estou, por enquanto, sem atividades. Mas quero eu vou voltar... Se Deus Quiser!!! Eu gostaria de ser assim: viver curtindo a vida, e gostaria que as pessoas também fossem assim: com uma boa aposentadoria que desse para viajar... para fazer coisas gostosas e divertidas... pois a vida... ..passa ligeiro!! Então, eu gostaria que todos fossem... e se sentissem... amantes da vida !!!!

Foi interessante perceber que nesses últimos depoimentos afloraram aspectos afetivos de forma mais espontânea. Isso se deve ao fato de que as instituições que alguns participantes trabalhavam não eram vinculadas ao governo e, também, por algumas pessoas não estarem exercendo nenhum papel de importância ou mesmo não estarem, naquele momento, com vínculo com algumas instituições. O grupo ficou mais colorido, mais melódico, um pouco mais vivencial neste momento.

Os aspectos cognitivos e afetivos já se fazem presente na dimensão do cuidado que desde os primeiros momentos já permeava no grupo. Isso nos abre para a compreensão de que nessa modalidade de trabalho clínico e psicológico, há espaço para articular esses aspectos e dinamizar os grupos terapêuticos e supervisionais através do recurso da oficina de criatividade. Este movimento do grupo já nos sinalizava para o fato de que poderíamos intervir de forma clínica a qualquer momento de nossas atividades daqui por diante. Estávamos já formando um vínculo com o grupo, que viabilizaria mais tarde, alguns trabalhos direcionados para o que Rogers chama de aprendizagem significativa, onde os aspectos cognitivos e afetivos são fundamentais para o desenvolvimento dos trabalhos terapêuticos em psicologia.

4.2. ABERTURA -2a Oficina de criatividade -16 de maio de 2002

Começamos este encontro da mesma forma que o anterior, pelo menos quanto ao horário. Houve atraso novamente, apesar de o motivo ser outro: o "trinco" da porta estava com defeito e tivemos que contar com os serviços de um

profissional para abri-la. Por volta das 8:20 minutos, o rapaz encarregado abriu a porta e conseguimos entrar na sala. Ainda assim, houve alguns participantes atrasados que não tinham chegado na sala. O grupo decidiu esperar mais 15 minutos para iniciar os nossos trabalhos.

O início das atividades se deu às 8:35h, expondo uma preocupação da qual nos demos conta alguns dias após o início dos encontros: o dia 30 de maio, data da última oficina, seria o feriado de Corpus Cristie. Perguntamos aos participantes se eles estariam dispostos a se reunirem mesmo sendo um feriado, já que esta data havia sido também planejada pelo NIETI. A reação do grupo não foi boa, e, de forma unânime, ninguém se mostrou disposto a estar no grupo naquela data. Passamos, então, a pedir sugestões para o próximo encontro do grupo, ressaltando que, geralmente, as instituições fazem suas reuniões com os grupos de idosos à tarde; sendo que a maioria dos participantes deveria participar dessas reuniões, todas as tardes estariam já ocupadas. À noite, provavelmente, seria impossível, pois os participantes que trabalhariam de dia não se disporiam a vir, observação essa com que o grupo concordou. Então só nos restaria considerar um horário pela manhã, em que todos pudessem vir, ou então nos encontraríamos 15 dias após o terceiro encontro (23/05). No entanto, não nos foi difícil encontrar a data de 27/05 (Segunda-feira) para nos encontrarmos. Todos concordaram com as datas e pudemos começar as nossas atividades.

Podemos perceber nossa preocupação como facilitadores; era chegar ao local dos encontros pelo menos 30 minutos antes do horário de início da oficina. Compreendemos essa preocupação como vinculada ao acolhimento: retirar móveis de seus lugares originais para tornar o ambiente mais amplo; varrer a sala; lavar o

piso quando necessário; ligar, previamente, o condicionador de ar. Graças a essa ação, pudemos, bem antes de chegarem os participantes, constatar que o trinco da porta havia enguiçado. Esses fatos nos fizeram lembrar, em nossas reflexões, da célebre frase da raposa ao livro O pequeno príncipe, quando Exupéry escreve: "Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz!". Voltamos, então, a falar da dimensão do acolhimento e, também, do inesperado, no sentido de que, por mais que planejemos, algo pode ocorrer de modo não previsto nem controlado. E, também, de cativar, tal qual o pequeno príncipe cativou a raposa. A ilustração da raposa, para comunicar o sentido de cativar, diz respeito à experiência intersubjetiva, pela qual abre-se a possibilidade de ser com o outro. Uma tal dimensão de encontro, de "estar com", passa a constituir-se em vivência carregada de afetos, querer, almejar, esperar, que passam a clamar por sentido. Assim, "cativar" encontra-se na esfera de ser capturado por afetação que demanda sua compreensão e comunicação expressas pela dimensão do cuidar. Nesse momento, há a lembrança da letra de um hino cristão, que costuma ser muito cantado em movimentos jovens de igrejas cristãs da cidade de João Pessoa, apesar de se desconhecida a sua autoria:

Uma palavra escondida, já quase esquecida, se fez lembrar.

Contendo sete letrinhas, todas bem juntinhas, se lê: cativar.

Cativar é amar, é também carregar.

Um pouquinho da dor que alguém tem de levar.

Cativou -disse alguém -laços fortes criou!

Responsável é você, pelo que cativou.

Num deserto tão só, entre homens também.

Vou tentar cativar, estar perto de alguém.

Nessa direção, como compreender a rememoração metafórica do "cativar", e deste ao hino, partindo da compreensão de nossa ação de preocupação com situações de organização, como compreender algo que já se impõe como ação antes mesmo de que dele tenhamos clareza? Poderia essa rememoração ser compreendida como um sentido, sentido a um significado sentido? Esta é questão a ser levada adiante. De qualquer forma, pode-se agora pensar a articulação entre cativar e cuidar. Cativar seria tomar para si a tarefa de cuidar, é de certa forma se "responsabilizar" por aquilo que "cativamos", como um modo de poder compreender como cuidamos do que também nos cativou. Quando cativamos, em certo, sentido cuidamos; se cuidamos, cuidamos daquilo que tomamos sob nossos cuidados. Isto nos leva a pensar que somos responsáveis, não por obrigação com outros, mas por disponibilidade, de querer cuidar, por esta dimensão de cuidado, ser tão presente nos homens como condição humana. Assim, como diz Heidegger, o homem não "tem" cuidado, ele "é" cuidado, tanto pelo que cativa quanto pelo que foi cativado. Mas isto é para ser retomado: a tarefa é cuidar implicando em ação ético-política.

As 8:40 começamos a atividade com exercícios de relaxamento. Propusemos uma "espreguiçadinha" para começarmos a alongar um pouco, colocando as mãos para cima e abrindo os braços. Logo depois, assumimos a posição do encontro anterior relacionada à coluna: Pés separados na altura dos ombros, joelhos levemente flexionados, cintura encaixada. A proposta, então, era a de entrelaçar os dedos com as mãos na altura da pélvis como se estivesse segurando uma bola (imaginária) de energia. Lentamente então, levantamos as mãos entrelaçadas até o pescoço e depois viramos as mãos, esticamos os braços para cima como se quiséssemos alcançar o teto da sala, o que faz com que o corpo todo se alongue

até ficarmos nas pontas dos pés para, nesse momento, começarmos a soltar os dedos entrelaçados e arquear os braços esticados repousando-os novamente junto ao corpo com as mãos na altura da cintura. Fizemos isso por 8 vezes.

Após, propusemos que ficássemos nas pontas dos pés, para depois deixar o peso do corpo cair sobre o calcanhar, de uma vez. Esse exercício é bom para massagear a coluna e os músculos das costas. O próximo passo então, foi o de alongar os músculos do tórax e braços. Fizemos isso em pé, com posição ereta da coluna. Começamos o exercício com os braços cruzados e as mãos na altura do peito, sem tocar o corpo, descruzando lentamente os braços e ficando na posição de um arqueiro, como se estivéssemos atirando uma flecha. O movimento então, era o de estender e alongar a musculatura do tórax e do braço e contrair os músculos das costas.

Esse momento inicial de trabalho em grupo, nos atentamos somente para o corpo individual através de relaxamento, de cuidar da postura e de fazer alongamento, nos lembra a esfera corpórea que o labor, como diz Hannah Arendt, está intimamente vinculada. O homem necessita, muitas vezes, atentar para o próprio corpo. Essa preocupação com o corpo vai muito além da vaidade e das discussões estéticas acerca do que é belo ou não. De certa forma, a estética lembra de conceitos clássicos da psicologia como: autoconhecimento, autopercepção e coisas do gênero. Para além de tudo isso, o corpo nos dá indícios, sinais e indica sentido. Sentido que podem ser percebidos nas discussões psicossomáticas, mas, também: pelas olheiras no final ou início do dia; pelo cansaço que se aparenta; por tremores quando sentimos frio; pelos olhos marejados quando nos emocionamos, pela taquicardia quando nos chega a pessoa amada. O corpo é receptor primeiro

das sensações; é quem diferencia e distingue preliminarmente as percepções, é o que somos enquanto definição física no espaço.

O corpo nos permite explorar, pela via dos órgãos do sentido, o ambiente, os objetos e as coisas que nos envolvem. No entanto, devido ao ritmo e compasso da vida cotidiana, esquecemos de atentar para como estamos, do que precisamos para sermos saudáveis. A sensibilização inicial, proposta nesta oficina, foi feita para que tornasse possível reconhecer o próprio corpo pela atenção para ele dirigida pelo despertar cinestésico. Isso se revela quando fazemos exercícios e atividades que nem sabíamos ser possível realizarmos. Porém por esse despertar, faz-se presente o conhecimento do nosso corpo, pela possibilidade cartográfica de seus contornos e acidentes: curvas, cavidades. Conhecermo-nos corporalmente implica em aprendermos formas de, em compreendendo-o, recorrer a ele como colaborador dentro de suas possibilidades reais. Mais ainda, podemos perceber como pode ser simples, e prazeroso, arranjar formas lúdicas para entrar em contato com esse outro que somos nós mesmos, veículo que possibilita nossa apropriação no mundo, como meio de locomoção e contato tanto ao fazermos exercícios sozinhos quanto ao fazermos com outros.

Como próximo passo, pensamos em modos para aproximar os participantes uns dos outros tanto física quanto contatualmente. O grupo, desde o primeiro encontro, aparentava relacionar-se bem, o que conduziu nossa reflexão no sentido de, propor atividades de sensibilização, de toque nesse encontro. Poderia ser um ponto de partida para aproximar mais os membros do grupo entre si, sensibilizando-os para relações de confiança, respeito e cuidado. Esse início de aproximação

ocorreu através da proposta de uma pequena massagem coletiva. Essa atividade se desenvolveu a partir do círculo que formávamos em posição ereta.

Foi proposto que pudéssemos nos aproximar mais um dos outros, reduzindo o diâmetro do círculo. Após nos aproximarmos mais, todos viramos para o lado direito, de forma que cada um pudesse ter à sua frente as costas de um outro. A pequena massagem grupal aconteceu da seguinte forma: primeiro foi proposto que as pessoas passassem as mãos em toda a extensão das costas do outro, evocando o toque como expressão de carinho como cuidado, massageando com a palma das mãos estiradas com a delicadeza de uma carícia. Pedimos, então, que fosse feita um pouco mais de pressão nas costas do outro, por algum tempo, para tentar relaxar a musculatura das costas, da nuca, da cabeça. Após isso, propusemos que agora fossem massageadas as costas com as pontas dos dedos, como "garfadinhas", que fossem aumentando, aos poucos sua pressão. Quanto ao terceiro momento da massagem, foi proposto um modo de movimento das mãos como para "amassar pão", fazendo movimentos nas costas do outro como que manuseando uma massa de pão ou da pizza. Como nos demais, depois de certos movimentos, foi pedido que, depois de certo tempo, se aumentasse a intensidade do ato de "amassar o pão".

Depois, pedimos que todos os passos realizados fossem agora refeitos ao inverso, concluindo-os com o "alisamento" com as palmas das mãos estendidas nas costas uns dos outros. Por fim pedimos que as pessoas, sem sair do círculo, se despedissem do outro massageando, o que foi realizado pelos participantes espontaneamente, apoiando nas costas da pessoa à sua frente, acariciando ternamente e beijando levemente. Pedimos, então, que as pessoas dessem meia volta, o que fez com que a pessoa que havia sido massageando, agora

massageasse aquela que anteriormente a havia massageado. Um tal procedimento implica em que cada participante massageasse e fosse massageado por duas vezes, considerando que o posicionamento em círculo permitia reflexividade de ser massageado e massagear simultaneamente.

A próxima atividade proposta foi o "corredor de carinho". Percebendo que o grupo apresentava-se receptivo ao toque, a entrar em contato uns com os outros. O Pensamos que o "corredor de carinho" pudesse propiciar uma experiência pelo avesso do "corredor polonês"; essa atividade é feita colocando os participantes em duas filas, uma de frente para a outra. As pessoas que estão numa das pontas do corredor passarão, de preferência lentamente, por entre as duas fileiras. Assim, uma de cada vez, as pessoas passam à frente de todos os outros participantes, recebendo carícias, abraços e afagos de todos. Cada pessoa, nessa atividade, tem oportunidade de passar duas vezes por este corredor. Enquanto a atividade acontecia, colocamos uma música instrumental para favorecer relaxamento necessário para que sua realização ocorresse durante música de sons amenos e calmos. Ao findá-la, percebemos uma maior aproximação das pessoas: estavam emocionadas, sensibilizadas e muito próximas umas das outras. Aproveitamos, então, para propor aquele abraço experimentado no encontro anterior. Mal acabamos de fazer a proposta, as pessoas já estavam se abraçando e se saudando, decidimos, propor um outro tipo de abraço.

Após cada pessoa ter abraçado um bom número de participantes, desta vez, propusemos o abraço do filho no pai. De forma lúdica, perguntamos se as pessoas já presenciaram ou vivenciaram àquela hora em que o pai vai sair de casa e o filho corre e o abraça por trás, pedindo que ele não vá. Os participantes compreenderam o sentido que estávamos comunicando. A criança se entrega àquela abraço e

abraça o pai como se nunca mais fosse vê-lo, ou como se quisesse que o pai nunca mais saísse de perto dela.

O abraço proposto é feito dessa forma: pedimos que as pessoas formassem pares. Uma pessoa do par ficaria ereta, outra se aproximaria por trás dela e a abraçaria pelas costas, colocando a cabeça na altura do coração daquela que estava ereta. A sugestão foi a de que, se possível, pudéssemos escutar o coração dessa pessoa. Fizemos isso por mais ou menos dois minutos, depois invertendo as posições a seguir.

Longe de uma terapia corporal, nossa proposta é abrir espaço para um momento de sensibilização simultaneamente subjetivo e intersubjetivo, no sentido de abrir perspectivas lúdicas e exercícios corporais, como formas possíveis de aproximação outro, ao mesmo tempo em que nos aproximamos de nós mesmos e de nossa experiência de sermos em convivência. Trabalhar o próprio corpo, não como uma mera "máquina" que precisa de cuidado, mas como meu próprio mesmo, percebendo-os através de mim e de um outro, por toques e aproximação corporal, cuidando e sendo cuidado pela aproximação afetiva entre corpos, entre eu e outros, entre nós, podendo possibilitar a compreensão dos "eus" e dos "nós" de cada um. Um tal modo de atentar para um jeito de ser, nem sempre presente no cotidiano da vida, é o que possibilita o trânsito entre um existir autêntico ou inautêntico. É um processo semelhante ao do adolescente que vivencia a puberdade, apesar de não estarmos trabalhando naquele momento com adolescentes, ou de pessoas que se preocupam em fazer um auto-exame das mamas. É conhecer-se, verificar-se atualizar a compreensão de nós mesmos, de nossas possibilidades.

A tarefa de cuidar, sendo cuidado cuidando, discutida na articulação entre cuidar e cativar aqui foi experienciado pela via direta da afetabilidade, ou seja, pela via da corporeidade como trânsito para a percepção conforme Merleau Ponty.

Após o abraço, propusemos que pudéssemos dar uma parada para um café, o que foi prontamente aceito pelo grupo. Durante o lanche, colocamos no centro da sala, materiais que iríamos utilizar para a próxima atividade: cabaças, tecidos de várias cores, agulha e linha, tinta guache, pincel e novelos de lã de várias cores, cola, serra de cano e pincéis.

As paradas para o café, foram interessantes na dinâmica deste grupo. Foram momentos de confraternização, nos quais o que menos importava realmente, era o lanche ou o cafezinho propriamente ditos. Isso permite refletir como esses momentos de possibilitavam a aproximação entre as pessoas, viabilizando conversas, brincadeiras e trocas de carinhos, mesmo no intervalo das atividades.

Quando voltamos para o grupo, comentamos que com os materiais no centro da sala, poderiam se utilizados para serem feitos fantoches. Assim, propusemos que cada membro do grupo fizesse seu próprio fantoche. Olhares desconfiados e assustados pareciam denunciar a descrença, pelo menos nesse primeiro momento, de alguns membros do grupo quanto a perceberem-se capazes de fazer realmente aquele trabalho. Algumas pessoas perguntaram explicitamente como poderiam fazer. Simplesmente dissemos que fizessem da forma que quisessem ou pudessem realizar a atividade. Uma a uma, as pessoas começaram a pegar as cabaças. O primeiro passo, então, foi com a serrinha de cano. Serramos a ponta da cabaça a fim de fazer o pescoço do fantoche. Ao mesmo tempo, um buraco era feito a extremidade menor da cabaça para servir de apoio aos dedos e sustentar o boneco

em uma encenação. Escolhemos a cabaça por ser oca, apesar de não ter eliminado a necessidade de que os participantes tivessem, ainda, que tirar sementes e pelos encontrados no interior da fruta.

Demos um molde para ser confeccionada a roupa, que também já serviria como corpo do fantoche, além de esconder a mão da pessoa que a manipularia. A tinta guache prestava-se para a pintura do rosto enquanto a lã seria para confeccionar o cabelo do fantoche.

Esse momento de confecção dos fantoches possibilitou manifestar-se explicitamente a dimensão da criatividade. A escolha do tipo e cor do tecido, a manipulação das tintas, a preocupação com o boneco que se estava sendo confeccionado, assumiu, por um lado, a expressão de brincadeira, de ludicidade, enquanto que, por outro, revelou-se como descoberta. A ludicidade estava presente durante a confecção da "bonequinha", termo esse usado por vários participantes permitiu perceber-se como as aparências de alguns bonecos apresentavam características semelhantes as de seus criadores, chegando mesmo a quase serem retratos. Contudo, foi curioso perceber como foram escolhidos alguns personagens: o palhaço; o preto velho; a muçulmana (em referência à novela de grande audiência que falava do povo muçulmano na época).

O processo de criação é lúdico, aproximando-se da sensação de transcendência. O que vai se criar desenrola-se somente no criador. Algumas vezes, nem ele mesmo reconhece esse movimento até o momento em que executa a tarefa, e, de um instante para o outro, alça-se a si mesmo ao labor. A obra emerge como possibilidade e se mostra, aparece aos olhos, torna-se física, possível ocupando lugar e forma no espaço. O homem produz a obra! Nesse ato de transformação ele próprio se produz como a uma obra, e sua produção vem à

existência através de sua autoria como artista e criador. Durante as oficinas de criatividade, mostra-se e presentifica-se um processo de (super-) ação, percebido por dois aspectos, o primeiro surge como um desafio de elaborar algo, seja de cunho teórico ou vivencial-artesanal, que está no e à disposição dos participantes, apesar de pouco, ou nunca, ter sido feito, em geral, pelos participantes; mesmo no caso de já ter sido feito, a situação que se apresentava, envolvendo tempo e espaços vividos, contextualiza essa atividade como uma prática outra daquela de uma; mera atividade a ser realizada, apresenta-se como labor em vivência, para experiência em ação. O segundo aspecto, diz respeito a como alguns participantes, ao se depararem com a tarefa, acreditam que não irão conseguir desenvolvê-la; de forma análoga, ao modo como os fenômenos se apresentam a nós, homens em muitos momentos: de forma inesperada, desvelando possibilidades e impossibilidades, e, por vezes, desalojando e fazendo com que tenhamos que nos re-arrumar e abrir-nos a outras formas de agir e de sermos outros, diferentes ao que estávamos acostumados. Essa manifestação de fenômeno, aqui interpretado como sendo aquilo que nos aparece ou se apresenta e que necessita ser elaborado, compreendido e desvelado, oportuniza à existência humana ir à frente no seu próprio processo de produzir, ao produzir-se em sua própria obra.

Podemos resgatar as palavras de Hannah, já citada quando da apresentação do encontro anterior: **"Cada tarefa que você colocou em termos de arte, de pintura até mesmo aquela parte que a gente teve que fazer um boneco!! Vestir o boneco, costurar!! Esse trabalho foi muito gratificante!! Eu coloquei assim... o meu lado criança para fora!! Resgatei muita coisa da minha vida, e posso dizer que Isso me proporcionou um grande**

crescimento!! E esse aprendizado. que adquiri na oficina. me fez imaginar como poderia levar essa atividade para o meu trabalho!!

Essa citação propõe uma questão importante no domínio da oficina: sua dimensão de abertura, ou seja, atividade via oficina, pela ludicidade e aspectos metafóricos, através dos recursos expressivos utilizados na situação, promove que o participante se sinta livre para se expressar, para expor-se de forma espontânea no momento, situacional da vivência de grupo. Nessas ocasiões, o que se impõe e deixar fluir os processos criativos que, para Nietzsche, potencializam a força interior e afirmam a finitude e o devir, como afirmação plena da vida em todos os seus aspectos.

Tivemos uma hora para confeccionar os fantoches e pouco mais de 20 minutos para conversarmos acerca dessa atividade e do encontro, de forma geral. Desse modo, pensamos, a partir daqui, colocarmos o relato das próprias participantes acerca da experiência de confecção de fantoches.

D -O que vocês acharam das atividades de hoje...? , Todos -Muito bom... Muito bom!

D -Talvez... bem rapidinho... poderíamos fazer um círculo para a gente se ver melhor...

A disposição em círculo, nesse momento, foi necessário para que todos pudessem se ver e ver, nas mãos uns dos outros, suas próprias produções. Em nossas reflexões, pudemos compreender como um momento de disposição à fala é importante. Assim, Hannah relatou a importância de ouvir os outros, outros com formação diferente da sua: **“Como sou fisioterapeuta. Quando vejo um psicólogo falando**

um nutricionista falando, ou um assistente social, vejo cada cabeça como um mundo!! E pude observar e aprender muito mais acerca do mundo de cada um!! Aprendi muita coisa mesmo na oficina de criatividade",

Aqui se faz presente a dimensão da escuta. Pode-se notar que a simples pergunta "O que vocês acharam das atividades hoje?", fez com que vários participantes se disponibilizassem a falar. É importante percebermos que o grupo age conforme a atividade se apresenta a eles a cada momento. Há, de certa forma, uma certa "ansiedade" para se expor e contar sua experiência com a atividade, o que não torna o engajamento dos participantes na atividade uma surpresa. Engajar-se e expor-se são dimensões contempladas pela estética existencial do princípio estético; contudo, convém ressaltar que, para haver essas duas dimensões, fazia-se necessário que a tarefa ativasse os participantes. Isso porque, no trabalho clínico via oficinas, compreendemos que produzir a obra não é o objetivo final. Ao contrário, a produção, a partir da arte e dos recursos expressivos, apresenta-se como uma disposição à possibilidade de elaboração a partir da situação vivenciada. É através dela que é possível produzir sentido pela elaboração da experiência vivida, incorporando-a à existência cotidiana.

Por sua vez, Natalie fala da reflexão que pode fazer durante a oficina, ressaltando o processo de "atualização" que a ela se fez presente durante os encontros: **Fez a gente se auto analisar!... Houve momentos que provocou como que uma auto análise... Nossa!!!... Às vezes, a gente não pára para pensar como a gente é... o quê a gente pode mudar também na gente mesmo!!... E a oficina também proporcionou isso nos momentos de diálogo!... Foi muito bom... muito mesmo!!**

P5- Eu particularmente adorei porque mexeu com minha criatividade... com a coordenação motora... foi maravilhoso!!!!... O único ponto negativo que percebi foi o tempo... Ficamos sempre pensando na hora, no tempo que tínhamos para terminar... ...Eu acho que se tivéssemos mais tempo... se o tempo fosse maior e deixasse a gente mais à vontade... acho que a gente criava mais... ficava mais relaxado!!... Acho que o horário ainda é um grande... ...entrave!...

P9 E um grande vilão mesmo!... A gente fica naquela ansiedade de que vai terminar logo. ..

Dois elementos se fazem presentes nessas falas: a percepção de que os recursos expressivos exercitam a coordenação motora e o tempo. Refletimos a partir do comentário de P5 acerca da coordenação motora, que essa modalidade clínica se abre como a possibilidade de acolhimento para uma clientela com demanda de atenção psicomotora. De certa forma, ao idoso, em alguns casos, essa possibilidade pode ser significativa, visto que trabalhos de musicoterapia e biodança, entre outros, já estão sendo realizados nesse sentido. A questão do tempo aponta, por sua vez, para o quanto a existência humana tem pautado pelo tempo cronológico (chronos), em detrimento do tempo vivido (Kairós), o que revela o quanto estão reduzidos espaços promotores da elaboração de experiência, como dito por Benjamin.

P2 - Eu quando... ...você disse o que faríamos... olhei e disse: "não vai dar para mim... ...porque eu tenho muita dificuldade"... Mas eu fiz!!! Não ficou...

assim grande coisa!! Mas num instante eu fiz Não tenho muita habilidade mas saiu...

P3 -Eu de início, pensei que não fosse fazer... Mas... ..ficou meio feinho... mas fiz...Só sei que foi isso... pelo menos eu tentei!!!...

P4 -Eu também... não tenho prática... Não gostei muito da minha boneca...mas... assim. ..foi muito bom... foi um momento muito bom, bem criativo!... Proporcionou muito para mim... Também, vou levar para o meu grupo...

Aqui, podemos observar o sentido de (super-) ação. Percebe-se o fato de que apesar de não se ter perspectivas de conseguir realizar a tarefa, ou de se pensar que não é possível, em um primeiro momento, P2, P3 e P4 conseguem realizá-la. Tal sentimento de realização da tarefa, de super-ação, constatando-se ser capaz de fazer algo que, de início, não se acreditava poder, aponta aspectos de abertura, nos quais se vislumbra o fato de que é possível realizarmos até mesmo aquilo que imaginávamos não poder. é se contemplássemos aquilo, de que tanto falamos filosoficamente, se tornasse uma presença ôntica: o ser como abertura de possibilidades e do possível. É a oficina oferecendo-se como espaço para tornar possível uma realização humana pelo fazer: o labor, o trabalho e a ação. Nesse sentido, ela desperta múltiplas possibilidades de poder-se perceber um nosso modo de ser e estar no mundo: como possibilidade de superar, de mudar, de resgatar, de criar, de sentir, de agir, a partir do "pathós" como paixão! criação própria da condição humana: poiésis, criação.

Nessa direção, Fayga, conforme citado anteriormente, desvela, em sua fala, o aprendizado, o conhecimento o produzir. *"Conhecimento...conhecimento... Foram dias agradáveis também... Nós nos encontramos... e eu gostei muito daquela parte da criatividade para vivência*

... A gente criar... perceber como é criar:... Foi muito bom... faz a gente pensar:... coisas que... no dia a dia... a gente não exercita muito...Aí de repente agente está ali para confeccionar um boneco, por exemplo... "

D -Vocês observaram que fizemos o trabalho a partir de retalhos??!! Esses retalhos que sobraram a gente pode aproveitá-los para outros bonecos... sendo às vezes, só necessário juntá-los!!! Não precisa comprar tecidos... o que tem em casa mesmo dá para fazer. ..

P5 -Eu fiquei muito sufocada... Queria enfeitar o meu e não conseguia... Ai, meu Deus do céu! ...Então decidi fazer com esse glitter mesmo... pode ser que vá mais rápido... mas não gostei muito dele... ..

P12 -Ah, não!... ele está tão bonitinho!!!! P15 -É... o bem pequenininho. ..

P5 -Fiquei preocupada... ..Meu Deus, pensei, nesse tempo não vou conseguir nem pintar, nem fazer roupa nem nada!!!! Aí corria... queria fazer uma coisa, queria fazer outra... ..E saiu assim...

P6 -E o caçulinha!!!! E a cabeça menorzinha de todas!!!!

P6 -Eu achei assim... tive que ter o maior auto controle... porque queria sempre fazer melhor... o melhor!!!... Tive que controlar e, nesse meu controlar, fiquei tão ansiosa...mas agora estou mais calma!!!!... agora... depois de tudo terminado...estou mais calma Mas... eu estava altamente ansiosa... tentando fazer o melhor... Não ficou pronto mas é o melhor que pude...

P13 -só isso ??!!! está ótimo!!!!... Ficou mais bonito do que o nosso!!

P15 -O dela está é jeitoso!!! Não... ..está parecendo... o que minha colega disse... uma "drag queen" ..., vou te falar ...hahahaha!!!!

P7 -Eu não gostei... não tenho essa criatividade com bonecas... aliás, com nenhum desses negócios... ...Tanto que eu não consegui terminar a minha e achei horrórosa!!!... Tentei fazer a costura... até que fiz direitinho... Mas... quando parte para a criatividade... pintura... eu não sei por onde que vai a dificuldade... ...é de mim mesmo... Então, foi... uma negação... ...eu pintava, pintava, pintava e... ...não era objetivo... não achei que era uma coisa minha... ...tanto que eu não consegui terminar a minha... Botei cabelos nela de várias cores e cadê???. Não consegui nem colocar o cabelo nela!... Não... de repente... eu não consegui... mas não quer dizer que eu não tenha criatividade... é uma dificuldade minha... se fosse para cozinhar... até que eu dava para cozinhar...

Alguns participantes: ahahahahahahaha! ?

P16 -Na próxima é uma feijoada!!!!

P7 -Aí pode até ser que eu faça... até que faço !!!...

P8 -Pensei: Criatividade nenhuma... Não sei nem pegar numa agulha!!! Não vai sair nada!... Mas achei a minha bonitinha no final... Eu gostei dela... fui filando de uma colega, filando da outra... uma começou logo pintando... eu... eita! tem que pintar... Então fui logo pintando... A outra começou botando os cabelos... e eu disse "é aqui"... Mas, não achei muito feia...para mim... acho que até ficou boa...

P9 -Eu acho que foi um momento muito bom... de muita criatividade!!! Nós... como todo mundo adulto... acho que tivemos momentos... de muita concentração! Houve momentos de um silêncio muito grande... foi... Todo mundo percebeu... e deu para todos fazerem... feio ou bonito... porque eu acho que tudo é arte!!... Um papel é uma arte... Cada pessoa que vê... vê de uma maneira diferente... às vezes, você acha feio... mas vem outro e diz que não é assim, que está tão lindo...

P10 -Eu, penso como ela... porque... pelo tempo e pelo material... que dificultaram um pouco o trabalho da gente... a tinta muito mole... guache... não é tinta para isso!... Não pude fazer uma pintura melhor... Pano para costurar... é linha que faltava... que estava andando no meio da sala... bateu a ansiedade... você tinha duas saídas: ou pintar ou sair... ou terminava ou então levantava e deixava o trabalho no meio do caminho... Acho também... que você tem que se expressar... A.final, a arte é uma expressão da a gente... da emoção da gente... do se mostrar. .

P5- E como é? Ave Maria !!! ...

Alguns participantes: Ahahahaha!!

P10 -Quando ela estava dizendo: "eu vou fazer a Jade!"... Foi legal isso da parte dela... porque ela estava sentindo... naquele momento... isso mesmo... Eu não... queria... eu olhei para o material... dei uma olhada... peguei o pincel e disse: Para mim, vai ser bom esse daqui! Vou terminar porque já comecei... e então... vou até o fim!!!!... Mas... chegou um pretinho -branquinho... uma racinha brasileira... Queria colocar um cabelo amarelo e outro azul... mas não deu certo... porque minha paciência já estava para lá de Bagdá... Então coloquei um brilho nos olhos para icar bem fashion... alegre como nós brasileiros... e aí está meu bonequinho.

P? -Eu gostei... Ficou muito simpático!

P?-Eu também gostei muito...

P?- Agora... o pescoço desse está muito curto!

P8 -Olha... se eu fosse fazer sem olhar ninguém por perto... não iria sair lada... Precisei dar uma brechadinha ali... uma brechadinha aqui... para conseguir fazer...

D -É interessante!... Para conseguir fazer. ..

P11 -É verdade!... Quando eu vi aqueles negócios ali, disse: "Oxente!... Como é que isso vai virar um boneco?"... Não tinha condição... Aí... ela começou a pintar... e eu também pintando... Aí... outra começou logo fazendo o cabelo... E saí filando...

Outra característica de trabalho em grupo surgiu espontaneamente durante a oficina: mútua ajuda. O desenvolvimento do trabalho em grupo propicia uma forma de relacionar-se multi-afetiva. Em uma prática via oficinas, isso se estende ainda mais, pois oferece-se uma pluralidade de perspectivas através de cada participante, possibilitando compreender melhor a experiência, tanto quanto a execução da tarefa, no tocante à troca e aquisição de experiência de aprendizagem que lhe possa ser realmente significativa a todos. As "filadinhos" e "olhadinhos", que aqueles que não conseguiam desenvolver a tarefa se referiram, não perturbaram os outros que estavam trabalhando. Podemos pensar que esse fato possa dever-se ao modo como o labor ocorre em um grupo como esse. Por não dizer respeito à competitividade, presente e peculiar ao modo cotidiano do trabalho, a co-laboração pode manifestar-se. Nas gravações em vídeo, percebemos que o momento de confecção dos fantoches despertou a mútua ajuda; ou seja, as pessoas começaram a se preocupar com a atividade das outras e auxiliarem umas às outras, quando estavam com mais dificuldades. A mútua ajuda torna os movimentos éticos e estéticos mais plenos em grupos, pois os participantes começam a ter um sentimento de --- moradia própria, de casa, de óicos, e, a partir daí, a condição de abertura como disponibilidade, possibilitou o encaminhamento do grupo, dado que, os processo de intersubjetividade puderam imbrincar-se e manifestar vínculos mais consistentes e pertinentes.

P12 -Eu gostei... mas... não é muito o que eu gosto de fazer... Realmente não é o que eu gosto de fazer... Mas fiquei muito preocupada em terminar... tanto que eu tomei um banho de tintas na correria para terminar... Mas... quando eu terminei... senti que ela está co olhos expressivos... sei lá... Achei ela... parecida comigo... com aquela cara. ..com os olhos bem expressivos, a boca, a simpatia... Gostei!!... Mas... só que não é uma coisa que eu goste de fazer... Não gosto de fazer esse tipo de coisa... mas... ate que simpatiza comigo... só saiu pretinha... Mas. ..(sorri) dá para passar...

D- Eu acho que, como experiência, você se saiu muito bem... legal!!!!...

P13 -Dimitri... esse momento faz a gente voltar 'aquela criatividade que a gente acha que não tem... quer dizer... em geral diz que não tem, não é?.. A gente pensa que não tem... e aqui aflora... Se a Lúcia tentasse, ela iria conseguir... a ansiedade dela em não conseguir... aquela negatividade Afinal, cozinhar também é uma criatividade... Você fazer um arroz com feijão já é uma criatividade!!... Não é todo arroz com feijão que fica bom, não é???.. As vezes, a mesma receita não fica boa!!... Então, eu acho que a criatividade está sempre dentro de cada um nós... ela não deixa de existir!!!... Tanto é que ela teve medo por achar que não ia ter essa criatividade... Esse medo foi maior do que ela!!... E a gente tem que superar esse lado negativo da gente... que sempre aflora... que está sempre presente em tudo... É isso aí!!!!... Eu tive que controlar minha ansiedade para poder fazer alguma coisa... ou o medo, ou a dúvida, ou a negação...!!... A gente tem que saber controlar... Eu ainda perguntei: "Pode ficar sem fazer?"... mas ninguém falou nada P7 ate cruzou os braços... Aí eu disse: "Sabe de uma coisa ..."

P14 -Eu canalizei uma coisa... Para você fazer um trabalho desse você, P7, tem que administrar!!!... Pensar como é que você vai fazer... Por que você vai fazer isso... Com P7 foi o seguinte: ela começou a fazer não foi P7... Nem terminou a roupa... já correu para fazer a cabeça... Depois... quando a cabeça não deu certo... ela correu para outra coisa... a gente faz assim: vamos fazer a cabeça... depois da cabeça... É tanta coisa que a gente não soube administrar!!!... No caso de P7 foi assim: começou e deixou na metade!... Deveria ter terminado a roupinha e, depois, ter ido para a cabeça

P7 -Eu não gosto de costura...

P14 -Aí teve isso também não gosto de costura... ..

D -Agora... Imaginem eu... que nunca peguei numa agulha para fazer um negócio desse...

P13 -Tem tanta coisa na vida da gente que a gente não gosta e faz!... Tem que saber superar também o que a gente não gosta... porque a vida não é fácil... A gente come o que gosta e o que não gosta...

P16 -É que ela botou na cabeça que não consegue... Calma.. Acho que ela ! consegue!...

D-É já estamos com o tempo... estourado... vamos levar os bonecos, que confeccionamos, para casa... Mas... eu só pediria para ficarem hoje aqui... porque... na quinta feira a gente vai precisar deles P7 disse que ia levar o dela para casa para acabar... Então, a gente se encontra na próxima quinta-feira...

4.3. LABOR –3ª Oficina de criatividade -23 de maio de 2002

Neste encontro com o grupo, pensamos em diminuir as atividades mais voltadas às dinâmicas integrativas e de sensibilização e nos centrarmos na verbalização dos participantes. Na medida em que integração e sensibilização já haviam sido bastante exploradas, entendemos que havia abertura para o trabalho seguinte, voltando-nos, agora, para a verbalização das experiências do grupo. As oficinas anteriores mostraram que estes fatores já haviam sido bastante explorados, e que havia uma boa possibilidade, a partir de então, de explorarmos mais a verbalização, a fala e alguns aspectos psicológicos.

Aqui, reportamo-nos a algo que está sempre presente nas atividades grupais e na oficina de criatividade: a dimensão da facilitação. É importante ressaltar que, enquanto facilitadores, somos também cuidadores e por sermos cuidadores temos a tarefa de cuidar do que tomamos sob nosso cuidado. É nesse momento que nossa formação psicológica, e as aprendizagens advindas de anos de prática clínica entram maciçamente em campo. Não esperamos dar uma receita de "bolo" aqui, ao contrário, nossa intenção é de, apenas, compreender como esse fenômeno de facilitação ocorre. Entram, nessa dimensão, elementos psicológicos próprios da clínica: a sensibilidade do terapeuta para com o outro, a disponibilidade para a atividade, a compreensão dos fenômenos grupais, dentre outros. Chamamos atenção para esses elementos por acharmos que são determinantes em qualquer prática psicológica. Contudo, procuraremos compreendê-los numa perspectiva fenomenológica existencial.

A condição humana de ser com outros disponibiliza-se para a ocorrência do encontro intersubjetivo que abre possibilidades para o ser-aí. É nesta perspectiva que a disponibilidade para a atividade nos possibilita pensá-la e repensá-la durante, antes e depois de sua ocorrência, num trânsito entre idas e vindas redimensionando constantemente as formas interventivas que utilizamos, dando-nos, de certa forma, a impressão de "conduzirmos" algumas situações em grupo. Isso nos faz pensar que ser facilitador requer um poder de elaboração e re-elaboração constantes, já que este se encontra imerso na constituição da experiência humana como abertura desvelada na própria atividade em curso. Essa questão se apresenta na clínica ancorada na visão da fenomenologia dada a singularidade da relação entre facilitador e grupo. Cada grupo se configura de forma diferente, estranha e parecida ao mesmo tempo. Desse modo, o facilitador não encontra sempre o mesmo modo com todos os grupos e, até mesmo, nem com o mesmo grupo. Isto implica em questionarmos o treinamento de facilitadores de grupos, assim como seus modos de facilitação. O que se apresenta é o fenômeno da intersubjetividade sempre com um acontecimento a desvelar o caminho da experiência humana como possibilidade. Desse modo, cada encontro intersubjetivo é provocador de perplexidade.

Assim, o risco que corremos ao aplicarmos previamente técnicas de dinâmica de grupo é muito grande, se já a trazemos prontas de casa, delimitamos as condições e direcionamentos do grupo, levando-o, portanto, a cumprir tarefas e/ou refletir sobre algo imposto por outro, nesse caso, o próprio facilitador. Para, além disso, é preciso que o facilitador compreenda o momento do grupo para depois lançar mão de recursos, que podem até ser uma técnica de dinâmica de grupo; porém, quando utilizada desta forma, a técnica ou recurso, no contexto grupal se oferece como intervenção, ou seja, como utensílio a serviço do grupo.

Iniciamos, novamente com um atraso de 20 minutos, pelos mesmos motivos dos encontros anteriores: a espera por alguns participantes que atrasaram. Durante o tempo de espera, alguns participantes relembrou a questão do material teórico acerca do tema das oficinas de criatividade e da Supervisão de Apoio Psicológico. Respondemos, então, que no próximo encontro traríamos esse material para que todos pudessem consultá-lo.

A preocupação com os aspectos teóricos nos chama a atenção, pois parece difícil ao profissional justificar uma prática sem conhecer as premissas teóricas que a tornem possível. Tal ansiedade com a necessidade de uma fundamentação teórica nos indica que, se por um lado essa demanda por teoria implica pouco espaço por parte dos profissionais para improvisarem em suas atividades, por outro contempla uma preocupação para outras formas de atuar, recorrendo à oficina como possibilidade de um outro modo de compreender e agir com seu fazer de ofício. Isto porque não podemos deixar de apontar como esses profissionais se disponibilizaram a participar das oficinas, o que demanda tempo e flexibilidade quanto a outros compromissos profissionais. Isso ratifica nossa preocupação com a oficina como uma supervisão, no sentido de que os profissionais participem dessa atividade não somente para desenvolvimento próprio, mas para, também, aprender a desenvolvê-la e a contextualizá-la em sua prática profissional. Nesse sentido, preocupa-nos não somente a realização da oficina como possibilidade de descobertas pessoais como, também, buscamos refletir sua abrangência profissional. Ou seja, partindo da atividade realizada, procuramos refletir suas implicações como possíveis instrumentos de trabalho considerando o universo

particular dos profissionais: aspectos institucionais, especificidades de seu campo de atuação, dado serem trabalhadores de saúde, educação e ciências humanas.

Ana nos expõe algumas questões acerca dessa forma de cuidar do cuidador, que é algo aparentemente estranho para os coordenadores de grupos de idosos nesta oficina, ou seja, do estranhamento do cuidador ao ser cuidado: *"Em termos de atividade profissional me acrescentou o que eu não sabia, apesar de já Ter participado de muitos grupos com dinâmicas! Foi a possibilidade de criar, foi aí que esse trabalho foi diferente porque nós, coordenadores, é que estávamos sendo submetidos ao trabalho. Nos grupos, nós fazemos com os idosos não é?! Não somos nós que estamos nos expondo, são eles, é diferente!! Nós estávamos sempre do outro lado.*

Após aproximadamente 20 minutos, todos os participantes estavam presentes, a não ser F1 O, que havia vindo somente para justificar sua falta pelo fato de a sua instituição de origem ter-lhe dado a incumbência de representá-la em um evento. Propusemos, então, fazer um aquecimento. Pedimos que todos ficassem em círculo. O que chamamos de aquecimento, constituiu-se de uma forma lúdica para movimentar um pouco o grupo, após ficarmos certo tempo parados, o que às vezes, permite dispersão, e mesmo sonolência. Assim, fizemos um exercício que tem como objetivo movimentar algumas partes do corpo. Primeiramente, foi necessário ensinar-lhes uma pequena canção cuja letra diz: *"para fazer um bom aquecimento, basta fazer um pequeno movimento "*. Pedimos que todos acompanhassem a canção pois ela iria permear essa atividade.

Começamos, então, a fazer a atividade movimentando o punho de forma circular na altura do peito, primeiro o punho direito (ao mesmo tempo em que cantávamos “*para fazer um bom aquecimento...*”, duas vezes), depois o punho esquerdo (cantamos mais duas vezes). O exercício tem caráter acumulativo, ou seja, quando passamos a movimentar a próxima parte do corpo, continuamos a movimentar a parte do corpo movimentada anteriormente, adicionando-se a nova parte proposta.

Nesse momento, como em outros, chamam-nos a atenção as dimensões corporais e lúdicas atuando em conjunto. Noções de ritmo, sincronia de movimentos e aquecimento, misturam-se às noções de ludicidade, de brincadeira e divertimento. Provocar a atenção do profissional para essas dimensões é importante. Já apontamos algumas questões que Merleau-Ponty desenvolve quanto à corporeidade. Queremos, agora, destacar o ócio corporal que há na contemporaneidade. A vida corrida, o trabalho massificado, as responsabilidades profissionais, os cuidados com a família, etc., nos fazem esquecer que nossa "máquina" também precisa de revisão, de desenvolvimento, ser cuidada.

Nem todos os profissionais e seus clientes idosos têm disponibilidade de tempo, e até mesmo financeira, para estar em uma academia de ginástica ou integrado em alguma prática esportiva, visto que nem todos sequer se sentem estimulados a fazer tais práticas. É nessa direção que podemos perceber como o bem-estar (físico ou mental) dos funcionários de muitas grandes empresas está sendo privilegiado, adquirindo o status de serem espaços de cuidado. São aulas e filosofias orientais como a Yoga e Tai Chi Chuan, relaxamentos, atividades de Biodança e Musicoterapia, entre outras. Isso nos faz pensar que algumas

instituições já se preocupam com o profissional como sendo um "todo", "holos", e que, necessariamente, também é "corpo". Da mesma forma, na oficina de criatividade, propomos exercícios que ajudam a tirar o profissional da inércia. O ambiente lúdico, de brincadeiras e diversão, envolvendo os recursos artísticos e expressivos, auxiliam a desinibir, a entrosar e incentivar a participação no trabalho corporal.

Novamente a fala de Ana reflete as dificuldades de abrir-se ao lúdico e as atividades artístico-expressivas: *"E, foi um pouco difícil, é tanto que o meu não saiu muito bem não... meus desenhos... estava quase na hora do pessoal apresentar e o meu ainda estava desenhando sendo produzido! E, sendo produzido... não estava pronto ainda"*.

Outra coisa interessante foi quanto à dimensão do encontro consigo e com outros. Na fala anterior, Ana nos mostrou sua dificuldade inicial para desenvolver a atividade com desenho, que primeira atividade expressiva a ser produzida pelo grupo, ou seja, do ser com outro experienciado como, provavelmente, novidade e estranheza de estar em um encontro com quem não se tem nenhum vínculo num primeiro momento. *"Mas, durante o restante dos encontros eu achei melhor!! Também, nós estávamos assim... mais integrados não é!? Aquele foi o primeiro momento... assim... quando nós chegamos!! E foi para falar da gente: o que os outros pensam de nós, como os outros vêem a gente!! Então, isso pra mim foi um pouco difícil não é!?"*.

Ana revela a estranheza à alteridade e a exposição perante os outros no grupo. /assim, apresentar-se pelos recursos artísticos-expressivos parecia implicar

numa exposição pública do seu "desajeitamento". Como se sentisse envergonhada de se dar a conhecer aos outros como ela se imaginara a si mesma. No momento em que o grupo passa a encontrar-se mais, há possibilidade de um estar "mais à vontade", uma familiaridade e pertença, que permite um aumento da abertura entre os membros do grupo, e assim, a disposição a se expressarem uns aos outros e entre todos.

Assim, quando propusemos movimentar o punho esquerdo de forma também circular, os dois punhos estavam fazendo esse movimento. Após os punhos, movimentamos o ombro direito, o esquerdo (sempre como exercício acumulativo), a perna direita, a esquerda, a cintura o pescoço, e por fim, fizemos todos estes movimentos girando sobre o próprio eixo do corpo, enquanto cantávamos a música. Além de "aquecer", este exercício também serviu de "quebra-gelo" para o grupo neste encontro.

Após isso fizemos o exercício da bola de energia. Propusemos uma "espreguiçadinha" para começarmos a alongar um pouco, colocando as mãos para cima e abrindo os braços. Logo depois, assumimos a posição do encontro anterior relacionada à coluna: Pés separados na altura dos ombros, joelhos levemente flexionados, cintura encaixada. A proposta, então, era a de entrelaçar os dedos com as mãos na altura da pélvis como se estivesse segurando uma bola (imaginária) de energia. Lentamente então, levantamos as mãos entrelaçadas até o pescoço e depois viramos as mãos, esticamos os braços para cima como se quiséssemos alcançar o teto da sala, o que faz com que o corpo todo se alongue até ficarmos nas pontas dos pés para, nesse momento, começarmos a soltar os dedos entrelaçados

e arquear os braços esticados repousando-os novamente junto ao corpo com as mãos na altura da cintura. Fizemos isso por 8 vezes.

O próximo passo então, foi o de alongar os músculos do tórax e braços. Fizemos isso em pé, com posição ereta da coluna. Começamos o exercício com os braços cruzados e as mãos na altura do peito, sem tocar o corpo, descruzando lentamente os braços e ficando na posição de um arqueiro, como se estivéssemos atirando uma flecha. O movimento, então, era o de estender e alongar a musculatura do tórax e do braço e contrair os músculos das costas.

Propusemos, ainda, um exercício de sensibilização com música, aceito pelo grupo. O objetivo era o de dançar com o outro, ou movimentar-se de acordo com a música "ligado" a outro. Essa "ligação" foi feita somente através dos dedos indicadores. Explicamos ao grupo que seria mais interessante se todos fechassem os olhos e procurassem ouvir a música e sentir as possibilidades de movimentos que poderiam ser feitos naquela situação e aos pares. O grupo se dispôs a fazer o exercício conforme propusemos. Colocamos uma música lenta, propícia ao relaxamento. Logo os pares foram se formando e começando a desenvolver o exercício. findo o exercício, pedimos que as pessoas se despedissem de seus pares.

Sensibilidade, sensibilização e afetação. As formas desenvolvidas por psicólogos, notada mente por aquelas de orientação humanística, em conjunto com outras práticas terapêuticas, nos levam a compreender como podemos articular formas de sensibilizar, tanto em nível cognitivo quanto em nível afetivo e disponibiliza-los aos participantes de uma oficina. Quando propomos um exercício, articulamos como o movimento (afetos) nos leva a uma elaboração e ao trabalho em

ação. Nessa perspectiva, a proposição de um exercício, numa oficina, implica em que, primeiramente, ele se apresente aoicineiro como possibilidade de promoção de articulação entre aspectos afetivos e cognitivos. Dessa forma, pensar em um exercício implica numa elaboração teórica doicineiro, a partir dos conhecimentos de sua formação em psicologia. A partir daí, oicineiro reflete que o exercício é, neste contexto, e tempo vividos da oficina, possibilidade de aprendizagem significativa e, assim sendo, passa a disponibiliza-lo ao grupo como um utensílio de elaboração da experiência e promoção dessa forma de aprendizagem para os participantes. Consideramos exercício como sendo ex: fora e cícere: sair. Nesse sentido, a palavra nos daria a noção de "sair para fora" ou "por em movimento".

A música tem uma grande importância em muitas atividades de sensibilização, assim como outras formas artísticas nos convocam rumo a aspectos criativos imanentes ao ser humano. Esses momentos de sensibilização trazem consigo algumas noções interessantes: de proximidade, intimidade, corporeidade e intersubjevidade. Ao mesmo tempo, pode sensibilizar para questões que conduzam à compreensão do nosso próprio ser-no-mundo. A proximidade corpórea, o estar vinculado a outro, o encontro intersubjetivo via afetabilidade no corpo, mesmo que através apenas do dedo indicador, revelou-se suficiente para que as duplas bailassem por toda a sala. A sincronia de movimentos, as tentativas de arranjar-se e adaptar-se ao par, a procura por sincronicidade de ritmo, apontam para uma comunicação em nível de afetação corporal, pela qual outras esferas dos sentidos, que não somente a da visão, já que estavam todos com olhos fechados por exemplo. Entram em cena a visão fenomenológica de vivido e pré-reflexivo que, auxiliada pela percepção (tato, audição, etc.), desenvolve outros tipos de elaboração que auxiliam o ser e despertando-o para outro tipo de conhecimento: o

tácito. É a partir da presentificação destes aspectos sensório-perceptivos que começamos a refletir e a elaborar a experiência dos participantes, e dar margens ao que a Abordagem Centrada na Pessoa chama de aprendizagem significativa, ou seja, da articulação entre: afetos e cognição.

Hannah fala que: **"Não foi um momento que teve só teoria... teve mais prática também! Que é o melhor de tudo!! Quando a gente trabalha... faz uma coisa com dinâmica, observando... fazendo aquilo ali ao vivo e a cores eu acredito que o cérebro capta muito melhor.**

Ou como diz Ana: *"Foi muito bom... faz a gente pensar!!! Coisas que no dia a dia a gente não exercita muito... aí, de repente, a gente está ali para confeccionar um boneco, por exemplo. Foi muito bom!! Agora... assim... que eu sinto um "bloqueiozinho" para desenhar "como vc está se sentindo"... Eu senti, dificuldade, eu sinto dificuldade... de falar de mim para as pessoas... é... desenhar!!... de colocar no papel... eu sinto dificuldade, mas o resto..."*

No próximo passo, pedimos aos participantes que se apropriassem de seus bonecos, que haviam sido deixados na sala desde a oficina anterior. Explicamos que a nossa atividade, a partir dali, seria realizada com os fantoches fabricados por cada participante. A proposta foi a seguinte: O grupo, de 14 pessoas nesse encontro, seria dividido em dois grupos de cinco pessoas, e um grupo de 4 pessoas. Iríamos, então, tentar criar uma encenação a partir dos fantoches. A única regra que colocamos para essa encenação era a de que cada participante não poderia representar a si mesmo em sua atividade profissional; ou seja, o psicólogo não

poderia fazer a encenação de seu boneco como sendo um psicólogo, o enfermeiro não poderia representar um enfermeiro, e assim por diante. As equipes foram rápidas em desenvolver suas encenações. Em 15 minutos as três equipes já tinham terminado de criar suas participações. Propusemos, então, uma pausa para o coffee-break, para logo após recomeçarmos nossas atividades.

Durante o coffee-break, aprontamos, de forma improvisada, um local apropriado para a encenação dos fantoches. Colocamos em certo lugar da sala, um fio atravessando de uma parede à outra e estendemos um lençol para montar o palco para fantoches. Alguns participantes nos ajudaram a montar o palco improvisado.

Aqui, propusemos que os participantes pudessem entrar em contato com outra forma artística que nos auxilia muito nas atividades com oficina de criatividade: a encenação, a atuação e produção textual. Através de teatro de fantoches, outra forma lúdica e, ainda mais, de cultura e arte popular, percebemos como a preocupação em produzir algo que dê sentido e que contenha significado é importante para o ser que produz a obra. Nossa surpresa, o que nos faz lembrar um pouco da dimensão do inesperado, foi a rapidez com que os grupos decidiram e articularam suas encenações. Esse fato ocorreu por um motivo que nos lembra as questões que nos apontam a possibilidade, que estamos trabalhando, de a oficina de criatividade se constituir como recurso que pode auxiliar a supervisão de apoio psicológico: uma vez que os participantes eram profissionais que atuavam junto aos idosos, os grupos tenderam a explorar temas que fazem parte do cotidiano de seus próprios grupos, e de problemáticas na área de saúde.

Assim, retornamos às nossas atividades e os grupos passaram a se apresentar. Passamos a relatar o conteúdo dessas apresentações, e, posteriormente, as discussões que tivemos após as mesmas. Para facilitar separamos os bonecos sob 5 signos: F1, F2, F3 F4 e F5. Como já havíamos aprontado um pequeno palco improvisado, os participantes ficaram por trás da cortina, o que dificultou a discriminação das participantes tanto nas fitas de áudio, quanto na fita de vídeo. Assim, identificamos em cada apresentação, 4 ou 5 pessoas, designados pelos signos acima citados.



F1- Vamos apresentar agora o grupo de convivência e sua relação com o idoso!!!!

F2- Oi Zefinha!!

F3- Oi mulher! Como é que tu vai!?

F2- Tudo bem! ah mulher você está tão tristonha!!... Apesar de estar tão bonita o que foi que aconteceu?

F3- Eu estou tão chateada...!! Fui para aquele grupo, passei só umas horinhas lá, mas fiquei tão encabulada!!!! a povo lá tudo mangando de mim porque eu me enfeito, gosto de me pintar, mas eu sou assim mesmo... Por isso que eu não vou mais para lá!! Vou procurar outro grupo que eu me sinta melhor, viu??!!

Como dissemos na reflexão anterior, os grupos tenderam a apresentar, em suas encenações, questões relevantes aos grupos de idosos. Nesse momento do primeiro grupo, a preocupação foi a de demonstrar como alguns idosos resistem a estar em grupos. Algumas literaturas apontam para o fato de os idosos tenderem ao isolamento. Alguns sentem dificuldades em se entrosar e estar com outros, nota-se que os homens apresentam essa dificuldade mais explicitamente.

F2 -Faça isso não, mulher!... Olhe, vamos voltar!! Lá está tão bom! Você sabe como eu estou... estou outra!!!

F3 -Olhe, eu me arrumei todinha hoje, mulher... pensando em ir para lá... mas não tive coragem...

F2 -Vamos lá!!! Olhe, lá é tão bom!!! A gente aprende tanta coisa!! Veja minha auto estima... está lá em cima!!!

F3 -Não tem jeito não, mulher...! Então, você passa lá em casa para ver se tu me dá uma força... para ver se eu vou contigo visse!!??

F2 -Tem reunião lá agora... Eu estou indo para lá... Vamos comigo!!??

F3 -Tá bom, eu vou... Tem muita gente lá!? Todo mundo está indo!!

F2 -Tem ...todo mundo!!!

F3 -Aquela mulher que gosta muito de... de...foi também?

F2 -Todo mundo!! Todo mundo!! Você precisa ver! Olhe, lá está tão gostoso!!
Vamos para lá!!

F4 -Olá!!

F3 -Olá!

F2 -Olá!!

F4 -Oi mulher, você vem para o nosso grupo?

F3 -Eu vou se vocês passarem lá em casa para ir comigo. ..

F5 -Ah, mulher, está bom o grupo!! A gente aprende tanta coisa... olhe, em questão de saúde já aprendi a controlar minha pressão, já aprendi tanta coisa... Está muito bom o grupo... Está excelente! Eu estou me sentindo muito bem!!!

F3 -Então Zefinha!!! Passa lá em casa e eu vou com ela, visse!? A gente se encontra lá, mulher...

F5 -Então, tchau, viu...?

F3 -Tchau!

F1 -oooooh!!!! Como está voocê? Oooh querida você está bem?? Há quanto tempo!!!

F5 -Você vai no grupo hoje?

F1 -AH! Eu não faltou, eu adoro o grupo!! Olhe só como eu estou... olha só para você ter uma idéia de como nosso grupo é excelente...! Nós estamos com um grupo de dança, fazemos umas coreografias e os gatões aparecem por lá para dançar... Mas está uma "fartura" de homem!! Farta para chuchu!! Mas a gente dança sozinha, você está indo pra lá?

F5 -Estou sim... só que eu vou passar na casa de uma amiga para pegar ela...

F1 -Com certeza, minha filha! Vamos... eu vou para lá lhe esperar... Tchau!
Foi um prazer!

F5 -Neste grupo aprendemos também muitas coisas, temos várias informações, orientações, tanto de saúde e também aprendemos os direitos e deveres do idoso... Você sabia que eu não fico mais de dez minutos numa fila de ônibus ou no banco?

F1 -OOH que bom! Eu estava sabendo alguma coisa, mas eu estou precisando saber algo mais sobre... saúde...

F5 -E no banco... no banco eu não espero não! Eu quero ser atendida logo! Todos os dias eu estou aprendendo coisas novas no grupo da terceira idade Girassol...

F1 -Ah! Que bom!

F5 -No nosso grupo!!! A gente tem orientação sobre saúde, a gente tem palestras com profissionais da saúde, com enfermeira, com o médico, com outros profissionais, fisioterapeutas, são vários profissionais que vão dar palestras para a gente, pois é, o grupo é muito animado, muito bom.

Aqui, é evidenciado o quanto é importante fazer com que os idosos tomem certa "consciência" da importância de grupos para a terceira idade organizados, ou seja, da importância desses grupos para essa população. Observe-se que F1, que é uma idosa, incentiva F3 a ir ao grupo. O texto sugere o tempo todo que criando uma relação intersubjetiva com o idoso, para que ele próprio perceba a importância dos grupos desenvolvidos nas instituições. Concomitantemente, os atores-fantoches evidenciam várias questões abordadas nos grupos de idosos: saúde, direitos e deveres, serviços de fisioterapia, palestras com vários profissionais, etc.

Nesse sentido, essa proximidade foi sentida por Penha quando no retorno dela ao grupo após a oficina. Em seu depoimento ela nos conta:_" Além das práticas, técnicas e atividades que aprendi, a oficina me ajudou no meu relacionamento com os idosos!! que melhorou bastante!! Eu me senti, mais à vontade, mais espontânea com eles!!! Acho que me ajudou muito em muita coisa. Aprendi a ser mais espontânea, desenvolvi mais minha espontaneidade com

elas!!! Me senti assim, mais... eu não sei se foi assim... mais querida!!! Se eu aprendi a querer mais, a gostar mais e me senti mais querida por elas, está entendendo? E eu acho assim que depois daquela oficina... por que elas foram esclarecidas pois eu estava fazendo essa oficina, tudinho... e as técnicas que eu aprendi lá eu passei para elas... eu acho que elas estão me buscando mais, me procurando mais, assim com assiduidade".

F5 -Oi Joana, vamos embora. ..

F3 -Oi mulher! Ah! Eu estou sem coragem de ir ...

F5 -Vamos!! Olhe, lá é tão gostoso... você vai ver... Vamos embora!

F3 -Mas, mulher...

F5 -Boa tarde gente!!! Olhe quem eu consegui trazer. ..

F1 -Oh, seja bem vinda!...

F4-que bom !...

F2 -seja bem vinda!...

Todos -Vamos... vamos... vamos...

MÚSICA (todos):

Vamos viver a vida, vamos falar de saudades, vamos homenagear a nossa terceira idade. ..

Aplausos -final da primeira apresentação



F1 -Bom dia!!!!

Todos -Bom dia. ...

F1 -Bom diiaa!!!

Todos: Bom dia

F1 -É um prazer ter vocês mais uma vez no meu grande show... Afinal de contas, eu sou a Tônia, a Tônia do show!! E hoje, como a maior apresentação para o nosso programa, é a garota mais bela da Arábia, o concurso que vocês vão votar escolhendo a garota mais bela dos últimos tempos das Arábias... Então vamos chamar uma garota que vai concorrer neste dia de hoje. ...Jade... jadeu...

F2 -AMMHHHHH!!!! Bom dia gente!!! Olhe, eu tenho um segredinho: se vocês votarem em mim eu prometo contar o meu segredo para conquistar tantos homens!!! (risos) Não é à toa que eu consegui Lucas, Léo, Said, Zeeeiin... ai que maravilha...!! Olhe, vote... você aí... que está aí na frente... você aí de blusinha azul... vote em mim que eu darei este segredinho, tá? Tchaaaaauuu!

Todos-Tchauuu

F1 -Muito bem!! Quem gostou da Jade, ligue para 0800666... E, agora, vamos chamar dona Nazirinha...!!

F3 -Oi gente!! Eu sou Nazira!! Todos os homens são apaixonados por mim... mas meus irmãos... Said e Mohamed... sempre atrapalham... mas, eu vou arranjar nem que seja um marido temporário... Votem em mim...!!

F1 -Bom!! Então, quem gostou de Nazirinha, ligue para 08006666... E, agora, então, vamos à última candidata do dia... dona Jura!!!

F4 -Bom dia, minha gente!! Chegou a pessoa mais animada desse grupo aqui... que é a dona Jura!!! Eu faço tantos pastéis gostosos!! vovós gostam de pastéis?? Eu dou uma velhinha muito bonitinha viu? Não é brincadeira não, menino!!! Oh... povo para não gostar de falar... Bom, eu estou indo atrás de uns pastéis para mim e para Tião... Um momentinho, menina... Tu estás muito apressada... Eu quero lhe dar um pastelzinho, viu? Menininha que está perguntando por Tião!! Eu estou indo atrás dele agora... tchau garotas

F1 -Ai, gente!! Vovós estão achando belas essas meninas?? Então, vamos votar!! Quem é a vencedora do dia??? Todos -Jadeeee ehheh (aplausos)

F1 -Agora Jade está com o compromisso de dar a receita dos homens. ..

Todos -Eééééé (risos)!!!

F2 -Ixalá!!! Não vou dar porque Ixalá ...tchau

Este grupo resolveu dar margens para assuntos da atualidade. Note-se que as personagens que participaram do show eram da novela "O clone", grande sucesso produzido pela TV brasileira. Essa novela revelou para os brasileiros muitas tradições do povo mulçumano, a sensualidade da mulher árabe e costumes do povo marroquino. Interessante notar que, durante a exibição dessa novela, aconteciam, nos grupos de idosos, várias atividades ligadas às danças típicas da cultura Árabe. A sensualidade dessa dança propiciou abrir discussões sobre a sensualidade do idoso, o que têm sido tema de estudos de vários teóricos nas diversas áreas da Gerontologia. Desse modo, explorando essa temática nas peças

com os fantoches, os profissionais puderam aproveitar da oficina para discutirem a questões da sexualidade dos idosos, abrindo-se para a experiência de sua própria sexualidade.

Aplausos -final da segunda apresentação.



F1 -Bom dia!! Aqui é um atendimento em um centro de saúde...!!

F2 -Vamos meninas, \lamos, \lamos, \lamos andem. -.bom dia (bom dia o que que vares desejam?) olhe minha filha eu estava na igreja, ouvindo uma palestra lá de idoso e me queixando que tinha muita dor de cabeça, minha menina está doente e não sabia. ..ai minha colega disse \lá no posto de saúde. ..POSTO DE SAÚDE???? E O QUE E ISSO? Foi mandou eu vim falar com você que aqui resolvia meu problema, mas eu não sei. ..eu nunca vim num posto de saúde, o que é heim? O que é posto de saúde?

F1 -A senhora foi encaminhada por alguém lá da comunidade foi? É a primeira vez que a senhora vem aqui?

F2 -É, minha filha!!

F1 -Pronto! Então eu vou encaminhar a senhora pra o médico agora. ..

F1 -sai menina, ai menina, essa menina ...

F3 -porque a senhora me trouxe pra um clínico geral...?

F1 -como é seu nome?

F2 -Como é eu nome? Júlia!

F1 -Dona Júlia, e a sua filha também?

F1 -A senhora trouxe identidade?

F2 -Trouxe!

F1 -Algum documento?

F2 -Trouxe, trouxe tudo

F1 -Pronto! Então eu vou fazer sua fichinha e a senhora vai aguardar um pouquinho.. .

F2 -E minha fia?

F1 -A sua filha também, a senhora vai aguardar. ..

F2 -Olhe é pra eu e ela viu?

F1 -Certo, a senhora vai aguardar e eu vou preencher a sua fichinha aqui e vamos esperar o médico chegar. ..

F2 -É? ...

F1 -Quando chegar o médico. ..

F2 -Olhe eu, eu não tenho dinheiro não viu?

F1 -Nãaaa, aqui é tudo pelo SUS, aqui a senhora não vai pagar nada, aqui é prefeitura, viu? Não se preocupe não a senhora sente aí no banquinho, o atendimento da médica. ..a médica é excelente. ..

F2 -Sai menina, sai menina. ..

F1 -dona Júlia, olhe, tenha paciência, sente ali no banquinho, me dê seus documentos enquanto eu vou aqui preencher, daqui há pouco eu chamo pra senhora vir aqui assinar ta bom? ...

F2 -Vai demorar muito? Eu deixei o feijão no fogo. ...

F1 -Não, não vai não só vai ser o médico chegar a senhora vai ser logo atendida ta bom?

F2 -olhe que eu deixei. ...

F1 -Tá bom, me dê seu documento, um momento. Dona Júlia venha assinar aqui por favor. ...

F2 -Ahhhh, não sei assinar não minha fia, sei assinar não. ...

F1 -Então me dê aqui o dedo. ..coloque aqui o dedo. ..pronto a médica já chegou, vou já chamar viu? Espere ai um momento. ..Venha Dona Júlia, a senhora agora vai para a doutora Mara é uma médica excelente viu? Venha cá ...

Nos parece interessante evidenciar como os profissionais observam a dificuldade da população em compreender e ter um serviço de saúde e assistência social. A falta de conhecimento dos órgãos públicos, assim como a sua precariedade de serviços e investimentos nesta área, misturam-se à falta de preparação do cidadão, e também de educação, em relação a seus direitos e deveres constitucionais. Durante toda esta apresentação, notamos o constrangimento dos profissionais em abordar tais assuntos, mas observamos que o texto desenvolvido neste momento foi muito relativo às vivências e experiência vividas por estes profissionais ao longo de suas carreiras, ao desempenhar suas funções.

F2 -Vem menina, anda menina. ..Bom dia doutora?

F4 -Bom dia. ...

F2 -Olhe doutora eu estou muito doente. ...

F4 -Tenha calma minha senhora. ..

F2 -Olhe calma não, sai de casa desde de manhã (F3-tenha calma, um minutinho, um minutinho. ..) nesta fila aqui, o povo. ..(F3- Por favor minha senhora..

.) **risos**

F4 -O quê que senhora está sentindo?

F2 -Dor na cabeça, uma tontura, uma preguiça. ..

F3 -Preguiça???? Essa menina também, só vive assim é tempo todinho assim. ..**risos**

F4 -Minha senhora, a senhora já fez na sua vida alguns exames?

F2 -Exames??? O que é isso doutora???

F4 -Exames de fezes, urina minha senhora!!!!

F2 -AH! Fiz não senhora doutora, nunca fiz não. ..

F4 -aaaahhhh. Ave Maria, a senhora mora aonde????

F2 -Lá na beira molhada. ..

F4 -Lá não tem agente de saúde que lhe informe a ...

F2 -Lá quando a gente chega eles já estão indo embora. ..posto de saúde...

F4 -Ah, o quê que eu vou poder fazer pela esta. ..vamos fazer o seguinte. ..vamos marcar seus exames, a senhora vai. ..

F2 -Sim doutora peraí, peraí doutora, essa menina aqui não pára de dormir. .

F4 -Por quê ela não pára de dormir? F2- fala menina fala!!! **risos**

F4 -Não sei, mãe só vive reclamando comigo porque eu só vivo com sono. .

F2 -Olhe doutora desde que chegou os tempo dela. ..

F4 -Os tempo??? O que é isso minha senhora??? **risos**

F4 -Que tempo é esse minha senhora? Dona Júlia que tempo é esse??? Me explique melhor, essa menina tem quantos anos?

F2 -Olhe doutora, ela, ela. ..deixa eu olhar ela. saia da frente. ..minha filha quantos anos você tem???

F3 -Eu tenho 15 ...

F4 -As suas regras já chegaram?

F3 -O que é isso doutora???

F4 -Minha filha você já menstrua??

F3-Mãe???. .

F4 -O sangue já desceu?

risos

F3 -Ah, já ...

F4 -Você já fez exames? O papa Nicolau?

F3 -Que bicho é esse??

F4 -Dona Júlia venha cá me ajudar. ..

F2 -Olhe doutora, eu não sei o que é isso não! O papa de quê????

F4 -Olhe, a senhora vai fazer uns exames, vou verificar sua pressão. ..

F2 -tem pressão não doutora. ..

F4 -Pressão!!! Todo mundo tem pressão, eu vou verificar sua pressão, fazer, requisitar uns exames seus e da menina. ..

F2 -Olhe se for pra gastar dinheiro eu não tenho não!!!

F4 -Nãaaao minha senhora, não me deixe nervosa...

F2 -Ela está com a barriga crescendo e só dormindo, dormindo direto. ..

F4 -Barriga crescendo!!!!!! Que estória é essa???? A estória é outra
(comentários dos espectadores)

F4 -Tem mãe que é cega, vamos fazer logo todos os exames e marque com a menina lá frente pra voltar outro dia, porque eu não tenho mais paciência não, até logo dona Júlia, até logo

F2 -Vamos embora menina, vamos anda, anda. ..

Como dissemos anteriormente, esta apresentação evidencia a falta de educação, de informação e cidadania a qual a população está submetida. Interessante nos é evidenciar, que a apresentação do grupo, além da criatividade, teve um ar bem-humorado e descontraído. A arte tem essa faceta de comunicar e expressar até mesmo problemas graves, com singularidade, bom humor e propriedade. De certa forma, essa vivencia expressa na apresentação, apesar de bem humorada, indigna, pois é quase factual ao mesmo tempo em que diverte. A palavra utilizada no meio artístico que mais nos parece aproximar-se desta situação é a expressão: tragicômico.

Aplausos

F1 -E aí gostaram?

F2 -Olhe ela disse que eu não pagasse nadinha a senhora. ..

F1 -Não, eu não disse a senhora que não vai pagar nadinha, a senhora vai fazer os exames depois volta aqui novamente ta bom?

F2 -T á certo ,,e?

F1 -Até logo. ..muito obrigado

Aplausos

Comentários

P13 -AH, eu iria perguntar sobre a vida sexual.

Após o encerramento das apresentações retornamos ao grupo:

D- Gente como é que foi a encenação, as coisas, como é que foi a escolha do tema. ..

P9 -Discutida no grupo. ..teve cada uma. ..pegou a idéia de cada uma foi só arrumando, duas trabalham com saúde, uma trabalham na igreja, outra trabalha como assistente social, mais ou menos girando ao mesmo atendimento, a clientela carente... ...P8 já trabalhou também em posto de saúde, ela também é assistente social e conhece essa problemática... a outra aqui sente na pele e eu também, e a gente passou a problemática do dia a dia, né!? das perguntas, das coisas que a gente tem que escutar, não é engraçado, foi engraçado porque a gente no momento acha, a falta de informação que a comunidade tem que é muito grande, quando a informação chega aí a todo vapor, mas não chega lá na comunidade, lá dentro, não atinge o objetivo que eles pensam ter atingido, não atinge, tem muita gente ignorante em termos de saúde, em termos de direito, de saúde pública. ..tem muita coisa a se fazer ainda a longo prazo, é isso? Querem dizer mais alguma coisa? (referindo-se ao grupo)

P6 -Eu acho que o da gente foi também a convivência dos grupos... é ...a ;ir,, dificuldade que alguns idosos tem de se entrosar com o grupo, porque dentro do grupo a gente vê a própria discriminação de um idoso com outro, às vezes um não cheira bem, às vezes um se arruma demais, é que existe uma discriminação muito grande, e agente foi passando essa vivência, conversando e...

P14 -Eu achei muito bom quando vocês colocaram a senhora que. .. se pintavam muito e os outros achavam. ..né, isso realmente acontece, quando há aquela criatura que se pinta muito, gosta muito dela, que se ama mesmo né, os

outros companheiros passam a falar, "é que é muito assanhada" e a gente pega esse pejorativo né ...

As atividades, os acontecimentos e singularidades dos grupos de idosos começam a se desvelarem. No entanto, podemos ressaltar que uma certa dimensão de inesperado também norteia as atividades desses grupos, no sentido de que o trabalho a ser desenvolvido será realizado junto a pessoas as mais variadas, advindas de esferas das mais baixas da "pirâmide social". Em geral, essas pessoas têm baixa auto-estima, dificuldade de relacionamentos, sentimentos de inferioridade, baixa escolaridade, e tantos outros fatores que influenciam, de uma forma ou de outra o trabalho a ser desenvolvido pela instituição.

Aqui, podemos observar que alguns idosos têm dificuldades de adaptação ao grupo, possivelmente por uma dificuldade de socialização. Há também alguns estereótipos vinculados à figura do idoso que atrapalha: idoso não pode mais trabalhar; idosa que se enfeita demais é aquela velha enxerida; idoso já deixou de viver há muito tempo, só está esperando a morte; etc. Esses fatores acabam por ser expostos em grupo, e, conseqüentemente, o profissional irá ter que trabalhá-lo mais cedo ou mais tarde, ou seja, nesse momento a dimensão do inesperado anda lado a lado da dimensão cuidado. Sonia nos relata algumas dessas dificuldades encontradas no grupo de idosos que pertence durante seu depoimento: "Mas, aqui na comunidade não chegam verbas e quando chegam estão atrasadas, falta tudo, e aí quando falta tudo? A gente vai cruzar os braços? Não posso cruzar os braços eu tenho que criar!! E por exemplo, a falta remédios!! Aqui a gente precisa demais de remédio de pressão, demais!! trabalhamos com quê??!! Com idosos!! a clientela maior aqui é de idosos, quase todos hipertensos, quase todos diabéticos, quase todos com o triglicérides lá em cima!!! Todos precisando também de um psicólogo, de um

nutricionista. Eu tenho que usar, eu como assistente social, tenho que usar a criatividade, tenho que usar a criatividade, eu me acho muito boa como assistente social, eu me amo como assistente social, eu gosto do que faço, então em respeito a profissional que eu sou, eu me respeito como profissional, e tão aquilo que eu aprendi lá academia, lá na universidade eu uso, mas nem uso tanto, o respeito a pessoa, é ...o carinho a pessoa é tão grande que isso não foi a escola que me ensinou, certo? Então o idoso chega aqui, ele chega esbaforido, em casa faltando comida, a medicação faltou, o dinheiro também não tem pra comprar, se tem o dinheiro vai na farmácia mas o dinheiro não dá, volta pra mim, doutora e aí o que é que eu faço, olhe meu remédio acabou eu estou precisando, minha pressão ta alta; *verifico* a pressão: está altíssima!! E aí, o quê que eu faço? Eu cruzo os braços? Não posso cruzar, tenho que usar de criatividade, e porque as meninas não falaram disso? E como é ...e daí como que eu saí de uma situação dessas? Como é que eu saí? Primeiro, eu estou colocando uma situação que pode acontecer a qualquer hora aqui, como é que eu vou sair de uma situação dessas?

Eu não tenho dinheiro para dar a uma criatura dessas para ela comprar o remédio, não tenho, nem posso acostumar o idoso, nem qualquer pessoa que venha procurar remédio, não ter o remédio, não o funcionário dá, não, não posso, porque isso é dever e obrigação da secretaria de saúde mandar, então, mas num caso desses é crucial, não tem para onde correr, primeiro eu converso com essa criatura, tento acalmar, depois de acalmar vou no prontuário dela, vejo que medicação ela está tomando, dependendo da medicação eu vou para a médica, eu mesma, deixo o cidadão ali sentadinho, vou a médica procura ver se na farmácia não tem um que substitua aquele, aquela medicação mesmo que esteja faltando aquela medicação dela, mas quem sabe não tem algum que substitua, não é? Tem que substituir, não tem como substituir, peço amostra grátis, vou para médica pedir amostra grátis, a médica não tem naquele dia, ela geralmente ela providencia para o próximo dia, já é uma esperança que ele ter, há mas é amanhã, mas amanhã, pelo menos é amanhã, e se ela não viesse até a mim ou a outra pessoa. nem amanhã tinha. só com um mês! É... eu procuro um meio, procuro não dar um não para *que* aquela pessoa *não saia* daqui tão *triste*, tão *mais desgastada* do que já *está*, *então* isso é

uma criatividade, são as formas de você tem para criar alguma coisa para que aquela pessoa saia pelo menos com a esperança, e eu faço tudo para que na volta dela eu cumpra essa esperança, para não perder o compromisso, porque isso é um compromisso comigo, eu digo você volte amanhã Que você recebe o remédio, eu vou conseguir o remédio, mas eu consigo aquele remédio e dou para aquele idoso, no outro dia, pra ele acreditar em mim como profissional, é por isso que eu sou acreditada dentro do meu trabalho.

P3 -A gente queria também mostrar as pessoas que participam de grupos de convivência e as que não participam né? Em termos assim... de informações... de outros aspectos mesmo, quando você vê um idoso... assim... diferente... se você pergunta se ele participa de algum grupo e ele diz que não, ele não tem aquela auto-estima, aquelas informações... E o grupo ajuda em tudo isso... Então, você vê a diferença de como é o idoso que participa do grupo e outro que não participa!!! Esses grupos dão a oportunidade desses idosos colocarem essas coisas para fora, como é o caso de depoimentos de idosos que nunca tinham dançado quadrilha, nunca tinham brincado carnaval e agora, na terceira idade, estão tendo essa oportunidade e graças ao grupo de convivência. Eu acho muito louváveis esses grupos de periferia. Principalmente esses de periferia, têm ajudado muito... o grupo não dá tudo que a gente queria dar, mas eu acho que já um bom suporte para esses idosos, para eles terem uma vida bem melhor do que tiveram na roça... a maioria é do interior... Pelo menos os com que eu trabalho, a maioria vem do interior e nunca viveram nada, nunca viveram nenhum divertimento por que o pai não deixava, depois era o marido...nem mesmo estudavam... Agora elas têm uma postura diferente... se divertem e fazem o que querem... Graças a Deus, esse grupo com que a gente trabalha tem dado esse suporte a essas pessoas... Eu vejo o idoso,

agora, numa posição bem melhor... Sem aceitar determinadas críticas, sem aceitar .determinados comportamentos de outras pessoas... até o preconceito, eu acho que está bem melhor devido a esses grupos que a gente vem trabalhando...

P9 -No nosso grupo lá em Mandacaru, um certo dia nós fizemos uma técnica de ..só de massagem... No final, eu pedi que alguém que quisesse fazer alguma colocação que fizesse. Uma idosa estava chorando e disse "eu me senti como nunca senti na minha vida!! Ninguém nunca me fez um carinho... Eu fui criada sem mãe, na casa dos outros e isso que eu estou vivendo, aqui, eu nunca tive!!"... Para você ver a necessidade que eles tem.!!

O cuidado na dimensão da proximidade corpórea, caminho para a intersubjetividade: notemos como o "tocar" o outro é, também, "estar" com o outro. A importância que tem para muitos idosos, que, por causa da criação ou do estilo de vida, não tiveram ou não têm a oportunidade de sentirem-se acarinhados com o toque de outra pessoa. Podemos pensar então: que poder é esse que temos nas "mãos"? Que vínculo é esse que fazemos com o outro e que é representado até no ato de tocá-lo ou de ser tocado? É a multidimensionalidade do encontro intersubjetivo, não mais, somente, por falar, por conversar, por orientar... mas, agora, por tocar, por abraçar, por "acarinhar".

P5 -A importância do grupo de convivência é muito grande!! A gente tem que reconhecer isso... é... eu estou mais acostumada a conviver com grupos de classe média, classe baixa e com algumas pessoas da classe alta... e agora, eu tive a oportunidade de conviver com pessoas da classe alta... nesse encontro, e ...não tem diferença quanto a sentimentos ou ...o que eles sentem realmente quando

estão isolados e quando estão em grupos." a gente vê a diferença. ..não existe diferença porque. ..o sentimento é o mesmo!! O idoso, nós tivemos um caso no nosso grupo... foi uma senhora que há onze anos... há onze meses o marido morreu. Menino, essa mulher estava arrasada, arrasada!! Ela não podia abrir a boca que começava a chorar... E quando eu fui pra lá... Ficamos conversando... o grupo... povo conversando sempre com ela, e ela parece que foi... assim... saindo aos pouquinhos... a gente notava... pessoal assim... procurando sempre conversar com ela. Na volta nós já observamos uma diferença muito grande!! Antes do grupo, ela participava de hidroginástica e tudo... na classe alta mesmo...Mas a mulher se apagou para vida... Na volta, ela já aproximando... Já saia da cadeira dela para conversar com outra pessoa e ...disse: "olhe, quando eu chegar lá eu vou retornar a minha hidroginástica!! Quer dizer, mudou completamente, para se completar mesmo... A gente promoveu um concurso de a mais elegante Ela é bem elegante, por sinal... a mais elegante do grupo... e ela participou. A gente colocou o nome das pessoas que a gente achávamos bem mais elegante, e ela participou... ganhou!! com estilo!! Não só porque realmente ela era a mais elegante... no começo, ela não queria e, no final ela já estava bem solta. Então eu ...nós acreditamos realmente que essa convivência de grupo foi ótimo para ela. No depoimento ela disse: " olhe realmente eu estou recomeçando depois desse grupo... foi ótimo!!" E uma coisa que me chamou atenção, aqui, é que... Fantoche... Eu sempre pensava assim: "de que esses meninos estão rindo tanto? Eu não estou vendo graça!!" mas é que nós... eu nunca parei realmente para ver o que estava se passando ali... Para você ver: nós que estamos acostumados a sempre fazer atividades para os idosos... a gente riu muito aqui!! Quer dizer houveram algumas situações aqui que fizeram a gente rir, então para criança é ... Uma beleza, e para idosos... Observando os outros

grupos aqui... Seria uma forma de passarmos conhecimentos para eles, e uma forma de brincadeira, justamente, numa linguagem lúdica... uma forma lúdica... Passando na linguagem deles... E não precisa quase de nada, não é isso? Basta a gente passar de forma bem adequada no nível do conhecimento deles. foi muito bom!! eu gostei!!

P7 -Esse programa que houve agora, do município sobre a hipertensão... distribuíram uns "folderzinhos"... Nós apresentamos um folder, lá em Mandacaru, para o grupo, através de fantoches. ..

F15 -É... o trabalho realmente foi difícil desde a criação até a expressão. .. Porque. ..a gente estava doida para fazer... Nem intervalo a gente teve... Mas, de início, eu achava que eu não ia conseguir fazer porque eu não tenho habilidade. ..

Podemos ver que, com o passar da atividade, começamos por fim a fazer o r que Merleau-Ponty chama de engendramentos teóricos, teorização na verdade. Mas o teórico, a partir do trabalho e do labor, a partir da vivência, do vivido, do fenômeno que aparece, quando aparece, e é possível e passível de reflexão, de elaboração, para, por fim ser experiência. Ao compartilhar a experiência, narram-se as perspectivas, conta-se uma história, e o narrador torna- se capaz de descobrir significados e dar sentido à sua compreensão. Outros passam a compreender, também, o que se lhes aparece. É a partir da fenomenologia das percepções que Merleua-Ponty instiga a presentificação no conhecimento através dos conceitos de vivido e de pré-reflexão.

Hanna, revelando suas percepções, forma uma rede de significações, próprias de um engendramento teórico, mesmo que ainda seja de ordem tácita e sem reflexões teóricas mais apuradas: **“é o seguinte: quando você está fazendo uma**

atividade dessas. ..que começa a fazer bonecos, a desenhar, pintar, costurar. ..Você realmente volta àquela época da infância!!! Porque o dia-a-dia é um corre-corre tão grande... você leva menino no colégio, depois vem para o trabalho- E você acaba não tendo tempo... como aquela coisa gostosa da época de criança- Aquela coisa bem tranqüila- sem preocupação.- sem responsabilidade- Então, você senta ali, brinca, costura, pinta- Aquilo traz uma tranqüilidade, uma paz de espírito muito grande!! E para mim foi isso... o momento de estar naquela sala, foi um momento em que eu fiquei tranqüila, relaxei! Porque foi assim... tipo... um aprendizado... Uma brincadeira gostosa... que me trouxe um momento de tranqüilidade diante de tanto estresse que a gente vive no dia-a-dia!!! Eu consegui ter uma certa tranqüilidade ... isso me trouxe uma paz de espírito no momento em que a gente estava interagindo com o grupo. E sobre o trabalho... Eu só tenho que dizer, aliás, fica até difícil de dizer... Eu poderia resumir: poderia passar um mês dizendo o quanto foi bom esse trabalho !! Ele deveria ser feito mais vezes !! Você deveria reunir o grupo mais vezes... chamar mais vezes... porque houve um crescimento muito grande'!!! Até mesmo podia chamar outros grupos que trabalham com idosos... ou com os próprios idosos, com adolescentes... em que você tivesse interesse no momento!! Porque é tão importante essa forma de trabalhar!! Outra coisa, que eu posso dizer: de negativo eu não tenho nada para dizer, porque não houve... houve coisas boas... eu só aprendi... relaxei,. Não tem nenhuma coisa para dizer de negativo, somente de positivo no trabalho".

P11-Eu estou falando baixo? Eu não, eu nunca tinha feito... eu não tenho habilidade pra... esse tipo de trabalho, trabalho manuais. ..e disse: "pronto!" Todo mundo está fazendo eu também faço! E fui assim como a colega colocou ali que...

também... assim... de copiar, olhar o que a outra está fazendo... como P7 falou... e criei o meu né e dessa criação... E hoje a gente expressou, que dizer, mesmo ali atrás, sabíamos que não estávamos aparecendo... era somente a voz... era o boneco... mas. ..ainda tem a timidez, ainda tem... Esse foi o momento da gente se mostrar ao grupo!! Achei lindo de P9... foi um estouro!! Quer dizer, foi o momento do grupo ...esse é momento da gente resgatar... é o trabalho de vocês!!!

D -Momento de resgatar... como assim?

P11 -Heim???

D -Como seria esse momento de resgatar que você falou?

P11 -Assim de... entrar em contato com o que eu não posso... e a gente... ir a todo instante... reprimindo da gente. ..

P14 fazer um sacrifício para trabalhar?

P11 -Justamente!! Assim... Da nossa época e da época dos idosos!! Então, é que eles só viveram para trabalho... quer dizer... nesse momento agora ele brinca, nesse momento agora ele entra em contato com conteúdos da infância!! Coisa que ele queria ter vivido e não viveu!! Eu achei assim... difícil... os encontros que estou tendo aqui... está sendo... assim. ..de uma experiência. ..

Esse trabalho de "resgate" é o próprio trabalho de resgate do vivido e das vivências. Note-se que se pode relacioná-lo com as reminiscências dos idosos que, vez por outra, são abordados nos grupos. A importância é a de resgatar, trazer para a atualidade, isso que foi vivido e experienciado e que é importante, pois faz parte de nossa historicidade enquanto seres humanos. O ambiente da clínica propicia este resgate, no sentido de que é importante que o sujeito se desvele. A oficina de criatividade oferece oportunidade para , como na clínica, requisitarmos e

resignificarmos-nos de outra forma de dimensão ambígua de tempo (kairós), trazendo o vivido, de qualquer lugar em que esteja situado no tempo (infância, adolescência, etc) para a atualidade. Assim, o vivido e a vivência passam a, também, serem comunicados como atualidade vivida, e vívida no momento em que é expressada, retratada ou narrada pelo autor interprete de si mesmo, que é quem expõe suas lembranças e quem vive a experiência de atualizar aquilo que se presentifica, no momento, como experiência pessoal e subjetiva para quem narra, e coletiva, para quem escuta.

Reminiscência, memórias, sensações vividas que Hannah já mostrou e que gostaríamos de citar novamente: **"Você acaba não tendo tempo como aquela coisa gostosa da época de criança!!! Aquela coisa bem tranqüila, sem preocupação, sem responsabilidade- Então, você senta ali, brinca, costura, pinta- aquilo traz uma tranqüilidade, uma paz de espírito muito grande !!**

P12 -Bem, rapidinho esse caso. Uma das meninas, "das meninas", que participavam do grupo... Ela é bem extrovertida... e a irmã dela é aquela controladora!! Então, ela vez ou outra ficava triste... ela dizia: "mas minha filha eu preciso dizer o que eu sinto, eu sou culpada se depois que meu marido morreu eu descobri a vida?? Olhe, eu sou adepta daquelas que, para um viver a vida, o outro tem que morrer!!!" Para você ver: ela achou que depois da morte do marido...

P1 - era reprimida...

P12 -Era reprimida e continuava... ela dizia assim: "não adianta você querer , me reprimir não... porque eu sou assim!! Olhe, o único que me reprimia morreu, e agora eu estou descobrindo a vida!! Agora, essa mulher fica... me reprimindo

dizendo: mulher, não compre isso não!! Como se eu tivesse pedindo emprestado a ela... Eu quero comprar! Quero fazer!! Quero dançar!! Quero rir, quero brincar!!!"
 Quer dizer, isso aconteceu com uma pessoa que tem condição financeira boa!!! Ela também se sentia reprimida... e achou, e acha, que agora está realmente vivendo: "Esta é a melhor fase da minha vida!"

P2 -Falando nisso que ela está dizendo... Eu me lembrei das idosas com que nós trabalhamos... Sempre que morre... o parceiro delas, elas dizem "Graças a Deus!!", como se dissesse assim; "Graças a Deus!! Agora eu posso fazer o que eu quero" Ai... Isso tem me a chamado atenção!!!... E essas que já são viúvas que fazem o trabalho comigo lá... A maioria fala: "Quando ele morreu foi que eu passei a viver! !" É incrível!! A repressão era muito grande!! Então, esses grupos também estão ajudando nesta parte... em que elas...

P12 -Eu acredito que com a nossa geração vai ser diferente...

P9-Já é!!

P12 -Com certeza!!... Porque essa geração com quem a gente está trabalhando agora é realmente a geração da repressão! Mas nós... quando nós estivermos lá com nossos 60 ou 70 anos, não vamos ter essa...

P9 -Eu acredito que, por incrível que pareça, a nossa ainda vai ter... ainda vai ter muita gente que vai dizer: "Graças a Deus agora estou vivendo!..." porque, por mais que a gente tente viver em liberdade, tem uma repressão muito grande!! Não só da sociedade, como da própria família...

P6 - Olha, no meu grupo eu tenho um caso desses... Tem uma idosa... no meu grupo... que ela morava no bairro do Bessa... e o marido dela era gerente da Caixa Econômica... Ele faleceu há algum tempo e ela foi comprar uma casa no bairro do Cristo Redentor... e foi morar lá!! Então, meu grupo... é aquele

supercarente... ali do bairro do Rangel... ali da Rua da Mata... daquele setor ali... E também tem outra que tem as condições financeiras boas!! São do bairro do Cristo e vão para o grupo... Então, quando ela chegou no grupo... e foi reprimida por todo mundo... porque ela é diferente... a maneira dela se vestir... a maneira dela ser... uma educação completamente diferente!! Mas, no fundo no fundo, o sentimento dela é igual ao das outras... porque ela era reprimida... O marido dela era mulherengo, tinha duas, três mulheres!!! Ela levou até as fotos do marido dela com outra mulher em um restaurante, numa festa da Caixa Econômica!! Ela levou a foto e disse: "Está vendo esse cachorro aqui... olhe... Morreu!!! Eu estou com minha pensão... Vivendo... gastando..." Todo mundo, no início, achava que ela queria se mostrar... mas não! Acho que, no fundo no fundo, ela queria se soltar!! E hoje todos... A gente fazia uma festa e ela dizia: "Eu trago bolo e salgados..." Todo mundo já ficava... A gente começou a conversar: "Não, fulana, você não pode fazer isso. Todo mundo vai contribuir igual!!" Ela dizia: "Não... mas eu posso mais... eu trago mais!!" Então... eu dizia: "Você vai trazer porque você quer, mas não diga na frente do grupo não... Depois, a gente diz que foi uma doação sua..." Pronto!! Ela foi se acostumando... e se adaptou ao grupo!! Todo mundo gosta dela hoje!!! No ano passado, ela foi escolhida a mais bela idosa do grupo!!! Ela tem porte, tem tudo que levou ela a ser... No ano passado, ela ficou chateada porque não foi escolhida... tão chateada que ela passou uns três meses afastada do grupo!! Depois ela voltou... Aí, ela se sentiu doente e muito sozinha... quando ela voltou, disse: "Aqui é que é o meu lugar!!! Deus me livre de ficar dentro daquela casa somente com aquele horror de filhos... dizendo somente: "Mãe me dê isso... mãe me dê aquilo... Aqui é que eu me sinto à vontade! ! " Pronto!! Hoje ela está... ela está hoje uma pessoa... igual às outras.

..

P5- A gente pensa... associa sentimento à situação financeira... Mas... poucas pessoas pensam que não tem nada a ver... Algumas dizem: "Mas você tem tudo que quer!!" Mas não é isso... é muito mais profundo... o dinheiro não compra felicidade... mas... não compra mas ajuda... é como aquele ditado: "é melhor chorar num kadilac do que numa cabana, não é!?"

Podemos nos reportar, novamente, a vários fatores que permeiam os grupos de idosos. Nesse momento, se fala em "prisão" e em liberdade, a partir da vivência de uma idosa; de aceitação grupal; da discriminação financeira, de machismo e (.) feminismo, etc. Podemos notar a riqueza desses grupos. O profissional tem um desafio muito grande, que é o de trabalhar vários fatores diferentes e intrínsecos desses grupos, apesar da falta de apoio, da má remuneração e da falta de reconhecimento profissional. Essa diversidade de fatores, que permeiam os grupos, gera um grande número de possibilidades a serem discutidas e debatidas.

Sonia, em seu depoimento, fala um pouco acerca de sua insatisfação com os profissionais, que atuam na área de gerontologia em grupos de idosos, e com a falta de empenho das colegas em promover uma maior discussão acerca dessas questões na própria oficina: "Eu voltei a conviver com pessoas, com outras colegas que há tempo eu não via... e com outras colegas que eu não conhecia e que fazem o mesmo trabalho que eu... Esperei que essas colegas fossem me dar mais subsídios, está entendendo... E não repassaram!! Eu ainda não sei como elas trabalham! Por exemplo, as pessoas que estavam representando a igreja. E!as não falaram como faziam o trabalho delas!!! Eu queria saber como é esse trabalho da igreja, junto com o idoso, em termos de criatividade, em termos de trabalho... Qual o trabalho que elas desenvolvem? É só palestras? É só sobre a religião o grupo? Ou elas fazem um trabalho paralelo?"

Criatividade... como a gente estava fazendo ali? Não sei... e vou continuar achando, que eu poderia ter aprendido muita coisa com elas, mas ela não se abriram!!!.

P9 -A historinha da gente... a gente pensou... assim... em fazer uma estória voltada para fazer o público rir, para vocês rirem!! Então, a gente pensou, também, que houvesse a participação de vocês!! A gente pensou: "Vamos fazer um concursozinho das bonecas, porque a gente fala: Vote em mim!! "Vote em mim!!" para as pessoas baterem palmas!! Então, vai ter um... as pessoas vão interagir com a gente!!... Como no momento está passando esta novela de Jade... a gente foi criando... a equipe foi desenvolvendo o tema e... saiu!!!

P6 -Arrumamos logo uma apresentadora!!

P12 -Essa apresentadora foi Tchampa!!!

P14 -Está de parabéns!!

P11 -Eu tenho amigas assistentes sociais... Mas elas não se sentiram ainda assim... motivadas... incentivadas... para liderar um grupo desses. Inclusive, tem até pessoas... do meio de vocês... bem famosas... que já fazem esse tipo de trabalho... com idosos!! Um dia, lá na paróquia, o padre disse assim: "Quem vai ficar no grupo de idosos?" Eu disse: "Eu vou ficar com os idosos!!" Não sabia nem para onde ia... sabe!?!.. mas eu disse: "Eu vou!! Elas não querem ir?.. Eu vou!!!..." Mas eu arrasto comigo uma por uma..." Na hora que eu disse: "Eu fico com os idosos..." havia duas assistentes sociais mas nenhuma delas veio e disse assim: "Vou! !" Eu estou falando assim porque eu acho o trabalho de vocês belíssimo, sabe!?!.. Eu acho que vocês estão de parabéns... porque quem trabalha no estado tem a dificuldade do salário... Todo mundo hoje tem dificuldades... até eu, hoje, como comerciante, pois tenho uma empresazinha... também tenho dificuldades financeiras... e como tenho!!! Mas,

quando você tem seu próprio negócio, você está sempre buscando crescer!!! No entanto, quando você trabalha para alguém, você tem que agüentar aquilo que o "alguém" te dá e pronto... e acabou!!! E vocês... da parte de vocês... dar uma parte das vidas de vocês para ajudar o próximo... isso é muito... muito... muito legal!!! Tanto que, para mim, foi muito importante... está sendo muito importante esta oportunidade de estar participando aqui com vocês!!... E vou dizer mais: antigamente, quando eu ia fazer um trabalho desses, eu tinha que ser assim... a melhor... a mais perfeita... Não poderia ficar nada torto... E com meu trabalho, eu aprendi que não pode ser assim... A perfeição é... é aquilo que você está sentindo no momento!! Você não tem que morrer porque o cabelo ficou torto não!! Eu participo muito de cursos!! Participo de cursos de auto ajuda, de incentivo e de motivação!.. por isso que o primeiro desenho que foi feito aqui... chegou eu não é!? ...eu disse: "Quero ser uma vencedora!!" Todo mundo queria trabalhar... somente trabalhar... alegria... Eu sou uma vencedora mas porque eu trabalho auto-ajuda no Sebrae!! Você tem que ser melhor, você tem que trabalhar melhor!! Você tem que vencer!! E você tem que não sei o que!!!... porque para você ter uma pequena empresa, tem que trabalhar esse lado também!... porque senão você fica para trás!... Os outros vão para frente e você fica para trás!!! Então, assim... se eu tenho somente estes recursos para fazer meu boneco... então, eu faço com o que eu tenho!!! E tenho vontade!! Agora... eu nunca posso deixar ele assim... nada haver!!! Eu acho assim sabe!?? Então isso... eu trabalhei praticamente.. muito... eu trabalhei isso só!! Mas, como P8 disse: "A gente tem que sempre buscar ler!!" E... , nesses cursos que a gente faz... porque eu faço meu curso... do meu trabalho... do meu salão... Agora mesmo eu participei de um congresso no Recife!! Vieram 5 cabeleleiros do Rio de Janeiro e São Paulo!! Se vocês virem como eles falam...

assim... como eles motivam para trabalhar!!! Um já está abrindo o 140 salão de beleza! Mas porque isso?? E veio lá da favela... sem pai, sem mãe... O Edson Freitas da Xuxa... todo mundo sabe quem é... é um cara lá do morro do Borel!... sem pai, sem mãe... ficou nas drogas até dez anos atrás... Hoje, ele é quem está abrindo o 140 salão!! Assim... falando da motivação dele... então, gente, isso... eu... trabalho muito o meu lado!! Hoje, na minha comunidade, eu já arrastei junto comigo a P13 "" já tem mais duas assistentes sociais!! Eu sei que eu sou uma motivadora mesmo do que... é...vou abrir mesmo e acabou... e vou, vou e vou... mas está legal... está tão organizadinho!!! P4, a cunhada de P13... a gente pegou logo e abriu uma porta... e a gente agarrou!!! Então, assim... eu até espero que quando terminar o curso na próxima semana... pegar o telefone de algumas pessoas!! Espero até, um dia, convidar vocês para irem lá também!!! Então, eu acho assim: II A gente não pode parar no tempo!! A gente *tem* que sempre buscar!! Não esperar que um terapeuta vá ajudar você não!!! Só quem ajuda você é você mesma sabe!!?? Ele pode até te orientar... te mostrar uma luzinha... ele pode até ser tua luz!! Mas só! Dessa luz... de sua vida também... você não pode ficar esperando que esse terapeuta, um dia... quando você for... ele acenda essa luzinha... Essa luz está somente dentro de você!!!"

D -Eu queria dizer... que mesmo você não indo para terapeutas... mas, como você falou... é você quem se capacita... se atualiza nos cursos do Sebrae... Talvez, a sua necessidade não seja realmente de uma terapia... mas seja uma necessidade de se atualizar... e atualizar... às vezes... significa até... falar o que você falou agora!!! Tudo isso que você falou agora... compartilhar... de se colocar... Quando você falou essa coisa de sempre ter que se trabalhar... me veio essa questão... que também vai um pouco com a proposta desse curso... a gente tem realmente esse

espaço para parar e conversar como profissionais ou como pessoas ou coisa parecida!?!?.. esse espaço para parar para conversar!?!?.. porque, às vezes, a gente até para conversar uns com os outros na instituição... Mas na instituição, a gente sempre tem problema um com outro...!!

P8 -Eu já trabalhei com uma pessoa que sempre dizia que trabalhava com as brechas... Eu acho interessante isso porque eu não acreditava nas brechas... hoje... pode acreditar... a gente trabalha nas brechas, certo!?!?.. Naquelas brechazinhas que se abrem... você vai ter que trabalhar... Porque você é dona de casa, não é?!?..Então, você é uma trabalhadora?!?.. você, às vezes, é a pessoa que supre as necessidades também da sua casa!... você é pai e mãe muitas vezes, não é?!?... Senão... cadê tempo para você se trabalhar?? Não tem. Quando a gente olha... não encontra espaço... Então, você tem que trabalhar nas brechas... forçar a barra... porque se você não procurar essas brechazinhas realmente não se trabalha nunca!! E eu quero dizer a vocês, para finalizar, o que eu estava dizendo... Eu fui uma pessoa que tive tudo na minha vida... eu sou de uma família tradicional aqui de João Pessoa e tive tudo nas minhas mãos... E fui acostumada a só dar... eu não recebia presente de ninguém.. eu gostava de dar o presente... Acho que essa lição na minha vida foi maravilhosa... porque eu aprendi a receber... E esse aprender a receber me custou muito... mas foi realizador para mim!!

D -Como é hoje estar falando dessa lição da tua vida para a gente?

P8 - É maravilhoso!!! Porque eu falo disso... mas não falo assim me sentindo a prepotente... A poderosa!!... Não tem nada disso... Talvez, a voz pode até sair dessa forma... mas não é isso que eu quero passar... O que eu quero passar aqui é o meu aprendizado para outras pessoas, sabe?!?.. que essas outras pessoas, que se sintam como eu me sentia... procurem abrir a mente. ..procurem abrir o

coração!... Porque se você não abrir essa mentezinha, se você não abrir esse coraçãozinho, você não vai ter nunca... nunca... as coisas boas que Deus tem para dar... que a sociedade tem para você... que as colegas e amigas têm para te oferecer!!! A gente aprende todo dia!... Eu aprendo com cada criatura dessas... com cada olhinho desse!... eu aprendo muita coisa todos os dias...

P6 -Chegar aqui... Eu vim de uma família pobre... eu não tive nada... eu cresci, eu lutei e eu estou aqui... E estou achando maravilhoso... fazer o que ela fez agora!! !

P8 -E eu que vim do alto gente!! Eu cheguei ao fundo do poço, certo!?!?.. ao fundo do poço!! Meus pais eram de uma família altamente tradicional aqui... muita gente conhece... Eu tive o que uma pessoa na infância, na adolescência, na adulta tem... Casei com um homem com tudo... um grande comerciante de João Pessoa... altamente conhecido, Mas a bebida destruiu tudo... acabou com três lojas... duas aqui na Beaupeuroam e uma em Guarabira... acabou tudo a ponto de eu ficar com um pacote de sal em casa... Agora, quando eu digo que é um pacote de sal, é um pacote de sal mesmo!!!! Eu estou dizendo isso de coração... as meninas sabem disso... Eu não estou dizendo isso pra ser boazinha... nem querer caridade... é para a gente aprender... Eu tinha que chegar ao fundo do poço... Eu não me achava tão boazinha... tão humilde... Eu tinha que chegar lá em baixo... para aprender... Hoje eu não estou bem financeiramente... mas, espiritualmente estou maravilhosa... Tenho minhas quedas?!?.. Tenho sim!!!... Não sou essa perfeição... não... a perfeição não é só isso... certo!?!? Mas... eu estou bem comigo... profissionalmente eu estou bem... como profissional sim... mas, e financeiramente também?? Não...!! Mas, eu estou bem!!... Então... se eu estou bem... eu vou chegar lá... porque eu... como a mãe da menina... P11...sempre

termino o que faço... sempre, as minhas coisas, eu termino... Às vezes... fico na metade... assim: vai mas não vai... mas eu sou persistente... Graças a Deus!... Eu estou muito bem... E com as colegas que eu tenho... é uma maravilha...

P9 -P8, quando você falou assim: "Na minha casa só ficou um pacote de sal", eu lembrei da minha avó... Quando a minha avó morreu eu tinha 13 anos... ela sempre dizia: Enquanto a gente tiver sal em casa, a gente não chegou ao fim" Então, realmente, você não chegou a isso... não é!?

P8 -Graças Deus!! P9 -Aí... eu sempre lembro disso... Quando eu vou fazer a feira, a primeira coisa que eu boto no carrinho é o sal... minha avó sempre dizia: "Enquanto não acabar o sal, não acabou nada na sua vida..."

Qual a medida em que se deve administrar a separação da vida profissional da pessoal? Parece bem mais pertinente compreender que essas duas esferas são sempre relacionadas, pois, Labor e trabalho são condição humana. Continuamos nos referindo à cognição quando diz respeito ao trabalho; no tocante aos afetos, ao se referir à vida pessoal, ou melhor dizendo, subjetiva. Daí serem como sendo dimensões abordadas nos trabalhos das oficinas e da supervisão de apoio psicológico. Se por um lado o profissional tem que desempenhar atividades no mundo do trabalho, por outro tais atividades são significativamente afetadas pelo investimento pessoal em sua profissão. Ainda mais: dimensões afetivas que não parecem diretamente relacionadas ao trabalho podem intervir de forma significativa nesse mesmo trabalho. Nesse momento de nossas reflexões, lembramos do trabalho clínico que, quando aberto ao trânsito para intervir via ambas as dimensões, cognitiva e afetiva do profissional, implica em outra compreensão: a do

ser no mundo do trabalho. Nos depoimentos, pudemos observar essas duas dimensões. Ana: *"Eu acho muito difícil passar isso... eu acho que tudo se resume assim... em falar da gente, de mim por exemplo... E você se expondo... é difícil se expor / não é!? É uma coisa que eu acho difícil... Para mim foi muito boa... porque nós estamos sempre trabalhando... é semanalmente com o grupo de idosos... Então, é muito válido a gente se reciclar ...aprender coisas novas... Às vezes as dinâmicas que nós sabemos... a gente já tem feito todas... quando vamos participar de um curso ...a gente sempre prefere coisas novas para passar para eles... e enriquece o nosso trabalho".*

Também duas falas de Natalie: "Fez a gente se auto analisar... Porque houve momentos que provocaram isso... essa auto análise nossa... porque..às vezes... a gente não pára para pensar como é, o quê que a gente pode mudar também na a gente... Eu achei bastante produtivo esta oficina de criatividade em termos profissionais... para a minha atividade profissional".

D -Gente..

P14 -Dá licença... Eu quero dizer um negócio... que estou sentindo necessidade de dizer...P8 quando fala isso... essa história dela todinha assim. ..

P8 -Pode dizer, não se sinta constrangida...

P14 -Não... eu não estou me sentindo constrangida não... Eu vejo... P8... uma pessoa hoje... boa... com mudanças na vida dela... Eu nunca falei o que vou

dizer a você... agora vou dizer o que eu tinha vontade de dizer a muito tempo... Mas... quem não conhece você... eu conheço você a um bom tempo... antes das meninas talvez... você é... você era aquela pessoa... P8... que vivia muita alta... alta em tudo... quando eu comecei a trabalhar com P8...

P8 -Soberba mesmo!

P14 -Quando eu comecei a trabalhar com P8... era P8 que fazia as coisas para o Centro de Saúde... Então, ela era sempre aquela pessoa que endeusava tudo, via tudo... ela fazia... e nunca chegou... assim... a ser humilde... ela nunca teve essa humildade que ela disse que teve... Então... quando ela enfrentou toda essa situação que falou aqui para nós... ela sempre... dessa situação onde ela está... é uma coisa que marcou muito a vida dela... Assim... todas essas situações e tudo... essa coisa que a gente se uniu para dar essa mão a ela... eu como amiga dela... amiga e gosto dela... ela sabe disso... mas até para chegar a ela... através dessa situação... eu, como mais próxima amiga dela, não consegui chegar... Eu tinha medo de chocar... de chocar P8 naquele momento...

P8 -Tanto é que eu disse que chocou, né!?

P14 -Então... ela era uma pessoa muito lá em cima em tudo... e eu não consegui chegar a ela para dar... o pessoal fez a cota... todo mundo se organizou... e até disseram" P14, você que é mais amiga..." e eu disse: "Não!! Eu não vou não!!! Não sei como ela está por dentro... não é!? Se ela está preparada para receber isso." E a pessoa que foi indicada na época... nem me lembro quem foi... disse que foi assim... uma coisa muito comovente, sabe!?. E hoje, P8 é aquela pessoa... ela diz assim... "Estou melhor! Estou bem!" Mas eu vejo assim... o bem que eu vejo... eu que estou mais perto dela... mais pertinho... ela está bem... mas sempre ela se remete a essa situação!!!... essa situação está muito nela ainda!!!...

Eu aconselharia sabe... as coisas ...ela se trabalhar... com ela!!! "Segura a peteca" como ela mesma disse!!... Ela segura a peteca... mas a peteca está dentro dela ainda sabe!?

P8 -Não sei como fazer sair isso...

P14 -Agora... o bom de tudo isso... como é bom a gente participar de um grupo assim sabe!?!.. você diz assim era bom... mas porque dinheiro que é bom a gente não tem pra participar de um grupo terapêutico... Mas eu soltei tudo que eu queria soltar!!! Soltei as gralhas, os trincos que eu queria soltar... eu já soltei!!! E eu , sou assim... mas isso aí em P8... ela era um pouco boçal mesmo... estava sempre num *pedestal*... tudo era sempre ela... Hoje, *ela* já está ouvindo mais em tudo... *ela* já sabe... ouvir as pessoas... já sabe... receber... e o bom dela... minha gente... é que ela ficou ciente... Agora o bom de tudo isso é ter conseguido... onde a gente trabalha... assim eu e *ela*... fazer uma coisa gostosa dessas, sabe!?!.. Isso aqui é bom... eu digo... é gostoso... é gostoso... Mas também tem haver a confiança, não é!? Não é que eu vá jogar uma coisa minha... eu não sei como é aquela pessoa com exceção do trabalho... Então... está errado... Sabe... às vezes... alguém *falou* assim para mim hoje: "P14 é muito transparente!..." E às vezes... quando eu chego , chateada todo mundo sabe... não é P8? você que trabalha comigo... quando eu , chego chateada minha cara já diz, sabe!?!.. embora quando eu vou trabalhar não pareça chateada... Mas se eu estou chateada com alguém... enquanto eu não falar, não botar para fora o que eu estou sentindo... eu não consigo... Então... isso que é bom... Era bom que nós todas... esse grupinho aqui... a gente entrasse em... se reunisse... para, am em, Jogar para ora ...!!!

P 15 -Bote meu nome viu?

P14 -Vai fazer... oh, vai fazer um grupo... vai fazer um grupo... vai fazer um grupo (apontando para Dimitri)... Mas é muito bom... a gente vai ser infinito... assim... oh!!!!?

D -Depende... nós podemos conversar... P14 -Eu também quero, viu?..

D- Peraí, gente. Deixa eu só esclarecer duas coisas porque a gente já está no final mesmo, o pessoal vai ter que ir... mas, assim... é... esse grupo não é um grupo terapêutico ou melhor psicoterapêutico, é um grupo de encontro, um grupo de oficina, é por isso que certas horas assim... as pessoas entram em algumas coisas e a gente tem... de momentos terapêuticos sabem!? O que é bom!! É bom a gente falar e jogar algumas coisas... mas, às vezes, a gente tem até que limitar certas coisas, como o horário... vejam, a proposta não é de fazer uma psicoterapia... nós vamos fazer um grupo depois de psicoterapia no consultório particular. Essa foi uma coisa que a P14 nos procurou para saber se a gente fazia... e a gente faz!!! Nós estamos abrindo um grupo, mas não tem nada haver com o NIETI... não tem nada haver com o trabalho com o idoso, é um grupo terapêutico comigo!! Esse trabalho aqui... pode até ser terapêutico se a longo prazo, se a gente se junta e faz uma... o que a gente chama de supervisão de apoio psicológico... junto com esse trabalho de oficina!! Mas não é um trabalho psicoterapêutico, é um trabalho clínico que a gente trata dessas coisas... e faz mais ou menos o que a gente tem feito nessas... nessas... nesses encontros!! A não ser que o grupo realmente queira explorar certas coisas... Deu para entender que é diferente? Para a gente não sair dizendo que fez psicoterapia porque não foi, certo? Para todos os efeitos, o que a gente fez aqui foi criatividade... Oficina de Criatividade, e assim.. alguém gostaria de ...

P8 -Mas foi muito bom...

D -É, eu acho que a gente precisa desses momentos, precisa desses momentos!! Então assim... alguém quer falar ou tem alguma mais a falar?? Então gente tem que ir eu queria agradecer a vocês pela participação de hoje e congratulá-las pelas suas apresentações. Foi muito bom!!! Até o próximo encontro!

4.4. ELABORACÃO –4ª Oficina de Criatividade -27 de maio de 2002

Começamos este encontro com 20 minutos de atraso. Pensamos, agora, que nunca foram minutos de atraso. foram sempre minutos de tolerância, com o intuito de que pudéssemos esperar alguns participantes que, por vários motivos, não podiam chegar na hora marcada. Iniciamos o encontro de forma diferente em relação aos anteriores: perguntamos se não seria bom fazermos a brincadeira de "o mundo é tão grande" ou «*para fazer um bom aquecimento*». A resposta foi negativa, pois os participantes queriam aprender algo novo. Pensamos então em fazer uma brincadeira chamada de "O meu boneco de lata". O grupo concordou.

Este momento nos fez perceber, a nós facilitadores, que havia, no grupo, uma procura por novos recursos que possam servir nos trabalhos cotidianos de grupos de idosos, o que demonstra a preocupação do profissional com o trabalho que desenvolve e com os que podem ser desenvolvidos, a partir da oficina de criatividade, nos seus grupos de origem. Assim, pudemos pensar que há sempre uma procura por atualização. Essa preocupação com a formação profissional diferencia esta oficina de criatividade de outros grupos vivenciais. Poderíamos fazer uma oficina voltada para as relações psicoterapêuticas ou interpessoais, ou oficinas

terapêuticas que explorassem alguma temática específica, fugindo das perspectivas de encontros "vivenciais" para uma outra perspectiva que traz consigo a preocupação com o saber/fazer do profissional-participante, fazendo com que outros aspectos se fizessem presentes além dos terapêuticos, vivenciais e interpessoais. Para além desses aspectos afetivos, naturalmente contemplados nessa modalidade da clínica, aspectos cognitivos acerca do trabalho, a preocupação com a formação e capacitação, teorias e práticas, também se fazem presentes, envolvidos no saber-fazer de cada profissional.

Propusemos outra canção para fazer esta atividade. A letra da canção era: "*O meu boneco de lata caiu (parte do corpo) no chão demorou (número de horas para fazer a operação... desamassa aqui para ficar bom!*". A primeira parte do corpo mencionado na música foi a testa (colocamos as mãos na testa, que era a parte do corpo que seria desamassada, na brincadeira, no boneco de lata), assim como a primeira hora era a hora 1 (apontávamos o dedo, representando o tempo da operação do boneco). Quando falávamos "desamassa aqui para ficar bom", colocávamos novamente as mãos no local da operação. Então, a música, para esta primeira parte do corpo, ficou assim: "*o meu boneco de lata caiu com a testa no chão (mãos na testa), demorou mais de uma hora (mostrando o dedo indicador para representar a hora), para fazer a operação, desamassa aqui (mãos na testa) prá ficar bom*".

A Segunda parte do corpo foi o nariz. Assim, a música passou a ser cantada .. dessa forma: "*o meu boneco de lata caiu com o nariz no chão (mãos no nariz), demorou mais de duas horas (dedos representando as horas) para fazer a operação, desamassa aqui (mãos na testa), desamassa aqui (mãos no nariz para*

ficar bom)". Revelamos, então, que a última parte da música (desamassa aqui) era acumulativa.

Assim, na terceira vez cantamos: "O meu boneco de lata caiu com a bochecha no chão (mãos na bochecha), demorou mais de três horas (representação com os dedos) para fazer a operação, desamassa aqui (mãos na testa); desamassa aqui (mãos no nariz); desamassa aqui (mãos na bochecha), para ficar bom". Fizemos isso com a boca, queixo, pescoço, ombros, braços, mãos, costas, peito, barriga, lombo, cintura, bumbum, coxas, joelho, canela e pés, o que criou uma seqüência nessa mesma ordem. Assim, cada vez que começávamos a cantar a música, tocávamos primeiro na testa, depois no nariz, e assim sucessivamente. Percebemos que o ritmo da música foi acelerado pelo grupo, o que nos fez cantar e tocar as partes do corpo mais rápido, nos fazendo dar risadas quanto a nós mesmos, pois muitos se atrapalhavam na seqüência de toques no corpo. Houve boa receptividade ao exercício e boa participação das pessoas quanto à atividade, tanto que ela também nos proporcionou um momento de descontração e quebra-gelo para o encontro naquele dia.

Preferimos continuar fazendo momentos mais curtos de descontração e interação, a exemplo do encontro anterior. Assim, pedimos que as pessoas comessem a andar na sala, para relaxar um pouco, pois o exercício "o meu boneco de lata" é bastante agitado. Propusemos, então, que os participantes andassem tentando se perceber e perceber o outro. Pedimos que as pessoas procurassem andar sempre em direção a um espaço vazio, para evitar congestionamentos, e que, na medida em que andassem, tentassem olhar nos olhos das pessoas que encontrassem à sua frente. Colocamos, ao mesmo tempo, uma música de relaxamento. Com o passar do tempo, combinamos com o grupo, sem

que os participantes parassem sua caminhada na sala, que iríamos (os facilitadores) bater palmas e, quando isso acontecesse, eles parassem e olhassem nos olhos da pessoa mais próxima até batermos palmas novamente. O grupo tentou fazer isso, mas alguns participantes sentiram dificuldades em olhar nos olhos dos outros e manter a seriedade, em um primeiro momento. Fizemos esse exercício por aproximadamente 5 a 10 minutos, tempo em que os participantes começaram a fazer a atividade com um pouco mais de seriedade e concentração.

Convidamos os participantes, então, a procurar um espaço onde repousar. Um "cantinho" em que cada um pudesse se sentir à vontade, deitasse de costas para o chão e procurasse uma posição confortável. Quando todos estavam bem à vontade, iniciamos um relaxamento. Há diversas formas de fazer um relaxamento, mas decidimos começar, naquele momento, com a conscientização do corpo, da respiração. Pedimos que cada participante sentisse seu corpo e tentasse, de forma metafórica, escutá-la e escutar a si mesmo. Fizemos, então, a trajetória de uma história semidirigida. É difícil relatarmos a história na íntegra, ou seja, como foi narrada naquele momento. Preferimos, então, dar uma estrutura básica para que o leitor pudesse ter uma idéia do que seria uma história semidirigida, proposta e aprendida. em curso ministrado por Dor Márcia Tassinari⁶⁰, em outubro de 1998, por nós. Como muitos relaxamentos, a história semi dirigida leva o participante a um cenário. De preferência, fazemos com que esse cenário, apesar de proposto pelo facilitador, seja personalizado pelo participante do exercício. Exemplo: o facilitador leva o participante a estar em uma floresta, mas, ao mesmo tempo, incita o

⁶⁰ Psicóloga Carioca, que desenvolve trabalhos com terapias expressiva, e que ministrou o módulo I de um grupo intitulado Terapia Expressiva durante o evento : 10 anos de núcleo na abordagem Centrada na Pessoa da Paraíba. Realizada na Universidade Federal da Paraíba em novembro.

participante a visualizar a "sua" floresta, ou seja: como são as árvores desta floresta, os detalhes que ela oferece para ser apreciada, e coisas do tipo.

Em nosso caso, nós propusemos como cenário um bosque, um caminho, árvores e uma casa. Propusemos que as pessoas entrassem nessa casa... propusemos um encontro com um "mestre" (em metáfora falamos: o seu mestre), propusemos alguma interação com o mestre e propusemos que esse mestre estava dando um presente para seu discípulo (o próprio participante). Pedimos, então, que retornasse pelo caminho do bosque, e retornasse, também, à sala.

Gostaríamos de registrar nossa dificuldade em descrever esse tipo de relaxamento, que é, como todo relaxamento, muito vivencial e experiencial para ser descrito como se fosse uma técnica.

Após o relaxamento, que durou aproximadamente 25 minutos, pedimos que as pessoas retornassem ao grupo. Esperamos algumas pessoas recomporem-se para essa volta. Logo após, colocamos materiais diversos no centro do grupo (lápiz hidrocor, giz de cera, tinta guache, revistas e jornais, lápis de cor, pincéis, cola, tesoura, purpurina e cartolinas) a fim de tentarmos fazer um desenho coletivo para expressar a experiência com a oficina de criatividade. Ao mesmo tempo, dispusemos uma pausa para um cafezinho aos participantes. Os membros do grupo verificaram a melhor forma de fazer um painel com as cartolinas, dispondo-se a trabalhar após o breve momento de cafezinho. Os primeiros momentos foram de apreensão, até que P8 decidiu ir à frente e começar a desenhar algo: nuvens, o sol e pássaros no céu. A partir daí o grupo começou a se envolver com a atividade. Vários desenhos foram feitos no painel, além de colagens com recortes e alguns enfeites. O grupo demorou aproximadamente 40 minutos para sentir-se satisfeito

com a produção. Vários desenhos foram feitos no painel, além de colagens com recortes e alguns enfeites com cola colorida, purpurina, etc.

Após havermos terminado a atividade, propusemos conversar com o grupo acerca da produção do dia e acerca de uma questão disparadora: "participamos de um curso de oficina de criatividade, e agora??? Nesse momento gravamos os depoimentos que serão relatados a seguir:

P14 -Assim... quando tem esses negócios mais ligados à pintura, é de mim mesmo... agora, se fosse um negócio mais ligado à cozinha... torta... esses negócios, assim... arte culinária!! Até que eu faria... até que eu faço!! Agora partiu pra isso... eu me bloqueio... me bloqueio mesmo, sabe? Quando foi esse último encontro aqui... quando o D falou assim para pintar... eu disse: oh meu Deus do céu!! Pintar hoje? Quer dizer... isso eu tenho pequena... quando eu era pequena, eu me lembro muito quando... eu estudava no colégio Nossa Senhora das Neves... minha mãe fazia meus desenhos, sabe? Então... é... desde de pequena que... eu dizia: não, não aceito... Tinha uma freira lá do colégio que me bloqueava toda vez... era a irmã Maria, que até hoje fica na minha cabeça... as coisas que ela fez... Quer dizer, eu não gosto... eu não gosto, partiu pra isso e costura, não sei... Até as pessoas porque... não sei... não é má vontade. Eu não tenho habilidade pra isso, tenho habilidade pra outras coisas, e como, mas isso aí não dá bloqueia...

P16 -Você brincava de bonecas?

P-14 -Brincava!! As minhas bonecas eram todas bruxinhas... todas já prontinhas...

P12 -Mas eu acho assim... é minha opinião pessoal... eu acho que se você tentasse gostar um pouquinho conseguiria

P4 -A gente se abre mais, não é?!

P12 -Pois é, porque eu acho assim: quando a gente trabalha com idoso, a gente tem que ser médico, palhaço, assistente social, fisioterapeuta... tem que ser lixeiro, tem que ser tudo, porque a gente... e... outra coisa, principalmente, a... o idoso... a gente aprende muito com pessoas carentes, e você tem que descer até ele pra ele subir com você! Então, se você tentar gostar, se ele faz um boneco todo torto, pronto, como você disse que o seu ficou feio... você pode estar vendo e achando que ele está feio, mas várias pessoas não estão achando, enquanto... a P14... ficou tão interessante... você achou que ficou feio, mas não é não, cada pessoa vê de uma maneira, eu sou professora de educação artística também, educação física e educação artística, e quando eu começo ensinar, as pessoas contestam: mas *professora, eu não sei desenhar*, eu digo: *o risco que você fizer é uma obra de arte, cada pessoa, cada analista vê de uma forma, é tanto se você se interessar, se disser assim eu vou gostar, tá bonito, você começa a fazer e você descobre a artista que esta dentro de você...*

P14 -É, mas eu acho que isso aí... Eu sou uma pessoa assim muita fechada... muita gente que eu conheço diz assim: *P14 é assim, fala demais...* mas se eu falo demais... não é que eu esteja numa coisa assim... numa reunião, por exemplo, eu não falo... muito difícil eu falar, sabe? Assim em grupo, numa reunião em grupo, reunião de direção... eu guardo às minhas coisas, quando eu venho falar é porque eu já estou... cansada, sabe? Então, até eu me questiono isso para mim. Quando eu fazia minha terapia, que eu parei e que vou voltar se Deus quiser, nem que seja para um grupo terapêutico, como eu falei pra ele que iria voltar, precisaria voltar, não é? Mas, assim, eu me fecho muito... aquela P14 que você vê assim alegre... é disfarce! E no Grupo também assim eu não falo muito... assim não...

brinco... mas na hora de falar o sério, quando chega num negócio desses, é um bloqueio que eu tive lá no colégio (aponta para o desenho), no desenho pronto, porque no desenho, está entendendo? Eu gostei quando... (refere-se a outro membro do grupo), P7, ela me ajudou... eu achei a boneca (fantoche) até bonitinha, sabe? Assim, é como se eu me ligasse assim... na minha vida, sabe?? Eu gosto de colocar... Por exemplo: eu trago muito pra minha vida. Sempre que eu vou comprar alguma coisa tem alguém que me ajuda... tem uma pessoa que eu gosto... tem outra amiga... aí eu sempre tenho alguém, sabe. ..

W -Parece que tu não confia muito na tua percepção...

P14 -É... sempre sou assim, sabe?? Sempre tem alguém... quando eu fui fazer esse negócio eu me bloqueei, é como se eu quisesse ter a satisfação de alguém para dar uma ajuda... pronto!! Muitas coisas, as minhas coisas... que me bloqueou... mas eu sei porquê, sabe?! É como ela mesma falou, é a confiança, assim... minha... eu até comecei fazer, mas bloqueou, entendeu?

P11 -Esse negócio de não saber a gente tem que trabalhar bastante... eu fiquei surpresa porque eu conheço uma pessoa, que eu não vou dizer quem é, que pra dar um ponto de costura manda a mãe por que não consegue, e fez um boneco aqui não é?

P5 -(citada sorri e concorda): É verdade!

P11 -Então eu estranhei quando eu vi a roupinha da boneca feita... eu disse: *não acredito*. Mas eu não disse para ela: *não acredito no que estou vendo!!* Quando eu vou fazer trabalho manual, minha mão enche de dedos, mais do que os dez que eu tenho, nas duas, enche, e realmente teve um concursos de máscaras lá no SESC, que era pra a gente fazer a máscara e enfeitar... Eu olhava assim... e dizia: Jesus do céu, o que é que eu vou fazer com isso? Eu me lembro que passei duas

noites lá em casa dizendo: isso é uma vergonha! Como é que todo mundo mais idoso do que eu está fazendo isso e eu não consigo fazer?? Eu disse: pois vou fazer!! Passei duas noites dormindo duas, três horas da manhã!!! Botava de um lado.. .botava do outro... Aí eu disse: eu vou arranjar pena para enfeitar isso. Arranjei lá na Guaraves... Lavei, botei água sanitária, enfeitei... Resultado: minha máscara tirou em primeiro lugar, mas foi de um propósito!!! Então agora eu digo: eu faço essa danadinha nem que sai... mas sai!! Então, quer dizer, eu acho que é a gente trabalhar mesmo, o medo, o sentimento de insegurança...

P5 -E quanto à confecção das bonecas, quando ele falou assim: *vamos fazer um fantoche...* até P9, que estava juntinho de mim disse, pode ficar quietinha, eu não sei fazer, foi a primeira a terminar foi P9 né, eu olhei assim, eu não sei fazer, eu também não tenho muito dom pra fazer trabalhos manuais não, eu não gosto muito não, não é que eu não goste, é que eu não tenho dom, mas eu disse: *eu vou fazer!!* Todo mundo está fazendo!! Eu vou fazer!! Mas vai ser do meu jeito... não saiu bonita... gostaria que saísse mais bonita, mas eu fiz sozinha, a dificuldade pra mim foi de botar a cabecinha, porque teve aquele problema que na hora de serrar, a cabaça quebrou, não é? E eu chamei P9 e disse a ela: *vamos, segura aqui.* Aí, eu botei como se fosse um colar... mas para mim ela está bela! É isso aí... eu que construí.

P1 -É justamente

P5 -O meu pouco, assim... o pouco que eu sabia fazer, mas para mim ficou perfeita

P6 -E, o primeiro passo é o mais difícil, não é?! P5 -Eu tentei, está entendendo?!

P6 -O primeiro passo é sempre muito difícil...

P14 -Eu quero fazer só um aparie aqui porque ela falou e eu gosto de falar!!

Antes eu tinha medo de fazer as coisas de... Como eu trabalho no posto de P8... Eu trabalhava muito no grupão com ela, não é? Então, no ano passado eu fiz um curso... Eu acho bom! A pessoa tem que estudar mesmo!! Fez tem que terminar. Aí, eu comecei a áizer pra mim mesmo: *agora tenho que jogar pra fora tudo o que eu aprendi*, e comecei a jogar pra fora o que eu tinha aprendido... comecei a dizer e trabalhar com um grupo de pessoas que queriam saber o que eu aprendi... um grupo!! Hoje formei esse grupo. Eu tenho esse grupo formado, que funcionava na quinta-feira, mas que eu passei para quarta por conta desse curso aqui... E é um grupo que me enriquece muito, sabe?! Assim... quando eu ouvi falar em segurança e confiança eu ainda tenho um pouquinho de medo também aqui... mas eu sei que isso é um bloqueio meu lá atrás... eu tenho que trabalhar isso em terapia, eu me conheço também, mas eu sou uma pessoa que... Hoje eu não falo... Porque o meu diretor... eu digo... eu gosto muito dele, mas ele não vê o que a gente faz... então, hoje eu faço esse trabalho de grupo independente... às vezes ajudo P8 quando ela precisa, mas o meu curso é de dinâmica, só técnicas! É muito bom... eu me sinto muito bem!! Valorizada, sabe!? As pessoas ficam...Eu gosto... gosto de fazer... agora, esse lado assim de criatividade... eu sou franca em dizer que é um bloqueio que eu tenho, e que tenho que trabalhar numa terapia, num grupo terapêutica seja onde for... onde eu possa tentar me encontrar, certo!? Para eu soltar, mas... Assim, eu sempre fui uma pessoa que tive tudo na minha vida... tinha... tive duas mães: *minha mãe e minha tia que ainda mora comigo e tem 91 anos, que me dava tudo, que eu nunca tive a capacidade de ir no fogão*. Hoje eu assumi tudo! Tudo: casa, marido fora meu marido passa 47 dias fora e eu em casa, com minha filha de 4 anos, com idoso e com secretária. Quer dizer, hoje eu já

dei um passo muito grande!! Agora, essa questão aqui que me bloqueia, sabe, eu não tenho vergonha não de dizer que me bloqueia não. Eu posso ter capacidade e, quem sabe em outro encontro eu possa fazer algo bem bonito... vai depender muito do meu querer também.

P6 -Mas P14, se você acha que é um bloqueio, porque você não tenta vencê-lo? Você passa o tempo todo insistindo: *isso é um bloqueio, isso é um bloqueio..* .

P8 -Como você faz com a questão do brinquedo com sua filha, por exemplo...

P14 -Aí... eu brinco com ela!! Brinco de bonecas... agora, pego um bicho desses... fantoches... acho que é uma questão de me impor...

P6 -Talvez este bloqueio esteja mascarando para não...

P14 -Não é um bloqueio... eu não consigo fazer um bicho destes...

P6 -Sim, mas você continua dizendo: é esse bloqueio, esse bloqueio e nada...

P8 -Só repetindo não é?

P6-E!!...

D -Olha, eu vou te dizer uma coisa, P14: só faltava pequenos retoques para acabar o teu boneco, estava praticamente pronto.

P8 -Olhe, a vida da gente é um desafio certo, um grupo de encontro destes é um desafio, não tem técnicas que não se possa fazer... principalmente de grupo!! Se aprende todo dia... e temos que aprender e se reciclar todo dia, certo? Por que a gente trabalha com pessoas que têm experiências maiores que as nossas... Nós estamos ali como aprendizes, estamos ali para direcionar apenas e não para aprender com eles e não para levar coisas já montadas, já feitas!! E muitas vezes a

gente leva as coisas bem arrumadinhas e quando chega Já a conversa é completamente diferente!! Então, se a vida da gente é um desafio, se um grupo de convivência qual todas elas trabalham... que todas nós trabalhamos, igual a este daqui, então este desafio é o menor e tem que ser superado.

P12 -E isso aí

P8 -Eu acho que a gente tem que superar os desafios dentro da gente primeiro.

P12 -Com certeza!!!

P8 -Desafios na minha vida!? Tenho desafios todos os dias... mas eu não posso parar no primeiro bloqueio, no primeiro desafio. Eu tenho que lutar, e outra coisa gente: se a *gente trabalha dentro de um grupo de idosos sem trabalhar o nosso eu, os nossos conflitos, a gente vai mostrar sem querer ao idoso que a gente está cheio de conflitos e começa a ser desacreditado*. Então nós, cada uma de nós, não estou falando de P14, nem de mim e nem de ninguém aqui, estou dizendo no geral: a *gente tem por obrigação de superar todos os desafios, todas as barreiras, para desenvolver um trabalho bom com o idoso... o idoso é uma criatura altamente capaz e sensível, ele pressente as coisas no ar... no ar!! Ele é altamente... e não chegue dentro de um grupo dizendo que sabe alguma coisa, por que não sabe de nada...*

D- Você está dizendo que o profissional tem que se trabalhar?

P8 -Tem e muito!!

P6 -Todo profissional tem!!

P8 -E todos os dias!! Ele nunca vai estar cem por cento... nós dizemos que terminamos gerontologia... terminamos nada!!! É sempre um continuar na vida da gente... é sempre uma busca eterna... então, para a gente desenvolver um trabalho

desses num grupo de idosos, primeiro tem que trabalhar a gente mesmo, nós mesmos!! Por que eu estou aqui... não eu estou bem comigo mesma, sabe? E... as coisas que eu tenho já estão sanadas? Estão não... O bom é se olhar. o bom é dar uma entrada na gente mesmo, sabe!? Se olhar, e buscar!! Por que é muito fácil a gente apontar os defeitos do outro... é muito fácil!! ~ uma coisa maravilhosa dizer que o seu pé é torto... que sua unha está feia... mas eu nunca olho minha unha feia e nem que meu pé torto, e se alguém diz que meu pé está torto eu digo não, ele é assim mesmo... ~ preciso que a gente se enxergue.

P6 -Se aceite...

P8 -Se aceite e se trabalhe todos os momentos!!

P9 -E é preciso que se goste de trabalhar com o idoso, porque se você não gosta desse trabalho você nunca vai se integrar... se você não gosta desse trabalho com o idoso, mude, mude, mude!!! Por que não tem como... trabalhar sem gostar... eu já tenho caso de amigas minhas que não têm como trabalhar com idoso por não gostar do trabalho, apesar de ter especialização... pode fazer tudo, mas se não gostar...

P13 -E outra coisa, gente, pra se trabalhar com o idoso tem que se ter uma criatividade também, você não pode dizer eu não gosto disso e se bloquear... você também tem que se esforçar...

P8 -Difícil entender, você se põe em várias situações difíceis, que você não pode dizer não...

P6- Eu acho que mais importante de tudo isso, desse bloqueio que ela tem é que ela desbloqueie por ela mesma.

P9 -É. com certeza...

P5 -E ela está consciente disso...

P14 -Mais eu estou consciente disso... eu sou uma pessoa consciente, é por isso que eu disse que toda pessoa que trabalha com idoso, seja em grupo, criança, com quem for, necessita de uma terapia, está entendendo?? Eu participo, eu parei um dia desses, está entendendo? Agora eu não iria trabalhar com o ser humano, num grupo de 20, 30 pessoas, sem me trabalhar...eu sei que é caro... mas a gente tem que se trabalhar, o estresse da vida e ter condições de ser melhor. Então, o bom de tudo isso, meu, é que eu sou consciente. Eu tenho colegas psicólogos hoje em dia, alguém conhece psicólogos aqui? Que nunca fez uma terapia gente... aí, dizem: *não sou acreditado?* Então, quem trabalha com crianças, quem trabalha com idoso tem que se trabalhar, tem que se trabalhar, o dia a dia... Eu posso passar, e dizer: *isso não, eu não preciso dessa frescura não.* Está entendendo? Eu não aceito, eu acho isso aí ridículo! Uma pessoa ser psicólogo, e pensar assim?? Eu tenho uma colega que ela nunca fez terapia, com 16 anos de formada... isso não é certo, gente. Não é certo. Está aí... é psicóloga e trabalha com o ser humano, com o ser humano!!! Acontece o seguinte... olha, o pequeno exemplo dessa máscara é que marcou...

P9 -Eu não acho que isso é que vai dizer que se é um bom profissional não, tem muita gente que faz terapia a vida toda e não se realiza e não faz um bom trabalho. Tem tanta gente que nunca fez uma terapia e faz um trabalho tão bom e é tão realizada!! Eu acho que não é obrigado, que é bom é...

P6 -Muita gente vai para uma terapia e não abre... não se abre... e não resolve... como a gente tem idoso que vai ao grupo anos a fio e não se abre e não melhora, não sai de sua solidão... a pessoa tem que se abrir também...

P11 – Só fechando o problema da máscara... a máscara... até hoje eu guardo aquela máscara comigo como uma relíquia, não é a máscara em si, é o fazer a

máscara!! Por que o resultado da máscara quando eu olhei a máscara eu digo eu pude fazer, eu sou capaz!!! Eu sou capaz, e a partir da confecção daquela máscara eu sei que fiquei ciente que o que eu quiser eu posso fazer! Quer dizer... ela demonstrou que eu tenho condições de fazer uma máscara! Ganhar o prêmio foi uma consequência porque, quando eu olhei assim, eu disse, está linda!!!, linda!! E maravilhosa!! E toda vez que eu sinto uma dificuldade eu digo: *eu fiz aquilo que eu não sabia nem pra onde ir nem como começar*. Olha... eu fiquei... realmente eu tenho essa dificuldade com trabalhos manuais... mas no oba, oba... no vamos fazer uma brincadeira, porque festa é comigo mesmo... mas estes trabalhos assim, eu acho lindo quem faz!! Mas hoje eu não digo: *eu não sei fazer, eu posso dizer eu não sei fazer isso, mas eu vou tentar!!* Olhe foi ótimo, porque foi o meu destino, mostrou que eu realmente, eu consigo fazer o que eu quiser desde que eu queira... porque não adianta ninguém dizer que você faz se você não gosta...

P13 -Se outra pessoa fizesse por você, você não teria esse prêmio de jeito nenhum...

P14 -Trabalhar em grupo... Eu tive uma decepção, quando... vou falar um fato bem real que se passou na minha vida... com uma psicóloga bem famosa aqui de João Pessoa... Acho que alguém conhece, e... que me decepcionou muito. Eu comecei a fazer minha terapia desde a faculdade, pois, antigamente, a faculdade exigia... a gente que fazia Psicologia tinha que fazer tanto tempo de terapia. Era assim. Então eu fiz com uma pessoa da Universidade... ela me decepcionou um bocado, até hoje isso ficou na minha história... Ela não foi uma boa profissional, e isso ficou na minha história... Nós fomos para um congresso fora... Este congresso era em Maceió. Acho que alguém aqui deve até ter ido na época... Então, no ônibus, ia uma parente minha, uma cunhada, e ela passou informações sobre mim... olha a

ética que ela não teve... até hoje." Por isso que eu não sou uma pessoa muito aberta, coloco minhas coisas e... o medo fica, eu coloquei na sessão, tudo com ela... minha cunhada foi neste mesmo ônibus, pra Maceió pro congresso, a passeio, ela simplesmente ela ia comigo, de repente a outra, que é psicóloga, saiu do lugar dela, veja só, e foi pra trás, onde minha cunhada se encontrava, e falou tudo que eu havia falado na terapia que eu não tinha nem terminado ainda, então... simplesmente... sabe o que eu fiz? Perdi a confiança e... fiquei assim sem saber como dizer por que eu não confiava mais e não confio... e saí... não pude ter mais aquele estímulo... mas aí, até eu me questiono por que eu sou uma pessoa muito aberta! Normalmente na minha vida eu gosto de falar, gosto de conversar, está entendendo? E eu participei de muitos grupos, muitos, assim... grupos de... terapia! Grupos de... já participei... e as pessoas... Eu já participei de um grupo assim de dinâmica. No primeiro encontro, no primeiro encontro da dinâmica, com uma psicóloga muito competente, e ela fez umas técnicas bem diferentes... então assim... eu fui a primeira a falar... e coloquei coisas que... até que... fiquei quase um ano! Então eu acho... eu sou uma pessoa muito de "repentes", no momento certo eu me abro, por isso que eu digo eu me conheço... eu acho que... quando eu tive este problema, este problema com a terapeuta... ela é muito famosa em João Pessoa, ela é famosa, mas ela errou...

P5 -Essa questão com a psicóloga... essas coisas a gente tem que superar porque existe o profissional e "o profissional"... e isso acontece em todas as áreas.., existe aquele que é profissional consciente e tudo, e existe aquele que está por estar...

P14 -Isso eu concordo.

P5 -E outra coisa. isso você tem que superar quando você diz: eu sou sempre a primeira a colocar... eu estou dizendo isto pra lhe ajudar e não como crítica, longe de mim criticar qualquer um aqui, até porque eu também tenho meus defeitos, quando você diz isso eu entendo, eu acho, que você tem a necessidade de falar: eu coloco sempre pela primeira vez, a necessidade dela falar, dela mesma é... : é... quebrar esse bloqueio, disso nela que é tão grande que ela sempre repete: eu sou a primeira a me colocar, porque como primeira a se colocar você poderia dizer tudo que estava sentindo... então, aí que você tem que se trabalhar. De colocar em público e trabalhar mesmo esse eu que está querendo sair, e você está reprimindo, não sei se adiantou, mas é o que eu estou sentindo nela, ela está muito reprimida e está procurando um momento mesmo pra falar...

D -Ela quem, P14?

P5 -É...

D -Então fala pra ela. ..

P5 -Eu estou sentindo isso, P14...

P14 -Eu sou uma pessoa assim, muito... não é nem querendo me colocar, eu gosto de falar é... de acordo, como eu apanhei das pessoas... no primeiro encontro eu não falei nada, no segundo eu não falei, já é o terceiro ou quarto? ...

P7 -Eu acho assim. ..

P9 -Quando a gente iniciou esse curso, foi perguntado se tinha psicólogo no curso e a gente mostrou quem era psicólogo, disse quantos tinham também, e que foi pedido muita conveniência pra o que fosse visto aqui... eu acho que a gente está assim... entrando... está muito no eu da pessoa... e é preciso que se alerte que é uma coisa muito pessoal, e que o grupo tem que realmente assumir essa responsabilidade com seriedade, porque a pessoa está começando a si trabalhar

e... eu também estou yiyenciando... É o seguinte: tem horas que ela diz que é fechada, não gosta de se colocar, e aí vai e diz que é aberta, que gosta de falar, e a gente está dentro desse processo, eu estou também tendo a intimidade de... colocar e mostrar isso aí, eu quero que o grupo saiba como conviver com esse momento. ..

P13- Agora me diga uma coisa, o que...eu não sou psicóloga, ta, gente (risos)... eu estou só observando, quando ela fala... ela é realmente... ela é uma pessoa transparente, certo? Ela é uma pessoa muito transparente! Agora quando chega pra o eu dela, quando... a vida particular dela, a intimidade dela... aí... ela está bloqueada... ela está procurando um suporte maior, então ela precisa de um negócio mais forte, que ela tenha mais segurança pra trabalhar, mas que no todo, ela vai...

P16 -Teve muita coisa, acho, na infância dela que atrapalhou muito... que bloqueou muito a vida dela... Essa história de duas mães... ninguém sabe como procedeu essa história dessas duas mães... como ela lidava essas duas mães, uma e outra, como foi esses comportamentos, esse relacionamento, e tantas outras coisas que a gente como ser humano a gente sabe que é tudo... tem muita coisa, então eu acho que... talvez... D-Mas, talvez. ..

P16 -Quando você falou... eu comecei com psicoterapia de grupo... eu não tive mãe nenhuma, minha mãe morreu eu tinha seis anos de idade, minha irmã mais velha tinha 14, em seguida ela casou e eu tomei conta de 7 irmãos, eu era tão pequena que subia num tamborete pra fazer a comida... Um dia saía salgado outro dia saía sem sal... Meu irmão dizia: *me dá o açúcar pra botar aqui, meu irmão já com 17 anos já trabalhava, traz o açúcar que ficou salgada a comida...* aí, botava o açúcar, comia e ia trabalhar. Ninguém reclamava... as roupas lá de casa fazia dó de

encardida, mas eu lavava... Então, os meus irmãos estudaram, eu consegui terminar meu curso superior... eu acho que não teve nada que me bloqueasse, meu pai... Quando meu pai casou pela segunda vez, eu já estava com 14 anos... quer dizer... Todos os meus irmãos já estavam criados, eu já estava na 8ª série, já estava terminando o ginásio, nunca fui reprovada não deixei que nenhum dos meus irmãos fossem reprovados... por que eu era a mãe deles!! E hoje meu irmão caçula, já com 36 anos, mora em Brasília, passa 2 anos, aí vem embora. Comprou uma casa que são duas casas, eu moro em uma e ele mora na outra. Ele foi, abriu o quintal... tudo que ele quer é lá em casa... ele tem geladeira, mas só vai para minha... tudo, tudo dele é comigo... então, eu sou a mãezona dele, não é? Eu acho que eu fui a mãe de todos os meus irmãos, inclusive do mais velho que já tinha 17 anos... quer dizer, enquanto ela teve duas mães eu não tive nenhuma e eu consegui assim. ..

P6 -Eu acho que a pessoa que sofre mais... ela tem uma... uma fortaleza... às vezes a pessoa amadurece mais rápido... a pessoa que é muito protegido, ela tem uma fragilidade, uma sensibilidade, uma timidez maior...

P9 -Nem por isso... porque eu sou filha única de mulher, sempre fui muito paparicada, quando meu pai morreu minha mãe estava grávida de mim de sete meses. Sempre fui muito paparicada, muito protegida... então, quando eu me vejo num meio... às vezes na turma mesmo... eu tinha um grupo que a gente ia pra todo canto... mas eu tenho que conviver com todos. Tenho duas amigas que não se gostam. As pessoas interpretam assim... lido com elas, mas as duas não se entendem, mas eu lido com uma e lido com outra... essa acha que eu já sou fofoqueira, porque eu estou com essa... eu sou o tipo da pessoa que convivo com todo mundo, eu estou quieta... e eu não sei quem não gosta de mim... então... vai ver que essa fragilidade que a P14 tem é essa: foi muito paparicada, teve duas

mães, a tia protegia mais ainda do que a mãe... então, ela tem essa sensibilidade, está entendendo, só pode ser isso...

D -Eu gostaria... para a gente essa conversa é um prato cheio... conversar sobre essas coisas, eu acho que está muito legal, mas eu gostaria de voltar pra um ponto que foi colocado... assim, é preciso a gente trabalhar, se trabalhar todo dia... como a gente pode se trabalhar dentro desse trabalho, dentro desse processo institucional.. .

P6 -Era o que eu ia dizendo agora... Quando eu sinto a necessidade de trabalhar vem de dentro pra fora, eu assumo muito melhor... quando ela vem de fora pra dentro é muito difícil...no momento em que todo mundo está participando, você fica até questionando por que cada um está falando isso?? Mas se você sente essa necessidade dentro de você, se você quiser sair daquele buraco, eu acho mais fácil...

D -Inclusive... a colega falou que talvez... esqueci teu nome... falou que... não teria que ser exatamente, necessariamente uma terapia, não é?.. Pode ser outro tipo de trabalho, não foi isso que você disse? Nem todo mundo fica motivado pra fazer a psicoterapia.

P9 -Exatamente, quando eu digo assim... tem que se trabalhar... mas a terapia você só faz quando sente a necessidade dela, não é? Você não vai fazer terapia só porque está na moda... Se você achar que não precisa, se você está bem com você mesmo, se você está bem com as coisas que você faz...

P6 -Acho que o que foi questionado foi a necessidade do profissional se submeter em algum momento da vida ao processo, eu não sei se eu entendi errado... para você exercer a profissão, você teria que se submeter em algum momento nem que seja numa fase distante, mas você... conheça o processo...

P9 -Exatamente, quando eu digo isso, eu sou assistente social, não sou psicóloga... como o psicólogo tenha a necessidade de fazer mais porque ele lida mais diretamente com... o comportamento do paciente essa coisa toda... mas eu como assistente social, eu tenho que lidar com isso, eu tenho que...

D -Você está dizendo que não precisa ser uma psicoterapia, existem mil terapias que...

P8 -Isso... mas aí eu tenho que procurar um grupo de auto-ajuda, eu tenho que procurar cursos, eu tenho que me reciclar, eu tenho que parar um pouquinho e planejar o que eu estou fazendo... eu tenho que ir para o grupo de idosos bem!! Eu não posso ir para o grupo com n problemas na minha cabecinha desse jeito... porque quando eu chegar lá no grupo eu posso sorrir pra eles, eu não vou falar bem com eles se eu estou mal comigo... Como é que eu vou passar uma mensagem de paz se eu estou altamente destruída? E aí ? Como é que eu vou falar em confiança, em humildade... Sim, eu vou dizer uma coisa...Eu me achava altamente humilde... menino, eu era a caixa da humildade, para mim (risos), eu era a pessoa... era uma coisa séria... mas eu passei por um sufoco tão grande por causa da bebida, do álcool... Um sufoco assim terrível, financeiro e... chegou uma ajuda para mim... olhe, pra você ver como a gente... é pequenininho... e acha que é o máximo, aí chegou uma ajuda para mim numa dita hora, onde eu olhei para dentro da minha casa e só vi um pacote de sal... e essa ajuda chegou para mim assim: na minha mão: *está aqui, é uma ajuda dos colegas de trabalho...* que chegaram e disseram: *está aqui essa ajuda pra você, faça o que você quiser, você sabe do que precisa.* Ora... quando eu vi o pacotinho eu sabia que era dinheiro, então aquilo foi uma tapa pra mim, pô... uma tapa pra mim??? Uma pessoa que estava precisando de uma feira naquele momento... eu tinha deixado as meninas com um pacote de sal??? E eu

leve uma tapa???? Como era que eu podia levar uma tapa? Se eu era tão humilde? Eu me senti uma... eu me senti a última da fila, me senti péssima, mas aquela coisa na hora fez PUF, o que é isso, P8? Que besteira é essa? Que orgulho idiota é esse? Você não disse que é humilde? Como que você não vai receber? E as crianças em casa? Mas isso passa em fração de segundos, é aquela coisa assim: ops! Aí foi quando eu... (estala os dedos). Meu Jesus, Deus seja louvado!! Porque ele me alertou agora... aí eu recebi, agradei e contei, mas o que se passou comigo naquele momento àquela pessoa: muito agradecida... Deus te abençoe, descobri agora que eu não sou humilde, vou trabalhar essa coisa dentro de mim... então, gente... eu estou contando isso.

Pudemos perceber o quanto aspectos afetivos e cognitivos estão envolvidos nesse trabalho. Como a fluidez entre o que acontece na vida pessoal e a vida profissional acontece nesse encontro do grupo. Agora, mais familiarizados, o grupo começa a disponibilizar uma escuta mais profunda a partir da emergência de questões cada vez mais pessoais e nuances profissionais cada vez mais comprometedoras.

P12 -Gente!!! Qual o objetivo da gente aqui, qual é? Qual o objetivo de estarmos todos reunidos aqui, qual é???

P7 -Fluindo energia, fluindo. ...

P12 -Não é a gente colocar alguma coisa aqui do nosso trabalho junto ao idoso, junto à comunidade, a gente tem que chegar e colocar alguma coisa aqui, não é só chegar e desenhar, tem que chegar e desenhar um boneco, desenha uma casa... mas aí... tem que direcionar...

P6 -Eu achei interessante isso daqui... O que tem escrito aqui: *campeão da vida*. E esse rapaz aqui, o Lars Graell⁶¹... a tragédia ficou para trás e, nove meses depois do acidente, o iatista volta a respirar esporte... e continuou... ele quis continuar fazendo o que gostava, apesar da tragédia que aconteceu, a gente pode colocar também para nossa vida... que acontece tanta coisa no nosso trabalho, no nosso dia a dia... acontece tanta coisa que às vezes a gente pensa em desistir. Mas uma tragédia muito pior aconteceu com ele... mas ele continua com força... porque a gente precisa buscar força todos os dias e pedir a Deus também... para enfrentar todos os obstáculos da nossa vida... dei essa idéia para que a gente possa fazer alguma coisa com relação a isso.

P13 -Minha gente, escute aqui só um pouquinho... eu sou mais velha do que vocês... olha, trabalho coletivo... mas acontece que a partir do momento que eu começo a construir uma coisa e o outro a construir outra... eu construo um trabalho coletivo, pois é... não é obrigado dizer um tema não. ..

P8 -Mas tem que ter alguma direção, gente!

P5 -Sabe o que é... e a criatividade? Acho melhor cada pessoa fazer o que quer! E coletivo, gente!!!

P7 -Eu imagino isso aqui como se nós fôssemos hoje os idosos que nós ! trabalhamos, então você chegou lá no seu ambiente de trabalho e disse: *eu queria que vocês fizessem um desenho*, colocou o papel no chão e cada um vai expressar a sua idéia!! I !

P15 -Pois é!!

P7 -Naquele papel, você não vai direcionar o que ele tem que fazer não!!!

⁶¹ Lars Graell é iatista e medalhista. Perdeu uma das pernas numa competição. Voltando a competir mais tarde.

P15 -Pois é... não ficar naquilo somente...

(vários comentários, algumas pessoas reiniciam o trabalho no painel pintando, desenhando e fazendo colagens)

P8 -Quando é coletivo tem que ter um objetivo coletivo, né? Se cada um chega aí e faz uma coisinha... sei não...

P13 -O que eu vejo por aí de trabalho coletivo... geralmente é dia da criança... aí junta aquela turma e bota no papel...

P9 -Se cada um chega aí e dá seu traço, fica um pouquinho de cada um... mas fica uma coisa... que não é coletivo...

P8 -Não acho que é bem coletivo aí não, mas. ..

(algumas pessoas colocam seus desenhos e falam o que desenharam: uma bonequinha, um sol. ..)

P8 -Não acho coletivo não... acho que a gente não vai passar nenhuma mensagem...

P14 -Também acho que não. ..

P13 -Vai!!

P7 -Vai sim!!! Tudo... depois eu digo o que significa o meu, você diz o que significa o seu...

P8 -Mas aí não fica coletivo...

P13 -Fica, minha gente!!!!

(algumas pessoas se manifestam contra essa idéia de não coletividade)

P8 -Não fica! Coletivo tem que ter um objetivo comum!!! O que é isso?

P7 -Meu amor, o objetivo é transmitir suas idéias, é o objetivo!

P5 - É...

P8 -Qual o objetivo deste painel? Idéias individuais de cada uma?! As idéias ligadas a isso, as idéias ligadas àquilo...

P11 -À medida que vai fazendo o desenho vai dando uma seqüência. ..

P4 -Gente, vamos aproveitar o painel porque senão não vai dar não. ..

P6 -Pode mexer no da colega ou não?

P13 -Pode...pode, não é nada de ninguém, é nosso isso aí!!!!

P4 -Eu sei, meu amor, é que eu não queria mexer, está tão bonitinho!!

P16 -Pronto, eu já fiz o meu!!!

P13 -Vocês venham ver do lado de cá pra ver se não está bonito!!!

P15 -É, está bonito mesmo!

P11 -Na verdade é muito difícil trabalhar assim. ..

P7 -Vamos melhorar o nosso painel? (algumas modificações, retoques).

D -Gente, eu queria combinar uma coisa com vocês: vamos ficar uns quinze minutos a mais... olhando não só para o painel...

D -Gente, eu queria perguntar para vocês ...a gente fez essa oficina. Foram quatro encontros, a gente fez muita coisa... e agora? O que a gente vai fazer com isso que a gente aprendeu?

P3 -Vamos voltar com mais conhecimento para aplicar no nosso trabalho. ..

P8 -Você está falando da oficina ou do curso todo?

D -Sim.

P13 -Depois que a gente adquiriu esses conhecimentos? O que a gente vai fazer? Ah, não tem nem o que discutir... a gente já está fazendo!! Eu acho que sim! Não estou falando pelo grupo todo, mas eu acho que quase todos, eu estou

também, acho que a gente está levando isso para o ambiente de trabalho, para procurar desenvolvê-lo melhor, procurando fazer as nossas atividades de uma forma mais correta, mais coerente, não é? Até no próprio trabalho da gente, não é!? A gente agora freia mais um pouquinho... refletir e pensar como que vai dirigir o grupo... como que vai colocar novas descobertas no grupo... tem muitas coisas que aprendemos aqui... discutimos... aprender com cada colega, aprender com o... orientador do curso... foi uma troca... de acordo com o ambiente que nós estamos, eu acredito que para todas aqui, porque eu não acredito que... não é possível que nenhuma de nossas colegas, nem eu também, não levamos alguma coisa daqui para o grupo de idosos, sempre a gente leva, sempre fica.

P5 -Eu acho que eu vi duas coisas: *tanto a de levar como a gente se vê*, é uma retro-alimentação, se a gente levou, a gente também se viu aqui como pessoa, e também o que se vê como pessoa fica mais fácil levar para o grupo porque a gente já viveu, eu achei assim fantástico... e eu acho que a gente encontrou neste curso o que não vemos lá em sala de aula... porque a gente precisava demais, a gente precisava de...prática!! A gente precisava de vivência que servem pra gente... para mim foi difícil...

P9 -Eu acho assim, que foi muito bom!! A gente trocou muitas experiências, e adquirimos novos conhecimentos... eu vejo assim: se o grupo se interessar a gente já visa até uma porta para um trabalho mais consciente, como foi sugerido da vez passada de formar um grupo e passar um dia no Termas. E eu já penso diferente, pegando a proposta, mas facilitando um pouco, porque nem todo mundo vai poder sair daqui passar um dia, e também pode ser que a gente vá naquele dia e ali acabe. Eu sugiro, para quem tiver interesse, a gente marcar pelo menos de quinze em quinze dias um encontro com essas pessoas que trabalham com grupos

de idosos!! Por que nós nunca nos encontramos reunidos a não ser nos dias que tem encontros grandes na Secretaria... e fica uma coisa muito superficial... pessoas que coordenam... que dizem estar por dentro de tudo, mas que, na verdade, não estão... não tem a competência que a gente tem! No entanto, chegam lá e botam, para tornar público, seu trabalho, que muitas vezes não é nem daquelas pessoas que estão lá... quem faz o trabalho, na verdade, está sentado ali no meio do povão, e nem é reconhecido... Então, se a gente, de quinze em quinze dias, formasse um grupo realmente com responsabilidade, que não fosse deixar que pequenos problemas interferissem nesse nosso trabalho, com a proposta de passar uma tarde ou uma manhã ou, sei lá o que fosse, estudando, num grupo de estudo mesmo... Um exemplo: o grupo tem cinco pessoas... aí uma se prepara no primeiro encontro você vai dar o estudo hoje... ou: é quem vai coordenar o grupo, é quem vai levar uma experiência, vai direcionar aquele trabalho... no outro dia, outra já prepara o seu trabalho e apresenta e trabalha com o grupo...

P13 -Exatamente!!!

P6 -Eu acho que seria um investimento ótimo pra gente, iria nos ajudar e todo mundo recebia...

P7 -Acho muito boa a proposta dela... Mas eu acho que uma vez por mês, porque muita gente vai falhar... é o ideal... porque de quinze em quinze dias fica muito corrido e uma vez por mês...

P2 -É uma oportunidade pra gente não só de reciclar... de passar os eventos que estão acontecendo, durante aquele mês... a pessoa que está coordenando o grupo vai ficar atenta para todas as atividades referentes àquele grupo, porque muitas vezes a gente é passado para trás em termos de informação e de cursos... a gente só vai saber que existe quando já está terminando... os encontros existem e a

gente não sabe..Fóruns existem e a gente não sabe.. Conselhos existem e a gente não sabe... decisões de conselhos e de Fóruns existem e a gente também não sabe... Congressos e isso e aquilo, e quando a gente sabe ou está em cima ou já tem passado...

P9 -Pois é, então um dia de cada mês, na primeira semana de cada mês. ..

P7 -Agora, quanto o dia seria bom a gente passar lá, conversando, relaxando também, não é isso?

P6 -É porque tem gente que está trabalhando, que tem criancinha nova, aí não dá pra gente... faz uma tarde, que tal?

P11 -Mas a proposta que P7 colocou, de uma vez por mês, dá pra gente encaixar o menino... num lugar... avisar ao chefe que naquele dia vai precisar faltar... a gente pode dar muito mais, porque isso vai ser bom para o nosso crescimento... crescimento geral... Tem muitos profissionais, gente, colegas minhas que eu conheço, que são capazes, que têm bagagem, que tem conhecimento... mas que estão acuadas lá nos seus cantinhos... Tem muitos profissionais que eu conheço desta forma... gente com capacidade e com bagagem para repassar... de formação... de tudo!!! Mas que estão esquecidas devido aos nossos orientadores ou, sei lá, coordenadores ou diretores, está precisando que a gente chegue e diga: *olha, lembra aí, vamos vai ter uma reunião no dia tal, você vai ser valorizada, aumentar a auto estima desta funcionária, desta colega nossa, dessa amiga nossa que também está esquecidinha.*

P11 -A gente que trabalha com grupos da terceira idade tem assim... a possibilidade de conviver com o trabalho externo...

P13 -E outra coisa, você desenvolve uma maneira, no teu grupo, diferente da minha e da de fulana... e eu vou aprender com as duas, que, por sua vez, vão

aprender comigo... Por exemplo: eu tenho 20 anos de grupo... eu já não sei mais nem o que faça... vou aprender, para mim vai ser maravilhoso... já vou para aprender mesmo!! Você já pensou... 20 anos no mesmo serviço?? Você já não tem muita coisa pra oferecer... tem que se afastar mesmo do grupo pra adquirir energia jovem, pra reforçar, não é? Isso é o momento... e como eu tem várias profissionais neste momento... e outra coisa, não se pode distanciar daquela que trabalha na universidade, no estado ou no município, por que é o que está acontecendo com a gente... essa fragmentação, sabe? Nós nos conhecemos todas...

P4 -Mas não vamos deixar a política interferir nisso !!!

P13 -Não, mas não está interferindo não... a questão não é essa... mas o que acontece é isso: colegas que a gente conhece de encontros que não podem se juntar num ponto "x" porque é estado porque é... federal... e fica nisso. A gente cria círculos de amizades por questão pessoal, mas não que se ofereça oportunidade... As políticas saem cortando esse trabalho que deveria ser único... mas não se está trabalhando com o idoso!! E o idoso não é... não é esse negócio de *meu idoso*, como várias colegas minhas e colegas seus também, que teimam em falar: *meu idoso*, *meu idoso pra lá*, *meu grupo*, não existe isso... cria-se até essa possessividade... até inconscientemente... eu acredito que seja inconscientemente... aí fica *meu idoso*, *meu grupo*... ela diz isso, mas é involuntário mesmo, não é proposital não, justamente por causa desse elo, dessa união... então essa proposta que você colocou, que você colocou que é uma ótima, é uma proposta maravilhosa.

P5 -Até espaço, a gente não precisa nem se preocupar com a questão de espaço, porque a maior parte daqui, todo mundo trabalha em uma instituição, pelo menos lá em Mandacaru a gente tem, não é uma coisa assim muito confortável, mas a gente tem um espaço bom pra se trabalhar. ...

P13 -Mesmo assim, mesmo que a própria instituição não tenha, a gente tem um mês pra conseguir espaço."

P5 -Então a pessoa que vai preparar aquele dia, também já se preocupa em preparar o local.

P3 -Aquela pessoa vai ser a anfitriã, eu vou fazer o possível pra lhe receber bem, não importa se vai ser lá na instituição ou na minha casa.

P14 -Assim cada pessoa que vai fazer... deveria conseguir é...cada um... numa mesma instituição para não ficar só num local, aí vêm aquelas dificuldades...

P6 -Eu acho que a questão repartição já cria um certo constrangimento... talvez a direção não queira, existem umas certas regras."

P7 -Na sua, porque na minha não tem não... P6 -Na sua, na minha tem, está entendendo? Então a gente tem que estudar... mas, se for tudo bem, a gente não descarta não,.. aí vão pensar: *também que esse projeto que a gente está fazendo é pra instituição*, ainda tem mais isso?

D- Como é??

P6 -A gente faz isso na instituição, no município ou no estado... estou dizendo assim pra não falar nem de "a" nem de "b"... eles vão pensar que aquilo ali está sendo feito para a própria instituição... e nossa proposta não está vinculada a uma instituição.., esse projeto é nosso!! Não tem nada haver com instituição nenhuma!! Não é benefício da instituição não... é em benefício nosso... e aí eles já querem pegar esse fletezinho pra dizer: *não, a instituição tal está fazendo isso. E coloca, bota na mídia, não...*

P13 -Justamente por isso é bom que a gente faça, cada pessoa, em um local diferente para que não ter assim: *foi o centro social de Mandacaru, foi o Cristo, foi o .Range!*, não, foi de cada um...

P8 -Mas se tivesse um local para ficar sempre lá, seria o ideal, pra não ficar... um local que fosse central pra todo mundo... porque, vamos supor: você mora lá na praia e trabalha lá no Valentina... longe, longe, longe... então. fica muito inconveniente... se conseguíssemos um local central acho que seria ideal! Mas lá em Mandacaru ficaria muito ruim para mim... eu acho que um local central ficava muito bom

P7 -Licença. Eu acho que assim aí está o fator acomodação porque é uma vez por mês, aí já está mostrando a nossa acomodação pra fazer alguma coisa, é agora, é seguinte, é... se tem esse problema que as meninas estão dizendo, se fosse realizado em todo num canto, depois vão dizer é nosso... foi realizado todo aqui, nós estamos fazendo... e se cada pessoa que for fazer aquela atividade escolher o local, só faz comunicar a gente, entendeu? Comunica a gente... é um dia diferente... a gente vai passar aquele dia... pode até ser na minha casa este mês...

P1 -Agora eu acho assim, numa casa não dá certo, a gente tem que fazer num local que a gente tenha espaço e privacidade.

P7 -Mas eu estou dizendo assim porque a gente não sabe onde vai fazer.

P16 -Eu acho, gente, que a gente deveria iniciar com meio expediente!!!

P12 -É, e ainda vai ter que preocupar com o almoço...

P7 -É ter cuidado para não enfeitar demais e na hora não vai nenhuma pessoa. ..

P9 -Mas se não vai é porque não tem interesse, porque se eu tenho interesse eu viajo daqui para o Ceará...

P15 - Assim, olha, eu acho que eu aqui sou a mais inexperiente de todas, todo mundo já sabe da minha história como foi, então eu estava aqui pensando, quando a gente está com vontade de aprender, não sei se é porque eu estou nesta

fase de querer aprender, querer aprender tudo que a gente fez aqui, o depoimento de cada uma de vocês aqui, com certeza eu vou levar pra o meu trabalho lá na comunidade, agora eu acho assim superinteressante essa troca de experiência porque isso também vive na comunidade, eu saí da minha realidade para a realidade da minha colega, lógico que não é só você ouvir, você ver também vale a pena, então, eu sair lá de Intermares, do outro lado do ...é no setor norte do da cidade, eu ir lá pra o sul, eu faço isso como igreja, eu saio, agora eu estou trabalhando com o idoso, mas, até o ano passado eu era do movimento de casais, muitas e muitas vezes eu sai de lá de intermares fui pra Valentina, fui para o Cristo, nem conhecia direito, mas a gente vai porque é muito bom esse tipo de troca, essa troca de experiência, de resultados, de realidade tudo isso por aí, então eu gostaria muito e teria o maior prazer de receber todo mundo lá, em Intermares, mesmo sabendo que lá é muito precário, que nosso local lá ainda é muito precário, não dá pra a gente fazer uma atividade é dia inteiro, porque não tem nem igreja mesmo, né, é num galpão, faz um pouco de sol, mas eu teria o maior prazer de receber vocês lá, então eu acho assim, de como é uma vez por mês, quando a coisa é bem planejada a gente tem como se esquematizar, a gente tem como planejar aquele dia par você se liberar para aprender, para trocar, para trocar experiências, eu acho que é uma questão de boa vontade também, a gente não tem que pensar nisso como um trabalho diário, "ah eu vou passar o dia todinho fora amanhã, então eu tenho que fazer o almoço hoje, colocar menino não sei pra onde, não sei pra onde", Não, é daqui a trinta dias, eu tenho trinta dias pra me programar, programar aquele dia pra ficar livre, então importa se, olha, gente, lá no meu salão, lá, em Intermares, eu tenho duas funcionárias, uma de Mangabeira e outra de Bayeux, é do outro lado e elas vão trabalhar todos os dias, lá em Intermares, quer dizer, se elas não

tivessem essa boa vontade, essa vontade trabalhar, elas não iriam nunca porque é do outro lado, porque é um extremo...

P8 -E eu, no meu caso, eu nem faço questão, quem quiser uma carona, pronto, quem mora num bairro mais distante marca comigo eu pego num determinado lugar pra não pegar um segundo ônibus, eu posso pegar, a gente já pega uma carona quem depende de ônibus.

P10 -É, mas eu vejo assim, não por acomodação, minha preocupação é que o grupo não se acabe...

P11 -O grupo só se acaba quando os elementos querem...

P13 -É que eu já tive experiência deste tipo...

P14 -Eu também já tive, mas é preciso começar pra ver o que vai o que vai acontecer... P6 -Depois ninguém vai mais. ...

P8 -O Fórum do próprio idoso se acabou sabe por quê? Porque realmente não tinham pessoas interessadas... olha... eu digo isso porque eu participei... veja bem, um dos problemas mais sérios do Fórum, eu era apenas assistente, tudo com relação ao idoso eu gosto de ver... mas aí tinha o estado, o federal e o município, estavam aquelas pessoas... aí porque o meu, porque o meu... essa história de meu foi o tema mais sério de grupo que teve... pronto... como assistente eu dava opinião, mas eles é que resolviam o que queriam, vem de cima pra baixo... Se você fosse com um idoso, só fazia dizer o que estava acontecendo, mas eles é que resolviam o que iam fazer. Se fosse como coordenadora de grupo, você nem podia falar direito o que sentia, porque tinha uma chefe sua podia fazer alguma coisa, eu não estou dizendo que faria, mas você se intimida porque você notava perfeitamente o que

estava acontecendo, eu me afastei do Fórum porque fui várias vezes mas na hora de fazer uma coisa séria eu vi que não era... inclusive eu falei isso no Fórum

P1 -Tem instituição que só aparece no papel, viu!? O que aconteceu lá no Fórum... houve a caminhada, a caminhada nacional de...

P5 -Caminhada saudável que não foi nada saudável, uma caminhada para o idoso de 11 horas da manhã...

P1 -No papel vinha: responsabilidade do estado!! Mas quando chega no estado não... Mas aqui é municipalizado, bota para a prefeitura, a prefeitura... Não, mas a verba está no estado, e quem é que vai fazer a caminhada? Ah, é quem está lá coordenando o idoso, vamos lá no grupo, vamos botar 11 horas da manhã, mas 11 horas não é bom para o idoso, ah, não mas o pessoal, as autoridades só chegam de 11, sabe, quer dizer, quem está dentro da comunidade não é escutado, e a instituição só aparece no projeto, "o doutor sicrano está bonito, lindo, com um terno maravilhoso, doutora sicrana estava belíssima, o cabelo escovado e (na verdade não está nem aí pra o idoso -alguém que se pronuncia) agora, pelo o que vocês já viram, e eu também já vi, a reunião na instituição é... o Fórum é um espaço aberto para o idoso não é? Só que o idoso quando chegava lá não era ouvido e era discriminado, numa instituição que não é estado nem município mas que exerce um certo poder e fascínio, e o certo é também que ele faça parte do Fórum e tenha poder de voto e de fala, mas não podia ter feito isso porque não é estado nem município, mas o Fórum também não é de estado ou município, é do idoso, mas o idoso não pode falar, então gera um mal estar na própria instituição que está oferecendo, o estado, que quer colocar também alguma coisa em votação, que quer falar alguma coisa, não fala porque não é nem do estado nem do município, e o

estado e o município não fala porque não quer ter rabo preso com ninguém, o Fórum esvaziou, está acabado.

P4 -Agora, gente, essa é a oportunidade pra gente começar a mudar... é a gente assumir um compromisso de mudança, porque a gente é quem convive ali com o idoso, sabe o que pode passar pra eles, mostrar para eles que eles são pessoas e têm sua importância...

P10 -Mas eles sabem disso...

P8 -Mas nem todos ainda, mas você vê, olha, gente, tem horas que eu fico tão revoltada... porque eu sou muito... quando eu gosto de coisa, entendeu?! Tem horas que eu fico revoltada com o que fazem com os idosos... tratando assim como se fossem um bando de carneirinhos: *vamos, façam isso*, aí lá estão os idosos fazendo o papel de crianças...

P11 -Muitas vezes eles vão para receber uma camisa, olha, aquilo me dói...

P8 -Quantas vezes vocês já viram isso? O lanche que vem para o idoso?? Quando eles vão lanchar, 10, 11 horas, porque a autoridade ainda não chegou... não têm respeito para com o idoso, chegam 10:30, 11 horas e eles estão todos lá esperando... e muitos deles sem tomar café esperando o lanche

P5 -Eu acho que isso depende de cada local, porque lá onde eu trabalho, eu sempre coloco que a prioridade são vocês... os importantes são Eles... se alguém chegar depois, problema da secretaria, a hora é 2 horas, não chegou 2:40 está encerrando...

P10 -Mas quem trabalha em instituição não é assim... ela é política, ela tem um nome a zelar, ela não pode, ela pode ficar verde de raiva, xingar, puxar o cabelo mas ela tem que... ela tem um superior acima dela, é difícil... as coisas não são assim não...

P12 -Tem uma coisa... os idosos que nós trabalhamos eles é quem querem mudanças.. .

P10 -E outra coisa... os idosos que trabalham com a gente são pessoas informadas, viu!? Nós estamos sempre informando alguma coisa, direcionando alguma coisa para o idoso... E aquele idoso que não participa de grupo nenhum? Que é a maioria, esses é que são levados mesmo... olhe, tem tantas coisas...

P6 -Eu acho que a gente deveria amarrar o nosso encontro, amarrar o nosso encontro já com dia, mês...

P12 -Na última quinta feira do mês...

P5 -Gente, eu gostaria de dizer que isso aqui vai ser assunto nosso...

P14 -Quem gostaria de ser a primeira a passar alguma coisa pra nós? Uma pessoa com experiência... Qualquer uma de nós, quem gostaria?

P6 -A gente quer ver o local...

D- Se vocês quiserem a gente pode marcar esse primeiro encontro um dia pela manhã aqui, que é um lugar que todo mundo já conhece, aí a gente tira uma manhã pra decidir o que se vai fazer..

P7 -Não é nem o momento de alguém passar alguma coisa, é de armar um objetivo...

P6 -Uma tarde ou uma manhã.

P8 -Isso quer dizer que já aceitamos?

P7 -Uma manhã...

P6 -Na primeira quinta feira!

P5 -O encontro fica na última do mês de junho...

P13 -Quando é que vai ser formado outro grupo desses!?

D -Não, veja... esse não é um grupo formado, este é um curso que a gente deu e pra isso é formado um grupo... a gente tem a perspectiva do NIETI querendo outro curso, mas aí eu não sei... talvez julho ou agosto...

P13 -Vamos botar para 27 de junho?

P6 -Será que alguém vai viajar? É véspera de São Pedro...

P13 -Então dia 26, uma quarta feira?

P7 -Quarta feira eu não posso, eu tenho reunião...

P11 -Vamos deixar na primeira quinta-feira porque a gente já fica habituado mesmo...

P13 -Então é dia 6...

P4 -Dia 6 eu não posso porque é a feira lá de Mandacaru que eu já falei.

P6 -Quinta, dia 13?

P7 -Fica difícil...

P6 -Dia 4, não posso que eu tenho grupo...

P9 -Não posso, tem um encontro de 9 a 13...

P13 -Pode ser pela manhã...

P7 -Na segunda, dia 3?

D -Segunda a partir das 9 horas?

P6 -Pronto! Segunda! Por que é só para a gente montar, organizar...

P5 -Dia 3 de junho!

P8 -A gente não vai se estender muito não, a gente vai só definir as datas... essas coisas...

P6 -A gente já fez, já está mais ou menos em mente.

P13 -Cada uma pensa como pode contribuir, não é?

P5 -Então ficamos na segunda-feira, dia 3, às 9 horas... cada uma já com o que é que pode ser feito... e a gente aqui já monta um calendário pra o restante do ano, pronto? Então, é só chegar aqui e dizer: olhe, gente, meu dia vai ser dia tal, no mês de agosto...

P6 -Aí teria bastante tempo pra se preparar, para ter novidade pra gente, não é?

P7 -Seriam 5 pessoas só, se for uma vez por mês, não precisa nem todo mundo.. .

A necessidade de encontro do grupo nos deixou impressionados. O surgimento da possibilidade de continuidade do grupo nos indica que o trabalho desenvolvido durante as oficinas obteve respaldo entre as participantes. Na nossa percepção, e conforme o descrito a partir de gravações em fita, o grupo passou a disponibilizar-se ao encontro, à procura de uma organização que propiciasse um espaço que, em geral, ele não tem, ou não tinha até o momento. Nesse momento pudemos ver a necessidade de atualização que esses profissionais têm, como, também, se têm necessidade de conversar, debater, compreender melhor o que ele próprio faz no grupo, a partir de suas próprias experiências. Foram essas necessidades que o levou a tentar se organizar, no sentido de começar um trabalho diferente em Gerontologia, no meio de profissionais que trabalham com idosos na cidade de João Pessoa. Segundo Sonia, em seu depoimento: É, a gente até se reuniu duas vezes... começamos a fazer um trabalho... éramos 7 a nove, se não me engano... mas *aí, como* fizemos isso no NIETI, logo apareceu a proposta de trabalharmos numa pesquisa em conjunto com um pessoal da Universidade Federal da Paraíba, para nos engajarmos numa pesquisa...

Para Ana, o movimento começado na Oficina foi bom e rendeu frutos: Para mim a oficina foi muito boa, porque nós estamos sempre trabalhando assim... e, ainda mais... conseguimos nos reunir... entrar numa pesquisa... depois de duas ou três reuniões... depois daquele dia que fizemos a reunião no seu consultório... pudemos fazer no NIETI... lá surgiram propostas... dentre elas a pesquisa na UFPB... que estamos trabalhando... daquele grupo, só nessa pesquisa tem 5... ou 6 pessoas que começaram na oficina... tudo começou ali para a gente... agora fazemos parte de um núcleo de pesquisa da professora doutora... é muito bom participar de pesquisa de novo... estar engajada, estudar.. ao mesmo tempo a gente faz um trabalho prático e se recicla é bom, muito bom.

5. OFICINA E SUPERVISÃO: do Laboratório à Elaboração

5.1. Ampliando o fazer clínico: "um livro vale mais por aquilo que nele não cabeu".

A frase que, para nós, motiva uma reflexão acerca da ampliação do fazer clínico é de Henriette Morato (1999, p. 427), e inspira-se em Guimarães Rosa: "Um livro vale mais por aquilo que nele não cabeu". À primeira vista, podemos não compreender a dimensão desse pensamento e de qualquer contribuição que ele possa dar ao fazer clínico. Porém, um olhar mais atento, pode nos trazer uma percepção diferenciada. Talvez seja preciso, então, fazermos as conexões necessárias para compreender o quanto ela implica sentido para o fazer psicológico na área da clínica.

"Um livro vale mais por aquilo que nele não cabeu" pode-nos fazer pensar que um livro vale mais pelas idéias, analogias e histórias nele contidas e a experimentação ou experiência que essas idéias, analogias e histórias podem proporcionar ao leitor. O leitor é afetado pela leitura das formas mais diferentes e inusitadas possíveis, e também a afeta no sentido de que ele próprio confere sentidos e significações ao que lê. A leitura pode trazer conteúdos únicos e singulares, como também, ao mesmo tempo, conteúdos universalizados, que podem ser bastante significativos. Para além da vivência, que é efêmera e passageira, principalmente se não for devidamente elaborada, a experiência de ser afetado pela leitura pode redimensionar, de forma dinâmica, a existência, podendo trazer a

descoberta e o aprendizado como a vida, com significações subjetivas e outros significados advindos de um conhecimento singularizado no sujeito, promovido pela produção do conhecimento tácito.

Por analogia, a clínica tem nos trazido várias propostas para além das salas de atendimento, para além das técnicas e para além da relação estabelecida entre profissional-cliente dentro do consultório. Em sua origem, a palavra clinicar significa o "debruçar-se" sobre o "leito" do cliente. Rogers (1983), em seu último livro publicado, *Um jeito de Ser*, amplia a teoria, que teve, como marco inicial a clínica como psicoterapia, e que chegou a denominar-se de Terapia Centrada no Cliente, para Abordagem Centrada na Pessoa. Como essa abordagem tem por inspiração o movimento da Psicologia Humanista, com suas raízes nas filosofias fenomenológicas e existencialistas, parece ser bem razoável que pudesse ocorrer uma maior diversidade de possibilidades e perspectivas de atuação do profissional de Psicologia, abrindo-se para um contexto mais amplo e dinâmico. Assim, que ultrapassaria o conceito tradicional de psicoterapia, no sentido de tornar a atuação clínica mais abrangente quanto às suas áreas e possibilidades interventivas. Podemos notar que Rogers, no final de sua vida profissional, já não trabalhava tanto com seus constructos teóricos, continuando, contudo, a dedicar-se às suas práticas clínicas, até hoje desafiadoras. Rogers afirma com isso, sua perspectiva visionária de buscar ampliar sempre o conhecimento do humano pelo humano.

Por outro lado, as psicoterapias com fundamentos na Psicanálise, na Gestalt, no Behaviorismo, entre outras formas de intervenção "psi", também têm mostrado como a clínica implica possibilidades de atuações, dinâmicas e amplas, revelando modos de intervenção psicológica em muitas áreas do conhecimento, além daquelas comprometidas com as relações interpessoais e sociais. Ousamos, então,

parafrasear Guimarães Rosa, afirmando: "a clínica vale mais do que a representação que temos dela, e nela cabe mais do que podemos estudar e praticar atualmente".

Interessante e desafiador é compreender o trabalho do psicólogo na clínica com um caráter de laboratório, do qual, muitas vezes, não temos consciência. O termo laboratório tem origem na palavra labor. Hannah Arendt (2000) alerta para uma certa confusão acerca dos termos labor e trabalho na sociedade moderna ocidental, que trata essas duas palavras erraticamente como sinônimos. O labor é o trabalho corpóreo, que também está envolvido na construção e no desenvolvimento do trabalho. Nesse sentido, o labor é algo mais relativo à corporeidade, enquanto o trabalho é algo ligado à própria fabricação, à atividade de manuseio. Dessa forma, Arendt (2000) desenvolve um tópico em sua obra, cujo título já nos ajuda a compreender e diferenciar entre trabalho e labor: "o labor de nosso corpo e o trabalho de nossas mãos" (p. 90). Compreendemos, então, que laboratório é o lugar do labor, labor esse que na psicologia clínica ocorre, fundamentalmente, na relação terapêutica, no lidar com o outro.

A clínica psicológica se preocupa com essa relação que temos uns com os outros. Estar no mundo com outros é estar em um mundo com "estrangeiros", em relação a nós mesmos, e sermos também "estrangeiros" para os outros, implicando assim, em sermos, ou nos sentirmos, "estrangeiros" de nós mesmos. É nesse continente existencial, ao qual eu sou e me delimito em minha corporeidade e entidade, que o outro é um estrangeiro. Também podemos pensar em nós como sendo estrangeiros de nós mesmos. Isto por tão bem mestiços que somos, feitos de algo e de muitas coisas: como seres híbridos, em cotidiana trans-formação ou trânsito, e termos uma única oportunidade de nos compreendermos a partir da

relação que temos com outros no mundo. Somos, nesse sentido, estrangeiros no mundo, dos outros e de nós mesmos, e temos, nessa correlação mútua, a oportunidade de compreensão da possibilidade de outras formas existenciais.

Estrangeiro que somos dos outros, do mundo e de nós mesmos, o desamparo se nos faz presente tanto nas dimensões do cotidiano quanto na existência. Vagamos, então, por essa existência procurando um lugar de pousada, de lar, de morada. Constantemente, procuramos nos acomodar nesse "ethos", ou seja, de morada do humano. É desse lugar que nos é próprio, que podemos, finalmente, dar sentido à existência. Nessa perspectiva, as relações diacríticas, possivelmente, sejam um caminho para encontrar o ethos. "Eis-nos, assim, reconhecendo um primeiro lugar para a alteridade do outro como motor de diferenciação. No entanto, é preciso avançar da alteridade do outro para a alteridade do próprio(...)" (FIGUEIREDO, 1993, p.93). O outro fala-nos de si e de nós. O outro é um outro de nós mesmos, no sentido de que ele é nosso "espelho da alma": o outro em sua outridade, como alteridade e como outro em mim. Nós somos-com-outros-no-mundo. O outro remete-nos a encontro, relação e intersubjetividade no trabalho psicológico, implicando em que figueiredo diga:

Começarei sugerindo que pensemos no psicólogo como um profissional do encontro. Há, como se sabe, toda uma falta de extração humanista acerca do 'encontro'. (...) o fato de que o lidar com o outro (indivíduo, grupo ou instituição) na sua alteridade faz parte da nossa atividade cotidiana. Mesmo que cheguemos a este encontro com a relativa e muito precária segurança de nossas teorias e técnicas, o que sempre importa é a nossa disponibilidade para a alteridade nas suas dimensões de algo desconhecido, desafiante e diferente; algo que nos outros nos obriga a um trabalho afetivo e intelectual; algo que no outro nos pro-pulsiona e nos lança, algo do outro que nos contesta, fazendo-nos efetivamente outros que nós mesmos⁶².

62 Ibid., p. 93, grifo nosso.

Buscar o sentido do encontro com outros no mundo é também buscar o sentido da clínica no cotidiano, nos vários âmbitos de atuação pessoal e profissional, redimensionando-a para ampliar as ações que podemos oferecer. Esta é uma reflexão que se faz necessária mais do que nunca. Formas de intervenção clínica no social, na empresa, na indústria, na escola, parecem ser possível sem que sejamos psicólogos organizacionais ou educacionais, na medida em que o cuidado clínico é diferenciado pelo seu caráter terapêutico, pela forma como se lida com as pessoas, com o outro. Proporcionar esse encontro, onde a subjetividade se faça presentificável, onde a aprendizagem significativa possa ocorrer na dimensão de questões existenciais, pessoais ou profissionais, entre outras, pode servir como utensílio para o acolhimento e cuidado, da forma específica que a clínica se propõe a laborar e trabalhar os problemas humanos.

Investigar essas formas de atuação do fazer clínico, redimensioná-las e compreendê-las, já nos diz de um trabalho clínico-fenomenológico, sendo mais importante, nesse momento, compreendê-las do que conceituá-las. Retomando a condição humana, poderíamos pensar que enquanto estrangeiros, somos mestiços, feitos de algo e de muitas coisas. Nesse sentido, é como se estivéssemos num "mundo" estranho, enquanto clínicos nos tornamos estrangeiros, implicando em que assim transitamos pelo mundo das intervenções clínicas psicológicas e suas dimensões no encontro com-outros-no-mundo da clínica.

Lembrando desse encontro no mundo, mundo esse no qual somos lançados, faz-se importante, neste instante, falar acerca da metáfora da travessia, inspirada em Serres (1993). Estamos e somos lançados frente a esse "mar ou rio", que é a existência, de águas revoltas ou calmas, cujas margens do outro lado não podemos ver nem prever. O que mais interessa e importa nesse percurso é a questão:

atravessamos ou não? Atravessar significaria lançar-se, remar ou nadar, mesmo que seja contra a maré e correnteza, e suportar a travessia. O fato é que "ninguém sabe nadar de fato antes de ter atravessado, sozinho, um rio largo e impetuoso, um braço de mar agitado. Só existe chão em uma piscina, território para pedestres em massa⁶³". Não seria também assim a vida? Tal metáfora nos remete exatamente à nossa existência, no sentido de que a travessia, à qual estamos lançados, é a própria vida, que nem sempre oferece um chão, ou ao menos, um porto seguro.

Caso aceitemos o desafio proposto pela imprevisível travessia da vida, travessia essa que, muitas vezes, faz e dá sentido à nossa existência, teremos, então, a oportunidade de encontrarmos possibilidades, sejam elas quais forem. O ato de atravessar é tenebroso e sofrido como nos diria Nietzsche (1983). É nessa travessia sofrida que se desvelam as formas criativas do ser: a possibilidade de voltar, de ir em frente, de achar a lógica das "correntezas", da presentificação da finitude pela possibilidade de morte durante a travessia, e os "etecéteras" a mais que poderíamos elencar, além de outros que jamais saberemos a não ser quando lançados na travessia, seja essa qual for.

Ao terminarmos a travessia, podemos estar já na outra margem, numa terra nova, estranha, estrangeira. E constatamos: não acabou. Pois nós, provavelmente sem referência da língua primitiva que aí se apresenta, como também dos costumes e culturas a encontrar nesse novo território, somos estrangeiros, nossa condição no mundo. E o filósofo amigo da sabedoria que há em nós, pensa novamente: não acabou... Só que agora já é outra história... Ainda bem! Já pensou como seria tola a vida sem surpresas, cuja previsibilidade tornaria monótono o cotidiano!?

63 Ibid., p. 11

Michel Serres (1993, p. 14) continua a descrever o desdobramento do mestiço em terras estrangeiras, após a travessia:

Ao atravessar o rio e entregar-se completamente nu e ao domínio da margem à frente, ele acaba de aprender uma coisa mestiça. O outro lado, os novos costumes, uma língua estrangeira, é claro. Mas, acima disso, acaba de aprender a aprendizagem nesse meio branco que não tem sentido para encontrar todos os sentidos. No ápice do crânio, em turbilhão, se atarraxa o redemoinho da cabeleira, lugar-meio onde integram todas as direções.

Dentre as várias significações que podemos dar ao estrangeiro que somos, é preciso que saibamos que o outro também o é, e que o terreno em que ambos estamos, por mais que objetivamente nos seja familiar, nos traz estranhezas e, por vezes, também é lugar de desalojamento. Na verdade, estamos pensando acerca do encontro proporcionado pela clínica, ou no nosso trabalho de *profissionais do encontro*, como bem fala Luís Cláudio de Figueiredo (1993). Podemos vislumbrá-lo enquanto fazer clínico, e assim, nos encontrarmos enquanto profissionais de psicologia. Encontrar esse estrangeiro, mestiço, como nós mesmos o somos, e nos lançarmos, como numa travessia, a esse encontro, essa relação, é começar a compreender a existência a partir da multiplicidade da experiência com o outro, com nós mesmos, e na reiteração das possibilidades de ambos.

Lembremos da dimensão da abertura ao outro, ou, de outra forma, da abertura a outras possibilidades de ser do ser. Esse constante vir-a-ser ao qual nos reportamos, no sentido de as possibilidades se nos apresentarem, também está presente tanto no saber/fazer do profissional que somos, quanto nas modalidades da clínica que podemos desenvolver. Acreditamos que tanto o profissional quanto as atividade e modalidades da prática clínica têm muitos outros horizontes a serem descobertos e sistematizados, ampliando, desse modo, a ciência psicológica e

colocando-a desde outras perspectivas. Talvez algumas modalidades dessa quase "arte", no sentido de criação, não possam ser institucionalizadas e devidamente reconhecidas na perspectiva de certos paradigmas científicos. Pensamos que, por conta do grande dinamismo que a psicologia proporciona, não é possível alcançar até onde ela poderia chegar. Encontrar o lugar e a morada, o ethos, pode não ser fácil, mas precisa ser explorado, examinado e elaborado.

A prática clínica da Psicologia e suas modalidades não parecem caber apenas e somente no consultório. Possivelmente nunca saberemos até onde elas podem ir, dado o caráter de flexibilidade e dinamismo que comportam. Pensamos que a expansão do fazer clínico, desse debruçar-se sobre o outro, é possível. Não novas práticas, mas talvez novas aplicações e modalidades já sejam possíveis, frente ao acúmulo de experiências e idéias que têm sido desenvolvidos durante os anos de conhecimentos científicos acumulados. Dessa forma podemos propor um trabalho que tenha ressonância e aproximações com a supervisão psicológica, sendo, contudo, dirigida a outros profissionais que não sejam dos psicólogos.

5.2. A supervisão de apoio psicológico.

A supervisão de apoio psicológico é feita a partir da reflexão sobre questionamentos e dificuldades profissionais, visando uma atuação de ajuda mais disponível e receptiva por parte dos profissionais. Já a oficina de criatividade é um espaço de elaboração da experiência pessoal e coletiva usando recursos expressivos (movimento corporal, atividades de expressão plástica e de linguagem).

(MORATO, 1999, p. 37)

A Psicologia tem sua "gênese" em dois tipos de áreas distintas: a experimental e a área clínica. Ambas, no entanto, surgem a partir do momento em que se observou a necessidade de se ter um campo de saberes próprio ao psíquico, que não fosse restrito à ordem médica e que, ao mesmo tempo, se diferenciasse da psicanálise. Contudo, a psicologia conserva, até hoje, algum parentesco com estas áreas do saber.

A partir dessas duas vertentes fundantes, a Psicologia pôde diversificar e ampliar as suas áreas de atuação. De forma empreendedora, os psicólogos vêm demonstrando que o conhecimento psicológico tem trazido importantes contribuições para a escola, empresa, família, sociedade, além de outras áreas de atuação. Nessa direção a clínica tem dado bons direcionamentos quanto às discussões que se desenvolve, desde há muito tempo, na Psicologia, como também não é difícil perceber que ainda há muitos horizontes a serem ultrapassados. A aplicabilidade e amplitude da clínica psicológica pode e deve ser pensada e repensada, a fim de dar contribuições relevantes para o desenvolvimento de várias questões relacionadas às mais variadas problemáticas que se apresentam no cotidiano da ciência psicológica.

Nesta visão ampliada da clínica, há diversas formas de trabalhos, nos quais o psicólogo poderia expandir suas atividades; destacamos, entre outros, os trabalhos comunitários e em instituições psiquiátricas e para idosos. É perceptível, nos últimos anos, o crescimento da Psicologia Hospitalar, podendo-se dizer que foi inclusive a partir de uma visão empreendedora que a Psicologia Hospitalar passou a ser reconhecida.

Em seu livro *Aconselhamento Psicológico: novos desafios*, Henriette Morato (1999) propõe um trabalho que parece ser bem diferenciado do convencional, ao

apresentar a proposta da tentativa de inovar e experimentar. As contribuições advindas desse aconselhamento não dizem respeito a uma técnica interventiva ou de recursos, nem tão pouco centralizam-se na psicoterapia para fazer o atendimento ao público. Aqui o aconselhamento expandiu-se para além de um conceito de psicoterapia, ganhando as noções de cuidado e de aprendizagem significativa.

Dessa forma, o aconselhamento psicológico ganhou novas facetas, planos e estratégias de funcionamento, mesclando velhos e novos estratagemas, experimentando, na medida em que os estudos avançam, outras possibilidades. Essa característica empreendedora, dá-nos a sensação de que a dinâmica do serviço de Aconselhamento psicológico da USP (Universidade de São Paulo) reflete a dinâmica do trabalho e do fazer clínico: recriar, recompor, avançar, trilhar novos rumos, investigar e contextualizar as problemáticas que surgem no cotidiano da prática psicológica.

A base para o aconselhamento desenvolvido na IPUSP (Instituto de Psicologia da USP), são: os atendimentos em forma de escuta psicológica e terapia, os trabalhos desenvolvidos com grupos e oficinas terapêuticas, e a supervisão, que é realizada tanto para os alunos e profissionais colaboradores quanto a profissionais que demandam um lugar de elaboração de experiência afetivas- cognitiva em sua atividade profissional. Trata-se de um espaço de articulação entre teoria, prática e processos de crescimento pessoal, podendo ser um recurso para o trabalho profissional dos participantes das oficinas. Deste modo, podemos observar que a proposta desse tipo de serviço amplia, naturalmente, a abrangência na área de atuação do psicólogo no sentido de um serviço psicológico a partir da clínica, superando a perspectiva apenas de atividades de consultório.

Seria essa última esfera do aconselhamento psicológico citada -a supervisão de apoio psicológico, que nos interessa neste trabalho. Mais especificamente, recorreremos a ela pensando em profissionais de outras áreas que poderiam se utilizar desse espaço para encontrar recursos necessários, a fim de encaminharem as funções técnicas requeridas em suas profissões, em seu trabalho e vida pessoal.

A formação de profissionais das áreas de saúde e educação motivou a proposta para um projeto temático de pesquisa (...). O aspecto nuclear de\$ a investigação visa a compreensão do fenômeno da aprendizagem significativa enquanto dimensão psicológica envolvida no processo de conhecimento e no exercício dessas profissões 64.

Pensando nessa formação profissional, podemos ressaltar o preparo técnico-científico que se recebe dentro da academia ou das instituições profissionalizantes, em detrimento de uma capacitação ou formação quanto a aspectos mais amplos, culturais e sociais, que, em alguns momentos, aparecem como lacunas a estes profissionais. Exploraremos, então, outras dimensões informação continuada do profissional, não suficientes apenas através de exposição teórica e do aprendizado. De fato, isso começa a evidenciar-se quando na inserção dos profissionais em suas áreas de trabalho.

Mesmo quando há alguma formação profissional em algumas áreas de atuação, parece haver ainda dificuldades de atualização. Em algumas empresas e instituições, talvez para suprir certas lacunas, são oferecidas capacitações e formações, mas que, no entanto, não parecem, em algumas situações, instrumentalizar de forma satisfatória o profissional em sua área de atuação. Nessas formas de capacitação, o dia-a-dia do funcionário é esmiuçado e exemplos de

vivências vão surgindo, alguns debates são feitos, etc. Há uma restrição na formação de cursos e capacitações, no sentido de que dão margens às críticas e debates considerando-se as dimensões teóricas e conceituais do cotidiano profissional. Não podemos negar que existem trabalhos motivacionais interessantes em relação à qualidade de trabalho ou técnicas de conduta e percepção do mercado de trabalho, e aspectos racionais acerca da economia trabalhista desempenhada nas funções profissionais específicas. Contudo, formar profissionais a partir de aspectos específicos seria como treinar ou habilitar técnicas. Ser profissional implica não em técnica somente, mas em saber de ofício, a fim de contemplar a qualidade do cuidado e da relação estabelecida.

Percebemos, enquanto psicólogos clínicos, que as dimensões afetivas e emocionais implicadas nas relações trabalhistas humanas envolvendo tanto as vivências pessoais dos trabalhadores quanto às originadas pelas situações do ambiente de trabalho, contextualizado no cotidiano de cada trabalhador, carecem de atenção especial, pois tais dimensões factualmente apresentam-se nas situações do trabalho dos profissionais. Constatadas brechas, no tocante a uma forma de aprendizagem mais ampla, achamos que tal lacuna poderia ser preenchida na esfera da aprendizagem significativa:

Enquanto Rogers (1983) articula aprendizagem significativa pela distinção ;c. de duas categorias de experiência, a saber memória repetida e aprendizagem experiencial, Gendlin (...) orienta-se por uma sintonia ..existencial. Na concepção de Gendlin, aprendizagem significativa seria o processo de compreensão e conhecimento para atribuição de sentido a relações e situações experienciadas. Ou seja, aprendizagem significativa é uma ação compreensivamente articulada, permitindo ao homem aberturas e mudanças pela experiência de encontro consigo mesmo, com o mundo e com outros homens 65.

64 Morato, op. cit, p. 36.

65 Ibid., p. 36.

Nesse sentido, percebemos existirem outras "dimensões" do ser-humano, que apenas o conhecimento da teoria e da técnica não dão conta. Há uma carga emocional e afetiva no desempenho de qualquer atividade profissional dentro da empresa/instituição que independem da formação (técnico científico) de alguns cursos para a atuação de uma profissão. Não é raro vermos pessoas se saírem muito bem nas disciplinas universitárias e, posteriormente, não conseguirem desempenhar bem suas funções no cotidiano profissional. Pode-se dizer que, em alguns casos, nem a empresa/instituição nem a universidade têm dado atenção e cuidado dessas outras dimensões que perpassam o trabalho do profissional.

Algumas empresas e instituições investem em trabalhos alternativos para aliviar as tensões e o estresse. Trabalhos com massagens, relaxamentos, biodança, musicoterapia e filosofias orientais são utilizadas e até muito bem vindas. Entretanto, nem sempre há, nesses momentos, um espaço para processar e elaborar os problemas e dificuldades dos funcionários no trabalho e em suas vidas pessoais. Ou seja, não oferecem espaço para a elaboração da experiência.

Dimensões cognitivo-afetivas presentes em processos de aprendizagem precisam ser contempladas. Na medida em que o profissional é chamado a participar de um processo de relacionamento também humano, a experiência para essa formação é francamente complexa. Faz-se premente a articulação entre a teoria, a prática e o processo de crescimento pessoal envolvidos nesse processo, para que sua atuação possa constituir-se como experiência significativamente humana, e não meramente técnica. É nesse contexto que a aprendizagem significativa impõe-se como experiência nuclear em processos de ensino-aprendizagem, condição para a articulação mencionada (...) 66 .

Nesse sentido, podemos visualizar um processo, que tem como pano de fundo a experiência. Nessa trajetória, a fenomenologia vem contribuir dando uma

compreensão interessante acerca da experiência, quando apresenta a questão da esfera pré-reflexiva e do vivido. A pré-reflexão diz respeito ao que somos anteriormente a qualquer reflexão sobre nós mesmos; já o vivido é o momento no qual vivemos, vividamente como presentes. Bem observou Freud, observação corroborada por várias linhas psicoterapêuticas, que é rememorando as experiências passadas, verbalizando-as ou expressando-as no presente, que podem ocorrer elaborações como possibilidade de que algo novo, ou seja, possível e passível de outras mudanças. Para as linhas psicoterapêuticas humanistas isso que é verbalizado e que promove essa mudança, acontece através de um processo de aprendizagem que se revela significativa na facticidade existencial:

Uma tal compreensão possibilita que se aprenda nas situações experienciadas, nas quais, podendo 'trazer-se de volta' (atualizando o passado) para, lançado-se adiante (projetando-se ao futuro), transformar-se. Nesta perspectiva, compreender algo na própria ação propicia, ao mesmo tempo uma compreensão de si e de seu modo de ser humano em meio a outros 67 .

Se uma formação puramente teórica e racional não sustenta e comporta o profissional na cotidianidade de seu saber/fazer, os trabalhos de sensibilização por si só também não se demonstram suficientes para que esse saber/fazer seja assimilado dentro das instituições que os profissionais desempenham suas atividades. Assim, o IPUSP começou a levantar a possibilidade de se realizar um trabalho no qual tanto os aspectos teóricos e conceituais quanto os aspectos de sensibilização pudessem ser contemplados. Afetos e cognições podem ter um espaço de mútua afetabilidade e reflexão: "Afeto e cognição se articulam e surgem

66 Ibid., p.36

67 Ibid., p.36-37

algo diferenciado para o indivíduo, que advém de uma relação entre duas esferas, a educação e a psicologia 68 “...

A proposta, então, é a de compreender que precisamos criar formas e modalidades de trabalhos que efetivem a reflexão de problemáticas e dificuldades dos profissionais em seus ambientes de trabalhos, funções, relacionamentos com a instituição e colegas, sob a perspectiva do trabalho clínico. Há um desgaste, constante e natural, da motivação para desempenhar a função atribuída ao profissional. Da mesma forma, há a falta, às vezes, de condições para desenvolver a criatividade no tocante a repensar objetivos e metas; faltam de informações atualizadas quanto ao "fazer" de outros profissionais e informações quanto às formas de "enfrentamento" pessoal e profissional relacionadas a situações conflitantes e de tensão. Um "contato" e comunicação tanto com a própria experiência quanto com a dos outros, seja na área profissional ou pessoal, que interferem ou auxiliam no desenvolvimento do trabalho, precisam ser "cuidados" de uma forma mais ampla, dinâmica, possibilitando situações para produções criativas. "Dessa forma a aprendizagem é criação de sentido, no qual afeto e cognição articulam-se abrindo espaço para aproximações entre o pedagógico e o psicológico 69" .

Levando em consideração questões e partindo do trabalho clínico como sendo eminentemente estar com outro, a compreensão da atividade de profissionais de saúde e de educação como profissionais do encontro se faz novamente presente. É nesse encontro com o outro, na presentificação das existências durante o encontro intersubjetivo, que podemos nos reterritorializar em detrimento da

68 Ibid., p. 37.

69 Ibid., p. 37.

estranheza do desalojamento que o cotidiano do trabalho nos impõe. Compreender que a travessia pode ser tranqüila, dependendo da perspectiva e modos de acomodação e alojamento que encontramos para transpor as dificuldades da travessia, torna-se necessário. Pelo trabalho de supervisão de apoio um outro ganho pode se apresentar ao profissional que demanda atenção via essa modalidade clínica: no encontro com outros podem ser encontradas formas de encaminhar questões implícitas na travessia, ainda que nem sempre percebidas, no início do percurso como que dizendo respeito a alguém em especial. Ou seja, é na situação também de encontro da supervisão de apoio que questão da alteridade se re-apresenta, implicando uma outra dimensão do profissional do encontro.

Estamos, nesse momento, nos adentrando em uma dimensão que se faz necessária para uma clínica fundamentada na perspectiva fenomenológica existencial a fim de compreender como esse estar com outro é importante: o cuidado. Leonardo 80ft (2000, p. 34) comenta acerca disso:

Entretanto, o cuidado é ainda algo mais que um ato e uma atitude entre outras. Disse-o o filósofo que melhor viu a importância essencial do cuidado, Martin Heidegger (1889-1976) em seu famoso *Ser e Tempo*: '00 ponto de vista existencial, o cuidado se acha à priori, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato'. (...) significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial, sempre presente e irreduzível à outra realidade anterior. É uma dimensão fontal, originária. ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada.

Deste modo, a questão do cuidado está implicada numa perspectiva fenomenológica existencial de clínica. Esse cuidar dos outros e do mundo, é, também um cuidar de mim. Assim, compreender essa forma de ser do fazer clínico como cuidado, perpassa a compreensão da condição do ser humano: ser-no-mundo-com-outros. Lembremos que esses hífen que interligam as palavras da

expressão ser-no-mundo-com-outros são sinais diacríticos, ou seja, envolvem uma diacriticidade daquilo que, ao mesmo tempo aproxima coisas, bem como, também, as mantém em certo distanciamento na busca de doar sentido ao vivido. Nesse sentido ser-no-mundo-com-outros não significa a composição de algo novo ou integração, mas sim, a noção de inter e "trans" relacionamento entre as coisas envolvidas naquela sentença gramatical, arquitetada no intuito de provocar a compreensão ampla e dinâmica da condição existencial do ser humano.

A partir dessas questões existenciais e fenomenológicas implicadas nessa dimensão do "cuidado", poderemos compreender como a clínica pode contemplar uma atuação em que não haja separação, comum nas culturas modernas ocidentais, entre os aspectos afetivos e cognitivos. Assim, propõe-se o espaço de supervisão de apoio psicológico, agora aqui ainda mais vinculada a um outro recurso dentro das modalidades da prática psicológica: a oficina de criatividade.

A supervisão de apoio psicológico é feita a partir da reflexão sobre : 'questionamentos e dificuldades profissionais, visando uma atuação de ajuda mais disponível e receptiva por parte dos profissionais (...). E também um espaço onde a criação, poiésis, seja experienciada: (...) Já a oficina de criatividade é um espaço de elaboração de experiência pessoal e coletiva usando recursos expressivos (movimento corporal, atividades de expressão plástica e de linguagem)⁷⁰.

Desta forma, podemos, então, oferecer um serviço amplo de psicologia inspirado no *cuidado*. A clínica se revela deste modo, quando ela se propõe a *debruçar-se*, com atenção e cuidado, para acolher o sofrimento. É através de uma perspectiva fenomenológica existencial, que podemos compreender como esse cuidado se apresenta na clínica. Nestes termos: "(...) procuramos citar que, a partir da ótica da fenomenologia existencial heideggeriana, o ser do homem se constitui

em cuidado. E isso só é capitável à medida que o entendamos enquanto ser-aí , ("Dasein") (...)" (ALMEIDA, 1999, p. 45).

Assim, passamos a compreender a condição humana, não mais concebida dentro de uma visão essencialista de homem. Nas mais diversas profissões, o aprisionamento deste homem por certas metodologias lógico-científicas, acaba por reduzir a condição humana como que a uma máquina específica dentro de um determinado lugar produtor de ação. Quando falamos em essência, aprisionamos o ser e reduzimos o modo de ser do homem a partir da observação de noções, que muitas vezes, o conceituam pela funcionalidade, eficácia e função. É preciso poder pensar o humano, como diz Arendt (2000), para além do trabalho, incluindo-se o labor que é corpóreo, e a ação, que leva o homem às mais variadas formas de agir, todos os três como modos próprios da condição humana.

O trabalho humano, principalmente na sociedade industrial e pós-industrial, é marcado por fatores econômicos ligados exatamente à funcionalidade e produtividade do trabalhador. A essência do trabalho, a técnica utilizada para concretizá-la e sua validade confunde-se com o próprio trabalhador, ou com o propriamente sujeito. O conceito de ser humano como sendo uma essência é superado pela fenomenologia existencial, a partir de Heidegger, como:

(...) a fenomenologia é também uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua racticidade' (... a filosofia não deve ela própria Ter-se como acabada no (...) dizer de verdadeiro, significa que ela é uma experiência renovada de seu próprio começo, (...) descrevereste começo e finalmente de sua própria dependência em relação à uma vida irrefletida (...) sua situação inicial constante e final
(MERLEAU-PONTY, 1976, p. 5-8).

É por essa ótica que a condição de existir enquanto angústia se apresenta como diz Almeida (1999, p. 45) "É pela análise da angústia que se apreende sua condição fundamental e originária, a qual se constitui no cuidado. Nessa acepção, temos que 'existir' e 'cuidar' de ser".

Apreender a condição fundamental e originária da angústia é extremamente necessário para que possamos compreender o sentido do cuidado, pois ela se constitui no cuidado. Então, "cuidar' de sermos esse cuidado é tarefa da clínica, em nossa prática diária, fazendo fluir esse cuidado, compreendido e experienciado por mim e pelo outro. Leonardo Boff (2000), em seu livro *Saber Cuidar*, parece referir-se ao modo de ser como uma preocupação com tudo, ou melhor, um cuidado com tudo. Para ele, numa visão que toca o holismo e o taoísmo, o universo se constitui de cuidado. Nesse sentido, o planeta precisaria de cuidados, como realmente muitos ecologistas vêm há anos alertando, e nós, enquanto seres humanos, participaríamos nessa visão cosmológica deste autor, como cuidadores.

Contudo, é a partir das experiências da clínica, que podemos compreender o que seria o cuidado, e como ele se faz presença no nosso labor, trabalho e ação em Psicologia Clínica:

A partir de tais experiências clareadas pela exegese de cunho fenomenológico-existencial, o cuidado passa a ser apreendido não como algo que possamos ou não ter em determinadas situações ou setores de nossas vidas, mas como constituinte da dimensão ontológica humana: o homem não tem cuidado, ele é cuidado 71.

Essa pode ser a grande aprendizagem, a mais significativa tanto num trabalho de supervisão de apoio psicológico quanto num trabalho com oficinas de criatividade. É essa dimensão do cuidado, em que não se diz apenas do cuidado,

não se tem apenas o cuidado, mas se é cuidado, que se pode pensar um "princípio"⁷² que oriente a reflexão e a prática da clínica numa ótica fenomenológica. A escuta, o respeito, a verbalização, a atenção, a facilitação, as intervenções, as analogias, as metáforas, as expressões criativas, plásticas e musicais, emoções e cognições, de certa forma, "refletem" esse cuidado; ou seja, são a expressão ou uma manifestação do cuidado, facetas a que recorreremos para cuidar de outros e de nós mesmos, para que o "homem" passe e possa ser, como propõe Heidegger, "aí", ou seja, ser-aí, **dasein**.

A prática e o fazer clínico nos remetem ao nosso lugar enquanto profissionais que atuam diretamente nas relações humanas. Atuamos nas situações (mundo, aí) com, entre e nas relações humanas (com outros), reiterando nossa própria profissão, ou ofício, como arte (cuidado) para viver/existir (com-viver), criação de trabalho e ação a partir da própria condição de nossa humanidade. Nessa direção, é que, a algumas páginas atrás, falávamos acerca da condição humana para Hannah Arendt (2000): a ação, o trabalho e o labor, relacionando-os ao facilitador/psicólogo. Intencionalmente, estamos resgatando o pensamento de que o próprio psicólogo também está implicado nas questões existenciais em sua prática clínica, já que podemos compreender a Psicologia como método, e, por método, querendo dizer caminho. Desta feita, desenvolvemos, o tempo todo, métodos, ou melhor, metodologias que, por sua vez, significam os "caminhos que se fazem ao caminhar". Ao nos dispormos a trabalhar sob uma perspectiva fenomenológica existencial, estamos nos propondo a enfrentar uma situação ética -política bastante

71 Almeida, op. cit., 45-46

72 Princípio, aqui, no sentido de imaginário

interessante, pois a ética enquanto morada do homem é preciso ser bem observada, elaborada e disponibilizada ao outro.

Ao mesmo tempo, é preciso que ampliemos essa prática e proporcionemos um "serviço" qualificado e amplo que, não mais se restrinja apenas ao consultório e ao setting terapêutico, mas que, ao contrário, possa estar presente nas mais diversas atividades humanas, quer seja nas empresas, escolas ou instituições. Estamos propondo a necessidade de apostar em outras formas do fazer psicológico, de forma geral, e na clínica, em especial. Encontramos, nas propostas de Supervisão de Apoio Psicológico e Oficinas de Criatividade, um caminho interessante de intervenção e de trabalho, no sentido dessa maior amplitude e abrangência da prática psicológica em clínica.

Por último lembramos que o encontro subjetivo com essa alteridade, com esse estranho, em situação ou lugares, pode ser multiplicado para outros ambientes. Aqui, nos referimos, para a melhor compreensão do leitor, à Psicologia Hospitalar, por exemplo. Temos que ressaltar a ousadia de se fazer atendimentos com base em terapias breves e de apoio, dentro de espaços outros que não apenas a sala dos ambulatórios. Quando o primeiro psicólogo foi ao leito do paciente, institucionalizou algo inédito na Psicologia: o psicólogo ir ao encontro ao cliente. De fato, alguns profissionais já faziam atendimentos nas residenciais, mas tais atendimentos eram, claramente, exceções e não regras. Desta forma, podemos ver a viabilidade do psicólogo ir ao encontro da clientela, ao invés de ficar esperando que ela venha a seu consultório, concretizando a possibilidade de trabalhos institucionais e comunitários em Psicologia.

Além disso, ir ao leito do cliente implica em que o psicólogo hospitalar faz atendimentos perante outros pacientes do hospital. Podemos com isso compreender

que a escuta pode ocorrer em qualquer lugar, e não demanda, necessariamente, apenas acontecer as quatro paredes do consultório. Nessa ótica, alguns trabalhos do IPUSP são realizados nos pátios de instituições como a FEBEM. Trata-se então da privatizacidae dos espaços públicos, nos espaços públicos, segundo comunicação oral de Henriette Morato no curso de graduação em Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco⁷³. É isso que o psicólogo hospitalar faz, e que ocorre na FEBEM. Pouco a pouco, tanto os pacientes do hospital quanto os adolescentes internos na FEBEM compreenderam a importância e a possibilidade de trabalhos psicológicos em espaços "públicos" ou que, no mínimo, tenha público. Nessas situações, há sempre a presença de outros que podem estar por perto, ouvir e testemunhar as conversas entre o psicólogo e seu cliente. Contudo, a validade dessa modalidade de trabalho psicológico não deixa de existir, pois seu caráter de privado, ainda que no espaço público é compreendido por todos que estão presentes à cena. Tanto que pouco a pouco, o público que há em outros leitos nos hospitais e os adolescentes da FEBEM tendem a respeitar os espaços de escuta ocupados pelo profissional e seu cliente naquele momento, inclusive, quando possível, afastando-se da dupla está envolvida no atendimento psicológico. Assim, gostaríamos de lembrar a questão essencial para a clínica numa perspectiva fenomenológica: a angústia do ser, e de ser, expressos no cuidado. Relembramos a citação para termos uma melhor idéia do que o cuidado significa: "(...) o homem não tem cuidado, ele é cuidado ⁷⁴". Deste modo, ser homem implica estar imerso na tarefa de cuidar de si e dos outros.

⁷³ Aula dada no dia 26 de outubro de 2002.

⁷⁴ Almeida, op. cit., p. 46.

6. DO CONHECIMENTO TÁCITO À ELABORAÇÃO EXPLÍCITA

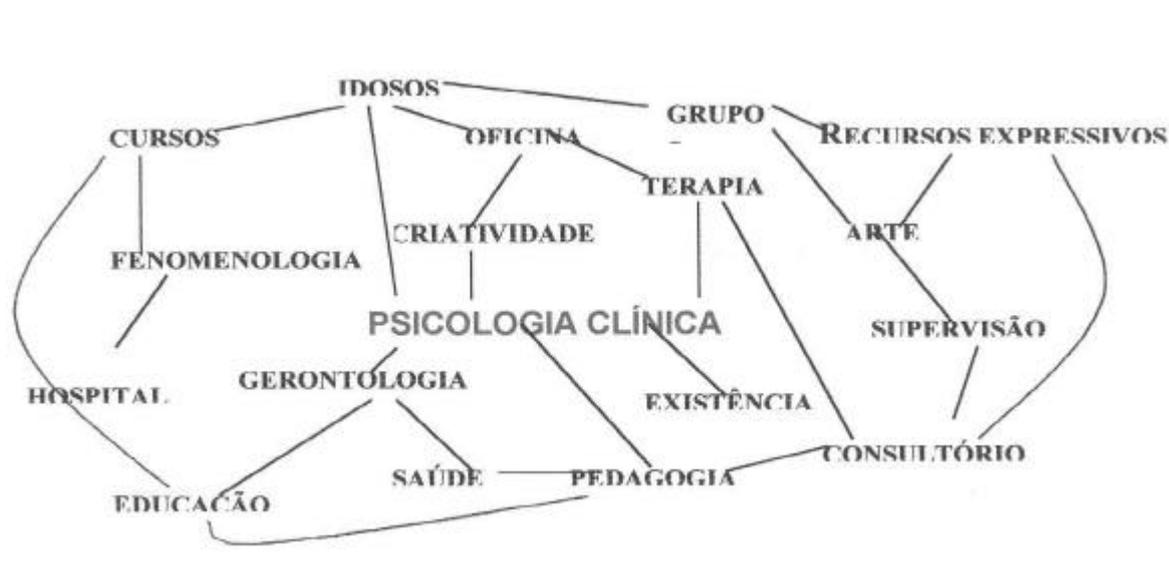
Finalizar não é tarefa fácil. Requer, primeiro, a retomada de tudo a fim de se compreender da melhor forma ou da maneira mais apropriada o que se começou. Ainda assim, persiste o sentimento de que não se fez tanto quanto se desejaria, sobretudo quando se reconhece que tudo o que foi feito é apenas um recorte de compreensão sobre o que se fez. Se isto causa alguma frustração, por outro lado, instiga e aponta para a necessidade de maior aprofundamento e de novas construções. É curioso perceber que, tal como a existência, a ciência e o próprio conhecimento humano, requerem sempre a produção de significados, a busca de sentidos e a compreensão dos fenômenos que saltam à vista como se as letras pudessem saltar do papel em que estão impressas, vagar pelo ar e encontrar abrigo e acomodação nas mentes humanas.

Quanta significação e sentidos há na trajetória entre a folha, que traz consigo as letras inscritas, e o olho humano que sente e percebe o que está inscrito? A questão abordada no capítulo anterior de que "o livro vale muito mais por aquilo que nele não cabeu", sugere que a narrativa proporciona àquele que a escuta ou lê, a possibilidade de, para além do dito ou escrito, articular à sua experiência, outros sentidos e significações.

Retomar desde o início este trabalho implicou, também, em fazer uma (re)leitura de tudo o que se fez, (re)visando as idéias que aqui foram construídas a fim de compreender o que salta aos olhos a partir do texto escrito, para, depois, comunicar a (com)preensão desse "revisitar" no intuito de se tentar concluir, ainda

que essa conclusão não seja definitiva, se é que alguma conclusão encerra qualquer assunto que seja.

Como já foi explicado, a temática abordada nesta dissertação foi construída e por que não dizer "gerada" ao longo de uma caminhada profissional de aproximadamente 7 anos de investimentos entre formação, capacitação e este mestrado, proporcionando a elaboração de um "quebra-cabeças" que apontava para uma rede de significações que fazem parte da história constituída do autor e que, Inicialmente, revelou-se assim:



O que parecia confuso o era de fato. Essas primeiras compreensões, mesmo que confusas, proporcionaram as reflexões iniciais para a concepção e delineamento desta pesquisa. O intuito de cartografar a rede de significações iniciais motivadoras deste trabalho, é uma tentativa lúdica de perceber como "coisas" que pareciam "soltas" engendram significados a partir do momento em que as conexões entre elas são estabelecidas, não como elos de uma corrente, mas como que se imbrincados, entrelaçando-se aspectos vivenciais, teóricos e circunstanciais da existência, produzindo, inevitavelmente, sentidos através da

tentativa de compreensão destes elos. Assim surgiu a idéia: ter como ponto de partida história pessoal e a experiência profissional, descartando a dicotomia que poderia existir entre esses dois aspectos.

Desde o início da construção desta pesquisa, a partir da utilização de recursos expressivos e artísticos, tornou-se visível a necessidade de se discutir os aspectos educativos, pedagógicos, terapêuticos e clínicos presentes no trabalho do psicólogo como do educador, bem como em que estes aspectos se diferenciam.

Essa questão perpassa todas as análises aqui realizadas e estão problematizadas, a partir do momento em que se passou a conceber o trabalho do educador como possibilidade terapêutica e educativa e o trabalho psicológico como pedagógico e clínico.

Ao educador é dada a tarefa de educar, de repassar conhecimentos e conteúdos, ensinar. Pautado no aspecto de ensino-aprendizagem, o educador proporciona a formação e capacitação a partir de conteúdos formais ou informais, que são institucionalizados. Segundo Ferreira (1971, p. 172), educar significa "promover a educação de transmitir conhecimentos a; instruir"; e educação significa:

ato ou efeito de educar(-se); processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social; os conhecimentos ou as aptidões resultantes de tal processo; preparo; o cabedal científico e os **métodos empregados** na obtenção de tais resultados; instrução, ensino; nível ou tipo de ensino; aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas; conhecimento e prática dos usos de sociedade; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia 75.

A função do educador elucida-se quando a concebemos sob a forma de métodos empregados a um determinado fim, remetendo à compreensão de que o

75 lbid., p. 172, grifo nosso.

ato educativo é, em si, um meio para a obtenção da aprendizagem. Nesse sentido restrito o indivíduo pode ter uma boa ou má educação, pode ser bem ou mal instruído, ensinado, etc. A função da aprendizagem pode se restringir ao adestramento e/ou ao aperfeiçoamento de faculdades humanas, sob forma de normas, condutas e apreensão do conhecimento disponibilizado socialmente, proporcionando ao indivíduo a condição de inserção social, crescimento e funcionamento pleno de suas faculdades.

Na medida em que o ato educativo envolve uma gama de fatores que vão além do simples "ensinar", a pedagogia vem se configurando, na atualidade, como uma disciplina que provoca permanente questionamento e aprofundamentos quanto às técnicas e meios educativos. A pedagogia como disciplina é assim definida por Ferreira (1971, p. 276):

Teoria e ciência da educação e do ensino. Conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrução que tendem a um objetivo prático. O estudo dos ideais de educação, segundo uma determinada concepção de vida, e dos meios (processos e técnicas) mais eficientes para efetivar estes ideais. Profissão ou prática de ensinar.

A princípio, ao leitor desatento, a definição encontrada no dicionário da língua Portuguesa (FERREIRA, 1971) para o conceito de pedagogia e educação propicia certa confusão, parecendo tratar-se, inclusive, de sinônimos. No entanto, pode-se salientar que o "estudo dos ideais de educação, segundo determinada concepção de vida, e dos meios (processos e técnicas) mais eficientes para efetivar estes ideais", bem como a expressão "teorias e ciência da educação e do ensino", apontados na definição do que é pedagogia, leva à compreensão da diferença entre ela e o ato educativo.

Por sua vez a palavra pedagogo vem de duas palavras retiradas do latim (FARIA, 1992): *pede* (Peão, pedestre, o que vai a pé) e *agog* que, dentre vários outros sentidos, significa: empurrar para frente, fazer marchar na frente, fazer avançar, dirigir-se para, fazer entrar, afundar, introduzir, enterrar, agir, fazer. Nesse sentido, pode-se compreender que a pedagogia procura formas e meios para proporcionar aprendizagem, fazendo avançar, dirigindo para (buscando sentido) a educação. De outra forma a palavra educar não tem tanta alteração de significado na tradução entre o latim e o português, conservando sua significação original.

A tentativa de se buscar uma certa clareza entre educativo e pedagógico se deve à necessidade de articulação destes termos com o que se chamará clínico e terapêutico. À compreensão que se tem acerca de uma possível ligação é a de que o ato educativo, em seu sentido pleno, pode ser terapêutico, enquanto o pedagógico aproxima a clínica na medida em que, resguardadas suas diferenças, ambas têm como finalidade a aprendizagem.

É interessante observar na dimensão educativa e terapêutica que os referenciais teóricos dessas atividades que se utilizam de recursos artísticos, têm duas características em suas propostas de intervenção: contém aspectos educativos e/ou terapêuticos para se desenvolverem.

A palavra terapêutica tal como é comumente utilizada, se refere ao trabalho médico designando a "parte da medicina que estuda e põe em prática os meios adequados para aliviar ou curar (grifos nossos) os doentes; terapia" (FERREIRA, 1971, 326). O sentido que a medicina imprimiu à palavra curar, remete à erradicação da doença e à manutenção da saúde. Essa erradicação e/ou alívio das doenças através de meios adequados pressupõe instrução e técnicas a serem

ministradas. O sentido de cura, com o qual a medicina trabalho norteia, de certa forma, diversas atividades terapêuticas.

Tanto na construção teórica e na técnica, quanto em suas propostas desenvolvimento e de concepção de ensino-aprendizagem que servem como referência às atividades de arte-terapia, arte educação e biodança, encontram-se aspectos educativos e/ou terapêuticos envolvidos e estes estão presentes sob a forma de auto-conhecimento e/ou educação informal bem como nos conteúdos teóricos e formalizados.

A articulação entre educativo e terapêutico aqui desenvolvida, mesmo que obscura, pode levar à compreensão de uma dimensão perfeitamente vinculada ao papel do educador e a do terapeuta, ou seja: o educador também utiliza recursos terapêuticos específicos (artísticos e expressivos) para educar e o terapeuta também pode desenvolver suas atividades com fins educativos. No entanto, tanto educação quanto terapia têm seus fins nas próprias atividades a que se propõem, ou seja, a função do educador é educar e a do terapeuta proporcionar cura.

Assim, na dimensão educativa e terapêutica observadas neste trabalho leva à compreensão de que: 1) aspectos educativos e terapêuticos são utilizados como finalidade para; 2) nessa dimensão há uma preocupação com técnicas e procedimentos que viabilizam os objetivos propostos; 3) A articulação desta dimensão com a arte, indica que os recursos artísticos utilizados são tratados como procedimentos técnicos para os fins de cura. A outra articulação possível, diz respeito aos aspectos pedagógicos e clínicos. Estes aspectos emergiram quando se refletiu sobre o papel da Supervisão de Apoio Psicológico e na Oficina de Criatividade, ambas incluídas na psicologia como modalidades clínicas. Os aspectos pedagógicos também podem ser

observados na concepção dessas atividades, pois as mesmas buscam proporcionar formação, capacitação e compreensão do cotidiano profissional, a partir dos aspectos afetivos e cognitivos nelas presentes e já discutidas. Nesse contexto, a palavra cura é resgatada em seu sentido original, do latim, significando cuidado.

No corpo deste trabalho, a dimensão pedagógica e clínica apresentou as seguintes características: 1) a disponibilização de acolhimento e cuidado; 2) a possibilidade de desvelamento do ser; 3) a arte como vínculo ao trabalho clínico através de recursos expressivos, viabilizando a compreensão, a (re)significação e o sentido da existência.

A articulação entre o pedagógico e o clínico foi possibilitada pela noção de aprendizagem significativa (ROGERS, 1997), aprendizagem que pode ser compreendida, também, como experiencial (GENDLIN, 1962). Assim, pôde-se visualizar, inicialmente, o seguinte gráfico:



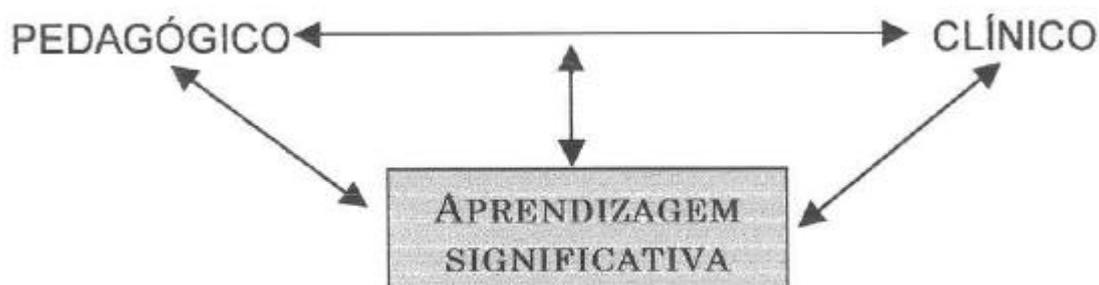
O conceito de aprendizagem significativa permite a aproximação entre psicologia e educação, em seus aspectos clínicos e pedagógicos. Ressalta-se que

ao se falar em clínica, pretende-se considerar a clínica a partir da perspectiva Fenomenológica e Existencial.

A partir destes referenciais, pôde-se, então, reconfigurar a rede de significações que, de início, parecia confusa e dispersa, configurando-se, no decorrer deste trabalho, da seguinte forma:



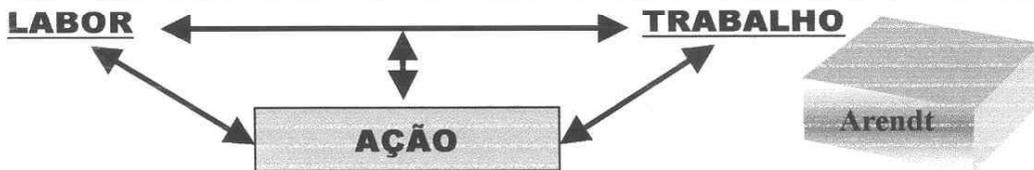
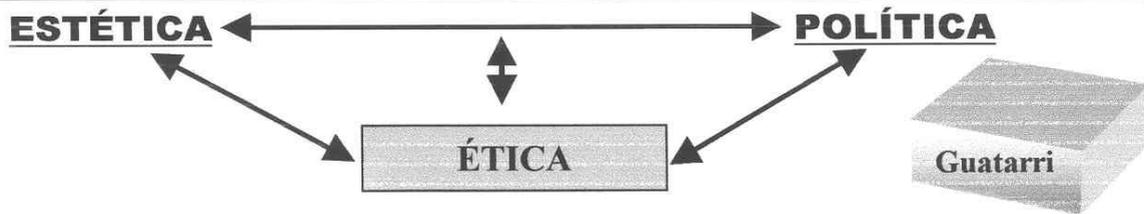
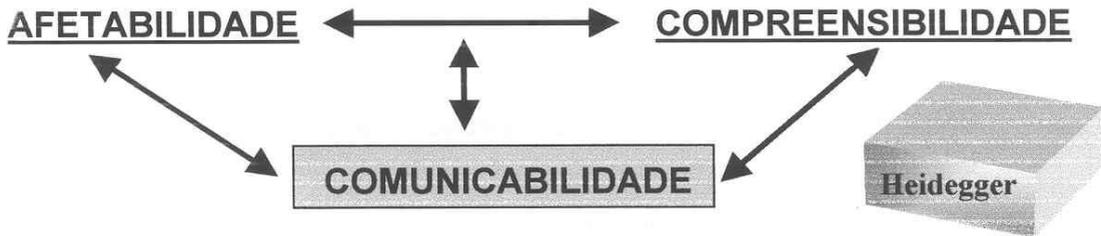
A dimensão encontrada na proposta de utilizar a Oficina de Criatividade como dispositivo para a Supervisão de Apoio Psicológico envolve os aspectos clínicos e pedagógicos e, também, o conceito de aprendizagem significativa.



A pesquisa bibliográfica necessária à construção deste trabalho indicou que a dimensão clínica e pedagógica, propicia a compreensão da condição humana de ser no mundo com outros, embora não esteja claramente explicitada em diversos autores.

Desta forma, procurou-se apresentar estas dimensões e sus possíveis articulações tal como sugeridas no quadro abaixo:

Dimensões de articulações possíveis para a compreensão da condição humana de ser no mundo com outros, dependendo da perspectiva da qual se olha e/ou a qual contexto se dirige.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABABAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALMEIDA, F. M. Aconselhamento psicológico numa visão fenomenológico-existencial: cuidar de ser. In: MORATTO, H. T. P. (Coord.). **Aconselhamento centrado na Pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

ARENDT, H. **A condição humana**. Vozes: São Paulo, 2000.

AUGRAS, M. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BACCHI, C. Supervisão de Apoio Psicológico: espaço intersubjetivo de formação e capacitação de profissionais de saúde e educação. In: _____. _____. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

BARBOSA, A. M. **Arte-educação: conflitos/acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1988.

BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOFF, L. **Saber cuidar: Ética do humano-compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto. et al. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BULBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

BUYS, R. C. **Supervisão de Psicoterapia**: na abordagem humanista centrada na pessoa. São Paulo: Summus Editorial, 1987.

CRITÉLLI, D. M. **Analítica do sentido**: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC / Brasiliense, 1996.

CUPERTINO, C. M. B. **Criação e foração**: fenomenologia de uma oficina. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

ENCICLOPÉDIA DO ESTUDANTE. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

FARIA, E. **Dicionário Escolar Latino-Português**. Rio de Janeiro: FAE, 1992.

FERREIRA, A. B. de H. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: GAMMA, 1971.

FIGUEIREDO, L. C. **Revisitando as Psicologias**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FONSECA, A. H. L. **Grupo, fugacidade ritmo e forma**: processo de facilitação na psicologia humanista. São Paulo: Agora, 1988.

_____. **PSICOTERAPIA & ARTE - Considerações Sobre um Nexo Desencontrado**. In: II FÓRUM DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA, 1997, Canela, Rio Grande do Sul, 1997. Mimeografado.

_____. **Trabalhando o legado de Rogers**: sobre os fundamentos fenomenológico existenciais. Maceió: Bom Conselho, 1998.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANCISCO, A. L. **Instituições e Dispositivos Institucionais**: processos de subjetivação e seus efeitos. 2000. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)-Pontífice Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. **A Tentação do Ambíguo; sobre a coisa sensível e o objetivismo científico**: Estudo e Crítica. São Paulo: Ática, 1984.

GENDLIN, E. T. **Experiencing and the creation of meaning**: a philosophical and psychological approach to the subjective. New York: The Free Press of Clencos, 1962.

JORDÃO, M. P. **Macunaíma gingando entre contradições**. São Paulo: PAPESP/Annablume, 2000.

_____. Oficinas em Aconselhamento: Um processo em andamento. In: MORATO, H. T. P. (Coord.). **Aconselhamento centrado na Pessoa**: novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

LORAU, N. *A tragédia Grega e o Humano*. In: NOVAES, A. **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1976.

MORATO, H. T. P. (Coord.). **Aconselhamento centrado na Pessoa**: novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

_____. Supervisão de Apoio Psicológico: espaço intersubjetivo de formação e capacitação de profissionais de saúde e educação. In: MORATO, H. T. P. (Coord.) **Aconselhamento centrado na Pessoa**: novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

_____. **Eu-supervisão**: em cena uma ação buscando significado sentido. 1989. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)-Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

NIETZCHE, F. W. **Obras incompletas/Friederich Nietzsche**. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Rio de Janeiro: Abril cultural, 1983.

_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

_____. **Origem da Tragédia**. São Paulo: Ed. Moraes, 1992.

NOVAES, A. et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OSTRONOFF, V. H.; SCHMIDT, M. L. S. Oficinas de Criatividade: elementos para explicitação de propostas teórico-práticas. In: MORATTO, H. T. P. (Coord.) **Aconselhamento centrado na Pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

OSTROWER, F. A construção do olhar. In: NOVAES, A. et al. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PEREIRA, A. F. Criatividade e anti-estresse. In: **TRAVESSIA**: revista da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda. Olinda, PE, ano 1, n.01, 1999.

PHILIPPINI, A. **Cartografias da Coragem: Rotas em Arte terapia**. Rio de Janeiro: Pomar, 2000.

PINTO, J. C. S. G. **Temas de Saúde Mental: sexualidade, psicose, grupos, Formação médica**. Rio de Janeiro: Muiraquitã, 1998.

ROGERS, C. R. **Um jeito de ser**. São Paulo: E.P.U., 1983.

_____. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROLNIK, S. **A Diferença no divã**: uma perspectiva ético/estético/política em Psicanálise. São Paulo, 1994. Mimeografado.

SERRES, M. **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SILVA, D. C. G. **A experiência de profissionais e recursos expressivos**: práticas em grupos de idosos. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)-Faculdade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2002.

TEIXEIRA, M. C. O. **A dimensão ética e política da supervisão na prática clínica**. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)-Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2001.